



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
Faculdade de Educação Física
Câmpus de Cuiabá – MT

BRUNO DA SILVA PINTO

**ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:**
as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos
reduzidos no Ensino Fundamental

CUIABÁ – MT
2023

ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carrilho
Romero Grunennvaldt

 **CAPES**

 **unesp**

 Instituto de Educação
e Pesquisa em Práticas
Pedagógicas da Unesp



Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

P659e Pinto, Bruno da Silva.
Esportes de rede quadra/dividida nas aulas de educação física [recurso eletrônico] : as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no ensino fundamental / Bruno da Silva Pinto. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 222 f., il. color., pdf). -- 2023.

Orientadora: Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Cuiabá, 2023.
Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.
Inclui bibliografia.

1. Educação física escolar. 2. Esportes de redes/quadra dividida. 3. Jogos reduzidos. I. Grunennvaldt, Ana Carrilho Romero, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Esportes de rede/quadra dividida nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no ensino fundamental

AUTOR: MESTRANDO Bruno da Silva Pinto

Dissertação defendida e aprovada em 15 de fevereiro de 2023.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (Presidente Banca/ Orientadora)

Prof. Dr. Evando Carlos Moreira (Membro Interno)

Prof. Dr. Marcos Roberto Godoi (Membro Externo)

TProfª Dra. Larissa Beraldo Kawashima (Suplente)

Prof. Dr. Riller Silva Reverdito (Suplente)

Cuiabá, 15 de fevereiro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **ANA CARRILHO ROMERO GRUNENNVALDT**, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 30/03/2023, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Roberto Godoi**, Usuário Externo, em 30/03/2023, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **EVANDO CARLOS MOREIRA**, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 30/03/2023, às 20:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5674068** e o código CRC **9EEEC83A**.

Dedico este trabalho a todos os professores de Educação Física deste país, em especial ao senhor Áureo Theodoro de Souza, que, sendo meu professor de Educação Física no ensino fundamental há aproximadamente 25 anos, teve a ousadia de ensinar tênis aos seus alunos de uma escola pública. Esse esporte, que hoje ainda é considerado inovador no ambiente escolar, imagine mais de duas décadas atrás. A partir de então, apaixonei-me por esse esporte e fui criando adaptações para poder praticá-lo em diferentes ambientes não oficiais com meus familiares e amigos. Hoje, jogo tênis periodicamente há mais de 10 anos como instrumento de lazer e vida saudável e como professor de Educação Física, procuro também oportunizar aos meus alunos o ensino do tênis e outras tantas práticas não tradicionais da Cultura Corporal de Movimento.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço e louvo a Deus por tantas bênçãos e graças que Ele me concedeu até hoje. Uma delas foi a aprovação neste programa de mestrado. Agradeço, ainda, por ter me sustentado até o final.

Aos meus pais, que durante minha infância e adolescência, sempre se preocuparam em acompanhar meus estudos, mostrando a importância e o poder que a educação tem para transformar a vida das pessoas.

A minha esposa, Kely Cristina da Silva, mulher que tanto amo e que Deus reservou para ser minha companheira, amiga e conselheira. Louvo ao Senhor todos os dias pelo nosso “sim” e pela sua dedicação a nossa vida matrimonial. Obrigado por todas as suas renúncias, paciência e sabedoria que teve para me apoiar durante essa trajetória no PROEF, principalmente nos momentos de stress e desânimo.

A Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá e a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, que concederam meu afastamento para qualificação profissional, o que me permitiu realizar este estudo com muito mais densidade, tempo, qualidade e dedicação.

Aos gestores das unidades educacionais onde estou lotado, EMEB Maria Ambrósio Pommot e EE José Leite de Moraes, que confiaram e confiam no meu trabalho e, mesmo com todas as limitações e dificuldades, não medem esforços para proporcionar melhores condições materiais e pedagógicas, de modo a contribuir com uma Educação Física de qualidade aos nossos estudantes.

Aos gestores da ECIMC Professora Maria Dimpina Lobo Duarte, que aceitaram prontamente que um professor externo a essa unidade educacional pudesse realizar sua pesquisa de mestrado, acreditando em nós e em nosso projeto, o que muito colaborou com a realização e o êxito do nosso estudo.

Aos estudantes e seus respectivos pais/responsáveis das escolas José Leite de Moraes (turma 8º ano D) e Maria Dimpina Lobo Duarte (turma 8º ano A), que aceitaram com todo entusiasmo serem colaboradores desta pesquisa.

Ao Círculo Militar de Cuiabá, em nome do seu presidente, Coronel Bonomo, e seu diretor de esportes, Tenente Neves, que abriram as portas do clube para a realização da aula de campo, uma das propostas de nossa unidade didática.

Aos colegas de profissão, professores Jeferson e Gustavo, especialistas nas modalidades de tênis e beach tennis, que aceitaram de maneira voluntária, com todo carinho e receptividade, orientar nossos estudantes nessa aula de campo realizada no Círculo Militar de Cuiabá. Ao professor Sabino, que nos emprestou as caneleiras para realizarmos algumas vivências com os esportes adaptados.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da minha formação na Educação Básica, 100% em escola pública, desde a educação infantil ao ensino médio, que me ensinaram com muito carinho e dedicação, e que tenho certeza que indiretamente contribuíram muito nesse trabalho, em especial: Lia e Sonia (pré-escola), Julia (séries iniciais do ensino fundamental), Célia (matemática), Joceli (artes), Simone (Educação Física), Meire (Educação Física), Áureo (Educação Física), Aina (geografia), Neiva (língua portuguesa), Almeri (sociologia), Alceu (matemática).

A todos os professores que lecionaram na minha graduação em Educação Física na Universidade Federal de Mato Grosso e aos professores que lecionam nesta pós-graduação, em especial os professores do Polo ProEF/UFMT: Ana Carrilho, Cleomar, Evando, Marcia e Tarcísio.

Ao professor Evando Moreira, articulador e responsável por trazer este curso de mestrado profissional para Mato Grosso, além disso, coordenar o Polo ProEF/UFMT com muita dedicação e humanização, dosando com maestria os momentos em que se fez necessário realizar cobranças, e ao mesmo tempo, com muito carinho e atenção soube nos acolher e tranquilizar nos momentos em que estávamos aflitos e ansiosos.

Aos membros da banca deste trabalho, professores Marcos Godoi e Evando Moreira, grandes incentivadores e parceiros, que me convidaram muitas vezes para escrever e publicar algumas das minhas práticas e experiências de ensino na escola. Obrigado por aceitarem o convite e pelas grandes contribuições que auxiliaram o desenvolvimento desta dissertação.

A minha orientadora, professora Ana Carrilho, sempre pronta e disponível para, com muita calma e paciência, apontar os melhores caminhos, proporcionando-me alcançar neste curso um crescimento acadêmico e profissional ainda maior e imensurável.

A todos os meus colegas de turma do Polo ProEF/UFMT: Adriana, Claudio, Claudinei, Cristina, Diana, Edevaldo, João, Joeser, Ladia, Marluci, Milton, Natalia e Robison. Durante esses dois anos, trocamos experiências e auxiliamos uns aos outros no intuito de nos fortalecermos e alcançar esse grande desafio e objetivo profissional.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

Meu filho, se você aceitar as minhas palavras e conservar os meus preceitos, dando ouvidos à sabedoria e inclinando o coração para o entendimento; se você invocar a inteligência e chamar o entendimento; se você procurar a sabedoria como dinheiro e a buscar como tesouro, então você entenderá o temor de Javé e alcançará o conhecimento de Deus (BÍBLIA, Provérbios, 2, 1-5).

PINTO, Bruno da Silva. **Esportes de rede/quadra dividida nas aulas de educação física**: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no ensino fundamental. Orientadora: Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt. 2023. 222 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa trata da unidade temática Esportes a partir do modelo de classificação baseado na lógica interna e na distribuição das modalidades esportivas em sete categorias, a saber: Marca, Precisão, Técnico-combinatório, Rede/quadra dividida ou parede de rebote, Campo e taco, Invasão ou territorial e de Combate. O objetivo do estudo é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar. A pesquisa foi realizada em duas unidades públicas de ensino, com estudantes do 8º ano, numa abordagem qualitativa, com delineamento metodológico da pesquisa-ação. Como instrumento de coleta de dados foram utilizados dois questionários: um questionário diagnóstico para compreender as experiências e as expectativas dos estudantes sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida e, a partir desse diagnóstico, planejou-se uma unidade didática. Ao término dessa unidade didática, aplicou-se um questionário de saída para compreender o impacto na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião deles sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física. Outro instrumento de coleta de dados foi o diário de campo. Os dados coletados foram organizados utilizando as categorias de codificação propostas por Bogdan e Biklen. Realizou-se a discussão dos resultados a partir de duas categorias: “Implementação da unidade didática com ensino dos esportes de rede/quadra dividida” e “Potencialidades e dificuldades dos jogos reduzidos no processo de ensino dos esportes de rede/quadra dividida”. Constatamos que os estudantes gostaram de aprender novos e diferentes esportes por meio dos jogos reduzidos, considerando que ficou mais fácil aprender e jogar os esportes ensinados. Como potencialidades, entendemos que os jogos reduzidos garantiram que todos os estudantes jogassem ao mesmo tempo, ou que pelo menos, estivessem envolvidos e participando ativamente da aula; oportunizou aos estudantes maior participação e importância nas ações e situações de jogo, garantindo mais contato com a bola/implemento e deixando os jogos e as aulas mais motivante e interessante para eles. Entre as dificuldades com a estratégia dos jogos reduzidos, considerando o contexto da educação brasileira e suas condições estruturais e formativas, podemos apontar a necessidade de uma quantidade maior de materiais, principalmente quando se trata de escolas públicas; e a insegurança dos professores em ensinar os esportes a partir das novas tendências da pedagogia do esporte. Concluímos que os jogos reduzidos são uma possibilidade pedagógica que favorece o ensino da categoria de esportes de rede/quadra dividida no ambiente escolar, principalmente para os esportes que são jogados oficialmente de maneira individual ou em dupla, de modo a contribuir para a diversificação e a facilitação do ensino das práticas da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Esportes de rede/quadra dividida. Jogos Reduzidos.

PINTO, Bruno da Silva. **Net sports in the Physical Education classes: the pedagogical possibilities through small-sided games in Elementary School.** Supervisor: Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt. 2023. 222 p. Master's Thesis (Professional Master in Physical Education in National Network) – Federal University of Mato Grosso, Cuiabá, 2023.

ABSTRACT

This research is about the thematic unit Sports from the classification model based on the internal logic and on the distribution of sports modalities into categories, thus, sports are divided into seven categories: Invasion; Striking/fielding; Net/Wall; Target; Brand; Technical-combinatory; and Combat. The aim of the study is to analyze the teacher's practice with the content net sports, from the experimentation of the small-sided games as a pedagogical possibility in the classes of School Physical Education. The research was carried out in two public schools, with 8th grade students, in a qualitative approach, with methodological outline of research-action. As a data collection instrument, two questionnaires were used. A diagnostic questionnaire was used to understand the students' experiences and expectations about the net sports content and from this diagnosis a didactic unit was planned. At the end of this didactic unit, an exit questionnaire was applied to understand the impact on students' learning, as well as to verify their opinion on the use of small-sided games in Physical Education classes. Another instrument for data collection was the field diary. The collected data were organized using the coding categories proposed by Bogdan and Biklen. The results were discussed based on two categories, "Implementation of the didactic unit with teaching net sports" and "Potentialities and difficulties of small-sided games in the teaching process of net sports". We found that students enjoyed learning new and different sports through small-sided games, considering that it was easier to learn and to play the sports taught. As potentialities, we understand that small-sided games ensured that all students played at the same time, or that at least they were involved and actively participating in the class; provided students with greater participation and importance in game actions and situations, ensuring more contact with the ball/implement and making games and classes more motivating and interesting for them. Among the difficulties with the strategy of small-sided games, considering the context of Brazilian education and its structural and training conditions, we can point out the need for a greater amount of materials, especially when it comes to public schools; and the insecurity of teachers in teaching sports based on new trends in sports pedagogy. We conclude that small-sided games is a pedagogical possibility that favors the teaching of the net sports category in the school environment, especially for sports that are officially played individually or in pairs, contributing to diversification and facilitation of teaching practices of the body culture of movement in Physical Education classes.

Keywords: School Physical Education. Net Sports. Small-Sided Games.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Áreas do Conhecimento e Componentes Curriculares.....	31
Quadro 2 - Objetos de Conhecimento – Unidade Temática de Esportes.....	38
Quadro 3 - Habilidades para os objetos de conhecimento da unidade temática de esportes.....	38
Quadro 4 - Características da categoria de esportes de rede/quadra dividida.....	42
Quadro 5 - Objetivos táticos dos esportes de rede/quadra dividida.....	43
Quadro 6 - Relação entre as metodologias, teorias e abordagens de ensino.....	46
Quadro 7 - Contexto da Educação Esportiva tradicional/tecnicista.....	49
Quadro 8 - Características x Consequências das NTPE.....	52
Quadro 9 - Exemplo das fases de codificação.....	70
Quadro 10 - Lista de códigos por documentos.....	71
Quadro 11 - Categorias de análises com os respectivos códigos.....	72
Quadro 12 - Categorias e subcategorias para a discussão dos resultados.....	74
Quadro 13 - Cronograma de execução da unidade didática.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de Classificação dos Esportes.....	37
Figura 2 - Divisão da quadra com jogos reduzidos de diferentes modalidades.....	56
Figura 3 - Quadras ou Campos (áreas para jogos de invasão)	57
Figura 4 - Divisão do ginásio com arranjo da rede longitudinal.....	57
Figura 5 - Divisão de uma quadra de futsal em 5 miniquadras.....	58
Figura 6 - Momentos de roda de conversa.....	99
Figura 7 - Exibição de vídeos.....	106
Figura 8 - Pesquisas em sala de aula com celulares conectados à internet.....	107
Figura 9 - Estrutura utilizada para fixar as redes.....	113
Figura 10 - Confeção de raquetes palmares.....	115
Figura 11 - Experimentação das raquetes palmares no tênis.....	116
Figura 12 - Experimentação das raquetes alternativas de badminton.....	119
Figura 13 - Confeção e experimentação da peteca alternativa de badminton.....	120
Figura 14 – Várias modalidades de rede/quadra dividida na mesma aula.....	122
Figura 15 - Estudantes montando as quadras reduzidas.....	126
Figura 16 - Jogando modalidades escolhida pela turma: futevôlei e fute-tênis.....	127
Figura 17 - Inclusão do tênis de mesa entre as quadras reduzidas.....	128
Figura 18 - Jogo volençol.....	132
Figura 19 - Jogo da palma da mão.....	134
Figura 20 - Atividades de manipulação individual no tênis e no badminton.....	135
Figura 21 - Aumento gradativo na dificuldade dos JRs (1x1, 2x2, 3x3 e 4x4).....	136
Figura 22 - Desenvolvimento de atividades com foco nos fundamentos.....	138
Figura 23 - Etapa da aula dos jogos finais.....	141
Figura 24 - Jogos reduzidos paralímpicos (adaptados).....	143
Figura 25 - Festival com várias modalidades de rede/quadra dividida.....	145
Figura 26 - Aula de campo.....	151
Figura 27 - Quadra reduzida adaptada para o ensino do tênis avançado.....	163

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultado da 1ª pergunta do questionário diagnóstico.....	77
Gráfico 2 - Resultado da 2ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	78
Gráfico 3 - Resultado da 2ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	78
Gráfico 4 - Resultado da 3ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	79
Gráfico 5 - Resultado da 3ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	80
Gráfico 6 - Resultado da 4ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	80
Gráfico 7 - Resultado da 4ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	81
Gráfico 8 - Resultado da 5ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	82
Gráfico 9 - Resultado da 5ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	82
Gráfico 10 - Resultado da 6ª pergunta do questionário diagnóstico.....	83
Gráfico 11 - Resultado da 7ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	84
Gráfico 12 - Resultado da 7ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	85
Gráfico 13 - Resultado da 8ª pergunta do questionário diagnóstico.....	86
Gráfico 14 - Resultado da 9ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	87
Gráfico 15 - Resultado da 9ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	87
Gráfico 16 - Resultado da 10ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D.....	89
Gráfico 17 - Resultado da 10ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A.....	89
Gráfico 18 - Resultado da 11ª pergunta do questionário diagnóstico – Parte A.....	90
Gráfico 19 - Resultado da 11ª pergunta do questionário diagnóstico – Parte B.....	91
Gráfico 20 – Atividades que os estudantes mais gostaram de realizar.....	150
Gráfico 21 – Esportes de maior interesse em aprender/praticar novamente.....	153
Gráfico 22 – Esportes de menor interesse em aprender/praticar novamente.....	154
Gráfico 23 – Esportes mais lembrados pelos estudantes.....	155
Gráfico 24 – Percepção sobre aprender a partir da semelhança dos esportes.....	156
Gráfico 25 – Opinião dos estudantes sobre aprender utilizando os JRs.....	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCM	Cultura Corporal de Movimento
EF	Educação Física
EFE	Educação Física Escolar
IDC	Instituto Desportivo da Criança
JRs	Jogos Reduzidos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEE	Modelo de Educação Esportiva
NTPE	Novas Tendências em Pedagogia do Esporte
PE	Pedagogia do Esporte
ProEF	Programa de Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional
PSVK	Programa Social Vôlei Kids
SE	Sport Education
Seduc-MT	Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
SME	Secretaria Municipal de Educação
TGfU	Teaching Games for Understanding
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
1.1 Objetivo.....	21
1.1.2 Objetivo Específico.....	21
1.2 Produto Educacional.....	21
2 O ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	23
2.1 O esporte na sociedade e na Educação Física Escolar.....	23
2.1.1 Desenvolvimento do esporte no mundo.....	24
2.1.2 O Esporte no Brasil e sua relação com a Educação Física Escolar.....	25
2.2 A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular.....	30
2.2.1 A unidade temática de Esportes na BNCC.....	36
2.3 Esportes de rede/quadra dividida e parede de rebote.....	40
2.4 A pedagogia do esporte.....	44
2.4.1 Metodologia tradicional (analítica/tecnicista) do ensino do esporte.....	47
2.4.2 Metodologias interacionistas e as novas tendências do ensino do esporte...	50
2.4.3 Jogos Reduzidos.....	54
3 PERCURSO INVESTIGATIVO.....	62
3.1 Local da pesquisa.....	62
3.1.1 Escola Maria Dimpina Lobo Duarte.....	62
3.1.2 Escola José Leite de Moraes.....	64
3.2 Participantes.....	65
3.3 Materiais e Métodos.....	66
3.4 Procedimentos para a coleta de dados.....	67
3.5 Procedimentos para a análise de dados.....	70
3.6 Aspectos Éticos.....	72
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	74
4.1 Implementação da unidade didática com ensino dos esportes de rede/ quadra dividida.....	74
4.1.1 O conhecimento prévio e as expectativas de aprendizagem como referência para o planejamento.....	75
4.1.2 Organização e o planejamento da unidade didática.....	92
4.1.3 Estratégias para o desenvolvimento dos saberes conceituais e atitudinais..	97

4.1.3.1 Desenvolvimento de rodas de conversas a partir do conhecimento prévio	98
pesquisas para casa e decisões democráticas.....	
4.1.3.2 Utilização dos vídeos e o uso da tecnologia em sala de aula.....	106
4.2 Potencialidades e dificuldades dos jogos reduzidos no processo de ensino	110
dos esportes de rede/quadra dividida.....	
4.2.1 Relação entre os jogos reduzidos e os materiais pedagógicos.....	112
4.2.2 Ambientação e gerenciamento dos espaços e tempos pedagógicos nos	125
jogos e quadras reduzidas.....	
4.2.3 Os saberes corporais e jogos reduzidos no ensino dos esportes de rede/	131
quadra dividida.....	
4.2.4 Considerações dos estudantes sobre aprender os esportes de rede/	148
quadra dividida por meio dos jogos reduzidos.....	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIA.....	168
APÊNDICES.....	175
APÊNDICE A – Carta de Apresentação do Projeto – Escola Municipal.....	175
APÊNDICE B – Carta de Apresentação do Projeto – Escola Estadual.....	177
APÊNDICE C – Carta de Anuência – SME.....	179
APÊNDICE D – Carta de Anuência – SEDUC-MT.....	181
APÊNDICE E – Solicitação para Coleta de Dados – SME.....	183
APÊNDICE F – Solicitação para Coleta de Dados – SEDUC.....	185
APÊNDICE G – Termo de Assentimento Livre e Esclarecimento - SME.....	187
APÊNDICE H – Termo de Assentimento Livre e Esclarecimento – SEDUC.....	189
APÊNDICE I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento – SME.....	191
APÊNDICE J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento – SEDUC.....	193
APÊNDICE K – Questionário Diagnóstico.....	195
APÊNDICE L – Questionário de Saída.....	198
APÊNDICE M – Roteiro de Observações – Diário de Campo.....	201
APÊNDICE N – Controle de Jogo do Festival Esportivo.....	203
APÊNDICE O – Planos de Aulas da Unidade Didática.....	204

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - lei nº 9394/96 (LDB), a Educação Física (EF) é um componente curricular obrigatório da Educação Básica, porém nem sempre foi assim. A primeira LDB, promulgada em 1961, considerava essa prática obrigatória para a Educação Básica, com facultatividades para alguns grupos de estudantes. Em 1971 a LDB sofre uma alteração, alçando a EF a uma condição de atividade. Só então, com a LDB de 1996, é que a EF passa a ser considerada um componente curricular obrigatório (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020).

Então, se hoje a EF é considerada como componente curricular, precisamos entender quais os seus objetivos e o que é necessário ensinar aos estudantes. Nesse sentido, Barroso (2010) destaca a importância de transmitir de forma crítica e questionadora os conhecimentos pertencentes à cultura corporal de movimento (CCM), possibilitando ao aluno conhecer, experimentar, reproduzir e transformar essas diversas práticas corporais de que o ser humano se apropriou ao longo da história.

“O fenômeno esporte tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea, constituindo-se como um dos mais importantes objetos de análise, não apenas das ciências do esporte, mas também de múltiplas abordagens [...]” (CARLAN; KUNZ; FERSTERSEIFER, 2012, p. 1). Na escola, não é diferente, uma vez que o conteúdo esporte tem grande destaque nas aulas de EF, como um grande protagonista, muitas vezes é sinônimo de EF para os alunos.

Porém, é importante saber utilizá-lo como uma forte ferramenta que verdadeiramente possa contribuir com os objetivos da Educação Física Escolar (EFE). Barroso (2020) ressalta que diversos equívocos e questionamentos vêm ocorrendo na forma de tratar o esporte como um conteúdo desse componente curricular e nos alerta sobre a importância de tratá-lo de forma mais adequada, oferecendo uma abordagem pedagógica apropriada para o ambiente escolar.

Kunz (2004) destaca que a escola é um dos espaços onde as práticas esportivas podem e devem acontecer, mas lembra que é muito importante que os professores de EF abordem o conteúdo de uma forma tematizada, a partir de uma compreensão crítica das práticas esportivas, de forma a potencializar os estudantes a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, tenho utilizado os jogos reduzidos (JRs) como um instrumento pedagógico para que meus alunos possam conhecer, experimentar, reproduzir e, principalmente, transformar os conhecimentos dessa CCM. Para Reverdito e Scaglia (2007), os JRs ou adaptados podem variar em função do elemento bola (vários tamanhos, formas, pesos, material etc.), número de jogadores e espaços reduzidos ou amplos.

Os JRs me acompanham desde o início da minha formação profissional e acadêmica, quando, em 2009, durante minha graduação na universidade, faltando poucos semestres para me formar, recebi um convite de oportunidade de estágio no Instituto Desportivo da Criança (IDC), o qual possui um programa social chamado “Vôlei Kids” (PSVK). Esse programa oportuniza a prática do voleibol, ensinando a modalidade para turmas iniciantes por meio do que conhecemos como JRs, ou minijogos. Para compreender melhor o que caracteriza os JRs ou adaptados, Reverdito e Scaglia (2007, p. 10) nos apresentam que as:

Formas de jogos adaptados ou reduzidos são unidades funcionais do jogo formal, caracterizando-se pelas características e especificidades da modalidade esportiva. O jogo é configurado/modificado de acordo com os objetivos selecionados e sobre a ênfase proposta, mantendo e respeitando o que é essencial no jogo: cooperação, oposição e finalização.

Após a conclusão de minha graduação, meu estágio encerrou-se e fui imediatamente contratado pelo IDC como professor, onde trabalhei meus primeiros 5 anos de profissão. Durante esse período, tive a oportunidade de vivenciar bastante o ensino do esporte por meio dos JRs, uma forma de jogo adaptável às necessidades e às capacidades biológicas de acordo com a idade da criança, favorecendo um jogo mais dinâmico, prazeroso e atrativo.

Em 2011, fui aprovado no concurso público da Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá (SME) e, ao mesmo tempo que trabalhava no IDC com iniciação ao voleibol para crianças, também lecionava para alunos do ensino fundamental da rede pública municipal. Então resolvi utilizar os JRs nas minhas aulas de EF, comecei com o próprio voleibol, depois adaptei essa estratégia também para o ensino de outros esportes, principalmente os esportes de rede/quadra dividida.

Apropriei-me dessa forma de ensinar os esportes de rede pressupondo que seria um bom instrumento didático pedagógico no processo de ensino e aprendizagem dos esportes de rede nas aulas de EFE, mas apenas possuía como base minhas

experiências, nunca havia me aprofundado em pesquisas científicas para comprovar o que tomei como sendo comum.

Nesse sentido, ao ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), junto à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá, percebo a necessidade de verificar cientificamente essa hipótese de que a estratégia metodológica com os JRs favorece e facilita o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes de EF, de modo a contribuir para aulas mais atrativas e dinâmicas, bem como oportuniza que mais alunos estejam ao mesmo tempo realizando as atividades propostas em uma aula, gerando menos ociosidade.

Outro aspecto importante a se considerar é que a EFE no ensino fundamental normalmente possui uma carga-horária semanal bem reduzida, no contexto em que estou inserido, a saber: Rede Municipal de Educação de Cuiabá e Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, temos apenas duas horas por semana para o Ensino Fundamental. Nesse sentido, entendemos que a estratégia dos JRs contribui para que os estudantes estejam mais tempo envolvidos efetiva e ativamente nas aulas. Para além da redução espacial, nos JRs, são colocados menos estudantes em quadra, contribuindo assim para que o estudante consiga vivenciar e participar bem mais das ações de um jogo.

Apresentando como exemplo uma aula de voleibol, com o objetivo de oportunizar a vivência do jogo para os estudantes, com a utilização da abordagem do jogo tradicional, teríamos 12 alunos jogando e os demais ficariam de fora, aguardando o término do jogo para chegar sua vez. Considerando que uma turma do ensino fundamental possui em média 30 alunos, mais da metade dos estudantes não teria a oportunidade de jogar naquele momento.

Além disso, com exceção do voleibol, a maioria dos esportes de rede/quadra dividida, como o vôlei de praia, tênis, badminton e peteca, são modalidades esportivas oficialmente realizadas de maneira individual ou em duplas, sem falar de algumas variações de modalidades que surgiram partir da fusão de dois ou mais esportes, como o futevôlei, fute-tênis, futmesa e beach tennis.

Sendo assim, a problemática que nos instiga neste estudo é a seguinte: como oferecer essa categoria de esporte de rede/quadra dividida nas aulas de EF

numa abordagem pedagógica apropriada para o ambiente escolar com turmas que normalmente ultrapassam 30 alunos?

Realizando uma busca com a palavra-chave “jogos reduzidos” no portal de periódicos da CAPES, encontramos 167 trabalhos científicos, dos quais 107 não tinham relação direta com a referida palavra-chave ou estavam em duplicidade. Identificamos, portanto, 60 trabalhos que tratavam sobre os JRs. Destes, 42 estavam relacionados às modalidades de futebol ou futsal e apenas 4 tinham relação com modalidades da categoria de esportes de rede/quadra dividida. Considerando ainda entre esses 60 trabalhos, apenas 7 deles investigavam os JRs no contexto da EFE, e os demais tratavam dos JRs numa perspectiva de treinamento esportivo.

Percebemos, assim, que existem muitos estudos que analisam os JRs em contextos de treinamentos esportivos, principalmente com o futebol e futsal, porém há poucos estudos que analisam as possibilidades e as contribuições dos JRs no contexto da EFE. Sendo assim, entendemos que seja importante identificar as possibilidades e contribuições didático-pedagógicas que os JRs podem agregar no processo de ensino e aprendizagem dos esportes de rede/quadra dividida nas aulas de EF.

1.1 Objetivo

Analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

1.1.2 Objetivo Específico

- Verificar a participação e a opinião dos estudantes sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física;
- Identificar as dificuldades e as potencialidades na utilização dos jogos reduzidos como estratégia de ensino nas aulas de Educação Física com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

1.2 Produto Educacional

Como Produto Educacional, apresentamos algumas possibilidades estruturais para preparar quadras em espaços reduzidos, mostrando passo a passo

como construir a estrutura que utilizamos para as aulas em minha unidade didática com os esportes de rede/quadra dividida, bem como outras opções possíveis, desde a mais simples e menos onerosa, até as mais elaboradas e que exigem de mais investimento financeiro.

2 O ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Este capítulo tem a intenção de apresentar a trajetória e as transformações que aconteceram ao longo dos anos com o tema principal que nos propusemos a investigar nessa dissertação: o esporte e seu trato pedagógico. Perpassamos então pelo desenvolvimento do esporte no mundo e no Brasil, sua inserção nas escolas por meio da EF, a proposta para o desenvolvimento desse componente curricular nas escolas a partir da Base Nacional Comum Curricular, e por fim, como a Pedagogia do Esporte (PE) critica e aponta novos caminhos para que o conteúdo esporte possa ser ensinado e aprendido adequadamente na escola. Para tal, estruturamos o marco teórico em 4 subcapítulos:

- O esporte na sociedade e na Educação Física Escolar;
- A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular;
- Esportes de rede/quadra dividida e parede de rebote;
- A Pedagogia do Esporte.

2.1 O esporte na sociedade e na Educação Física Escolar

No primeiro subcapítulo de nossa revisão de literatura, buscamos compreender como o esporte se tornou esse fenômeno de destaque na sociedade e posteriormente assumiu o papel de grande protagonista na EFE. Para isso, primeiro apresentaremos o significado e a origem da palavra esporte e como este é compreendido por alguns autores, e em seguida, percorreremos a trajetória de desenvolvimento do esporte no mundo, no Brasil, e como se deu sua inserção e relação com a EFE em nosso país.

O Esporte é um fenômeno de grande destaque na sociedade contemporânea, apresenta-se com notoriedade nas mídias e movimenta muito dinheiro em todo o mundo. Nesse contexto, ele se apresenta na escola constituído como uma das práticas corporais mais realizadas e apreciadas pelos alunos, Lopes (2012, p. 149) diz que “o esporte é aquele que goza de maior prestígio quanto à utilização nas aulas de Educação Física, tanto pelos alunos quanto pelos professores”. Certamente, o reconhecimento do Esporte como fenômeno social permite uma reflexão sobre como precisa ser sua abordagem escolar e quais Esportes devem compor seu currículo.

Darido e Rangel (2005) afirmam que o significado da palavra esporte, em sua origem, significa regozijo e diversão. Conceituar o esporte não é uma tarefa fácil, porém decidimos apresentar o que Betti (2002, p. 26) chama de uma definição clássica da sociologia:

[...] o esporte é uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde.

No Coletivo de Autores (1992, p. 48), a compreensão do esporte é apresentada como uma “prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”.

Bracht (1989 apud DARIDO; RANGEL, 2005) refere-se ao esporte como uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo que surgiu na Europa por volta do século 18, assumindo características de competição, rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificação do treinamento.

2.1.1 Desenvolvimento do esporte no mundo

A partir do final do século 19, com a Revolução Industrial na Inglaterra e suas políticas trabalhistas, como por exemplo, o direito a trabalhar apenas meio período no sábado, permitiu que mais pessoas praticassem esporte. A partir de então, diversas modalidades esportivas que conhecemos hoje começam a surgir, como o futebol, o atletismo moderno e o rugby (DARIDO; RANGEL, 2005).

É nesse momento, também no final do século 19, que os esportes modernos começam a se espalhar de maneira muito rápida pelo mundo, acontecem adaptações que vão os aperfeiçoando e deixando-os mais bem organizados. Essa rápida difusão pelo mundo foi motivada provavelmente pela sedução da possibilidade de vitória em competições entre indivíduos com igualdade de oportunidades, do que pela possibilidade do exercício do tempo livre (DARIDO; RANGEL, 2005).

É no final do século 18 e no início do século 19, contando ainda com a contribuição do Jogos Olímpicos Modernos, que são retomados a partir de 1896, que o processo de afirmação do fenômeno esportivo em todo o mundo se espalha ainda mais, como uma marca de modernização da sociedade, inclusive no Brasil. González

e colaboradores (2014, p. 122) citam que nesse período o esporte foi “[...] impulsionado pelos desenvolvimentos concomitantes dos meios de comunicação de massa, da industrialização e da urbanização da sociedade brasileira”. Porém, só a partir dos anos 1940 e 1950 que o esporte se torna mais presente no cotidiano dos brasileiros, com o processo de escolarização do esporte em andamento, tomando o espaço que antes era dominado pela prática da ginástica.

2.1.2 O Esporte no Brasil e sua relação com a Educação Física Escolar

Antes de falarmos propriamente da relação do esporte na EF, é importante entender como esta é introduzida no Brasil e a partir de quais pressupostos. Sendo assim, Darido (2003, p. 1) afirma que “A inclusão da Educação Física oficialmente na escola ocorreu no Brasil ainda no século XIX, em 1851, com a reforma Couto Ferraz, embora a preocupação com a inclusão de exercícios físicos, na Europa, remonte ao século XVIII [...]”

A autora complementa que três anos depois, em 1854, a ginástica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário e, em 1882, na reforma educacional liderada por Rui Barbosa, é apresentada uma recomendação para que a ginástica fosse obrigatória em todas as escolas. Porém só a partir de 1920 que realmente os estados conseguem realizar reformas educacionais para incluir a EF nas escolas regulares, mas ainda sendo chamada de ginástica (BETTI, 1991 apud DARIDO, 2003).

Nas quatro primeiras décadas do século 20, foi marcante a influência dos métodos ginásticos europeus (sueco, francês, alemão) e da instituição militar sobre a EF nas escolas brasileiras. Os métodos ginásticos tinham um caráter higienista, tendo como foco central os hábitos de higiene e saúde, com o objetivo de construir corpos saudáveis, para trabalhar na indústria, de forma a gerar lucros e prosperidade à nação. Já no modelo militarista, os objetivos da EFE estavam relacionados ao desenvolvimento moral e, principalmente, físico, de modo a preparar os indivíduos para atuar na guerra, com a exclusão daqueles que eram fisicamente incapazes (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Ambas as concepções higienista e militarista da Educação Física consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que lhe desse

suporte. Por isso, não havia distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar (DARIDO, 2003, p. 2).

Nesse período de influência dos métodos ginásticos e da instituição militar, são os próprios militares os responsáveis por serem instrutores de ginástica nas escolas, até porque antes de 1939 não existia curso de EF para civis. Só a partir desse ano é que foi criada a primeira escola civil para formar professores de EF no Brasil, forçado, principalmente, pela obrigatoriedade da EF em todas as escolas formais do país, decretada no ano de 1937 (PALMA; OLIVEIRA; PALMA, 2010).

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente entre os anos de 1946 e 1968, o esporte começa a influenciar mais as aulas de EF, principalmente por conta do Método Desportivo Generalizado, criado na França e trazido para o Brasil por Augusto Listello, caracterizando assim o início da esportivização da EF no Brasil (DARIDO; RANGEL, 2005).

De acordo com o Coletivo de Autores (1992), com a forte influência do Método Desportivo Generalizado no país, marca-se definitivamente o desenvolvimento do esporte como conteúdo predominante no ensino da EFE brasileira, recebendo forte influência da cultura corporal europeia. A partir desse momento, estabelece-se uma nova relação entre professor e aluno, o que antes era identificada como professor-instrutor e aluno-recruta, transforma-se em professor-treinador e aluno-atleta.

Podemos ainda destacar que, no ano de 1964, acontece a instalação do Regime Militar no Brasil (ditadura), que na tentativa de eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento, o governo militar passa a realizar forte investimento no esporte. Passaram a usar a EF com um sustentáculo ideológico, na medida em que ela participaria na promoção do país por meio do êxito em competições de alto nível (DARIDO, 2003).

Palma, Oliveira e Palma (2010) complementam que esse período no qual as indústrias, a urbanização e os meios de comunicação populares estavam em pleno desenvolvimento foi mais um gatilho propício para o esporte. Os autores ainda destacam que “as competições esportivas, tanto na prática social, quando nos currículos escolares, são voltadas para a educação do indivíduo para a obediência de regras e ensinam a vencer por meio do esforço individual, convivendo assim, com as vitória e derrotas” (PALMA; OLIVEIRA, PALMA, 2010, p. 41).

No Coletivo de Autores (1992), destaca-se que, na década de 1970 no Brasil, o esporte na escola é um prolongamento do esporte olímpico, dos sistemas desportivo nacional e internacional, além de receber muitas influências da grande difusão da pedagogia tecnicista, reforçado pela concepção de neutralidade científica. Tudo isso resulta na subordinação da EF aos códigos e sentidos da instituição esportiva.

Esses códigos são resumidos por Bracht (1997, p. 22) em alguns princípios: “[...] rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas”. O autor completa:

Mais uma vez a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição, e, de tal forma, que temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentido da instituição esportiva. O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva (BRANCHT, 1997, p. 22).

Cabe, nesse momento da história, à EFE o papel de iniciar os estudantes no Esporte de forma a impulsionar o surgimento de talentos esportivos para as futuras seleções estaduais e nacionais. As aulas passaram a ter particularidades das “escolinhas” de iniciação, com exercícios e atividades práticas pautadas na repetição mecânica dos movimentos esportivos, com o objetivo de selecionar os mais habilidosos. As competições esportivas nos diferentes níveis (escolar, municipal, regional, estadual e nacional) passaram a orientar e a normatizar o trabalho dos professores nas escolas e a sua qualificação era medida pelo sucesso de suas equipes nas competições esportivas (GONZÁLEZ et al., 2014).

Percebe-se que a escola é colocada como base de uma pirâmide esportiva, utilizando as aulas de EF como uma espécie de “base” para o esporte de rendimento. A Escola é o local onde o talento esportivo vai ser descoberto (BRACHT, 1997).

De acordo com Darido (2003), o final da década de 1970 e o início da década de 1980, em virtude de um novo cenário político, histórico e social no Brasil, junto ao processo de redemocratização do Brasil, consolidaram-se como um período de redefinição da função da Educação e, conseqüentemente, também da EF.

É nesse momento que a EF passa por um período de valorização dos conhecimentos produzidos pelo meio acadêmico e a ciência, questionando e refletindo o papel deste componente curricular na escola. O modelo de esporte de rendimento

nas aulas de EFE, passa a ser fortemente criticado e como alternativa surgem novas formas de pensar a EF na escola em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biologista com os novos movimentos na EFE (DARIDO, 2003).

Esses movimentos são chamados de Movimentos Renovadores da EF, baseados numa visão de EF humanista que se caracteriza pela presença de princípios filosóficos em torno dos interesses do ser humano, seu surgimento é uma crítica as teorias comportamentalistas (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

De acordo com Palma, Oliveira e Palma (2010), nesse período se destacam duas tendências ligadas ao movimento renovador da EF: a psicomotricidade e o Esporte para Todos. Darido (2003, p. 13) descreve que a psicomotricidade “inaugura uma nova fase de preocupações para o professor de Educação Física que extrapola os limites biológicos e de rendimento corporal, passando a incluir e a valorizar o conhecimento de origem psicológica.”

O enfrentamento principal do movimento renovador foi refletir criticamente e questionar a hegemonia dos paradigmas biológicos da aptidão física e esportivização inseridos nas aulas de EF. Assim, o ensino dos esportes enquanto conteúdo da EFE, precisaria ser compreendido como fenômeno social, de modo a contemplar conhecimentos conceituais, ir além das habilidades técnicas, táticas e regras, sair da ênfase na competição e na seleção dos melhores em detrimento da maioria, entre outros questionamentos (GONZÁLEZ et al., 2014).

A tendência do Esporte Para Todos, segundo Coletivo de Autores (1992, p. 38-39), seguia os princípios humanistas, como uma alternativa ao esporte de rendimento. Baseava-se na antropologia, colocando o ser humano no centro do processo de aprendizado, com a compreensão de que não é mais “o esporte que faz o homem, mas o homem que faz o esporte, ele determina o que, como, onde, quando, por quanto tempo, com quem, sob que regras, com que objetivos, sob que condições o pratica”.

González e colaboradores (2014, p. 130) apresentam um resumo da crítica realizada pelo movimento renovador sobre o ensino dos esportes nas aulas de EF:

- a) o Esporte reproduz valores e princípios da sociedade burguesa, contribuindo assim para a manutenção das mesmas relações sociais;
- b) a prática do Esporte escolar, em função da educação estética que fomenta, contribui para a docilização dos corpos, portanto, para um comportamento de submissão aos padrões vigentes;

- c) o Esporte de rendimento, modelo do Esporte escolar no Brasil da época, fomenta a seleção e a discriminação, privilegiando os mais aptos em detrimento dos menos habilidosos;
- d) o Esporte, pelo seu peso político e econômico, conquistou a hegemonia no ambiente escolar, produzindo a monocultura esportiva e não permitindo ou dificultando o acesso dos estudantes às outras manifestações da cultura corporal de movimento.

A partir do final dos anos de 1980 e início de 1990, o movimento renovador da EF se fortalece ainda mais, gerando uma diversidade de abordagens, todas elas com um ponto em comum: a tentativa de romper com o modelo anterior que focava o esporte de rendimento dentro da escola. Darido (2003) cita as abordagens que apareceram nesse período: crítico-emancipatória, desenvolvimentista, construtivista-interacionista, sistêmica, crítico-superadora, cultural, jogos cooperativos, saúde renovada e os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Mesmo com todas essas abordagens na EF, não se garantiu a ressignificação das práticas vinculadas à concepção tradicional. Darido (2003, p. 23) destaca que “a discussão e o surgimento destas tendências não significaram o abandono de práticas vinculadas ao modelo esportivo, biológico ou, ainda, ao recreacionista” e até hoje, ainda encontramos professores que conduzem suas aulas exclusivamente a partir dessa concepção tradicional.

No entanto, o debate dessas abordagens para as aulas de EF oportunizou avaliar e reavaliar os pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem, numa perspectiva mais ampla e mais humana, com objetivos educacionais e conteúdos diversificados que explorassem além da dimensão física. Isso porque apenas praticar esportes e exercícios já não cabia mais, vendo o estudante como um ser humano integral, sendo necessário considerar também as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas, afetivas e políticas (DARIDO, 2003).

Para o Coletivo de Autores (1992), o esporte como fenômeno da prática social e também como uma produção histórico-cultural, deve ser desmitificado na escola, por meio de uma abordagem pedagógica que questione suas normas e consiga adaptá-lo de acordo com a realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria. É importante fornecer subsídios que permitam aos alunos criticar o fenômeno esportivo dentro dos contextos social, político, econômico e cultural e não apenas limitar o ensino dos Esportes aos gestos técnicos. Nesse sentido, então, produzimos o que podemos chamar de Esporte “da” escola e não esporte “na” escola.

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz "a dois", e de que é diferente jogar "com" o companheiro e jogar "contra" o adversário (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 49).

De acordo com Kunz (2004), o Esporte na escola é algo para ser estudado e não apenas praticado, portanto, ao ensinar o esporte, deve-se ir além do desenvolvimento de técnicas e habilidades. É necessário que os alunos incorporem o conteúdo de maneira teórico-prática, tornando o fenômeno esportivo transparente ao aluno, de maneira que possa agir com autonomia dentro de suas possibilidades e necessidades na realidade do esporte.

Em pleno século 21, essas discussões continuam e precisam ainda ser debatidas na EFE, de modo a levar uma reflexão que conduza a um projeto político pedagógico explícito e crítico, próximo da realidade social da escola e do estudante. Outras questões importantes ainda precisam ser discutidas neste século como: qual o conhecimento que a EF proporciona? E como esse conhecimento/saber é decisivo para que o indivíduo reflita, explique e se aproprie de sua realidade e atue sobre ela? (PALMA; OLIVEIRA; PALMA, 2010).

O que se espera das aulas de EF e, mais especificamente do ensino do conteúdo Esporte, é um tratamento pedagógico que rompa com os pressupostos da tradição tecnicista e faça com que os alunos aprendam a praticar as diferentes modalidades esportivas com competência, para fazer uso desses saberes no seu cotidiano, nos espaços de lazer, aliada a capacidade de conhecer sobre o fenômeno esportivo. Tudo isso para que possa estabelecer as relações dessa parcela da cultura com a vida em sociedade, com aspectos econômicos, políticos e sociais de forma mais ampla, situando-se como cidadão nesse contexto.

2.2 A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo e obrigatório, de referência nacional, amparado legalmente na LDB, nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no Plano Nacional de Educação. Foi homologada em 2018, com o intuito de orientar a elaboração e adequação dos currículos e propostas pedagógicas. Deve-se respeitar um currículo mínimo a ser desenvolvido nos estabelecimentos de ensino públicos e privados em todo o território nacional ao longo

da Educação Básica e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018).

Esse documento apresenta 10 competências gerais a serem adquiridas pelos alunos durante as três etapas da Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental e médio) como garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Competência é definida na BNCC como: “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimento), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 8).

Este estudo foi realizado focando turmas da etapa do Ensino Fundamental, sendo assim, analisaremos a BNCC nessa etapa de ensino, que é organizada em cinco áreas do conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso. Cada uma delas possui suas competências específicas, que devem ser desenvolvidas ao longo dos nove anos do ensino fundamental. Além das competências específicas de cada área de conhecimento, se estabelecem ainda as competências específicas para cada componente curricular (BRASIL, 2018).

Quadro 1: Áreas do Conhecimento e Componentes Curriculares

ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ao 9º ano	
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES
Linguagens	Língua Portuguesa Arte Educação Física Língua Inglesa (a partir do 6º ano)
Matemática	Matemática
Ciências da Natureza	Ciências
Ciências Humanas	Geografia História
Ensino Religioso	Ensino Religioso

FONTE: BNCC (2018, p. 27).

De acordo com a BNCC, a EF é componente curricular pertencente à área de Linguagens e suas Tecnologias, da qual também fazem parte os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Artes e a Língua Inglesa, sendo que este último é inserido apenas nos anos finais do ensino fundamental.

Tais componentes curriculares, enquanto área de conhecimento, têm o objetivo de “[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem

diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens [...]” (BRASIL, 2018, p. 63).

Ao todo, no ensino fundamental, são apresentadas 6 competências específicas para a área de linguagens:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2018, p. 65).

Em articulação com as competências gerais da Educação Básica e as competências específicas da área de Linguagens, a EF, enquanto componente curricular, deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de 10 competências específicas:

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.

5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, 2018, p. 223).

Ao explicar a EF dentro da área de linguagem e sua relação direta com as práticas corporais, a BNCC explica que:

A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2018, p. 213).

No que diz respeito, especificamente, ao componente curricular de EF, a BNCC aponta que seu objetivo é:

Possibilitar aos estudantes explorar o movimento e a gestualidade em práticas corporais de diferentes grupos culturais e analisar os discursos e os valores associados a elas, bem como os processos de negociação de sentidos que estão em jogo na sua apreciação e produção. Nesse sentido, estimula o desenvolvimento da curiosidade intelectual, da pesquisa e da capacidade de argumentação (BRASIL, 2018, p. 483).

O documento completa, ainda, que é dever desse componente curricular tematizar “[...] as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (BRASIL, 2018, p. 213).

Nesse contexto, as práticas corporais devem favorecer o desenvolvimento dos conhecimentos relacionados à CCM e auxiliar na ampliação da consciência dos estudantes sobre seus próprios movimentos e também sobre a ótica de um “fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2018, p. 213).

Na BNCC, podemos observar três elementos fundamentais que são comuns às práticas corporais: movimento corporal como elemento essencial; organização interna (de maior ou menor grau), pautada por uma lógica específica; e produto cultural vinculado com o lazer/entretenimento e/ou o cuidado com o corpo e a saúde. Assim, as práticas corporais nas aulas de EF devem proporcionar ao estudante conhecimento e experiências únicas, que ele não teria a oportunidade de realizar fora das suas atividades cotidianas e rotineiras, o que abre as portas para um vasto universo cultural a ser desvendado e significado (BRASIL, 2018).

Na BNCC, as práticas corporais estão organizadas para o Ensino Fundamental em 6 unidades temáticas, que anteriormente a esse documento, costumavam ser chamadas de conteúdos da EF: Brincadeiras e jogos, Danças, Esportes, Ginásticas, Lutas, e, Práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018).

Deve-se destacar que a organização dessas unidades temáticas deverá ser compreendida pelo caráter lúdico, e todos os significados que a sociedade lhe atribui, muito embora os estudantes possam se apropriar de suas lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.). Nesse sentido, o trabalho pedagógico do professor no ambiente escolar deve considerar 8 dimensões de conhecimento:

- **Experimentação:** refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. [...] Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso à experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si.
- **Uso e apropriação:** refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. [...]
- **Fruição:** [...] Essa dimensão está vinculada com a apropriação de um conjunto de conhecimentos que permita ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal e/ou apreciar essa e outras tantas quando realizadas por outros.
- **Reflexão sobre a ação:** refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise [...]
- **Construção de valores:** vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais,

que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. [...]

- **Análise:** está associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre). Essa dimensão reúne conhecimentos como a classificação dos esportes, os sistemas táticos de uma modalidade, o efeito de determinado exercício físico no desenvolvimento de uma capacidade física, entre outros.

- **Compreensão:** está também associada ao conhecimento conceitual, mas, diferentemente da dimensão anterior, refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. [...] Por exemplo, pelo estudo das condições que permitem o surgimento de uma determinada prática corporal em uma dada região e época ou os motivos pelos quais os esportes praticados por homens têm uma visibilidade e um tratamento midiático diferente dos esportes praticados por mulheres.

- **Protagonismo comunitário:** refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram [...] (BRASIL, 2018, p. 220).

É importante deixar claro que não existe hierarquia entre essas dimensões do conhecimento, nem mesmo uma ordem para o desenvolvimento didático, sendo necessárias abordagens diferenciadas para cada uma delas de forma a se tornarem relevantes e significativas aos estudantes. Devemos considerar ainda “que cada dimensão seja sempre abordada de modo integrado com as outras, levando-se em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva” (BRASIL, 2018, p. 22).

A inclusão da EF na área de linguagem da BNCC nos parece uma tentativa de despertar nos professores de EF a importância de articular-se mais com os demais componentes curriculares, conquistando espaços e mostrando que também temos conteúdos importantes a ensinar. Durante muito tempo, a EF esteve isolada na escola, como uma atividade recreativa, com o objetivo de “descansar” a mente dos estudantes após grande esforço mental nas disciplinas de português, matemática, entre outras como se na EF não fosse necessário pensar.

Agora, estando a EF como um componente curricular, incluído na área da linguagem, para além de um mero trabalho articulado com os demais componentes curriculares da área da linguagem, faz-se importante também, compreender que as atividades humanas, inclusive as práticas corporais, realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens (verbal, corporal, visual, sonora e digital). Na EF, a linguagem corporal se destaca, porém as demais linguagens também podem e

devem estar articuladas com e por meio de seus conteúdos. Isso porque é por meio de tais linguagens que as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, construindo conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos.

2.2.1 A unidade temática de Esportes na BNCC

Como mencionamos anteriormente, as práticas corporais, objeto de estudo da EF, estão organizadas na BNCC em 6 unidades temáticas: Brincadeiras e jogos, Danças, Esportes, Ginásticas, Lutas e Práticas corporais de aventura. Essas unidades temáticas são divididas em objetos de conhecimentos (conteúdos, conceitos e processos), que ainda estão relacionados a um conjunto de habilidades. Em virtude do enfoque deste estudo ser direcionado para a unidade temática de Esportes, a seguir aprofundaremos então nosso olhar nessa unidade temática com seus objetos de conhecimentos e habilidades.

A unidade temática Esportes talvez seja a prática corporal que possui mais destaque na sociedade contemporânea e ainda a mais difundida pelos meios de comunicação. Ela está caracterizada na BNCC tanto pelas manifestações formais que se orientam pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários) regulamentadas por um conjunto de regras institucionalizadas por organizações como associações, federações e confederações esportivas, como também pode ser caracterizada por manifestações derivadas dessas práticas corporais formais (BRASIL, 2018).

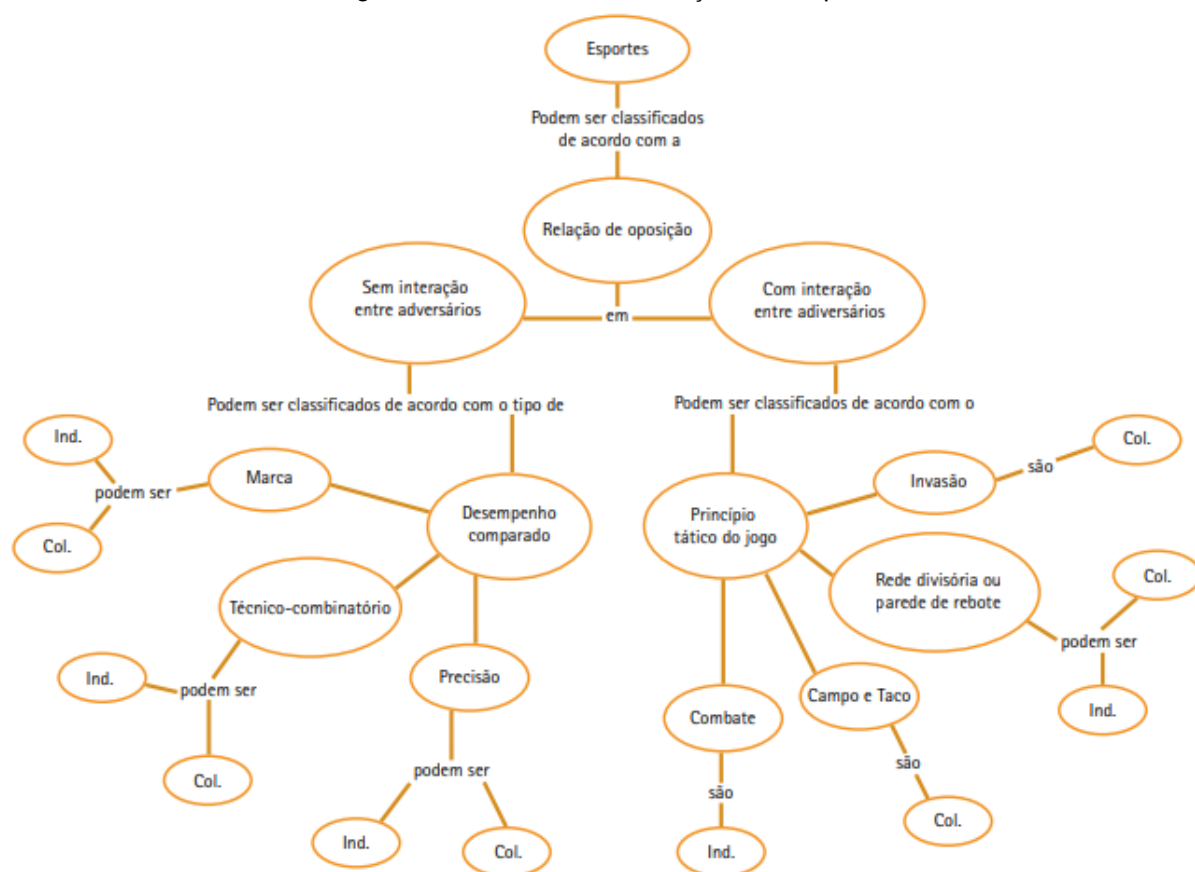
Sendo assim, o documento frisa que “essas características não possuem um único sentido e significado entre aqueles que o praticam, especialmente quando o esporte é realizado no contexto do lazer, da educação e saúde” (BRASIL, 2018, p. 215). Nesse sentido, é extremamente possível e importante que as manifestações esportivas ou qualquer prática social possam ser adaptadas aos interesses de quem os pratica, como variabilidade de espaços, números de componentes/jogadores, materiais, dentre outros.

Para a estruturação dessa unidade temática (Esportes), a BNCC utiliza “um modelo de classificação baseado na lógica interna, tendo como referência critérios de cooperação, interação com adversário, desempenho motor e objetivos táticos de ação” (BRASIL, 2018, p. 215). Tais elementos proporcionam a distribuição das modalidades esportivas em categorias, priorizando as ações motoras intrínsecas, com

o agrupamento das modalidades que apresentam requisitos motrizes semelhantes em suas práticas. Dessa forma, os esportes estão divididos em sete categorias (objetos de conhecimentos): marca, precisão, técnico-combinatório, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, invasão ou territorial e de combate.

Considerando a figura a seguir, González e Bracht (2012) sugerem esse mesmo modelo de classificação dos esportes, partindo de dois grandes grupos, esportes com interação e os sem interação entre os adversários. Nos esportes sem interação com o adversário, levando em conta o aspecto do movimento a ser realizado, temos três tipos de esportes: marca, técnico-combinatório, e de precisão. Nos esportes com interação entre os adversários, podemos ter quatro tipos de esportes: combate, campo e taco, rede divisória ou parede de rebote e de invasão.

Figura 1: Modelo de Classificação dos Esportes



Fonte: González e Bracht (2012, p. 27).

A BNCC apresenta uma proposta curricular ao longo do Ensino Fundamental organizada em blocos (1º e 2º anos; 3º aos 5º anos; 6º e 7º anos; 8º e 9º anos), com a seguinte sugestão de sistematização desses objetos de conhecimento:

Quadro 2: Objetos de Conhecimento – Unidade Temática de Esportes

UNIDADE TEMÁTICA: ESPORTES	
	OBJETOS DE CONHECIMENTO
1º e 2º anos	Esportes de marca Esportes de precisão
3º aos 5º anos	Esportes de campo e taco Esportes de rede/parede Esportes de invasão
6º e 7º anos	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios
8º e 9º anos	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate

FONTE: BNCC, 2018. (grifo nosso)

Observe que, nessa proposta da BNCC para o ensino fundamental, os esportes de rede/quadra dividida ou parede de rebote, categoria de esportes que escolhemos como tema de estudo deste trabalho, estão propostos para os 3º, 4º, 5º, 8º e 9º anos. Como nas escolas onde o professor pesquisador realizou a pesquisa só existe a oferta a partir do 6º ano, optou-se em realizar a pesquisa com turmas do 8º ano. Sendo assim, apresentamos a seguir as habilidades a serem desenvolvidas com os estudantes para esse bloco de níveis escolares:

Quadro 3: Habilidades para os objetos de conhecimento da unidade temática de esportes

UNIDADE TEMÁTICA: ESPORTES	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
8º e 9º ano	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate	(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas. (EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos

		esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica. (EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate. (EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam. (EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.
--	--	--

FONTE: BNCC (2018, p. 236 e 237).

Existem críticas à BNCC por parte de alguns estudiosos da área da EF. Neira (2018) considera arrogante a forma como a BNCC define as aprendizagens essenciais aos estudantes de todo o território nacional de um país com dimensões continentais como o Brasil, e que possui uma vasta diversidade cultural. O autor faz várias considerações sobre o documento, entre elas cita que o limite das aprendizagens essenciais na EF deveria apenas conceituar e significar as culturas corporais de movimento que estão no currículo do componente curricular como jogos e brincadeiras, danças, esportes, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura.

Não desconsideramos as críticas atribuídas ao documento, muitas delas precisam ser consideradas, até porque nos parece que houve uma preocupação em querer aprovar o documento antes de uma transição política de governo no país, como uma espécie de “legado” da gestão que se estava encerrando, talvez tenha sido esse um dos problemas da primeira versão final aprovada da BNCC.

Porém, além de conter quais são essas aprendizagens essenciais, o documento também apresenta uma organização progressiva e sistematizada dos conteúdos que devem ser trabalhados em cada ano escolar, inclusive no componente curricular da EF, algo inédito para a área, que é esperado por muitos professores da nossa área.

Darido, González e Ginciére (2020) apontam que a pouca diversificação e repetição dos conteúdos ao longo de todo o processo de escolarização são alguns fatores que contribuem para o afastamento dos estudantes nas aulas de EF. A maneira que os conteúdos da CCM vêm sendo utilizados pelos professores, sem uma progressão didática e praticamente repetindo os mesmos conteúdos em quase todos os anos escolares, desestimula os alunos a participarem das aulas de EF, principalmente aqueles que possuem menos habilidades motoras.

Nesse sentido, percebemos que a BNCC pode contribuir para avançarmos nesse ponto, pois ela apresenta as unidades temáticas (conteúdos), objetos de conhecimento e habilidades que devem ser abordados a cada ciclo de dois anos escolares (exceção do 3º ao 5º ano, que é um ciclo de três anos), sendo uma espécie de direcionamento ou referência para que o professor saiba quais aprendizagens básicas devem ser ensinadas a cada biênio ou triênio escolar.

Especificamente para a unidade temática de esportes, entendemos que a sistematização por agrupamentos das modalidades que apresentam semelhanças táticas é positiva e pode auxiliar os professores na diversificação desse conteúdo, pois, como vimos no subcapítulo anterior, historicamente, o esporte foi e vem sendo bem criticado. Esperamos que futuramente possa haver novas e atuais versões da BNCC, aparando algumas arestas deixadas pela ânsia de um governo focado no seu “legado”, documento esse que possa contribuir ainda mais com a valorização da nossa disciplina enquanto um componente curricular.

2.3 Esportes de rede/quadra dividida e parede de rebote

Apresentamos no subcapítulo anterior a unidade temática dos esportes e suas sete categorias, conforme a BNCC sugere. Neste momento, iremos aprofundar um pouco sobre a categoria esportes de rede/quadra dividida ou parede de rebote, que é apresentada pela BNCC como:

[...] modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento (BRASIL, 2018, p. 216).

Porém, nem todos os esportes dessa categoria utilizam uma bola. Nesse sentido, González e Bracht (2012) descrevem que os esportes de rede/quadra dividida

ou parede de rebote são modalidades em que se arremessa, lança ou rebate na bola ou peteca para a quadra adversária sobre a rede ou contra a parede, com o objetivo do rival não devolvê-la. Se devolver, que seja fora do nosso espaço de jogo, ou então a devolva, pelo menos, com dificuldades.

Existem outros esportes de rede/quadra dividida que não utilizam bola, nem peteca, como é o caso do ringo e do ringtennis, que utilizam uma espécie de argola/anel flexível feito de borracha. González e Bracht (2012, p. 25) explicam que se utiliza “o termo ‘bola’ para nos referirmos ao conjunto de móveis/objetos utilizados para golpear, passar, chutar, lançar etc. utilizados nos esportes (peteca, disco, puck) inclusive as próprias bolas com as mais diferentes formas (esféricas, ovais, com asas)”.

Dentro dessa categoria de esportes de rede/quadra dividida, podemos apresentar como exemplos o voleibol, vôlei de praia, tênis, tênis de mesa, badminton, pádel, peteca, indiaca, sepaktakraw, ringo, ringtennis, punhobol. Há, ainda, algumas variações que foram surgindo a partir da fusão de dois ou mais esportes, como o futevôlei, fute-tênis, futmesa, beach tennis, pickleball, quimbol, dentre outros. Já os esportes de parede de rebote incluem pelota basca, raquetebol, squash, dentre outros.

Como característica comum desses esportes, podemos destacar a intenção de sempre se jogar interceptando a trajetória da bola, da peteca, ou de outro objeto na ação de defesa, ao mesmo tempo em que se tenta atacar enviando a bola, a peteca, ou outro objeto para o lado do adversário. No caso do tênis, tênis de mesa, beach tennis, badminton, peteca, pádel, ringo, ringtennis, pickleball, squash, pelota basca e raquetebol, o vaivém da bola, peteca, ou outro objeto é direto (alternado direto). Já no voleibol, vôlei de praia, futevôlei, fute-tênis, futmesa, punhobol, quimbol, indiaca e sepaktakraw é possível devolver a bola de forma direta, mas também é permitido fazer passes entre os companheiros de uma mesma equipe antes de mandar a bola para o outro lado de quadra, o que chamamos de alternado indireto (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Discorrendo ainda sobre as características comuns dos esportes de rede/quadra dividida e parede de rebote, Devis-Devis e Peiró (1992), Butler (1997), Méndez-Giménez (2003 apud GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 46-47) identificam, no quadro a seguir de maneira mais ampla, as características dessa categoria de

esportes, como os espaços de jogo, os papéis desempenhados pelos participantes, os conceitos e as habilidades técnicas, as estratégias ofensivas e as defensivas:

Quadro 4: Características da categoria de esportes de rede/quadra dividida

ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA OU PAREDE DE REBORE	
Principal intenção do jogo	Arremessa, lança ou bate na bola ou peteca em direção à quadra adversária (sobre a rede ou contra uma parede) de tal forma que o rival não consiga devolvê-la, ou a devolva fora de nosso campo ou pelo menos tenha dificuldades para devolvê-la, servindo somente o tempo que o objeto está em movimento.
Exemplos de esportes	Alternado direto: tênis, badminton, peteca, pelota basca, raquetebol; Alternado indireto: voleibol, punhobol, vôlei de praia e sepaktakraw;
Área de jogo	A área é dividida por uma rede, jogadores adversários encontram-se separados. Nos esportes em que se joga com parede de rebote os jogadores compartilham o espaço de jogo.
Papeis dos jogadores	Na maioria das modalidades, os jogadores passam por todas as posições (ex.: todos recebem e sacam/servem)
Intenções táticas ofensivas	• Enviar a bola (ou objeto que serve de bola), dentro do outro lado da quadra, longe do adversário; • Deslocar o adversário jogando as bolas aos lados do terreno de jogo para tirá-lo da posição de base; • Deslocar-se em diagonal; • Fintar e procurar pegar o adversário no contrapé;
Intenções táticas defensivas	• Recuperar a posição de base o mais rápido possível; • Elevar a bola em frente a situações defensivas complicadas;
Habilidades técnicas	• Recepção com e sem implemento; • Golpe/remate com e sem implemento; • Deslocamentos em velocidade;
Estratégias ofensivas	• Apoiar o companheiro no ataque e cobrir os espaços vazios; • Criar mais de uma opção para definir; • Ganhar a rede (em jogos em dupla); • Combinar a ação com os colegas (posições); • Realizar uma ocupação equilibrada do espaço;
Estratégias defensivas	• Realizar uma ocupação equilibrada do espaço na recepção do saque e ataque; • Coordenar a recepção da bola; • Apoiar os companheiros;

Fonte: González e Bracht (2012, p. 46-47).

González, Darido e Oliveira (2017) afirmam que o agrupamento dessas modalidades na categoria de esportes de rede/quadra dividida ou parede de rebote é motivado principalmente pelo fato de esse conjunto de esportes possuírem semelhança tática. Nesse sentido, compreendendo a lógica do jogo, é possível ter uma ideia geral do que trata cada um dos esportes, favorecendo transferência de conhecimentos entre eles, por exemplo o badminton, a peteca, o tênis, o tênis de mesa e o voleibol. Porém, os autores sugerem ser “importante diferenciar as possibilidades de ação nas modalidades em que é possível realizar ‘passes’ para os colegas

daquelas em que, ainda tendo a colaboração de um companheiro, não há essa possibilidade” (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017, p. 61).

Considerando essas inúmeras manifestações esportivas possíveis dentro dessa categoria de esportes, optamos por propor para nossos estudantes o aprofundamento em alguns dos esportes de rede/quadra dividida, deixando para outro momento as possibilidades com os esportes de parede de rebote. Mais adiante, apresentaremos como realizamos a escolha dos esportes para a unidade didática que foi desenvolvida com os estudantes.

Em relação às semelhanças táticas especificamente dos esportes de rede/quadra dividida, Sadi (2016, p. 113) expõe a estrutura funcional dessa categoria de esportes com dois objetivos fundamentais: o ataque e a defesa. Vejamos a seguir, no quadro, quais ações fazem parte de cada um desses objetivos:

Quadro 5: Objetivos táticos dos esportes de rede/quadra dividida

ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA	
ATAQUE	DEFESA
Preparar uma jogada; Amortecer a recepção do saque; Preparar o ataque propriamente dito; Escolher o tipo de ataque; Atacar (bater, largar, encobrir); Cobrir espaços; Marcar o ponto no saque;	Organizar a formação básica; Bloquear; Observar para poder antecipar; Defender; Recuperar ponto quase perdido; Contra atacar; Recompôr o posicionamento;

Fonte: GEPE (2012 apud SADI, 2016, p. 113).

A partir de tudo que foi apresentado neste subcapítulo, percebemos que o ensino dos esportes amparado e sistematizado por essa proposta de categorias que se aproximam por terem características comuns, tanto pela lógica interna quanto pelas ações táticas, pode contribuir e facilitar o processo de ensino e aprendizagem do conteúdo a ser ensinado. Isso principalmente por favorecer a transferência de conhecimentos de um esporte para o outro, impactando diretamente no processo de aprendizado do estudante. Além disso, pode facilitar e motivar o professor a propor o ensino de modalidades diferentes das tradicionais, considerando que a equivalência entre as modalidades pode dar mais segurança ao profissional de compreender melhor como ensinar e propor novas e diferentes modalidades aos estudantes.

2.4 A pedagogia do esporte

No primeiro subcapítulo desta revisão de literatura, apresentamos o desenvolvimento do esporte na sociedade e na EF, partindo do geral (mundo) até chegarmos ao específico (Brasil). Descrevemos um pouco do processo de valorização social do esporte, principalmente no final do século 19 e início do século 20, a partir do retorno dos Jogos Olímpicos, favorecendo um processo de afirmação do fenômeno esportivo em todo o mundo.

Com a valorização social do esporte, a ciência, por meio das suas diferentes áreas de conhecimento (biologia, antropologia, sociologia, pedagogia, medicina, física, entre outras), passou a estudar o esporte com mais frequência e interesse, principalmente a partir da década de 1960, de modo a contribuir ainda mais com o processo de desenvolvimento do esporte (GALATTI et al., 2014).

Os mesmos autores destacam que a Pedagogia foi uma das áreas de conhecimento que mais contribuíram de forma significativa, tomando o esporte como objeto de estudo e intervenção na busca de resolver problemáticas próprias das práticas esportivas. Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 2) definem a pedagogia como “o campo do conhecimento que se interessa pelo estudo da teoria e da prática da educação; da prática educativa concreta que se realiza”.

A Pedagogia, de acordo com Scaglia, Reverdito e Galatti (2014, p. 51), “é uma reflexão sobre todo o contexto que envolve a ação educativa, coadunando numa efetiva prática de intervenção – uma intervenção comprometida, intencional, dirigida, organizada e ciente de suas responsabilidades educacionais”. Entendendo o esporte numa perspectiva educativa, este deve ser pedagogizado, orientando um conhecimento sistematizado a partir de várias formas, meios e métodos.

O ato de pedagogizar o esporte deve ser entendido como uma intervenção desenvolvida dentro de um processo de ensino e aprendizagem que leve em conta o sujeito aluno, criando possibilidades para a construção desse conhecimento, inserindo-o e fazendo-o interagir com o que o aluno já sabe, ampliando-se assim, sua bagagem cultural e, por conseguinte, sua inteligência de corpo inteiro, mediada, intencionalmente por um pedagogo do esporte (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014, p. 52).

Sendo assim, temos a PE como uma disciplina recente das Ciências do Esporte, que, de acordo com Galatti e colaboradores (2017, p. 154), seu objetivo é “tratar dos processos de organização, sistematização, aplicação e avaliação dos processos de ensino, aprendizagem e treinamento do esporte em diferentes cenários,

personagens e significados, tal qual o ambiente escolar [...]” Também reforçando que a PE é uma das disciplinas das Ciências do Esporte, Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 2) afirmam que ela “suruiu a partir do crescente interesse da sociedade pelas práticas esportivas corporais, fazendo do esporte um dos fenômenos mais importantes desse início de século”.

A PE mergulha sua práxis educativa com o foco no esporte, procurando educar o homem no e pelo esporte, na busca de caminhos balizados por procedimentos didático-pedagógicos, assumindo a responsabilidade de realizar nos sujeitos a formação humana por meio de saberes sistematizados e organizados culturalmente (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) explicam que a PE, influenciada pelas teorias do conhecimento e abordagens de ensino, é composta por duas diferentes e divergentes metodologias de ensino do esporte. A metodologia tradicional de ensino dos esportes, também chamada de metodologia analítica ou tecnicista, foi constituída pelas teorias empiristas e inatistas. E no lado oposto, existem as Novas Tendências em Pedagogia do Esporte (NTPE), pautadas a partir dos pressupostos da teoria interacionista, organizando-se principalmente pelas abordagens cognitivistas, socioculturais e ecológicas.

Para Santana (2017), essas teorias inatista e empirista não favorecem uma educação esportiva que contribua para a formação de valores, para a consciência moral e para a autonomia dos estudantes. O inatismo subestima a própria pedagogia: o que ensinar para quem é naturalmente bom? O empirismo não considera que os conhecimentos prévios e sociais possam influenciar no aprendizado, não estimula a criatividade, não considera a individualidade e o ritmo de aprendizagem de cada estudante.

Ainda hoje, a utilização de abordagens tradicionais, imbricadas no ensino da técnica, é bastante comum, tanto nos treinamentos quanto nas aulas de EFE. Nesse sentido, González e Borges (2015, p. 2) destacam que “é possível pensar que a forma como se ensina o esporte em boa parte das escolas – ou seja, sob a ótica do ensino centrado nas técnicas – é frágil e não se sustenta.”

Para compreender melhor a relação existente entre as teorias do conhecimento, as abordagens de ensino e as metodologias de ensino do esporte, elaboramos o quadro 6:

Quadro 6: Relação entre as metodologias, teorias e abordagens de ensino

METODOLOGIAS DE ENSINO DO ESPORTE	TEORIAS	ABORDAGENS
Análítico/Sintético Tecnista	Inatistas: Concebe o conhecimento advindo da natureza humana, ou seja, o homem já nasce determinado geneticamente / ideia de dom, aptidão inata para desempenhar determinadas atitudes.	Racionalista ou naturalista: Professor como simples reprodutor e transmissor de verdades estabelecidas. No esporte, acreditam no dom (talento nato), o professor é um simples descobridor de talentos e quanto menos interferir melhor, pois menos se atrapalhará o processo natural.
	Empiristas: Desconsidera qualquer herança genética, o indivíduo se constitui de um ser vazio que deve ser preenchido de conhecimentos, por meio da transmissão vertical e unilateral de experiências e conhecimentos.	Tradicional: Sofre influências das teorias inatistas, centrado nos modelos de transmissão do conhecimento em que o aluno (receptor passivo) apenas executa o que lhe é determinado pelos professores, este demonstra e os alunos reproduzem. Comportamental: Os princípios pedagógicos se pautam na modelação de comportamentos desejados, ensino composto por padrões comportamentais treináveis. Todos podem aprender no mesmo ritmo, e acontece a fragmentação em partes do conhecimento a ser transmitido.
Novas Tendências	Interacionistas: O conhecimento é mediado e não transmitido, construído em decorrência das interações do indivíduo com o meio, considerando as características hereditárias e suas relações sociais e culturais;	Humanista: Enfatiza as relações interpessoais e prima pela liberdade, a escola deve criar um ambiente e processos que facilitem o aprendizado de cada aluno. O professor não ensina, mas cria condições para os alunos aprenderem.
		Cognitivista: Enfatiza os processos cognitivos através da psicologia da aprendizagem. Prima pela capacidade do aluno em integrar informações e processá-las. O conhecimento é uma construção continua advinda da interação ativa do sujeito com o conhecimento lógico.
		Sociocultural: Se funda no legado de Paulo Freire, o homem assume sua condição de sujeito à medida que compreende o contexto do qual este envolvido, desvelando as relações entre oprimidos e opressores e suas consequências. Ecológica: O aluno é percebido como um ser ativo, inserido em um conjunto de sistemas, o qual sofre influências e, ao mesmo tempo determina mudanças. O processo de aprendizagem não é hereditário e não está no ambiente, mas nas relações recíprocas que envolve um fluxo contínuo de transferência no ato de aprender.

Nota: Elaborado pelo autor

Fonte: Scaglia, Reverdito e Galatti (2014)

A partir dessa introdução sobre a PE, é preciso refletir e perceber que já não cabe mais o ensino do esporte a partir de metodologias de ensino baseadas no modelo analítico/tecnicista. Isso se visualizarmos uma educação esportiva que não preze apenas pela execução dos movimentos corretos, mas que considere o esporte como uma poderosa ferramenta pedagógica para o aprendizado técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural.

Sendo assim, torna-se importante nos aprofundarmos no estudo das ciências pedagógicas, ciências do esporte e, especificamente, na disciplina de PE, para realizar um tratamento do processo de ensino dos esportes que não se estabeleça apenas pela perspectiva informal e pouco reflexiva. Conhecer as características das abordagens, as teorias e as metodologias de ensino fortalece nossa ação pedagógica, pois nos possibilita caminhar para uma prática educativa e estratégias metodológicas mais ressignificadas e fundamentadas (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

2.4.1 Metodologia tradicional (analítica/tecnicista) do ensino do esporte

Como percebemos, as propostas tradicionais se baseiam nas teorias empiristas e inatistas, também denominadas metodologia analítica/tecnicista. Para realizar críticas, é importante conhecer aquilo que se pretende falar. Muitas vezes criticamos sem ao menos ter o mínimo de propriedade sobre o assunto. Nesse sentido, pensamos ser apropriado discutir um pouco sobre as consequências de fundamentarmos, ainda na atualidade, o ensino do esporte, principalmente no ambiente educacional, a partir da metodologia tradicional.

Para além de criticar, excluir ou substituí-los, é importante compreender a importância e a contribuição que o modelo de ensino tradicional e tecnicista teve para o surgimento e evolução dos métodos que hoje compreendemos como mais indicados para um ensino esportivo mais significativo e coerente ao ambiente escolar. Partimos da ideia de que esse conhecimento acumulado não é descartável, já que tem valor histórico e de evolução para a Ciência do Esporte e as novas tendências para o ensino, a vivência, a aprendizagem e o treinamento (GALATTI et al., 2014).

No ensino tradicional de esportes, de acordo com Scaglia, Reverdito e Galatti (2014, p. 67), “aprende-se por modelação e transmissão de um padrão a ser copiado de modo estereotipado”. Dessa forma, um ex-jogador é considerado como o

melhor professor nesse modelo de ensino, podendo mostrar aos alunos “com perfeição o movimento que deve ser repetido à exaustão...excluindo a necessidade de formação pedagógica” (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014, p. 67).

Galatti e colaboradores (2014) citam que, nesse modelo de ensino analítico/sintético, privilegiam-se procedimentos pautados na imitação, na demonstração e na repetição; não se consideram experiências anteriores do aluno, como se nada soubesse. Nele, aprende-se a partir de situações e movimentos isolados (fundamentos), partindo do mais simples para o mais complexo, compreendendo primeiro as partes, para que posteriormente, possa ser capaz de juntar todos os fundamentos aprendidos e aplicá-los no jogo. Os mesmos autores descrevem as principais características desse modelo tradicional de ensino dos esportes:

[...] centrado na técnica, busca pela reprodução de modelos, repetição de movimentos para a automação, mecanização do gesto, pobre acervo de possibilidades de respostas, descarta a solução eficaz em função da eficiente, exigência de pré-requisitos, valoriza a seletividade e pobre em tomada de decisões (GALATTI et al., 2014, p. 158).

Para exemplificar melhor essa perspectiva de ensino do esporte considerando a metodologia tecnicista, Scaglia, Reverdito e Galatti (2014, p. 66) descrevem algumas situações práticas que ocorrem em aulas preparadas e conduzidas por um professor tecnicista:

[...] uma aula de voleibol se iniciaria pelo domínio da manchete e do toque, além da distribuição espacial dos jogadores durante o jogo determinada pelos 'X' desenhados no chão pelo professor para reconhecimento dos postos específicos; uma aula de basquete, pela clássica fila da bandeja com arcos no chão para sincronizar as passadas; esse mesmo adepto desenvolveria treinos no futebol de chute a gol em fila, de cruzamento sem defesa, um treino tático com time adversário fazendo sombra, um coletivo sempre com o mesmo número de jogadores em cada time etc.

Belli e colaboradores (2017) entendem que um dos problemas desse tipo de abordagem tradicional é o ensino descontextualizado do jogo, ou seja, o aluno aprende “como fazer” os movimentos e fundamentos (técnica), mas não necessariamente sabe “o que fazer” com eles na hora de jogar (tática). Esses autores destacam que mais importante que a execução perfeita do movimento é o aluno conseguir, durante o jogo, tomar boas decisões, principalmente em esportes de rede

e quadra dividida, criando situações de vantagem para si e problemas ao(s) adversário(s).

Lopes (2007, apud Sadi 2016, p. 92) constatou que aulas de EF com características tecnicistas são compostas 80% de atividades e exercícios técnicos, deixando apenas 20% para a realização do jogo formal.

Quadro 7: Contexto da Educação Esportiva tradicional/tecnicista

CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPORTIVA TRADICIONAL/TECNICISTA		
PRESSUPOSTO	AÇÃO – INTERVEÇÃO	RESULTADOS
Aprendizagem das técnicas fundamenta o jogo	Exercícios individuais de técnicas, em fileiras, com cones e professor apitando	Excessivo tempo de espera
Após um completo domínio das técnicas é possível aplicá-las no jogo	Jogo coletivo formal com regras oficiais	Jogo confuso e fraco
Não deve haver desperdício de tempo com o jogo	Professor apita o jogo e não vê aprendizagem dos alunos	Pouco tempo para o jogo formal
Apenas alguns alunos de destaque estão aptos ao esporte	A correção é baseada em um modelo único e a técnica é isolada do jogo	Insucesso na realização e aplicação de técnicas
A correta aplicação e desenvolvimento das técnicas depende de disciplina rígida	Professor apresenta a atividade de técnicas sabendo que ela é monótona e desmotivante	Alunos dispersos

Fonte: SADI (2016, p. 92) adaptado de Lopes (2007).

É importante destacar que o treino da técnica (fundamentos e capacidades físicas) não é o problema, uma vez que também é importante no ensino dos esportes. Para Galatti e colaboradores (2014, p. 157), a maior crítica é a “prevalência destes exercícios em detrimento de estratégias de ensino que privilegiem a inteligência do jogador em relação ao jogo e ao sistema que o envolve.”

Percebe-se, então, que a metodologia de ensino dos esportes tecnicista acaba desconsiderando a imprevisibilidade e a desordem, consequentemente, não prevê a complexidade que existe no jogo. Assim, ela deixa que os problemas sejam resolvidos de maneira intelectual apenas pelo professor/técnico; o aluno não precisa pensar, deve apenas executar os movimentos e, de preferência, com perfeição (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

González e Borges (2015), em uma pesquisa-ação, concluíram que ainda hoje a educação esportiva tradicional/tecnicista é a forma mais utilizada para se ensinar esporte na escola, centrando-se na técnica, modelo esse que, por ser pobre e frágil, deve ser superado. Nessa mesma pesquisa, perceberam que os professores

de EF acabam realizando o ensino do esporte dessa maneira não por uma situação de desinvestimento pedagógico, mas porque não conhecem com propriedade outra forma de desenvolver suas aulas, o que gera insegurança ao se arriscar num ensino por meio das NTPE.

A formação profissional inicial ainda oferece pouco subsídio para os professores exercerem o ensino do esporte pela compreensão tática. A formação continuada oferecida aos profissionais já formados não proporciona uma base suficiente para compreender e efetivamente possibilitar mudanças na forma de ensinar o esporte. Um caminho mais promissor que favorece efetivamente mudanças parece ser a pesquisa-ação, pois oferece as bases teóricas que sustentam o ensino pelas NTPE, e acompanha na prática esses profissionais para que consigam, a partir de suas próprias experiências, no seu ambiente de trabalho, com seus alunos, encontrar caminhos que permeiam um ensino do esporte mais atrativo e significativo (GONZÁLEZ; BORGES, 2015).

2.4.2 Metodologias interacionistas e as novas tendências do ensino do esporte

Conforme observamos no início deste subcapítulo (quadro 6), as NTPE fundamentam-se nas teorias interacionistas, utilizando-se das abordagens cognitivas, humanistas, socioculturais e ecológicas, de modo a influenciar diretamente os procedimentos metodológicos para o ensino do esporte, principalmente na escola.

De acordo com Mesquita (2013), a proposta metodológica que abriu caminho para as novas tendências de ensinar esportes inicia-se a partir dos estudos de Bunker e Thorpe (1982), na universidade inglesa de Loughborough, com a formalização do modelo *Teaching Games for Understanding* (TGfU), que pode ser traduzido ao português como “ensino de jogos pela compreensão”. Para Belli e colaboradores (2017, p. 422), “compreender o jogo nada mais é do que entender ‘o que’ se deve fazer antes do ‘como’ fazer. Nessa perspectiva, os alunos vão atrás desse conhecimento por meio de um processo de solução de problemas guiados pelo próprio jogo.”

A proposta do TGfU rompe com a perspectiva tecnicista de ensino, propondo que as habilidades técnicas se desenvolvam a partir dos problemas que fossem aparecendo no jogo, ou seja, a partir da sua compreensão tática. Então, uma série de outras propostas nessa lógica de ensino começaram a ser desenvolvidas por

diversos autores como: Bayer (1994), Siedentop (1994), Garganta (1995), Graça (1995), Mesquita (1996), Griffin, Mitchell e Oslin (1997), Ghréhaighe e Godbout (1997), Greco (1998), Williams, David e Williams (1999), Kunz (2000), Santana (2001), Launder (2001), Paes (2002), Kröger e Roth (2002), Kirk e MacPhail (2002), Freire (2003, 2012), Paes e Balbino (2005), Araújo (2006), Greco e Brenda (2007), Reverdito e Scaglia (2009), Darido e Oliveira (2009), Montagner e Hiram (2012), entre outros (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014; MESQUITA, 2013).

Além do TGfU, que foi a proposta metodológica percussora para o ensino do esporte a partir da lógica da compreensão tática, entre as inúmeras propostas que surgiram posteriormente, citadas anteriormente, podemos também destacar a desenvolvida por Siedentop (1994), conhecida como *Sport Education* (SE), que traduzido para o português, podemos chamar de Modelo de Educação Esportiva (MEE). Graça (2013) apresenta que as ideias principais desse modelo se apoiam na:

[...] aprendizagem cooperativa, na constituição de grupos duradouros, na transferência progressiva e assistida do poder de decisão do trabalho de grupo do professor para os alunos, na composição heterogênea do grupo e muito enfaticamente na criação e manutenção de um ambiente social orientado para a inclusão e equidade, trabalhando sobre um projeto de construção coletiva da turma (GRAÇA, 2013, p. 94-95).

Mesquita (2013) acrescenta que o MEE é composto por três eixos/objetivos fundamentais: competência esportiva, literacia esportiva e entusiasmo pelo esporte. O MEE se apropria ainda de seis características integradas do esporte institucionalizado: época esportiva, afiliação, competição formal, registro estatístico, festividade e o evento culminante.

O TGfU e o MEE, assim como todas as propostas metodológicas das NTPE, buscam a proximidade entre as diferentes modalidades esportivas, pensando no desenvolvimento do aluno para a compreensão e a valorização do jogo a partir da resolução de problemas inerentes ao contexto do jogo por meio da tomada de decisão que desenvolva a inteligência, a criatividade, a cooperação, dentre outros aspectos (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014).

As NTPE se orientam pela valorização do jogo e, segundo Scaglia, Reverdito e Galatti (2013, p. 136), apresenta como principais aspectos:

[...] preocupação em ensinar para além do saber 'como fazer', contrariando abordagens que isolem as situações de treino em tarefas a serem repetidas. As novas tendências valorizam abordagens pedagógicas que estimulam as

‘razões do fazer’ (tática) a partir de situações-problema, modelando e direcionando o não menos importante ‘modo de fazer’ (técnica).

Reverdito, Scaglia e Paes (2009) complementam que, nas principais abordagens em PE, o jogo é o principal indicador didático-metodológico para o ensino dos esportes, aparecendo sob diferentes desígnios, como jogos condicionados, jogos funcionais, jogos situacionais, jogo possível e jogo-trabalho. No quadro a seguir, podemos verificar as características e consequências das NTPE:

Quadro 8: Características x Consequências das NTPE

NOVAS TENDÊNCIAS EM PEDAGOGIA DO ESPORTE (METODOLOGIA INTERACIONISTA)	
CARACTERÍSTICAS	CONSEQUÊNCIAS
Centrada em um modelo lógico-tático que procura entender os porquês e a complexidade do jogo.	Produz um repertório rico de possibilidades de respostas para as diferentes e imprevisíveis situações e jogo.
Busca um modelo que estimula a criatividade ou processos criativos na solução de problemas (inteligência para o jogo)	Dá ênfase ao ensino coletivo relacionado ao jogo, conciliando as características individuais às complexas situações de jogo, estimulando a ideia de que “treino é jogo, e jogo é treino”.
Explora os movimentos que enriquecem o acervo de soluções de respostas, promovendo a adaptação às constantes e novas situações do jogo.	As tomadas de decisão, de responsabilidade do jogador, nascem do constante aprendizado sobre a leitura das complexas situações de jogo.
Busca personalizar e humanizar as ações do jogo, fazendo com que cada jogador construa as respostas, de acordo com o contexto de jogo e seu estágio no processo de desenvolvimento.	Incentiva a autonomia nos jogadores, tornando-os corresponsáveis e conscientes de seus atos, estimulando a criatividade e facilitando a adaptação às novas situações.

Fonte: Scaglia e Souza (2004 apud SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014, p. 74-75)

O jogo é considerado uma grande categoria da qual o esporte faz parte e se caracteriza por um sistema complexo, que não pode ser separado por partes isoladas. O jogo é ao mesmo tempo lúdico e sério, ordenado em sua organização, contudo representa uma aparente desordem, tem ainda regras claras, mas também está cheio de imprevisibilidade e incerteza (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

O jogo e o esporte se confundem um no outro, pois ambos possuem uma mesma natureza, o sentido literal e dinâmico do jogar. Assim o princípio sobre qualquer forma de abordagem aos jogos esportivos coletivos deverá por começar na sua forma primária de jogo (REVERDITO; SCAGLIA, 2007, p. 52).

O jogo é o principal e fundamental instrumento para ensinar esportes, mas para isso, não se pode entender o jogo apenas à prática. É importante, no momento

de ensinar um esporte, ensinar mais que aquele esporte (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

Podemos caracterizar o processo de ensino do esporte educacional a partir das NTPE como um processo aberto a todos os alunos, sem exigência de pré-requisitos para praticá-lo, explorando não movimentos e gestos, mas sim, as ações do jogo. O aluno é considerado sujeito ativo em seu processo de desenvolvimento, sendo influenciado pelo ambiente, mas também o influencia. Esse sujeito assume responsabilidades, toma decisões, caminha para um processo de autonomia, criticidade e emancipação, que valoriza o esporte para além da prática, refletindo-o no contexto cultural e social (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014).

Galatti e colaboradores (2014) propõem que o processo de ensino que tenha a expectativa de promover educação e cidadania pelo esporte deve ser orientado por três referenciais da PE: técnico-tático (aborda os aspectos motores, físicos e táticos gerais e específicos de cada modalidade), socioeducativo (que revela a intenção de abordagem de valores e modos de comportamento pela prática esportiva) e histórico-cultural (relativo à evolução histórica e das regras dos esportes, atualidades e personalidades das diferentes modalidades). Cada um desses referenciais pode proporcionar que:

- a. Por meio do referencial técnico-tático os alunos aprendam diferentes modalidades esportivas, explorem e desenvolvam habilidades motoras técnicas, conheçam as técnicas mais comuns no contexto do esporte profissional (afinal, elas são uma construção histórica), diferenciem sistemas de jogo nas modalidades coletivas. Enfim, que tenham conhecimentos práticos a fim de conviver com o esporte de forma autônoma, dada a inserção social que essa prática facilita.
- b. Pelo referencial socioeducativo a escola deve discutir atitudes a fim de promover a formação de valores e modos de comportamento que primem pela inclusão, sociabilização, coeducação e cooperação, estabelecendo metáforas entre os comportamentos manifestados na prática esportiva e os do cotidiano da comunidade em que se inserem os alunos.
- c. No referencial histórico-cultural, deve-se possibilitar aos alunos compreender o processo histórico de surgimento, evolução e universalização das regras de cada modalidade, assim como compreender suas constantes alterações, oferecer e permitir aos alunos conhecer fontes de busca de conhecimento sobre o esporte, de forma a compreender o papel social do fenômeno, assim como sua inserção na mídia e sua influência. Identificar personalidades esportivas e conhecer sua contribuição tanto para o esporte como para a sociedade mais ampla. Compreender a lógica do esporte profissional e reconhecer outros significados da prática esportiva, tais quais a educacional, aquela para a saúde, estética, lazer, representação, socialização, entre outras (GALATTI et al., 2017, p. 158).

Isso significa dizer que a EFE, a partir das NTPE, propõe ir além do saber corporal, além das aprendizagens de destrezas e técnicas esportivas, introduzindo de forma crítica os alunos por meio do universo da CCM. Ela promove a alfabetização esportiva, ou seja, além de desenvolver as habilidades para praticar, existe uma preocupação em fornecer aos estudantes a capacidade de situar-se histórica e socialmente sobre essa prática, tratando os seus conteúdos, inclusive o esporte, pelos seus muitos sentidos e significados que cada sujeito pode dar àquele movimento ou prática (GONZÁLEZ et al., 2014).

2.4.3 Jogos Reduzidos como estratégia para o ensino dos esportes

Até aqui, observamos que o esporte é um produto cultural que surge do jogo e, somente quando institucionalizado, é assim intitulado. Dessa forma, todo esporte se origina de um jogo e, dessa perspectiva, é fácil compreender a utilização dos jogos como elementos metodológicos para o ensino do esporte.

Para desenvolver o processo de ensino e de aprendizagem dos esportes de rede e quadra/dividida, escolhemos como estratégia de ensino a utilização dos JRs, que são adaptações do jogo formal e incluem, em geral, regras mais simples, menos jogadores e espaço reduzido.

Sadi, Costa e Sacco (2008) relatam que o ensino dos esportes deve ser iniciado de forma adaptada e ajustada às capacidades físicas e motoras das crianças ou adolescentes e que, só por isso, já se deve considerar importante a justificativa de utilizarmos jogos em espaços reduzidos. Os autores complementam que, para além das dimensões da quadra, outros elementos são considerados para essa proposta de ensino, como a diminuição da quantidade de jogadores, peso e tamanho das bolas, altura dos equipamentos e o tempo de jogo.

Além do termo JRs que é utilizado por autores como Garcia (1989), Bayer (1986), Oliveira e Graça (1994), também encontramos outras terminologias para representar a realização de jogos com número de jogadores e espaço físico menor do que o formal. Greco (1998) utiliza a nomenclatura “estruturas funcionais”, caracterizada por um jogo mais livre, que resgata os costumes dos jogos de rua, com poucos jogadores, de modo a permitir aos participantes experimentar diversas situações táticas com igualdade, superioridade, ou inferioridade numérica ou ainda com curingas (GRECO, 2013).

De acordo com Clemente e colaboradores (2014), o ensino dos esportes a partir dos JRs começa a se destacar na produção literária pelo modelo de ensino do TGfU. Sadi, Costa e Sacco (2008) aproximam a proposta do TGfU ao contexto da EFE. Sobre o TGfU e sua relação com os JRs, Bolonhini e Paes (2009, p. 2) destacam que:

O TGfU propõe uma forma de ensino contextualizada, isto é, sugere que as aulas de iniciação esportiva se baseiem em jogos reduzidos. Estes jogos podem ter espaço reduzido, menos jogadores, equipamentos adaptados, tempo de jogo reduzido, enfim, possuem regras adaptadas em relação ao jogo formal. No entanto, é importante que a estrutura tática destes jogos reduzidos seja semelhante a do jogo formal. Dessa forma, o aluno compreende a lógica do jogo, sendo capaz de responder de maneira inteligente às situações que aparecem durante o jogo. Portanto, segundo a abordagem do TGfU, o foco está em fazer com que o aluno compreenda a tática antes de preocupar-se com a aprendizagem dos gestos técnicos.

O ensino do esporte pelos JRs não está relacionado apenas a modificações estruturais como espaço de jogo, bola, redução do número de jogadores, etc. Deve-se compreender que essa estratégia de ensino precisa estar aliada aos princípios do ensino para a compreensão tática do jogo. Caso contrário, realizaremos apenas o tão famoso, “rola bola” ou “largobol” que Scaglia e colaboradores (2013, p. 230) chamam de “jogo pelo jogo”, ou seja, deixar jogar por jogar. Segundo os autores, é importante “garantir um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados na medida em que o jogador mobiliza suas competências e habilidades (ato de jogar) a fim de elucidar a lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito).”

Greco (2013) explica que, para o ensino do esporte utilizando jogos a partir de sua compreensão da lógica tática, é determinante apresentar jogos que forneçam ao aluno compreender qual o “objetivo do jogo” e quais as maneiras de “transportar a bola para o objetivo”.

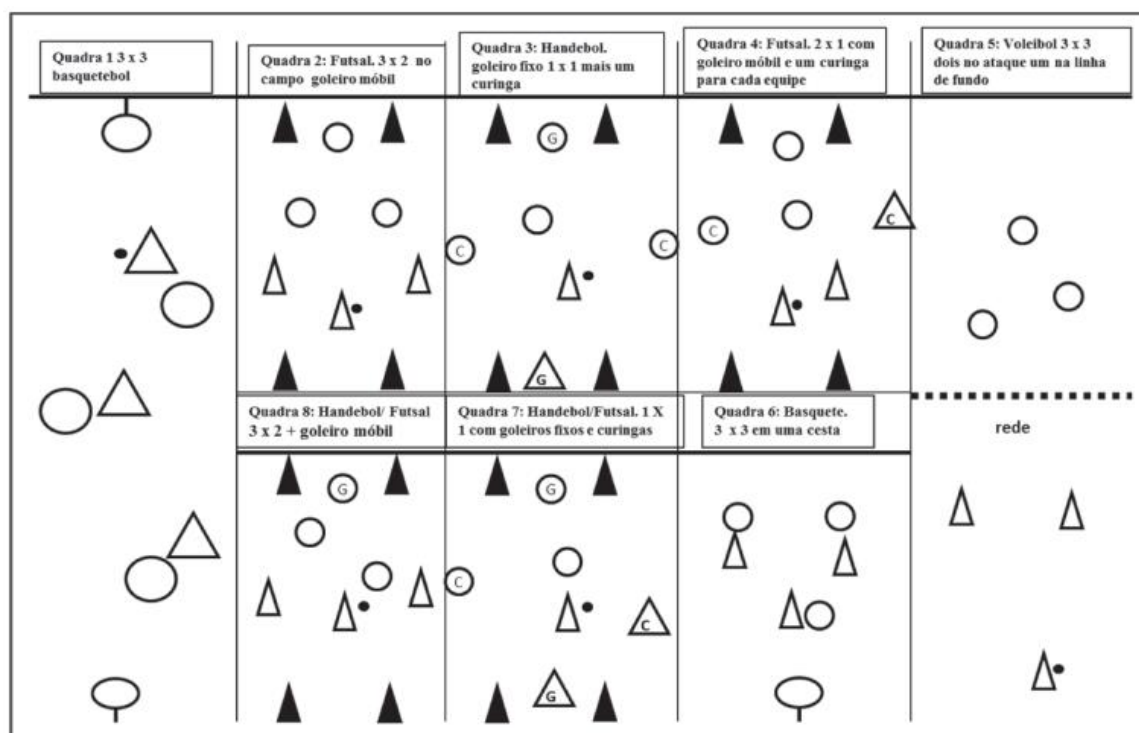
Os JRs permitem aos estudantes vivenciarem situações reais de jogo numa realidade menor, seguindo uma progressão do mais simples para o mais difícil. Outro ponto positivo é que os JRs oferecem maiores situações de contato com a bola/implemento, tornando o jogo mais motivante e interessante, uma vez que os jogadores têm mais participação e importância nas ações e nas situações de jogo (ARAÚJO, 2014).

Mesmo com todos esses fatores positivos que apresentamos no que diz respeito ao ensino do esporte por meio dos JRs, eles vêm sendo muito mais aproveitado em ambientes de treinamento e escolinhas esportivas do que para o ensino dos esportes nas aulas de EFE, mesmo considerando seu grande potencial no ensino formal (CLEMENTE et al., 2014).

Para que esse valioso instrumento de aprendizagem do conteúdo esportes possa ser mais bem aproveitado na EFE, apresentaremos a partir de agora algumas propostas que esclarecem de maneira prática como utilizar os JRs. De maneira geral, os autores que estudam os JRs sugerem que uma quadra que seria utilizada para a realização de um jogo formal, pode ser dividida em várias quadras com dimensão menor, abrangendo todos os alunos ao mesmo tempo. De acordo com os objetivos, podem ser aplicados jogos com estruturas variadas de 1x1, 2x2, 3x3, 4x4 e assim por diante, também podem ser utilizadas as situações de inferioridade numérica, como 2x1, 3x2, 4x3...

Greco (2013), fundamentado nas estruturas funcionais gerais, sugere por exemplo, dividir a quadra em espaços de diferentes tamanhos para que os alunos joguem diversas modalidades esportivas e com objetivos táticos diferentes:

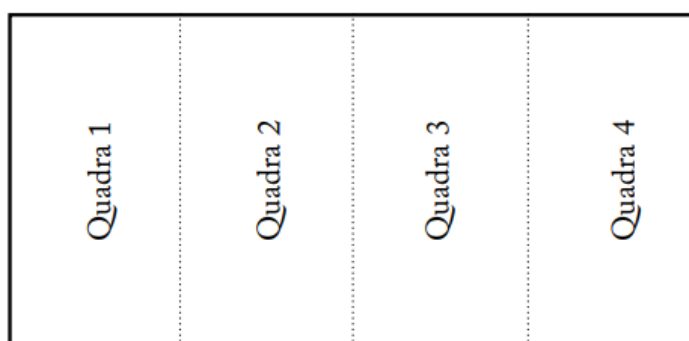
Figura 2: Divisão da quadra com jogos reduzidos de diferentes modalidades



Fonte: Greco (2013, p. 501)

Para o ensino de jogos de invasão, Sadi (2010) sugere a divisão da quadra em quatro espaços (figura 3), de tal forma que cada espaço é mais comprido que a largura. As equipes permanecem as mesmas durante toda uma sequência de aulas e ainda devem ocupar sempre, em todas as aulas, a mesma quadra. Esse processo permite a criação de rotinas que facilitam a organização das aulas, de modo a motivar os estudantes ao reconhecerem a quadra como sua.

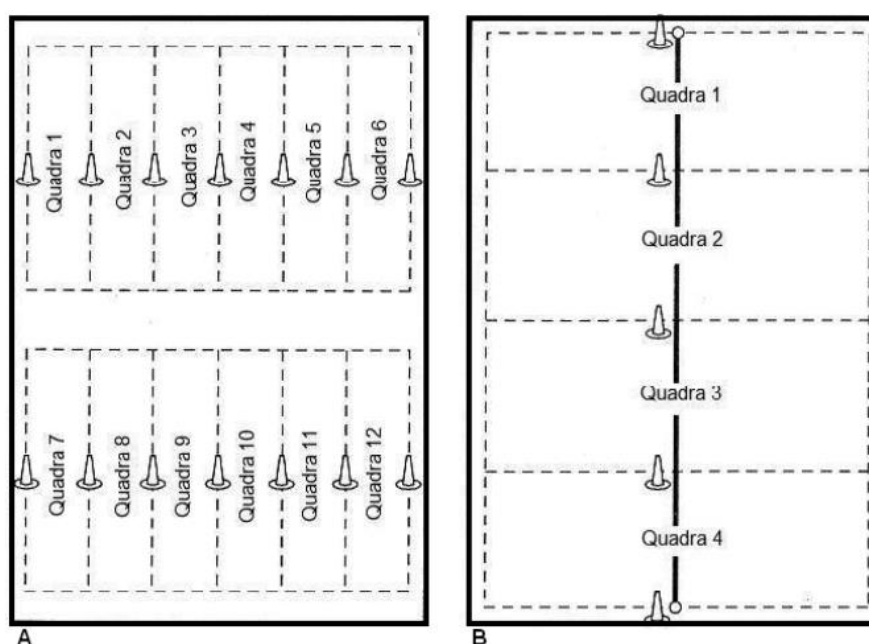
Figura 3: Quadras ou Campos (áreas para jogos de invasão)



Fonte: Mitchell, Oslin e Griffin (2003 apud SADI, 2010, p. 45)

Já no que diz respeito aos esportes de rede/quadra dividida, adentrando diretamente no tema de investigação desta pesquisa, Sadi (2010) apresenta, na figura a seguir, as possibilidades para utilizar os JRs como estratégia de ensino dessa categoria de esportes:

Figura 4: (A) Divisão do ginásio para jogos de rede e (B) Arranjo da rede longitudinal



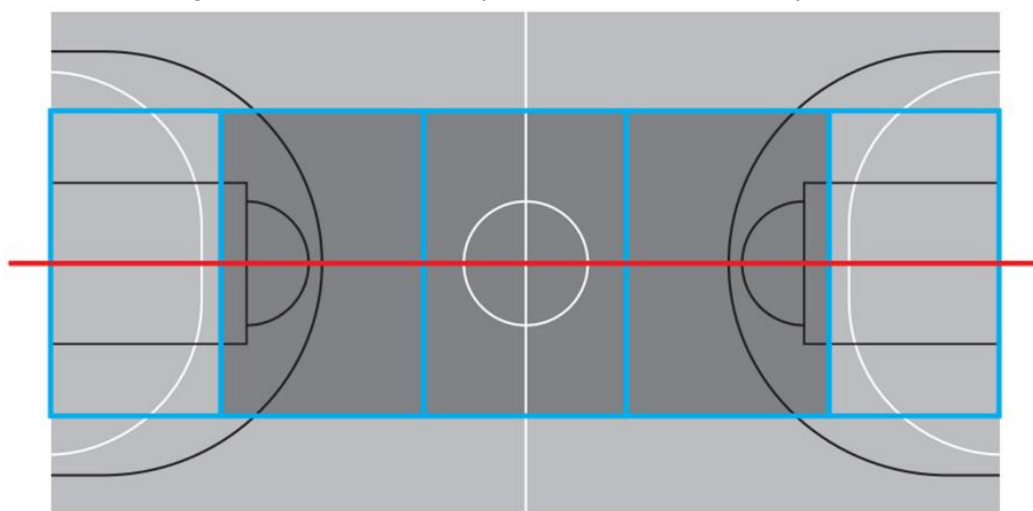
Fonte: Mitchell, Oslin e Griffin (2003 apud SADI, 2010, p. 46)

Na parte (A) da figura 4, a quadra é dividida em duas partes com um número igual de espaços, seis em cada metade, totalizando 12 pequenos espaços. Inicialmente as redes não são necessárias, ou ainda, podem ser substituídas por cones, cordas ou linhas marcadas no solo sobre as quais a bola deve cruzar. Quando se deseja utilizar as redes, estas podem ser estendidas em cada metade do ginásio, de modo a resultar em áreas múltiplas para os jogos de rede/parede. A parte (B) da figura 4 mostra as redes na largura do ginásio, criando espaços múltiplos, neste caso, em quatro divisões.

González, Darido e Oliveira (2017) apresentam algumas possibilidades para o ensino de esportes de rede/quadra dividida. De forma mais específica, os autores aprofundam como realizar o ensino do badminton, peteca, tênis, tênis de mesa e voleibol. Com exceção do tênis de mesa, é sugerida a organização dos espaços com quadras reduzidas, principalmente os esportes de rede/quadra dividida que oficialmente são realizados individualmente ou em dupla (badminton, peteca e tênis). Isso permite que todos ou quase todos os estudantes estejam envolvidos em atividades/jogos com equipes, simultaneamente e durante toda a aula.

Nesse sentido, uma das maneiras de organizar o espaço para os JRs que González, Darido e Oliveira (2017) propõem é dividindo uma quadra de futsal em 5 quadras sem área de escape, conforme a figura 5. Dessa forma, jogando em duplas, oportuniza-se que até 20 estudantes estejam jogando ao mesmo tempo modalidades como badminton, peteca e tênis.

Figura 5: Divisão de uma quadra de futsal em 5 miniquadras



Fonte: Adaptação de Magalhães (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017)

Balizados pelo ensino com esporte a partir das novas tendências, González, Darido e Oliveira (2017) reforçam que os JRs e suas adaptações nas regras são um grande instrumento que se utiliza da valorização do jogo, porém é importante sempre estar fundamentado pela compreensão e ensino da tática e na resolução de problemas.

Tanto Sadi (2010) como González, Darido e Oliveira (2017) salientam que, para a utilização de vários jogos em pequenos espaços, é importante envolver os estudantes no processo de limpeza, arrumação dos espaços de jogos e organização dos equipamentos necessários, do início ao fim das aulas. Isso contribui para um melhor aproveitamento do tempo e maior rendimento das aulas, principalmente quando tratamos do manejo de múltiplos espaços, caso contrário pode-se gastar muito tempo na preparação desses espaços.

Quando vários jogos estão sendo desenvolvidos ao mesmo tempo, em espaços tão próximos, o professor deve combinar algumas regras com os estudantes, principalmente quando a bola de uma quadra atravessar ou parar em outra quadra. Sendo assim, caso seja necessário buscar a bola em outra quadra, ou qualquer outro espaço, que isso seja feito sem passar por dentro das linhas demarcatórias das demais quadras. É importante também não chutar ou jogar de qualquer jeito a bola que vem de outro jogo/quadra, então, quando possível, pegar a bola e entregar na mão para quem a procura ou lançá-la para a linha mais próxima do outro jogo/quadra, sem interferir nas demais quadras (SADI, 2010).

As propostas que apresentamos de alguns estudiosos sobre os JRs não são receitas prontas e acabadas, uma vez que podem ser adaptadas de acordo com a realidade de cada escola e das características de cada turma. Talvez dividir a quadra em 12 pedaços, como sugere Sadi, na figura 4A, tornaria um pouco difícil a supervisão e a orientação do professor para tantos subgrupos. Além disso, trabalhar com diferentes esportes ao mesmo tempo em várias pequenas quadras, como sugere Greco, na figura 2, poderia deixar a aula um pouco caótica. É claro que essas mudanças devem ser acrescentadas aos poucos, para os professores e estudantes irem se adaptando. Mais uma vez destacamos: tudo depende da realidade e dos objetivos do docente para cada aula.

Quando o professor pesquisador era docente do Programa Social Vôlei Kids, as turmas eram compostas de 25 a 30 estudantes, próximo da quantidade média

que turmas escolares do ensino fundamental regular costumam ter. Porém, utilizavam-se apenas 3 quadras reduzidas, com 12 a 15 bolas, uma proporção de uma bola para cada dois alunos e, além do professor, havia um estagiário para auxiliar.

Sabemos que a realidade da maioria das escolas de nosso país é muito diferente. Por vezes, temos turmas que ultrapassam 30 ou 35 estudantes e, ao olharmos especificamente para o componente curricular de EF, as estruturas físicas das quadras, quando existem, muitas vezes são precárias. Os materiais esportivos são escassos, porém, se temos duas bolas de voleibol, é possível fazermos duas quadras reduzidas; se temos 4 bolas, podemos fazer 4 quadras reduzidas. Além disso, faz-se necessário cobrarmos de nossos gestores melhores condições de trabalho. Também precisamos ajudar a zelar pelos materiais e pelos espaços que nos são confiados, pois entendemos que assim, mostrando que somos profissionais comprometidos e que cuidamos daquilo que recebemos, torna-se mais fácil solicitarmos maiores investimentos pedagógicos.

Na unidade didática com os esportes de rede/quadra dividida, desenvolvida nesta pesquisa, optamos por adotar a proposta sugerida por González, Darido e Oliveira (2017) utilizando 5 quadras. Tal escolha se deve, principalmente, por conta da nossa intenção de envolver todos os estudantes ao mesmo tempo participando da aula e porque foram escolhidos alguns esportes que normalmente são jogados oficialmente de maneira individual ou em dupla.

É evidente que, no decorrer de uma aula, em uma turma com média de 30 estudantes, estando divididos em 5 quadras, jogando todos ao mesmo tempo, ou pelo menos, com todos os alunos envolvidos em alguma atividade, surgirão muitas dificuldades e problemas, principalmente comportamentais. Porém, se estimularmos a autonomia e a importância de tentarem resolver esses conflitos por meio do diálogo e do respeito mútuo, aos poucos os estudantes vão se adaptando a essa proposta.

Sabemos, ainda, que é humanamente impossível, um professor sozinho conseguir dar atenção e fazer orientações em todas as quadras ao mesmo tempo. Porém, como percebemos neste subcapítulo, a PE e suas metodologias imbricadas nas novas tendências procuram desenvolver o aprendizado pelo jogo, estimulando a responsabilidade e a autonomia do jogador para resolver de forma autônoma os problemas que vão surgindo no decorrer da aula. Sendo assim, o professor pode

observar por 3 ou 5 minutos uma ou duas quadras ao mesmo tempo, fazer algumas orientações e observações aos estudantes e seguir para as demais quadras.

Portanto, as estratégias de ensino que se estabelecem com redução de espaços parecem ser um bom caminho metodológico para o professor na organização, no planejamento e no desenvolvimento de suas aulas relacionadas ao conteúdo esporte quando seu objetivo é oferecer uma EF mais envolvente e menos excludente, mais participativa e menos “aguardativa”.

3 PERCURSO INVESTIGATIVO

Apresentaremos, a seguir, o caminho metodológico que utilizamos na pesquisa para conseguir os dados necessários em busca dos objetivos deste estudo. Primeiro descrevemos o local e as características onde se deu a pesquisa, bem como identificamos os participantes que colaboraram com o estudo. Depois apresentamos a abordagem e o método de pesquisa escolhido. Na sequência, expusemos os instrumentos e procedimentos para coletar os dados e, por fim, a forma pela qual os dados foram analisados e os cuidados éticos observados.

3.1 Local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em duas unidades de ensino: uma escola da Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá (SME) e outra escola da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT). O professor pesquisador é servidor efetivo de ambas as redes educacionais.

A Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte é uma das 171 unidades educacionais pertencentes à Rede Municipal de Educação de Cuiabá. Desse total, 81 unidades são Escolas Municipais de Educação Básica (EMEB); 37 unidades são Creches; 23 unidades são Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI); 20 unidades são Centros Educacionais Infantis Cuiabano (CEIC); 8 unidades são Escolas Municipal de Educação Básica do Campo (EMEBC); e 2 unidades são Centros Emergenciais de Educação Infantil (CEEI). Ao todo, a Rede Municipal de Educação de Cuiabá possui 57.308 estudantes matriculados (CUIABÁ, 2022).

A Escola José Leite de Moraes, cujo órgão responsável é a Seduc-MT, é uma das unidades educacionais da rede estadual de ensino, composta por 743 unidades escolares, das quais 47 estão localizadas no município de Várzea Grande (MATO GROSSO, 2021). Em 2022, nas unidades escolares da rede estadual de educação, foram matriculados 366.620 estudantes, dos quais 29.993 foram matriculados nas escolas estaduais do município de Várzea Grande (BRASIL, 2022).

3.1.1 Escola Maria Dimpina Lobo Duarte

A Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte está localizada no bairro Chácara dos Pinheiros, região sul do município de Cuiabá, atendendo 534 estudantes distribuídos em dois períodos, matutino e vespertino, com

turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Ao todo, a escola possui 16 turmas, sendo 4 turmas de 6º ano, 4 turmas de 7º ano, 5 turmas de 8º ano, 4 turmas de 9º ano. A oferta das turmas em cada ano de ensino está dividida em duas turmas no período matutino e duas no período vespertino, com exceção do 8º ano, que tem três turmas no período da manhã e duas turmas no período da tarde (ESCOLA PROFESSORA MARIA DIMPINA LOBO DUARTE, 2022).

A estrutura física da escola é composta por 8 salas de aula, biblioteca, auditório, laboratório de informática, sala da direção, sala da coordenação, sala dos militares, secretaria, sala dos professores, sala de recursos multifuncional, sala de apoio, almoxarifado, banheiros para os estudantes, banheiros exclusivos para os funcionários, cozinha e refeitório, uma quadra poliesportiva coberta, piscina e vestiários.

Em relação à equipe profissional civil, a escola conta com um total de 68 profissionais em exercício na unidade educacional, sendo 39 professores e 29 funcionários técnicos/administrativos. Desse total de profissionais, 4 são membros da Equipe Gestora (uma diretora, duas coordenadoras pedagógicas e um secretário). No que diz respeito à equipe profissional militar, a escola possui 9 militares, sendo 2 gestores oficiais e 7 monitores das forças armadas (ESCOLA PROFESSORA MARIA DIMPINA LOBO DUARTE, 2022).

O perfil socioeconômico da população atendida nessa unidade escolar é bastante diversificado, tendo em vista que a escola está localizada em uma das principais avenidas de Cuiabá, que liga a região sul ao centro da cidade e, por isso, atende estudantes de diferentes bairros. Em uma pesquisa realizada pela escola, evidenciou-se que 76% das famílias têm renda familiar de até 3 salários mínimos (ESCOLA PROFESSORA MARIA DIMPINA LOBO DUARTE, 2022).

Essa unidade educacional foi escolhida para a realização deste estudo em virtude de que a escola de lotação do professor pesquisador estava passando por uma reforma no período de coleta de dados. Como agravante, a unidade de ensino atendeu provisoriamente, durante alguns meses, num prédio alugado que possuía menos salas de aulas do que a escola necessitava, ou seja, das 16 salas de aulas que a escola possuía, estavam funcionando num prédio com apenas 9 salas de aulas.

Portanto, as aulas, durante alguns meses da reforma, aconteceram com as turmas divididas em dois grupos, A e B, sendo que um grupo participava das aulas

presenciais e o outro grupo remotamente, e na semana seguinte o processo se invertia, o que tornaria inviável a coleta de dados dentro dos prazos estipulados. Além disso, tal cenário impediria a realização de uma sequência pedagógica que favorecesse o aprendizado.

Nesse sentido, procuramos uma das escolas municipais mais próximas da unidade de ensino de lotação do professor pesquisador, que aceitou que a pesquisa fosse lá realizada.

3.1.2 Escola José Leite de Moraes

A Escola José Leite de Moraes está localizada no bairro Cristo Rei, no município de Várzea Grande, e atende cerca de 1442 alunos, divididos em três períodos (matutino, vespertino e noturno). Os estudantes estão matriculados desde o 3º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, bem como há a Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujos alunos estão distribuídos em 45 turmas assim agrupadas: 27 turmas do Ensino Fundamental, 17 turmas do Ensino Médio, 3 turmas da EJA, e 2 turmas de recurso multifuncional (ESCOLA JOSÉ LEITE DE MORAES, 2022).

A estrutura física da escola é composta por 19 salas de aula, biblioteca, laboratório de ciências, laboratório de robótica, sala de música, auditório, direção, coordenação, secretaria, sala dos professores, sala de recursos multifuncional, sala de multimeios, almoxarifado, sala de arquivos, depósito, banheiros para os estudantes, banheiros exclusivos para funcionários, cozinha e despensa, refeitório, horta, uma quadra poliesportiva coberta, um campo de areia pequeno descoberto e um pátio coberto. O perfil socioeconômico da população atendida é bastante diversificado, mas a maioria das famílias pertence à classe média e classe média-baixa (ESCOLA JOSÉ LEITE DE MORAES, 2022).

Em relação à equipe profissional, a unidade educacional conta com um total de 170 profissionais, sendo 130 professores e 40 técnicos, dos quais 5 profissionais pertencem à equipe gestora (um diretor, três coordenadores pedagógicos e um secretário) (ESCOLA JOSÉ LEITE DE MORAES, 2022).

Essa escola foi escolhida para a realização deste estudo em virtude de o professor pesquisador conhecer a comunidade escolar, pois é professor efetivo nessa unidade educacional desde 2018, o que facilita todo o processo de aceitação da

pesquisa por parte da gestão da escola. Além disso, consideramos também o atendimento às solicitações de investimentos em materiais didáticos realizadas nos últimos anos pelos professores titulares do componente curricular de EF, possuindo, então, condições necessárias para a aplicação da proposta da unidade didática que desenvolvemos neste estudo.

3.2 Participantes

Além do próprio pesquisador que atuará como participante da pesquisa, tendo duplo papel, de professor e pesquisador, selecionamos como público-alvo para este estudo estudantes matriculados no 8º ano, com idade correspondente entre 13 e 14 anos. A escolha por esse nível de ensino está atrelada ao fato de o conteúdo esporte de rede/quadra dívida estar proposto na BNCC para o ensino fundamental nas turmas do 5º, 8º e 9º anos. Como na escola Maria Dimpina Lobo Duarte só existe a oferta a partir dos 6º anos, e na escola José Leite de Moraes o professor pesquisador conseguiu atribuir para o ano letivo de 2022 turmas de 6º, 7º e 8º anos, a opção foi por realizar a pesquisa com turmas de 8º anos.

Em ambas as unidades educacionais as turmas de 8º ano são compostas por uma média de 30 estudantes. Entre elas, uma turma de cada unidade educacional foi escolhida como participante do estudo, sendo que na escola Maria Dimpina selecionamos o 8º ano A, e na escola José Leite, foi escolhido o 8º D. Para essa escolha, foi feita a análise, junto com a coordenação e direção das escolas, sobre qual turma seria melhor para desenvolver a pesquisa, considerando variáveis como a disposição do horário das aulas (1ª, 2ª, 3ª ou 4ª aula) e dias da semana que as aulas acontecem.

A turma da escola José Leite, 8º ano D, era composta por 28 estudantes, porém 2 foram transferidos para outra unidade educacional, sendo assim, 26 estudantes dessa turma participaram da pesquisa. A turma da escola Maria Dimpina, 8º ano A, possuía 35 estudantes, dos quais 2, por motivos particulares não assinaram o TCLE e o TALE, sendo excluídos do estudo, porém participaram normalmente das aulas. Ao todo participaram desta pesquisa 59 estudantes, sendo 32 meninas e 27 meninos.

3.3 Materiais e Métodos

Quanto à natureza, este estudo se caracteriza como uma pesquisa aplicada, que de acordo com Appolinário (2011, p. 146), é realizada com o intuito de “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas”. Nessa modalidade de pesquisa, é comum que o objeto de estudo definido pelo pesquisador esteja relacionado com problemas do seu próprio ambiente profissional.

No que diz respeito à abordagem metodológica, o estudo foi realizado na perspectiva qualitativa, pois de acordo com Minayo (2007, p. 24): “O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam”. Minayo (2011) ainda completa que pesquisas qualitativas estão inseridas nas Ciências Sociais e se envolvem com questões muito particulares de uma determinada realidade. Nesse contexto, tais questões não podem ser transformadas em números ou meros dados quantitativos, tendo em vista que sua intenção é analisar o universo da produção humana que é envolvido por uma infinidade de significados, motivos, crenças, valores e atitudes.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada por cinco elementos básicos: o primeiro estabelece que a coleta dos dados ocorra no ambiente natural, projetando o pesquisador como protagonista para compreender o objeto estudado; o segundo elemento se refere à transcrição dos dados pelo pesquisador, que devem ser analisados com riqueza de detalhes; o terceiro elemento diz respeito à concentração de esforços pelo pesquisador no processo e não apenas nos resultados finais; o quarto elemento é o agrupamento e a organização dos dados; e como quinto elemento os autores apresentam a valorização do significado atribuído pelos participantes da pesquisa e o modo como interpretam as coisas.

Quanto ao tipo da pesquisa, este estudo tem como delineamento metodológico a pesquisa-ação, pois para Gil (1999, p. 47), os estudos que se utilizam da pesquisa-ação “se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa”.

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e

participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Franco (2005, p. 497) destaca alguns momentos importantes que devem ser priorizados durante a realização de um estudo que se utiliza da pesquisa-ação, garantindo assim uma dinâmica pedagógica que produza nos sujeitos participantes da pesquisa envolvimento, comprometimento e produção de novos saberes.

No que diz respeito à pesquisa-ação realizada no cotidiano escolar, Thiollent (2011, p. 85) aponta que sua utilização “promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas”, favorecendo o diálogo entre professores e alunos, por meio de uma linguagem simples para tratar dos problemas relacionados ao ambiente escolar, com a proposição de mudanças e conhecimentos que modifiquem efetivamente a prática pedagógica.

Nesse sentido, a pesquisa-ação vem sendo muito utilizada no ambiente educativo, pois favorece a observação e a investigação e, concomitantemente a isso, oportuniza a intervenção após a identificação dos problemas detectados, na busca de uma prática pedagógica que favoreça a reflexão do docente com a participação dos estudantes que estão diretamente envolvidos no processo das transformações pedagógicas.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados dois questionários abertos: um diagnóstico e outro de saída. Ambos os questionários foram impressos em folha de papel A4, ao qual os estudantes/participantes da pesquisa responderam de forma presencial, no próprio ambiente escolar, dentro de uma sala de aula, com tempo disponível de 50 minutos para respondê-los, tempo total que cada aula/sessão possui em ambas as unidades educacionais em que o estudo foi realizado.

O questionário diagnóstico (apêndice K) foi aplicado 10 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida. Antes de iniciarem o preenchimento do questionário, foi informado aos estudantes/participantes que o resultado do questionário serviria de base para o planejamento das aulas.

A partir desse instrumento diagnóstico, foi elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática (apêndice O) para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os JRs. Essa unidade didática foi aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de EF previstas no currículo escolar, o que correspondeu a um total de 20 horas/aulas, divididas em 20 sessões de 50 minutos cada, com a realização sistemática de duas sessões por semana.

Na escola José Leite de Moraes, as sessões aconteceram de forma sequencial no mesmo dia da semana (aulas duplas), todas às segundas-feiras, nas duas últimas aulas (3ª e 4ª aula). Já na escola Maria Dimpina, não foi possível tal organização, então as aulas aconteceram em dias da semana alternados, terças-feiras na 4ª (última) aula e nas sextas-feiras na 1ª aula.

Ao término dessa unidade didática, foi aplicado o questionário de saída (apêndice L), para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião deles sobre a utilização dos JRs nas aulas de EF.

Segundo Gil (1999, p. 128), o questionário como instrumento de coleta de dados para uma pesquisa pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Del-Masso, Santos e Cotta (2008) acrescentam que “o questionário é um dos instrumentos de pesquisa mais conhecidos para a coleta de dados, sendo constituído de questões abertas e/ou fechadas versando sobre um determinado tema de pesquisa”. Complementando as características desse instrumento de pesquisa, Gerhard (2009, p. 69) descreve que o questionário é formado por várias perguntas que devem ser respondidas por escrito e ressalta a importância de utilizar uma linguagem simples e direta na formulação das perguntas, facilitando a compreensão dos participantes.

Seguindo as recomendações de Gray (2012, p. 276), antes da aplicação do questionário diagnóstico para a coleta dos dados desta pesquisa, realizamos um pré-teste em uma outra turma do mesmo nível de ensino que os participantes deste

estudo, com o intuito de eliminar (ou ao menos reduzir) erros de compreensão por parte dos participantes, como uma espécie de validação desta ferramenta.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotamos neste estudo foi o diário de campo (Apêndice M), a partir do registro de anotações ao término de cada aula, referentes aos fatos observados tais como: comportamento dos estudantes, suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgou importante apontar.

Além das anotações no diário de campo, em alguns momentos durante as aulas de intervenção, foram realizados registros por meio de fotos, vídeos e gravações de áudios que, de acordo com Loizos (2012, p. 138), são considerados registros importantes, principalmente quando utilizados em pesquisas qualitativas, ainda mais frente à crescente influência dos meios de comunicação, que necessitam de elementos audiovisuais. Esses registros possibilitam que o pesquisador possa analisá-los posteriormente e observar ainda com mais atenção algumas interações que às vezes não foram percebidas ou relatadas no diário de campo.

Ainda sobre o diário de campo, Minayo (2011) diz que esse é o principal instrumento de observação em pesquisas que utilizam a abordagem qualitativa e o define como um caderno no qual anotamos todas as informações que não fazem parte de um material formal como o questionário ou entrevista. Falkembach (1987 apud GERHARDT et al, 2009, p. 76) descreve o diário de campo como:

[...] um instrumento de anotações, um caderno com espaços suficientes para anotações, comentários e reflexão, para uso individual do investigador em seu dia a dia. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários. Ele facilita criar o hábito de escrever e observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos.

As observações, segundo Zabalza (2004, p. 27), “constituem recursos valiosos de pesquisa-ação, capazes de instaurar o círculo de melhoria de nossa atividade como professores”. Percebemos então que a observação contribuiu muito com os objetivos de nossa pesquisa, a partir da sistematização do que registramos, gerando reflexões sobre nossas ações, para então replanejar nossa prática pedagógica. Pressupomos que essas observações contribuíram significativamente para identificar as dificuldades e as potencialidades na utilização dos JRs como

estratégia de ensino nas aulas de EF com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

3.5 Procedimentos para a análise de dados

Essa fase da pesquisa foi o momento de organizar o material coletado empiricamente por meio das respostas dos participantes nos questionários e pelos registros realizados no diário de campo e relacioná-los à luz das teorias estudadas, identificando tendências e padrões relevantes.

De acordo com Gil (1999, p. 168), a análise dos dados “tem como objetivo organizar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Para organizar esses dados, utilizamos como referência a análise das categorias de codificação proposta por Bogdan e Biklen (1994). Segundo os autores, essa proposta deve seguir alguns passos importantes: primeiro deve-se realizar uma leitura detalhada e minuciosa de todos os instrumentos de coleta de dados, que no caso do nosso estudo, aconteceu a partir da análise dos questionários (diagnósticos e de saída), bem como do diário de campo.

Enquanto o pesquisador faz a leitura dos dados, busca-se identificar repetições de palavras e/ou frases, ideias ou padrões de comportamento dos participantes que têm relação com os objetivos da pesquisa, para então codificá-los. Para essa codificação, os dados são transcritos, lapidados, chegando então aos códigos finais, como exemplificado no quadro a seguir:

Quadro 9: Exemplo das fases de codificação

CODIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO
Fase 1 - Transcrição	Com certeza gostei, primeiramente porque aprendi coisas novas, regras dos jogos que eu não conhecia, aprendi a jogar, também aprendi a respeitar os adversários etc. (estudante JL26 – Questionário de saída)
Fase 2 - Lapidação	Com certeza gostei, aprendi coisas novas, regras dos jogos, aprendi a jogar, aprendi a respeitar os adversários.
Fase 3 – Códigos Finais	Feedback positivo, novos aprendizados, saberes conceituais, saberes corporais, saberes atitudinais.

Fonte: Adaptado de LUCCA (2018)

Após a conclusão do procedimento de codificação em todos os instrumentos de coleta de dados, Bogdan e Biklen (1994) orientam uma reanálise com o objetivo de verificar se realmente todos esses códigos finais relacionam-se com os objetivos da pesquisa. Desse modo, elaboramos o quadro 10, separado em três colunas, com uma coluna para cada instrumento de coleta de dados, inserindo todos os códigos finais. Tais códigos foram numerados e identificados por cores, para melhor compreensão da etapa seguinte que se dará com a triangulação dos dados e a criação das categorias de análises.

Quadro 10: Lista de códigos por documentos

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO	DIÁRIO DE CAMPO	QUESTIONÁRIO DE SAÍDA
1. Expectativa de aprendizagem 2. EF x esporte 3. EF x entusiasmo 4. EF x estudante 5. Novos aprendizados 6. Atitudes e valores 7. Categorias de esportes 8. Preferências na EF 9. Preferências de esportes 10. Preferências dos esportes de rede/quadra dividida 11. Experiências extraescolar 12. Conhecimentos prévios 13. Semelhança entre os esportes 14. Saberes corporais 15. Regras dos esportes 16. Saberes conceituais	1. Quadras reduzidas x materiais 2. Confecção de materiais alternativos 3. Adaptações de materiais e espaços 4. Apoio da comunidade escolar 5. Parcerias extraescolar 6. Regras básicas x adaptações 7. Origem e evolução dos esportes 8. Utilização de vídeos nas aulas 9. Aula de Campo 10. Festival esportivo 11. Esportes paralímpicos 12. Atitudes e comportamentos 13. Rodas de conversas 14. Atividades extraclasse 15. Escolhas democráticas 16. Conhecimento prévio 17. Formação das equipes 18. Distribuição nas quadras reduzidas 19. Trocas nas quadras 20. Intervenção do professor 21. Administração do tempo de aula 22. Uso da tecnologia	1. Novos aprendizados 2. Conhecer para gostar 3. Facilidades/dificuldades em aprender 4. Direito de todos em aprender 5. Transferência de aprendizagem 6. Feedback dos estudantes 7. Saberes atitudinais 8. Entusiasmo 9. Esporte adaptado, empatia e inclusão 10. Participação de todos os estudantes ao mesmo tempo 11. Jogos reduzidos 12. Dimensões da quadra 13. Saberes conceituais 14. Semelhança entre os esportes 15. Regras básicas dos esportes 16. Origem e evolução dos esportes 17. Saberes corporais 18. Fundamentos dos esportes 19. Mais contatos com a bola/peteca 20. Lógica/compreensão do jogo

Nota: Elaborado pelo autor

A última etapa de análise dos dados é a categorização, que consiste em agrupar os códigos criados pelo pesquisador a partir do princípio da triangulação dos dados, correlacionando os códigos de cada instrumento da pesquisa em categorias e

subcategorias, o que possibilita um olhar mais direcionado e apropriado para o fenômeno investigado (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Sendo assim, a partir desse procedimento, olhando o fenômeno estudado por diferentes ângulos, definiram-se duas grandes categorias (quadro 11) que nortearam a apresentação do capítulo de resultados e discussão:

Quadro 11: Categorias de análises com os respectivos códigos

IMPLEMENTAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA COM ENSINO DOS ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA	POTENCIALIDADES E DIFICULDADES DOS JOGOS REDUZIDOS NO PROCESSO DE ENSINO DOS ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA
1. Expectativa de aprendizagem 2. EF x esporte 3. EF x entusiasmo 4. EF x estudante 6. Atitudes e valores 8. Preferências na EF 9. Preferências de esportes 11. Experiências extraescolar 12. Conhecimentos prévios 13. Semelhança entre os esportes 15. Regras dos esportes 16. Saberes conceituais 4. Apoio da comunidade escolar 5. Parcerias extraescolar 7. Origem e evolução dos esportes 8. Utilização de vídeos nas aulas 9. Aula de Campo 10. Festival esportivo 11. Esportes paralímpicos 13. Rodas de conversas 14. Atividades extraclasse 15. Escolhas democráticas 16. Conhecimento prévio 22. Uso da tecnologia 1. Novos aprendizados 2. Conhecer para gostar 4. Direito de todos em aprender 7. Saberes atitudinais 9. Esporte adaptado, empatia e inclusão 13. Saberes conceituais	5. Novos aprendizados 7. Categorias de esportes 10. Preferências dos esportes de rede/quadra dividida 14. Saberes corporais 1. Quadras reduzidas x materiais 2. Confeção de materiais alternativos 3. Adaptações de materiais e espaços 6. Regras básicas x adaptações 12. Atitudes e comportamentos 17. Formação das equipes 18. Distribuição nas quadras reduzidas 19. Trocas nas quadras 20. Intervenção do professor 21. Administração do tempo de aula 3. Facilidades/dificuldades em aprender 5. Transferência de aprendizagem 6. Feedback dos estudantes 8. Entusiasmo 10. Participação de todos os estudantes ao mesmo tempo 11. Jogos reduzidos 12. Dimensões da quadra 14. Semelhança entre os esportes 15. Regras básicas dos esportes 16. Origem e evolução dos esportes 17. Saberes corporais 18. Fundamentos dos esportes 19. Mais contatos com a bola/peteca 20. Lógica/compreensão do jogo

Nota: Elaborado pelo autor

3.6 Aspectos Éticos

A pesquisa seguiu os princípios da Resolução 466/12, que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, e da Resolução 510/16 que diz respeito às normas aplicáveis às Ciências Humanas e Sociais, cujos procedimentos metodológicos envolvam utilização de dados obtidos diretamente com

os participantes. Tais documentos, ambos do Conselho Nacional de Saúde, normatizam a ética em pesquisa e a proteção devida à plenitude dos integrantes da pesquisa (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016).

Inicialmente encaminhamos à gestão das escolas a carta de apresentação do projeto (apêndice A e B); em seguida, foi entregue a carta de anuência aos órgãos centrais, SME e Seduc-MT (apêndice C e D) e, posteriormente, entregamos às unidades de ensino a carta de solicitação de coleta de dados (apêndice E e F). Além disso, todos os estudantes participantes do estudo assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (apêndice G e H), bem como seus pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (apêndice I e J).

Foi garantida a liberdade de participação a todos os estudantes antes e durante todo o percurso. Aqueles que desejassem desistir da participação no estudo precisariam apenas solicitar sua retirada e seriam atendidos sem qualquer prejuízo. Garantimos também o respeito à integridade, a preservação dos dados, assegurando sigilo, privacidade e confidencialidade. Às imagens com participantes da pesquisa utilizadas e publicadas no estudo foram aplicados recursos de edição no rosto dos participantes para que não seja possível a identificação deles.

A Pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Mato Grosso e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 55217022.0.0000.5690, cujo parecer de aprovação é de nº 5.328.636 datado de 04 de abril de 2022.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme apresentamos no capítulo anterior, os dados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados foram sistematizados seguindo as orientações para análise de dados de Bogdan e Biklen (1994).

Esses autores sugerem que os dados sejam transformados em códigos. A partir da análise desses códigos, foram criadas duas grandes categorias nas quais foram alocados os códigos dos diferentes instrumentos de coleta de dados desta pesquisa.

Os mesmos autores ainda sugerem que essas categorias sejam divididas em subcategorias, para assim melhor organizar a apresentação dos resultados e discussão. Nesse sentido, no quadro 12, temos as duas categorias que nortearam todo este capítulo, que também podem ser chamados de subcapítulos e suas respectivas subcategorias, que são os tópicos que julgamos importante destacar para responder os objetivos deste estudo.

Quadro 12: Categorias e subcategorias para a discussão dos resultados

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Implementação da unidade didática com ensino dos esportes de rede/quadra dividida	O conhecimento prévio e as expectativas de aprendizagem como referência para o planejamento; Organização e o planejamento da unidade didática; Estratégias para o desenvolvimento dos saberes conceituais e atitudinais; Relação entre os jogos reduzidos e os materiais pedagógicos;
Potencialidades e dificuldades dos jogos reduzidos no processo de ensino dos esportes de rede/quadra dividida	Ambientação e gerenciamento dos espaços e tempos pedagógicos nos jogos e quadras reduzidas; Os saberes corporais e jogos reduzidos no ensino dos esportes de rede/quadra dividida; Considerações dos estudantes sobre o aprender os esportes de rede/quadra dividida a partir dos jogos reduzidos;

Nota: Elaborado pelo autor

4.1 Implementação da unidade didática com ensino dos esportes de rede/quadra dividida

Este subcapítulo está organizado em 3 tópicos “O conhecimento prévio e as expectativas de aprendizagem como referência para o planejamento”, “Organização e planejamento da unidade didática” e, por fim, “Estratégias para o desenvolvimento dos saberes conceituais e atitudinais”.

No primeiro tópico, apresentamos como aconteceu o processo de investigação do conhecimento prévio e as expectativas de aprendizagem dos estudantes, culminando com a elaboração de um planejamento que atenda em partes ao desejo dos estudantes, mas que também amplie as possibilidades de conhecerem novas e diferentes manifestações da CCM. No caso deste estudo, modalidades esportivas de rede/quadra dividida.

No segundo tópico, mostramos como se deu o planejamento das aulas após a escolha das modalidades, com suas principais partes estruturantes e as adaptações necessárias, considerando a realidade de cada uma das escolas.

E, no último tópico, apresentamos as diversas estratégias para desenvolver os saberes conceituais e atitudinais, com intuito de ensinar aos estudantes as regras e a história (origem e evolução) dos esportes, mas também com o incentivo à reflexão crítica, à participação ativa e à prática dos valores e das atitudes de respeito nas aulas de EF, na escola, e na sociedade como um todo.

4.1.1 O conhecimento prévio e as expectativas de aprendizagem como referência para o planejamento

Conforme informamos no procedimento para coleta de dados, o planejamento da unidade didática (apêndice O) aplicado em nosso estudo foi elaborado considerando o questionário diagnóstico (apêndice K), que tinha como objetivo verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuíam sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida. Essa estratégia foi adotada no sentido de criar um ambiente que favorecesse o planejamento, envolvendo os estudantes no processo de escolha dos esportes de rede/quadra dividida que iríamos nos aprofundar naquele bimestre.

De acordo com Rodrigues e Galvão (2005, p. 96), “historicamente as formas de organização e de transmissão dos conteúdos tem-se caracterizado por uma relação de passividade e de submissão por parte do aluno”. Nesse sentido, para desenvolver e estimular um maior envolvimento dos estudantes nas aulas, os autores sugerem que os discentes sejam envolvidos de alguma maneira no processo de tomada de decisão acerca da escolha dos conteúdos, do planejamento anual, semestral, de uma unidade didática, ou mesmo de critérios de avaliação.

Ao todo, 59 estudantes responderam ao questionário diagnóstico, sendo 26 estudantes da escola estadual José Leite de Moraes (8º ano D) e 33 estudantes da escola Maria Dimpina (8º ano A). O questionário possuía 11 questões, sendo 9 questões abertas e 2 fechadas. A primeira parte do questionário continha 7 perguntas que verificaram as experiências, as preferências e as expectativas de aprendizagem no que diz respeito à EF de forma geral e ao conteúdo esporte. Já na segunda parte do questionário, por meio de 4 perguntas, procuramos identificar os conhecimentos prévios dos estudantes e suas preferências, especificamente, sobre os esportes de rede/quadra dividida.

Optamos por apresentar alguns dados por meio de gráficos elaborados a partir do programa Excel, no sentido facilitar a compreensão, bem como ter uma visão completa dos resultados, principalmente quando se deseja analisar a especificidade de cada turma ou compará-las.

As respostas dos estudantes em cada pergunta foram agrupadas a partir da aproximação de seus sentidos e significados, o que nomeamos de categorias. Esclarecemos que, na maioria das questões, nem todas as categorias foram apresentadas nos gráficos ou discutidas, pois destacamos apenas as que consideramos mais relevantes ou que tiveram mais citações.

Ressaltamos, ainda, que alguns estudantes citaram mais de uma categoria, sendo assim, os números apresentados podem ser maiores ou menores que a quantidade de estudantes participantes no estudo. Dessa forma, apresentaremos a seguir o resultado de cada uma das perguntas desse questionário que nortearam a elaboração da nossa unidade didática.

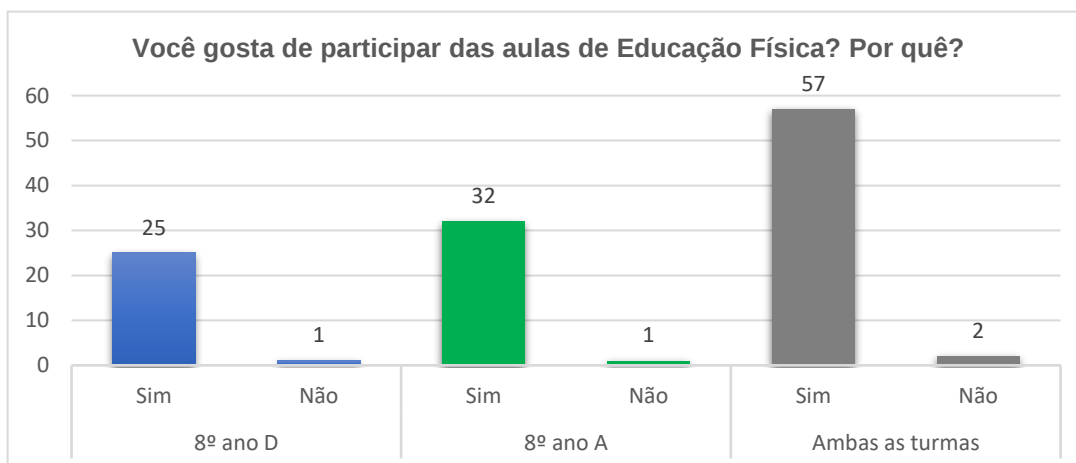
A primeira pergunta investigava se os estudantes gostavam de participar das aulas de EF e por quê. Analisando o gráfico 1, percebemos que a ampla maioria dos estudantes de ambas as turmas gostam de participar das aulas de EF e, entre as justificativas que mais apareceram, estão: as aulas são divertidas, legais e animadas; uma oportunidade de aprender novos e diferentes jogos, brincadeiras e esportes; e que a prática de exercício físico faz bem para a saúde. Assim com podemos observar nesses relatos:

Porque é a aula que você se movimenta a maior parte das vezes, as aulas são mais divertidas e aprendemos novos esportes (estudante JL23)¹.

Pois aprendo esportes novos que eu nunca teria possivelmente jogado, e também praticar os mais conhecidos, podendo me divertir mais (estudante JL12).

Eu gosto muito da aula de Educação Física, porque eu amo esportes, jogo ou brincadeiras (estudante MD32).

Gráfico 1 – Resultado da 1ª pergunta do questionário diagnóstico



Fonte: Elaborado pelo autor

Os dois estudantes que citaram não gostar de participar das aulas de EF se justificaram da seguinte forma:

Não gosto, mas participo porque tem aulas que são legais e dá vontade de participar (estudante JL06).

Eu não gosto de jogar esses esportes como por exemplo: futebol, etc (estudante MD26).

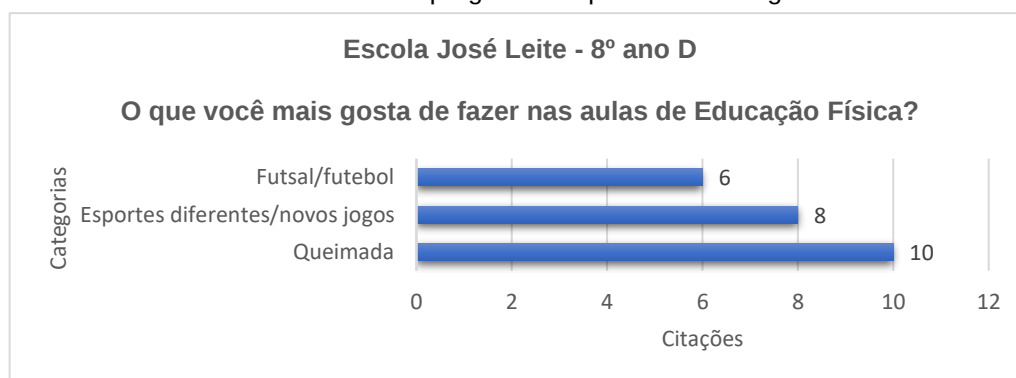
Observando o depoimento do estudante MD26, podemos supor que as aulas de EF de sua turma focam muito mais o conteúdo esportes. Já sobre o que o estudante JL06 descreve, percebemos que ainda está enraizado na cultura do componente curricular da EF que podemos escolher se queremos ou não participar das aulas.

Na segunda pergunta, nosso objetivo foi identificar o que os estudantes mais gostavam de fazer nas aulas de EF. Na turma do 8º ano D, três categorias se destacaram com maiores números de citações: queimada, esportes diferentes/novos

¹ Para preservar as identidades dos estudantes, eles foram identificados por números, e antes dos números, para saber qual escola o estudante pertence, os identificamos através de abreviaturas “MD” para a escola municipal Maria Dimpina e “JL” para a escola estadual José Leite.

e futebol/futsal. Pressupomos que a referência da queimada em primeiro lugar se justifique pelo fato de que, no período de realização do questionário diagnóstico, essa turma estava vivenciando nas aulas de EF vários tipos de queimadas. Referente aos esportes diferentes/novos com mais citações que futsal/futebol nos permite acreditar que os estudantes têm oportunidade em suas aulas de aprender e praticar esportes e jogos além dos tradicionais.

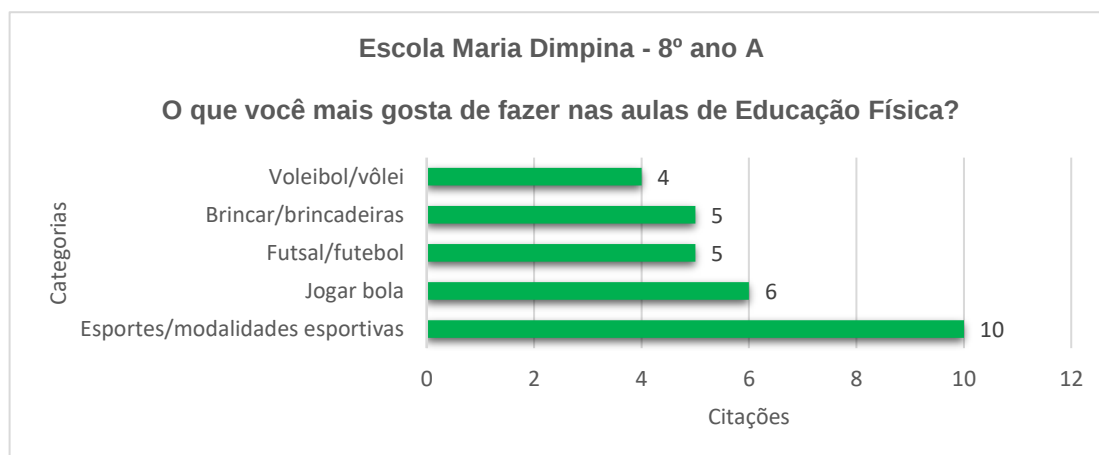
Gráfico 2 – Resultado da 2ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D



Fonte: Elaborado pelo autor

Na turma do 8º ano A, separamos cinco categorias que se destacaram e tiveram maiores citações: esportes, jogar bola, futsal/futebol, brincar/brincadeiras e voleibol/vôlei. Ficou evidente que a maioria dos estudantes gostam de praticar esportes durante as aulas de EF, talvez porque esse conteúdo seja o mais frequente em suas aulas. Essa hipótese está ancorada na resposta da primeira pergunta do estudante MD26 e pela grande quantidade de citações que as respostas a essa questão 2 apresenta nas categorias que se relacionam ao conteúdo esporte.

Gráfico 3 – Resultado da 2ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

Pensou-se em juntar a categoria “jogar bola” com a categoria “futsal/futebol”, tendo em vista a cultura existente em nosso país em supor que, quando uma pessoa diz que vai jogar bola, está se referindo ao futebol/futsal, porém, preferimos deixar separado, pois entendemos que jogar bola não se restringe apenas ao futsal/futebol. Mesmo com a predominância dos estudantes do 8º ano A em citar alguns esportes específicos, podemos compreender que, assim como no 8º ano D, alguns deles também possuem vontade de aprender esportes além dos tradicionais (futebol, voleibol, handebol e basquetebol):

Praticar esporte que eu não conheço, aprender modalidade de vários esportes, aprender várias coisas sobre esporte (estudante MD28).

Eu gosto de jogos diferentes, que eu não conheço (estudante JL22).

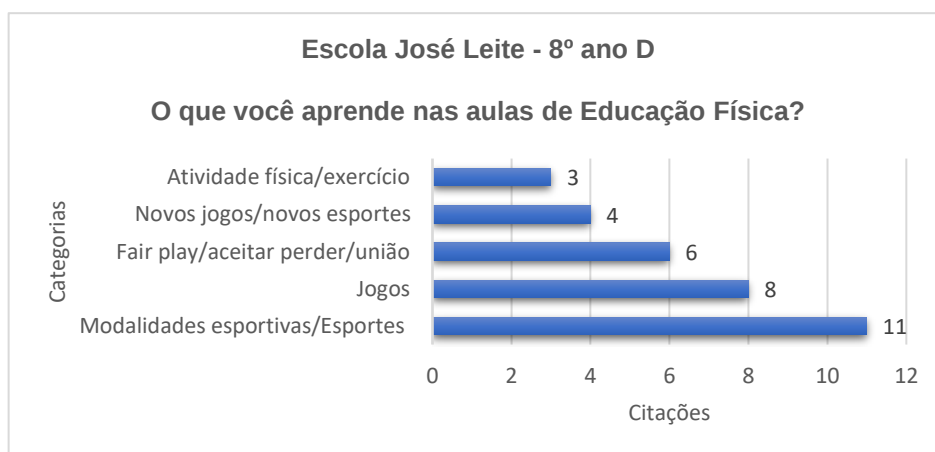
Na terceira pergunta, indagamos sobre o que se aprende nas aulas de EF. Os estudantes de ambas as turmas citam aprender alguns dos conteúdos da EF, com destaque para o esporte, que foi o mais citado. Porém, é interessante ressaltar que alguns estudantes percebem que, nas aulas de EF, não se aprendem apenas os esportes, os jogos e as brincadeiras; os discentes citam terem aprendido atitudes e comportamentos como respeitar os colegas e adversários, saber ganhar e perder:

Além de esportes que eu não tinha conhecido, aprendo que não importa ganhar e sim se divertir e aprender (estudante JL24).

Participar das aulas, brincadeiras novas, respeitar as pessoas que estão participando (estudante JL21).

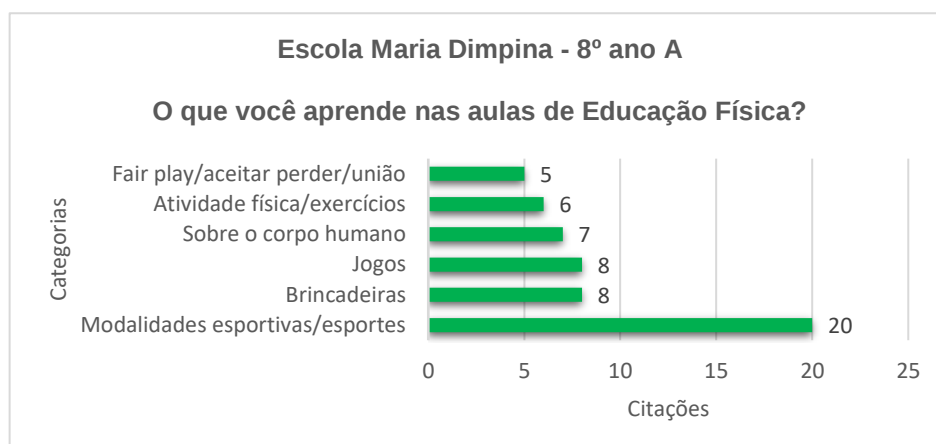
Muitas coisas, tipo as modalidades dos esportes, trabalhar em grupo e etc. (estudante MD02).

Gráfico 4 – Resultado da 3ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 5 – Resultado da 3ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

Outro fator interessante que identificamos foram algumas expressões como: "diversos", "vários", "novos" antes das palavras esporte e/ou jogos. Isso pode indicar que os estudantes, em ambas as turmas, têm a oportunidade de aprender/praticar outros esportes que não só os tradicionais:

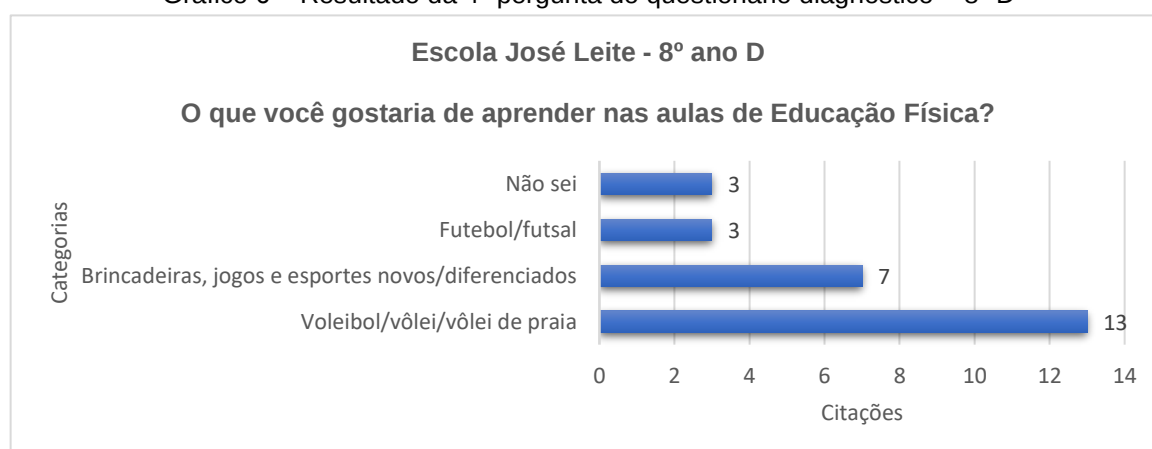
Novos jogos, novos esportes e maneiras melhores de usar o corpo para esporte (estudante JL15).

Aprendo a ser parceiro, aprendo diversos esportes (estudante MD10).

Aprendo como praticar vários esportes (estudante MD21).

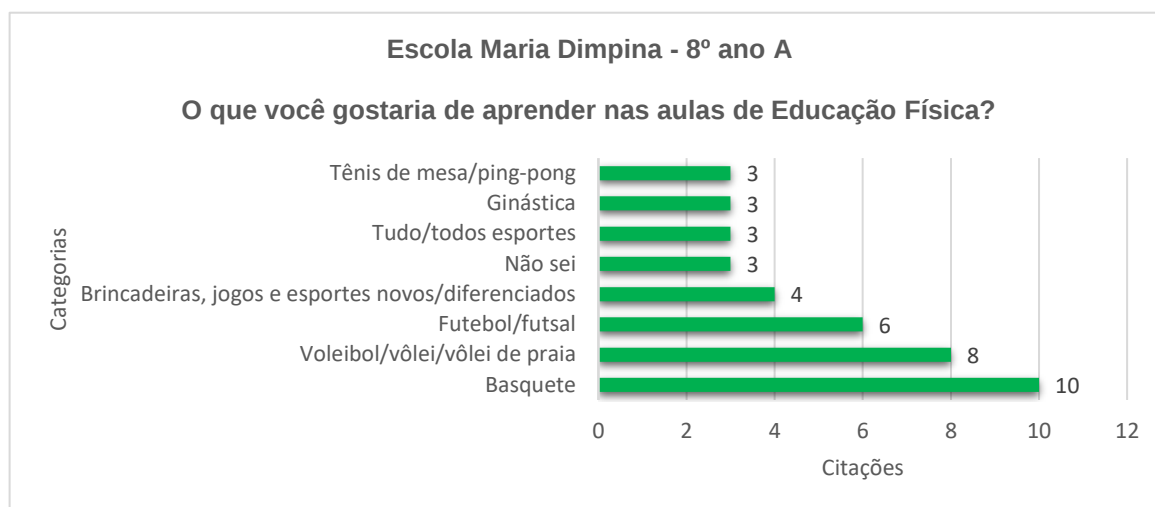
Na quarta pergunta, nosso intuito foi investigar o que os estudantes gostariam de aprender nas aulas de EF. Para nossa surpresa, em ambas as turmas o futebol/futsal não ficou em primeiro lugar.

Gráfico 6 – Resultado da 4ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 7 – Resultado da 4ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se que, no 8º ano D, a maioria dos estudantes citaram que gostariam de aprender o voleibol. Já no 8º ano A, a maioria dos estudantes desejava aprender basquetebol, com o voleibol, bem próximo, em segundo lugar. Como o objetivo deste estudo é desenvolver o conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, entendemos que essa questão revelou os primeiros indícios de que o voleibol seria um dos esportes a ser aprofundado com ambas as turmas, considerando nossa perspectiva de realizar um planejamento envolvendo a participação dos estudantes na escolha de algumas modalidades.

Assim como nas respostas dos estudantes da segunda e terceira pergunta desse questionário, percebemos que também nesta aparecem novamente algumas expressões junto às palavras “esportes”, “jogos” e “brincadeiras”, que entendemos ser a manifestação de alguns estudantes em ter ou continuar tendo aulas de EF que contemplem uma pluralidade de práticas corporais:

Esportes diferenciados, os mais conhecidos também, aprender coisas novas (estudante JL12).

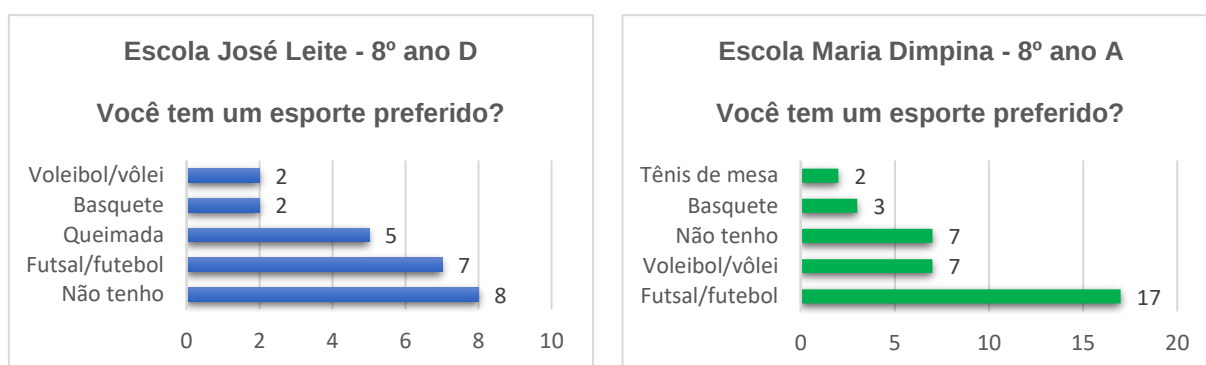
Vários tipos de esporte, jogos e brincadeiras (estudante MD01).

Eu acho que tudo que Educação Física ensina, porque gosto de coisa nova (estudante MD32).

Nosso objetivo na quinta pergunta foi investigar se os estudantes possuem um esporte preferido e qual a razão dessa preferência. Na turma do 8º ano D, podemos perceber duas vertentes bem marcantes: primeiro que muitos estudantes não têm preferência por um esporte, o que fortalece a nossa hipótese de que estão

abertos a aprender/praticar novos esportes. Porém, ao mesmo tempo, existe um grupo considerável de estudantes que têm preferência pelo futebol ou futsal. A queimada aparece em terceiro lugar, sendo considerada pelos discentes como um esporte, talvez pelo fato, como mencionamos, de que, próximo ao período no qual realizamos o questionário diagnóstico, foi desenvolvida uma sequência de aulas, as quais culminaram com uma competição de queimada entre as turmas. Interessante destacar que, mesmo o voleibol/vôlei não sendo considerado o esporte preferido pela maioria da turma, lembremos que na pergunta anterior os estudantes manifestaram a vontade de aprendê-lo.

Gráficos 8 e 9 – Resultado da 5ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D e 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

Com a turma do 8º ano A, evidenciou-se que o esporte preferido pela maioria dos estudantes é o futebol/futsal, ficando empatado em segundo lugar o voleibol/vôlei, e os que disseram não ter nenhum esporte preferido. A partir da relação dos resultados encontrados nessa questão, apontando o futebol/futsal como esporte preferido por mais da metade da turma e os resultados da questão anterior, segundo o qual os estudantes manifestaram o desejo de aprender basquete e voleibol, pressupomos que eles também estão abertos a aprender novas práticas.

Entre os motivos citados pelos estudantes ao justificarem a preferência por alguns esportes, principalmente o futebol/futsal, percebemos a influência da mídia e a inspiração que os atletas profissionais podem causar, como podemos observar nesses relatos:

Sim, futebol. Porque ele tem um rei no futebol e é muito emocionante (estudante JL03).

Na verdade, tenho 3, Basquete, tênis e patinação no gelo, ao certo não tem nada realmente que me faça ter preferência por esses mesmos, mas, se fosse

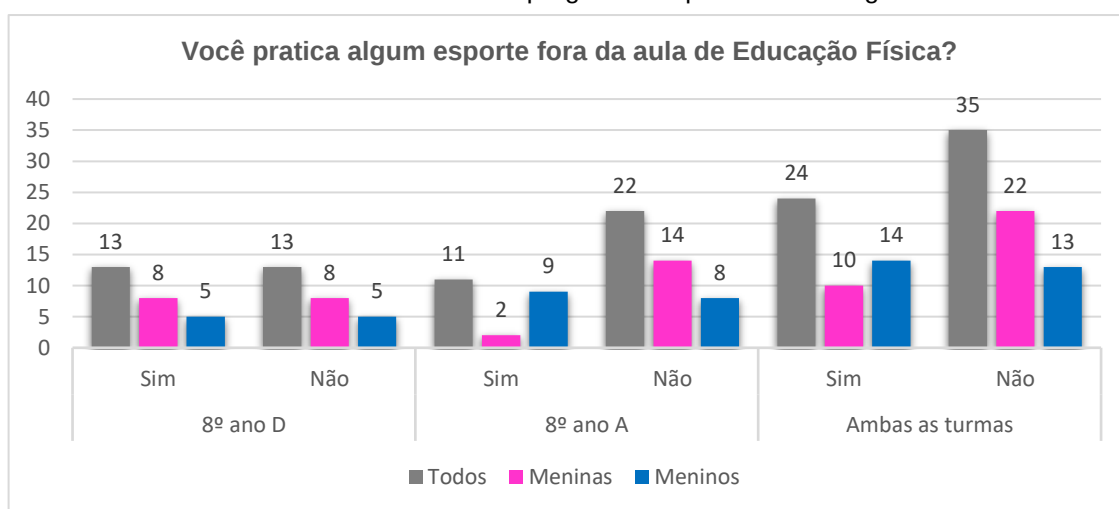
para dizer algo seria o encanto de assistir os atletas exercendo tal esporte, é muito lindo de se ver, parece ser tão fácil, e isso é algo do qual acho incrível (estudante JL13).

Futebol de campo, porque gosto e tenho vários ídolos nesse esporte (estudante MD02).

Futsal, porque é meu sonho ser um jogador de futsal (estudante MD07).

Na sexta pergunta, verificamos se os estudantes praticam algum esporte fora das aulas de EF. Caso a resposta fosse positiva, seria necessário informar qual esporte e em qual local essa prática é realizada.

Gráfico 10 – Resultado da 6ª pergunta do questionário diagnóstico



Fonte: Elaborado pelo autor

No 8º ano D, houve um equilíbrio, pois metade dos estudantes pratica algum esporte fora das aulas de EF, e a outra metade informou não praticar. Esse equilíbrio permanece quando realizamos a comparação entre os gêneros. Os esportes mais praticados entre eles são o futebol/futsal, que foi citado 8 vezes, e o voleibol, citado 4 vezes. Porém, de acordo com os relatos sobre onde a maioria dos estudantes realiza essa prática, entendemos que seja uma atividade mais de lazer do que frequente e regular:

Pratico na rua, as vezes na praça (estudante JL10).

No sítio da minha avó com meus primos (estudante JL20).

De vez em quando com minha família, geralmente nos finais de semana (estudante JL26).

Já com a turma do 8º ano A, dois terços dos estudantes não praticam nenhum esporte fora das aulas de EF e, quando fazemos a análise entre os gêneros,

percebemos que as meninas são bem menos ativas que os meninos. Dos 17 meninos, mais da metade (9) informaram praticar algum tipo de esporte fora da escola, resultado parecido com o encontrado na turma da escola José Leite. Já no que diz respeito às meninas, das 16 meninas, apenas duas dizem praticar algum esporte fora das aulas de EF. O esporte mais praticado nessa turma é o futebol/futsal, sendo citado 8 vezes. Já o voleibol, o jiu-jítsu, o basquete, o caratê e a natação foram citados uma vez cada. De acordo com as informações, a maioria dos estudantes dessa turma pratica esportes em escolinhas esportivas, clubes e academias, então, podemos supor que é uma prática mais sistematizada e regular, como observamos:

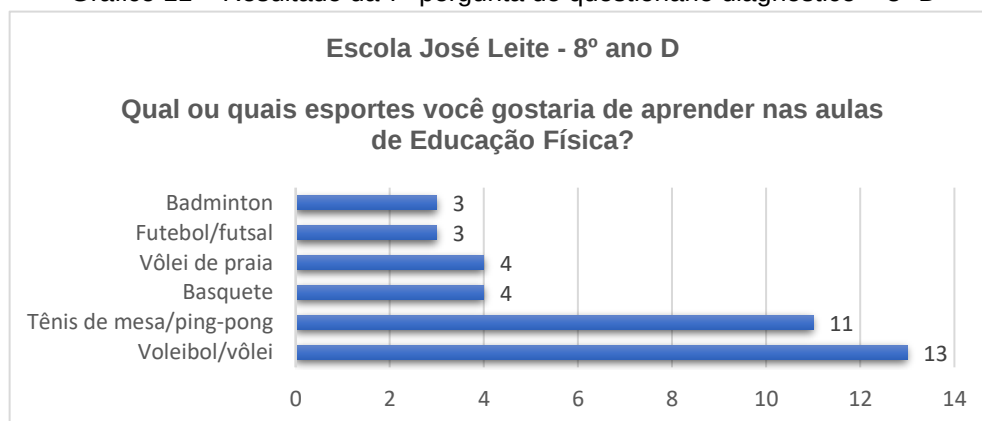
Jogo na categoria de base do Cuiabá Esporte Clube (estudante MD03).

Estou voltando a treinar por agora, para competir no estadual, treino na academia DOJO-KAN (estudante MD19).

Na escolinha de futebol (estudante MD14).

Na sétima pergunta, procuramos saber qual ou quais esportes os estudantes gostariam de aprender nas aulas de EF. É importante explicar que existe semelhança entre essa questão e a quarta pergunta, porém elas não são iguais. Na quarta questão, perguntamos o que os estudantes gostariam de aprender nas aulas de EF, deixando aberto para citarem todos os conteúdos da EF. Então, poderiam citar inclusive aprendizados de maneira geral que não necessariamente fossem um conteúdo estruturado da disciplina, como aprender a trabalhar em equipe, aprender a ter responsabilidade, *fair play* e etc. Já nessa sétima questão, direcionamos especificamente para o conteúdo esportes, sem ainda focar na categoria de esportes de rede/quadra dividida.

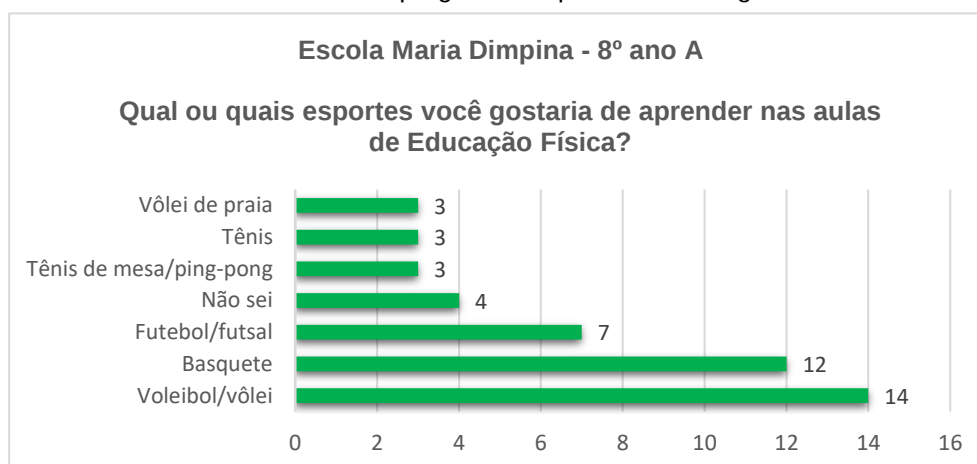
Gráfico 11 – Resultado da 7ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D



Fonte: Elaborado pelo autor

No 8º ano D, foram indicados 12 esportes diferentes, sendo que os mais citados foram o voleibol e o tênis de mesa. Entendemos que esse desejo de aprender mais sobre o tênis de mesa se justifique por que, recentemente, a gestão da escola adquiriu duas mesas da modalidade e as deixou disponíveis no pátio da escola para os estudantes jogarem no intervalo. Elas estão localizadas bem ao lado da sala de aula dessa turma com a qual realizamos o estudo.

Gráfico 12 – Resultado da 7ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

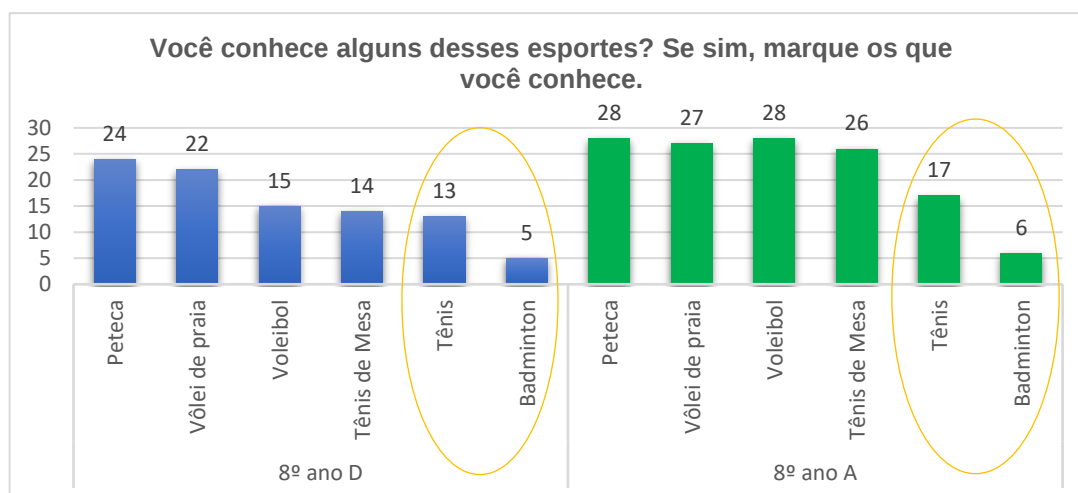
No 8º ano A, foram citados 11 esportes diferentes, sendo também o voleibol o esporte que os estudantes dessa turma mais desejam aprender nas aulas de EF. Em segundo lugar ficou o basquete, com o futsal/futebol só na terceira colocação.

Assim como na quarta questão, mais uma vez, em ambas as turmas, ressurge a surpresa do futebol/futsal não ser considerado o esporte que os estudantes mais desejam aprender. O voleibol é a modalidade que a maioria dos estudantes tem desejo de aprender, mesmo diante da maneira como decidimos analisar os dados, considerando agora, nesta questão, o voleibol e o vôlei de praia como práticas diferentes. Caso contrário, os números para o voleibol seriam ainda maiores.

Entrando agora na segunda parte do questionário, apresentaremos os resultados obtidos com as 4 últimas perguntas, que tinham o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos estudantes e suas preferências, especificamente, sobre os esportes de rede/quadra dividida, e assim, definir três modalidades esportivas para serem incluídas na nossa unidade didática.

Nesse sentido, na oitava questão, elencamos alguns esportes de rede/quadra dividida (peteca, vôlei de praia, voleibol, tênis de mesa, tênis e badminton) e pedimos que os estudantes marcassem os que eles conheciam.

Gráfico 13 – Resultado da 8ª pergunta do questionário diagnóstico



Fonte: Elaborado pelo autor

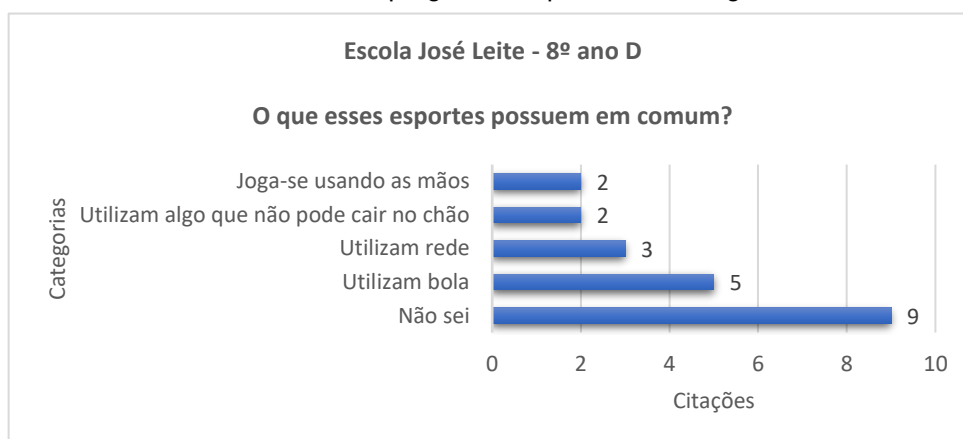
Na turma do 8º ano D, a peteca e o vôlei de praia são os esportes que os alunos mais conhecem. Acharmos um pouco estranho os estudantes conhecerem mais o vôlei de praia do que o voleibol, mas pensamos em algumas suposições que justificassem esse resultado. Dentre elas, entendemos que isso poderia se justificar pelo fato de atualmente o vôlei de praia estar mais nas mídias sociais, ou ainda pela razão da palavra “vôlei” ser mais utilizada entre os estudantes para se referir ao voleibol. Assim dizemos, pois percebemos, durante a aplicação da unidade didática, que alguns estudantes acreditavam que voleibol e vôlei fossem esportes diferentes. Outro fato que causou estranheza foi o tênis de mesa não estar entre os mais conhecidos, tendo em vista, como informamos, que no início do ano letivo de 2022, foram colocadas algumas mesas dessa modalidade bem próximas à sala de aula dessa turma. Imaginamos que seja em razão de não termos colocado o seu nome popular junto: “ping-pong”.

Na turma do 8º ano A, empatados com o mesmo número de citações, a peteca e o voleibol apareceram como os esportes de rede/quadra dividida mais conhecidos e, muito próximos aos dois primeiros, estão o vôlei de praia e o tênis de mesa. Porém, o que elegemos de mais importante nessa questão para a elaboração da nossa unidade didática é que, proporcionalmente, em ambas as turmas, os

esportes que eles menos conhecem são o badminton e o tênis, aparecendo pela primeira vez como um indicativo de incluir essas modalidades juntamente como o voleibol.

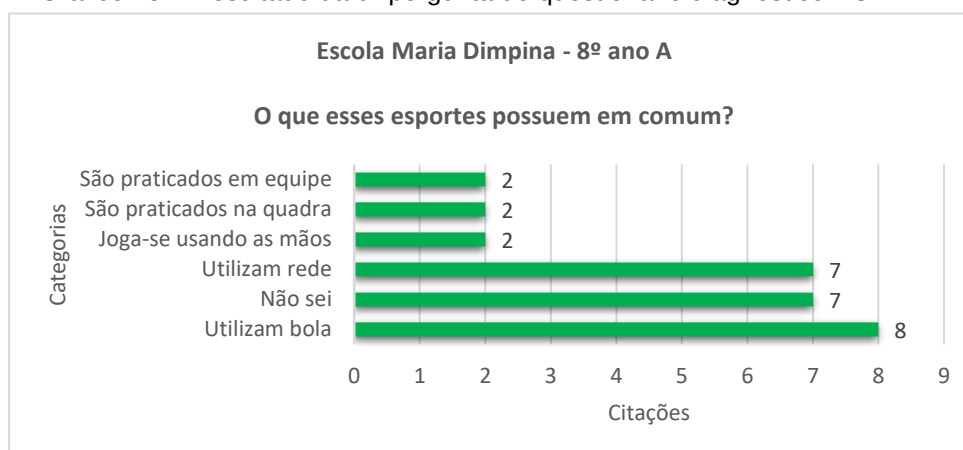
Na nona questão, nossa intenção foi verificar se os estudantes conseguiam identificar algo em comum entre esses esportes (peteca, vôlei de praia, voleibol, tênis de mesa, tênis e badminton). Na turma do 8º ano D, verificamos que mais da metade dos estudantes não souberam responder ou citaram de forma equivocada que todos esses esportes possuem em comum a utilização de uma bola. O mesmo acontece com a turma do 8º ano A, porém com uma proporção um pouco menor que metade da turma.

Gráfico 14 – Resultado da 9ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 15 – Resultado da 9ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

Sobre esse quantitativo considerado de estudantes de ambas as turmas em achar que todos esses esportes têm em comum a utilização de bola, precisamos

nos recordar que, na questão anterior, identificamos que poucos estudantes conhecem o badminton. Tal fato que pode causar dificuldade para responder a essa pergunta, favorecendo assim a indicação de que todos esses esportes utilizam bola, até mesmo porque a maioria dos esportes, principalmente os que nossos estudantes têm contato, utilizam esse tipo de implemento. Além disso, por meio das respostas de alguns estudantes, percebemos uma possível dificuldade em nomear o implemento “peteca”. Essa suspeita é levantada principalmente quando um dos estudantes colocou a palavra bola entre aspas:

Todos eles usam bola, bolas diferentes, mais usam (estudante JL26).

Todos usam uma espécie de bola (estudante JL21).

Todos usam uma ‘bola’ (estudante MD28).

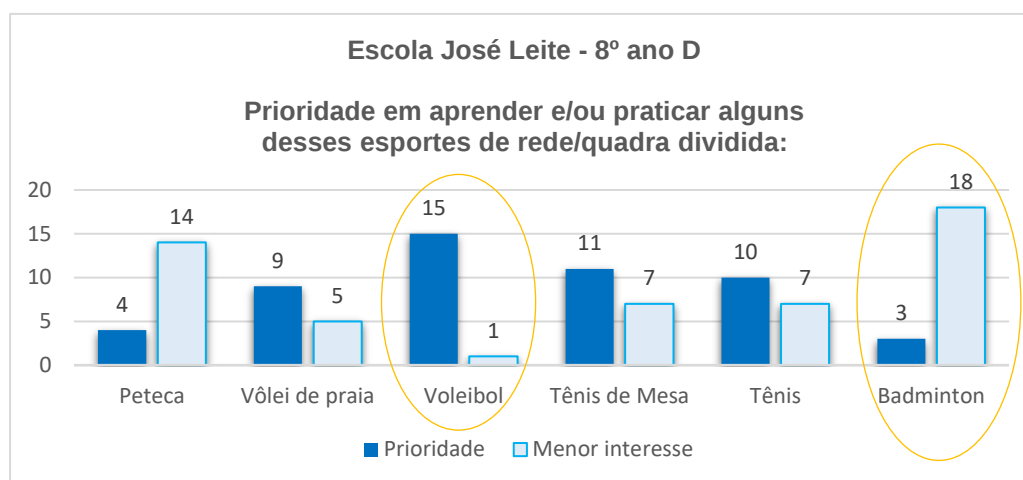
Na décima questão, solicitamos para os estudantes, em uma ordem de prioridade, enumerar de 1 a 6 alguns esportes de rede/quadra dividida (peteca, vôlei de praia, voleibol, tênis de mesa, tênis e badminton), de acordo com sua vontade de aprendê-los e/ou praticá-los nas aulas de EF, sendo 1 para o que eles mais gostariam de aprender e/ou praticar e 6 para o que menos gostariam de aprender e/ou praticar.

Para analisar os dados dessa questão, realizou-se a soma da quantidade de vezes que cada um desses esportes foi indicado com os números 1 e 2, obtendo assim, o que chamamos de esporte prioritário. Para identificar o esporte que os estudantes menos desejavam praticar, ou seja, de menor interesse, realizamos o mesmo procedimento, porém somando as vezes que cada esporte foi indicado com os números 5 e 6.

Percebemos que, em ambas as turmas, o voleibol é o esporte de rede/quadra dividida que os estudantes mais desejam aprender e/ou praticar, porém, no 8º ano A, empatado com o voleibol, aparece o vôlei de praia.

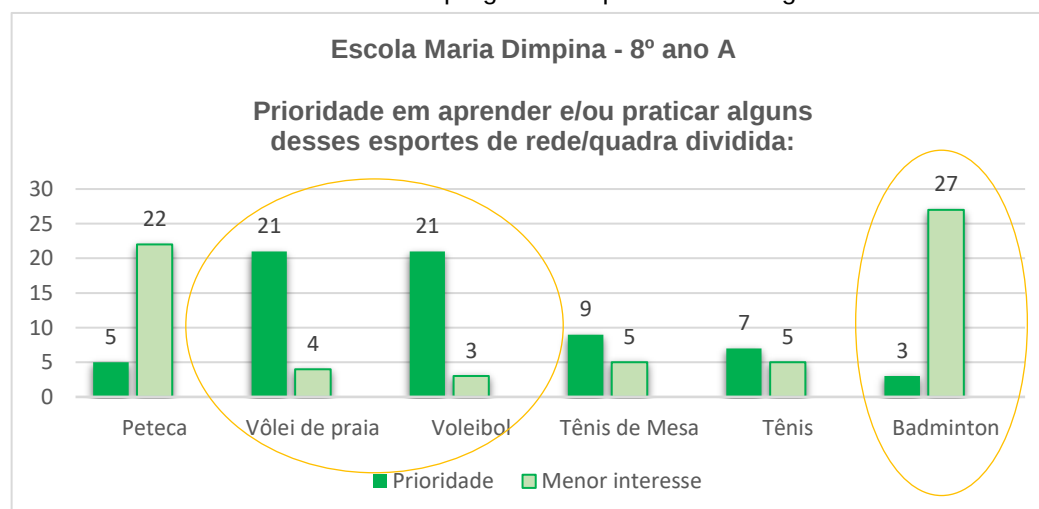
Dessa maneira, lembrando os resultados da sétima questão, em que a maioria dos estudantes de ambas as turmas desejavam aprender o voleibol nas aulas de EF, e a partir dos achados nesta questão, estando o voleibol como esporte prioritário também em ambas as turmas, definimos o voleibol como o primeiro esporte de rede/quadra dividida a ser incluído e aprofundado em nossa unidade didática, tendo em vista a intenção de realizar um planejamento que atendesse as expectativas dos estudantes.

Gráfico 16 – Resultado da 10ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º D



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 17 – Resultado da 10ª pergunta do questionário diagnóstico – 8º A



Fonte: Elaborado pelo autor

Interessante se faz, ainda nessa questão, olharmos para o lado oposto, a respeito do esporte pelo qual os estudantes demonstraram menor interesse em aprender e/ou praticar, que também é igual em ambas as turmas, com o badminton em primeiro lugar, seguido da peteca.

Sobre o Badminton é importante lembrar que, pelos resultados na oitava questão, ele é o esporte menos conhecido entre os estudantes de ambas as turmas. Somando-se a isso, percebemos nas respostas de outras perguntas desse questionário que muitos estudantes não possuem a mínima ideia do que seja o badminton. Pressupomos que tais situações podem justificar esse resultado, pois normalmente não manifestamos o desejo de praticar algo que não conhecemos:

Todos eles tem que jogar algo para o ar, quase todos a bola, menos a peteca que joga ela mesmo, e eu não sei o que é badminton (estudante JL07).

Nem sei que esporte é (estudante JL04).

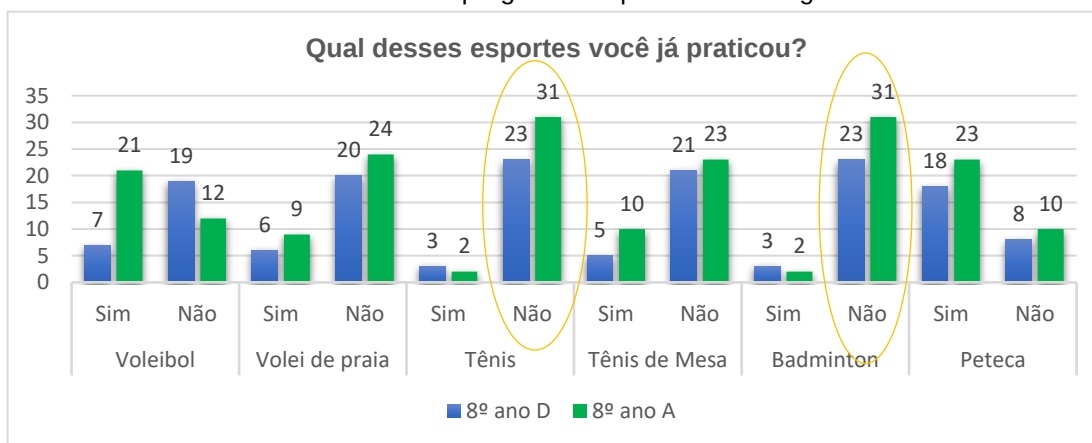
Nem sei o que é badminton (estudante MD27).

Ao contrário do badminton, verificamos ainda na oitava questão que a peteca está entre os esportes mais conhecidos por eles, mesmo assim, na décima questão, a maioria dos estudantes manifestou que não desejavam praticar esse esporte. Entendemos que essa elevada rejeição em praticar a peteca se deve ao fato de que muitos deles compreenderem a prática da peteca como uma brincadeira de roda, não como um esporte, pois, durante o desenvolvimento da nossa unidade didática, percebemos que vários estudantes não sabiam que o esporte peteca se jogava com uma rede divisória e muito menos uma equipe contra outra.

Nesse sentido, destacamos que, na oitava questão, já havíamos ressaltado a oportunidade de o badminton ser incluído como um dos esportes a serem aprofundados em nossa unidade didática. Ele foi evidenciado como o esporte menos conhecido entre ambas as turmas. Além disso, na décima questão, o mesmo esporte foi o de menor interesse também em ambas as turmas, talvez pelo simples fato de os estudantes não conhecê-lo. Elegemos, então, o badminton como o segundo esporte a ser incluído em nossa unidade didática.

Na última pergunta desse questionário diagnóstico, procuramos saber quais desses esportes de rede/quadra dividida (peteca, vôlei de praia, voleibol, tênis de mesa, tênis e badminton) os estudantes menos haviam praticado e, com resultado igual em ambas as turmas, apareceram o badminton e o tênis.

Gráfico 18 – Resultado da 11ª pergunta do questionário diagnóstico – Parte A

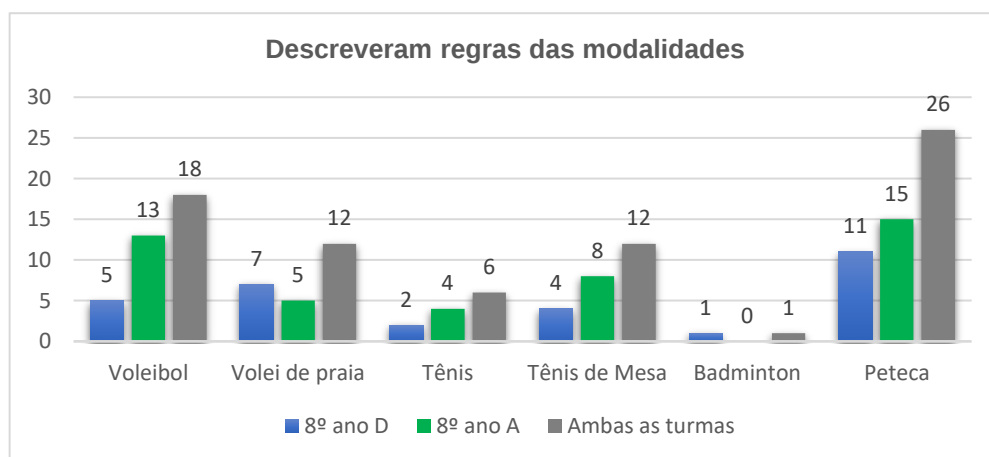


Fonte: Elaborado pelo autor

Esse resultado referendou ainda mais a decisão de escolher o badminton para nossa unidade didática, assim como nos mostrou que o tênis deveria ser o terceiro esporte a ser incluído. Entre outros fatores, podemos lembrar que, na oitava questão, o tênis foi o segundo esporte menos conhecido entre os estudantes de ambas as turmas, só perdendo para o badminton; estaríamos considerando, ainda, o que percebemos em algumas outras questões anteriores, que é a abertura e a vontade que muitos estudantes possuem de conhecer e aprender novos e diferentes esportes.

Como complemento dessa última pergunta, também quisemos saber, independentemente de já terem praticado ou não, se eles conheciam alguma regra dessas modalidades (peteca, vôlei de praia, voleibol, tênis de mesa, tênis e badminton). Caso fosse positiva a resposta, deveriam descrever as regras que conheciam.

Gráfico 19 – Resultado da 11ª pergunta do questionário diagnóstico – Parte B



Fonte: Elaborado pelo autor

Juntando as duas turmas, 37 estudantes disseram conhecer a regra de pelo menos uma dessas 6 modalidades, e 22 estudantes não sabiam regra de nenhuma. Ao todo, foram realizadas 75 indicações de regras, das quais apenas 17 foram indicadas de forma correta, e 48 estavam parcialmente corretas. Isso demonstra que grande parte dos estudantes tinha uma noção básica sobre ao menos um desses esportes. As modalidades que mais tiveram indicações de regras foram a peteca e o voleibol. O badminton e o tênis foram as modalidades que os alunos menos conheciam as regras, corroborando os achados nas demais questões desse diagnóstico.

Em síntese, a partir da análise desse questionário, definimos quais as modalidades de rede/quadra dividida iríamos aprofundar nessa unidade didática: o voleibol, escolhido por ser o esporte que a maioria dos estudantes gostariam de aprender/praticar; o badminton, selecionando principalmente por ser o esporte menos conhecido; e o tênis, incluído por ser o esporte menos praticado entre os estudantes participantes do nosso estudo.

Foi interessante a aplicação desse questionário, na perspectiva de considerar em nossos planejamentos as expectativas e os desejos dos estudantes sobre aquilo que eles desejam aprender. Porém, o professor deve considerar não somente aquilo que o estudante deseja aprender e/ou praticar. É relevante incluir em seus planejamentos conteúdos que favoreçam e oportunizem que as aulas de EF ofereçam o conhecimento de uma pluralidade de práticas da CCM, bem como considerem também o atual documento normativo que deve nortear a elaboração de nossos currículos e planejamentos, a BNCC.

Caso não fôssemos considerar esse instrumento diagnóstico para realizar o planejamento dessa unidade didática, seguindo o que o professor pesquisador consideraria melhor a partir da literatura, iríamos desenvolver a peteca, o tênis e o badminton, tendo em vista que são modalidades esportivas não tradicionais nas aulas de EF. Além disso, tais modalidades possuem a mesma lógica nas possibilidades de ação, já que nessas modalidades não é possível realizar passes entre os membros da própria equipe, o que facilita ainda mais a transferência de conhecimento entre esses esportes.

Darido e Souza Junior (2007, p. 18) afirmam que “para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas para além dos esportes tradicionais”. Sendo assim, procuramos um equilíbrio no planejar, considerando a literatura, mas incluindo a opinião e o anseio dos estudantes, na expectativa das aulas serem mais motivadoras e atrativas para todos.

4.1.2 Organização e o planejamento da unidade didática

A partir das informações coletadas e analisadas no questionário diagnóstico, principalmente após a definição das três modalidades esportivas de rede/quadra dividida (voleibol, badminton e tênis), iniciamos a organização e o

planejamento das aulas. Tendo em vista que o resultado em ambas as turmas/escolas foi o mesmo nessa definição das modalidades, foi necessário realizar apenas algumas modificações para adaptar à realidade e à rotina de cada unidade escolar.

A escola José Leite de Moraes é uma escola muito grande e com muitas turmas. Por isso, em comum acordo entre os dois professores de EF que atuam no mesmo período, chancelada pela coordenação da escola, foi elaborada uma escala para a utilização da quadra, de modo que, a cada semana, a quadra estaria disponível para um dos professores. Considerando essa especificidade, organizamos o planejamento sempre com duas aulas em sala e duas aulas na quadra.

Na escola Maria Dimpina esse tipo de escala não é necessária, pois a quantidade de turmas por período não é muito grande. Porém, como informamos, na rede municipal de educação, esta pesquisa não foi realizada na unidade de lotação na qual o professor pesquisador deste estudo é efetivo. Dessa maneira, seria imprescindível seguirmos a organização que o professor de EF titular da turma já estava desenvolvendo: sendo uma aula em sala e uma aula em quadra. Porém, para facilitar a adaptação dos planejamentos e caminhar um pouco mais próximo das aulas realizadas com a turma da escola José Leite, conseguimos uma flexibilidade e um acordo com o professor titular e com sua turma, desenvolvendo duas aulas em sala de aula e duas em quadra.

Considerando ainda algumas adaptações nos planejamentos, foi necessário alterar a sequência das aulas no que se refere às modalidades, que não poderiam acontecer de maneira igual, tendo em vista que alguns materiais didáticos que seriam usados para as aulas são particulares do professor pesquisador. Nesse sentido, se algumas modalidades esportivas fossem vivenciadas na mesma semana, em ambas as escolas, haveria dificuldades logísticas no transporte desses materiais.

Outra adaptação necessária, conforme já informamos, é que, na escola José Leite de Moraes, as aulas aconteceram de forma sequencial no mesmo dia da semana (aulas duplas), todas as segundas-feiras, nas duas últimas aulas (3ª e 4ª aula). Já na escola Maria Dimpina, não foi possível essa organização, e as aulas aconteceram em dias da semana alternados, terças-feiras na 4ª (última) aula, e nas sextas-feiras na 1ª aula.

Ainda na escola Maria Dimpina, foi necessário excluir do planejamento inicial da nossa unidade didática duas aulas de badminton, tendo em vista algumas

situações que prejudicaram o cronograma inicial, como emendas de alguns feriados e a realização de uma semana avaliativa.

Outra situação que também influenciou essa necessidade de reduzir duas aulas da nossa proposta inicial foi que a última aula da unidade didática precisou ser antecipada, dia em que aplicaríamos o questionário de saída. Esse instrumento seria aplicado no último dia de aula antes do recesso escolar do meio do ano, mas previmos que muitos estudantes poderiam não comparecer nesse dia, e decidimos antecipar a aplicação do questionário para a penúltima aula. Sendo assim, o cronograma de execução da nossa unidade didática foi organizado da seguinte forma:

Quadro 13: Cronograma de execução da unidade didática

ESCOLA JOSÉ LEITE DE MORAES TURMA: 8º ano D			ESCOLA MARIA DIMPINA TURMA: 8º ano A		
Data	Aula	Conteúdo	Data	Aula	Conteúdo
18/04/2022	1	Avaliação Diagnóstica	19/04/2022	1	Avaliação Diagnóstica
	2	Introdução aos esportes de rede/quadra dividida	03/05/2022	2	Introdução aos esportes de rede/quadra dividida
02/05/2022	3	Construção e montagem das quadras reduzidas	06/05/2022	3	Construção e montagem das quadras reduzidas
	4	Experimentação dos esportes de rede/quadra dividida	10/05/2022	4	Experimentação dos esportes de rede/quadra dividida
09/05/2022	5	Voleibol	13/05/2022	5	Tênis
	6	Voleibol	17/05/2022	6	Tênis
16/05/2022	7	Voleibol	20/05/2022	7	Tênis
	8	Voleibol	24/05/2022	8	Tênis
23/05/2022	9	Badminton	27/05/2022	9	Voleibol
	10	Badminton	31/05/2022	10	Voleibol
30/05/2022	11	Badminton	03/06/2022	11	Voleibol
	12	Badminton	07/06/2022	12	Voleibol
06/06/2022	13	Tênis	10/06/2022	13	Badminton
	14	Tênis	14/06/2022	14	Badminton
13/06/2022	15	Tênis	21/06/2022	15	Aula de Campo (Tênis e beach tennis)
	16	Tênis	24/06/2022		Semana de Avaliação
21/06/2022	17	Aula de Campo (Tênis e beach tennis)	28/06/2022	16	Experimentação dos esportes de rede/quadra dividida - Paralímpicos
27/06/2022	18	Experimentação dos esportes de rede/quadra dividida - Paralímpicos	01/07/2022	17	Festival Esportivo
	19	Festival Esportivo	05/07/2022	18	Avaliação Final
04/07/2022	20	Avaliação Final	08/07/2022		Último dia letivo do 2º bimestre

Nota: Elaborado pelo autor

Além do questionário diagnóstico, é importante destacar que a estruturação dessa unidade didática se fez a partir dos conteúdos previstos na BNCC, documento oficial que norteia o trabalho dos professores da rede pública e particular de todo país. Também utilizamos como referência alguns documentos orientadores locais, como Documento de Referência Curricular para Mato Grosso e os Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá.

Ancoramos essa unidade didática a partir das NTPE, tendo em vista que nossa proposta se estruturou não apenas nos conhecimentos das habilidades técnicas, táticas e regras, mas procurou, assim como propõe González e colaboradores (2014, p. 137), “oferecer conhecimentos conceituais que possibilitam a compreensão do esporte como fenômeno social”. Ou seja, considerando o “saber sobre o fazer”, nos preocupamos também em situar histórica e socialmente as práticas esportivas oferecidas e estudadas com os estudantes, com a apresentação de sua origem, com a análise de suas transformações e com a reflexão das formas alternativas de praticá-las.

No que se refere aos conhecimentos procedimentais (saber fazer), estruturamos nossa unidade didática corroborando as ideias de González e Fraga (2012). Esses autores preferem chamar os conhecimentos procedimentais na EF de saberes corporais e, para o ensino do conteúdo de esportes, os dividem em dois tipos: o primeiro é chamado de “esportes para saber praticar”, e o segundo de “esportes para conhecer”.

Os saberes corporais denominados de “esportes para saber praticar” se referem a um saber fazer que permite a apropriação dos elementos necessários para participar de forma proficiente e autônoma em uma ou mais modalidades esportivas em contextos recreativos e de lazer, oportunizando o estudante conseguir praticar fora da escola as modalidades ensinadas nas aulas de EF. Já nos saberes corporais denominados de “esportes para conhecer” são propostos na lógica do praticar para conhecer, diferenciando-se em razão do nível de proficiência almejado, o que oportuniza conhecer, na prática, diferentes tipos de esportes que fazem parte da CCM (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012).

De maneira geral, podemos diferenciá-los em razão do tempo curricular destinado para cada um. O “saber praticar” necessita de maior aprofundamento e, consequentemente, mais aulas do que o quantitativo destinado ao “praticar para

conhecer”. Nesse sentido, como tínhamos a intenção de oportunizar aos estudantes conhecer vários esportes de rede/quadra dividida em apenas um bimestre, destacamos que nossa unidade didática foi planejada considerando o saber corporal de “esportes para conhecer”.

Quanto aos conhecimentos atitudinais (saber ser), González e Bracht (2012) os caracterizam como disposições morais, éticas, políticas, valores sociais e comportamentais, aos quais devemos, como professores, estar atentos, no sentido de promover a prática da solidariedade, do respeito, da igualdade e da liberdade, bem como é relevante se empenhar em questionar atitudes de preconceito, discriminação, violência e intolerância. Porém, os autores alertam para que esses conhecimentos atitudinais não sejam desenvolvidos por discursos moralistas, como por exemplo, preparando uma aula específica sobre o assunto. Sendo assim, é preciso levar os estudantes a praticarem e refletirem sobre valores no desenrolar de cada aula.

Dessa forma, os conhecimentos atitudinais nessa unidade didática aconteceram de maneira implícita durante os conhecimentos conceituais e procedimentais, conforme surgissem fatos importantes a serem destacados, aproveitávamos para dialogar em roda de conversa, no início, no final de cada aula, ou mesmo imediatamente a ocorrência do fato.

Outro ponto importante ao planejar essa unidade didática foi a preocupação com o ensino dos esportes pela lógica interna, conforme percebemos em nosso marco teórico. Essa organização é sugerida na BNCC (2018), bem como por González e Bracht (2012) e, por isso a opção em oferecer modalidades que pertençam a categoria de esportes de rede/quadra dividida, no intuito de facilitar a transferência de conhecimentos dos estudantes a partir dos aspectos em comum desses esportes.

Para a organização das aulas, adaptamos a proposta apresentada por González, Darido e Oliveira (2017), estruturando as aulas em três blocos distintos: roda de conversa inicial, desenvolvimento e roda de conversa final. Sobre a estratégia das rodas de conversa inicial e final, esses autores explicam que:

Na roda não há início nem fim; há um sentido de igualdade e união, no qual todos falam e são ouvidos, enfim, um espaço coletivo. A roda propicia a aprendizagem de ouvir o colega, aguardar a sua vez de falar, respeitar opiniões, argumentar, discordar, concordar, além de outros (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017, p. 25).

Na roda de conversa inicial, aproveitamos para estimular os estudantes a relembrem o que foi aprendido na aula anterior e a apresentar o que seria ensinado na aula atual. Também utilizamos esse momento para investigar o que os estudantes já conheciam sobre o assunto, como uma espécie de uma pequena avaliação diagnóstica.

Após a roda de conversa inicial, acontecia o bloco do desenvolvimento da aula, parte em que se trabalhava o conteúdo principal planejado, quando as vivências do desenvolvimento eram corporais, ou seja, aulas práticas na quadra. Subdividiu-se essa parte da aula em 3 momentos: primeiros movimentos, primeiros jogos e jogos finais.

Nos primeiros movimentos, realizavam-se atividades, brincadeiras e jogos mais simples e lúdicos, que pudessem trazer elementos introdutórios sobre o tema principal da aula. Nos primeiros jogos, eram evidenciadas situações mais próximas da realidade da modalidade que estávamos trabalhando, incluindo e/ou adaptando regras nos jogos que pudessem condicionar o comportamento dos estudantes em aspectos táticos específicos. Já no jogo final, oportunizávamos colocar em prática aquilo que foi tematizado durante a aula, deixando o jogo ainda mais próximo da modalidade oficial. Porém, ainda assim, foram realizadas algumas modificações que favorecessem a reflexão de ações táticas desempenhadas durante toda a aula.

A roda de conversa final, último momento da aula, era a oportunidade de discutir junto com os estudantes as dificuldades e as facilidades sobre o que foi ensinado/aprendido, era a ocasião para comentarem sobre atitudes e comportamentos positivos e negativos, bem como para o professor apresentar o que seria trabalhado na próxima aula.

4.1.3 Estratégias para o desenvolvimento dos saberes conceituais e atitudinais

Em nosso marco teórico, revisamos como o fenômeno esporte foi se tornando um protagonista na EFE, porém numa predominante perspectiva esportivista, tradicional, tecnicista e competivista. As aulas de EF eram estruturadas a partir dos saberes procedimentais, com foco no fazer, no exercitar para manter a saúde e para detecção de talentos.

Vimos ainda que, a partir da década de 1980, começa-se a questionar o papel da EF na escola, buscando romper essa perspectiva. Isso foi impulsionado pelo

Movimento Renovador da EF e as diversas concepções que surgem a partir desse movimento com a tentativa de compreender o esporte enquanto conteúdo da EFE, como um fenômeno social, que contemple conhecimentos além das habilidades técnicas, de modo a considerar os conteúdos também a partir dos saberes conceituais e atitudinais.

É na perspectiva de uma EF que rompa com o ensino tradicional dos seus conteúdos, principalmente do esporte, centralizado quase que exclusivamente em fundamentos e técnicas (procedimental), que compartilharemos algumas estratégias utilizadas nesta unidade didática. Tudo isso na tentativa de superar essa perspectiva fragmentada de ensino, considerando todas as dimensões (procedimental, conceitual e atitudinal) no mesmo nível de importância.

Explicamos, no tópico anterior, algumas das razões para as aulas acontecerem de maneira alternada em dois ambientes, duas aulas em sala de aula e duas aulas em quadra. Darido (2012, p. 53) frisa que “na prática docente, não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora possa haver ênfases em determinadas dimensões”. Sendo assim, aproveitamos os momentos em sala para focar com mais profundidade as dimensões conceituais e atitudinais e, nas aulas em quadra, a ênfase foi no procedimental e no atitudinal.

4.1.3.1 Desenvolvimento de rodas de conversas a partir do conhecimento prévio, pesquisas para casa e decisões democráticas

As rodas de conversa aconteciam tanto no início das aulas quanto no final e foram ótimos momentos para o desenvolvimento dos saberes conceituais e atitudinais, estratégia essa utilizada em todas as aulas. As rodas de conversa não necessariamente precisam ser um círculo, pois, independentemente da disposição dos estudantes, o principal é favorecer o diálogo, a democracia e o respeito a opiniões divergentes.

Nas aulas realizadas em sala de aula, esses momentos aconteceram na maioria das vezes com os estudantes dispostos na forma tradicional em que as mesas e as cadeiras ficam dispostas, ou seja, em fileiras. Já nas aulas em quadra, organizamos os estudantes sentados no chão da quadra e em círculo.

De acordo com a DRC-MT (MATO GROSSO, 2018), esses momentos de roda de conversa e aulas teóricas são muito oportunos para noções e conceitos

relacionados, por exemplo, à história das modalidades, às principais regras, aos fundamentos técnicos e táticos, aos temas sociais relacionados às práticas corporais como o doping no esporte, à violência no esporte, à nutrição, ao respeito às diferenças corporais e de desempenho. Além disso, são desenvolvidos valores como a solidariedade, o trabalho coletivo, a honestidade, a equidade, o respeito etc.

Figura 6: Momentos de roda de conversa



Fonte: Acervo do autor (2022)

Sendo assim, nas rodas de conversa iniciais, antes de o professor expor o tema da aula, questionávamos os estudantes sobre o que conheciam daquele determinado assunto, incentivando a participação deles por meio de seus conhecimentos prévios. Nos PCNs (BRASIL, 1997) já se recomendava que o professor investigue os conhecimentos e as experiências dos estudantes relativos ao corpo, ao movimento e à cultura corporal para, então, promover a sua ampliação e a prática na sociedade.

No questionário diagnóstico, realizamos a verificação desses conhecimentos prévios dos estudantes, porém de uma maneira mais geral, objetivando o planejamento das aulas. Quando trazemos esses momentos de conhecimentos prévios para cada aula, percebemos com mais detalhes o que os

estudantes sabem sobre o tema da referida aula, valorizam-se os conhecimentos que eles já possuem, além de abrir espaço para o diálogo, para a troca de experiências e para o aprendizado entre seus pares. Nessa parte da aula, os estudantes normalmente citavam as regras da modalidade e também alguns objetivos do jogo:

Começamos então a conversar sobre o que eles conheciam sobre o voleibol, houve a participação expressiva dos estudantes, citaram principalmente as regras, como o máximo de 3 toques, a quantidade de jogadores no jogo oficial, falaram sobre o líbero e sobre a bola poder bater na rede ou não, fazer com a bola caia na quadra dentro da quadra do adversário [...] (DC – MD, AULA 09).²

Essa estratégia do conhecimento prévio também foi utilizada na primeira aula prática, oportunizando aos estudantes vivenciarem motoramente algumas das modalidades da categoria de rede e quadra dividida que havíamos apresentado na aula anterior, sem se aprofundar muito. A quadra em dimensões oficiais foi dividida em várias quadras menores, (5 miniquadras na escola Maria Dimpina e 6 miniquadras na escola José Leite) e, em cada quadra reduzida, jogou-se uma modalidade da categoria de rede/quadra dividida diferente.

Os estudantes jogaram de acordo com o conhecimento que tinham sobre cada uma das modalidades, expliquei em roda de conversa que em caso de dúvidas sobre alguma regra ou como jogar, era para realizarem acordos entre eles, mesmo assim alguns estudantes durante o jogo me procuraram para tirar dúvidas, ainda assim, considero que esse momento foi interessante, pois a necessidade prática estimulou a buscarem mais conhecimento (DC - JL, AULA 03).

Dessa forma, os estudantes precisaram jogar a partir dos conhecimentos que cada um trazia dos esportes que estavam praticando, trocando informações, respeitando as diferenças de conhecimento e habilidade entre eles, e aprendendo de forma colaborativa.

Ainda durante as rodas de conversa, principalmente nas rodas finais, com o objetivo de fortalecer os conhecimentos prévios dos estudantes, procuramos também incentivá-los a realizarem pesquisas em casa sobre o tema da próxima aula ou mesmo sobre algumas dúvidas que pudessem surgir durante as aulas, como uma espécie de “tarefa para casa”. É o que se observa a seguir:

² Os trechos retirados do diário de campo escrito pelo professor pesquisador serão identificados com a abreviatura “DC”. Para diferenciar de qual escola pertence cada trecho, os identificamos por meio das abreviaturas “MD” para a escola municipal Maria Dimpina, e “JL” para a escola estadual José Leite.

No final da aula, após citarem os esportes de rede/quadra dividida que eles conheciam, além dos que havíamos falado na aula, surgiu uma dúvida entre os estudantes, se o futmesa tinha rede divisória, até eu mesmo fiquei na dúvida, alguns alunos disseram que não tinha rede, outros achavam que tinha, então fui honesto e disse que eu também estava com dúvida. Então aproveitei a ocasião, para solicitar que eles pesquisassem e trouxessem a resposta na próxima aula (DC - JL, AULA 03)

Encerrei a aula informando que na próxima aula iremos começar a estudar uma nova modalidade, que no início ela tinha o nome de MINTONETTE, sendo assim, para pesquisarem e trazerem para a próxima aula, qual o nome atual desse esporte e quais suas principais regras (DC - MD, AULA 08).

Nesse último trecho do diário de campo, podemos perceber que não revelamos aos estudantes sobre qual modalidade iríamos estudar na aula seguinte. A ideia foi dizer a eles o nome inicialmente dado ao voleibol, aguçando a curiosidade no sentido de buscarem informações das regras e, ao mesmo tempo, conhecerem um pouco sobre a história/origem da modalidade.

Essa estratégia de fazer os estudantes pesquisarem fora do ambiente escolar é chamada por González e Bracht (2012) de “temas de casa”. Os autores citam que é uma maneira de preparar os estudantes para os conhecimentos conceituais, incentivando-os a pesquisarem sobre o tema que estão estudando ou irão estudar, contribuindo também para resolverem problemas ou dúvidas sobre o conteúdo. Esses autores ainda complementam que existem diversas possibilidades, que não necessariamente precisam ser trabalhos conceituais, podendo, por exemplo, propor “desafios motores”, ou seja, não se limitar apenas às tarefas de copiar.

Nesse sentido, orientamos que realizassem essas pesquisas buscando informações na internet, principalmente assistindo a vídeos do YouTube, uma ferramenta tecnológica a que muitos têm acesso e que atrai bastante a juventude. Explicamos, ainda, que não era necessário copiarem grandes textos, não precisariam entregar nada escrito ao professor, sugerimos apenas que fizessem anotações de tópicos das informações que julgassem mais importantes para ampliarem seus conhecimentos e facilitar o momento de troca de informações que teríamos na roda de conversa inicial da próxima aula.

É fato que nem todos os estudantes realizaram essas pesquisas. Em certos momentos, essa falta de envolvimento e de comprometimento deles nos incomodou bastante, porém, com o decorrer das aulas, percebemos uma tímida evolução:

Na roda de conversa inicial perguntei quem tinha realizado a pesquisa sobre as regras e a história do tênis, porém nenhum estudante havia feito, fiquei bem chateado com a falta de comprometimento deles, mas segui adiante a aula investigando então o conhecimento popular e natural que eles têm sobre a modalidade (DC - MD, AULA 05).

Iniciamos a roda de conversa a partir da atividade de pesquisa que solicitei na aula anterior, sobre o mintonette, mais uma vez pouquíssimos estudantes realizaram, apenas 2, conseguiram citar que o mintonette era o nome inicialmente dado ao voleibol e algumas regras, em seguida houve a participação de outros estudantes que disseram não ter realizado a pesquisa, mas conheciam algumas regras do voleibol (DC - MD, AULA 09).

Iniciamos a aula verificando quais estudantes haviam realizado a pesquisa sobre o voleibol sentado (de responsabilidade dos meninos) e vôlei de praia (sorteado para as meninas), somente 3 meninas e 2 meninos realizaram a pesquisa, fazendo inclusive anotações em seus cadernos [...] (DC - MD, AULA 10).

Silva, C. (2020) encontrou dificuldades parecidas ao desenvolver essa estratégia com “temas para casa” nas aulas de Educação Física. Investigando um pouco as razões, descobriu que uma delas era a falta de costume dos estudantes em realizar tal tarefa. Apesar de essa estratégia não ter atingido a maioria dos estudantes em nosso estudo, a consideramos importante para auxiliar na aprendizagem dos saberes conceituais, incentivando-os a ter mais autonomia nos estudos. Aumentamos o diálogo entre os estudantes e professores, de forma a proporcionar a troca de conhecimentos e reduzir um pouco o formato de aulas expositivas, nas quais só o professor fala, como se fosse detentor de todo o conhecimento.

Entendemos que a falta de comprometimento em realizar as pesquisas para casa também tenha relação com o vínculo entre os estudantes e o professor, já que o professor pesquisador não era o professor titular da turma na escola Maria Dimpina e não pertencia àquela comunidade escolar. Levantamos essa hipótese pois, na escola José Leite, não encontramos tanta dificuldade em desenvolver dessa estratégia, já que, desde as primeiras aulas, tivemos uma boa participação dos estudantes:

Sobre a dúvida dos estudantes em relação ao futmesa ser ou não um esporte que utiliza rede divisória, os próprios estudantes me lembraram da pesquisa que eu havia solicitado e informaram que realmente, o futmesa é um esporte de rede divisória, porém alguns deles disseram que já haviam jogado sem a utilização da rede, aproveitei a ocasião para falarmos que isso é normal, que num contexto de lazer, ou em práticas não formais, como uma competição oficial, podemos realizar adaptações na forma de jogar e nos equipamentos, inclusive informei que durante nossas aulas iríamos fazer várias adaptações para termos condições de praticar alguns esportes (DC - JL, AULA 03).

Gostei muito da participação dos estudantes nessa atividade de pesquisa sobre o mintonette que eu havia solicitado para eles na aula anterior, a maioria dos alunos realmente realizaram a pesquisa, muitos anotaram em seus cadernos e também nos celulares, percebi muitos deles consultando suas anotações para poderem participar desse momento. Houve várias contribuições, principalmente indicações das regras [...] (DC - JL, AULA 05).

Nas rodas de conversa finais, realizamos uma espécie de avaliação da aula, abrindo espaço para os estudantes exporem suas opiniões, relatando aspectos positivos e negativos das aulas, suas dificuldades sobre o conteúdo. Buscamos identificar o que eles aprenderam e também conversar sobre os comportamentos, com elogios às atitudes positivas e chamando atenção sobre as atitudes negativas.

Destacamos comentários dos estudantes sobre o que acharam da aula, como pontos positivos e negativos, a mudança de pré-conceitos sobre uma diferente e nova prática da cultura corporal de movimento e as dificuldades que encontraram:

Foi bom porque que várias pessoas puderam jogar ao mesmo tempo (DC – AULA 03 - estudante MD04).

Achei um pouco ruim jogar o tênis, pois o espaço é muito pequeno (DC – AULA 17 - estudante MD01).

No começo eu achei que jogar badminton seria chato, mas depois comecei a gostar e me empolguei (DC – AULA 12 - estudante JL15).

Tive um pouco de dificuldade para ter a força certa na hora de bater na bola, um pouquinho de força a mais a bola ia para fora, e um pouquinho de força a menos a bola não passava por cima da rede (DC – AULA 16 - estudante JL16).

Os estudantes manifestaram-se sobre o que aprenderam em relação aos saberes procedimentais e conceituais. Identificamos aspectos relacionados à história, à diferença de nomenclaturas dos esportes, comparações e compreensão das diferenças entre os esportes, como surgiram variações que posteriormente geraram novos esportes e ainda a importância da consciência tática:

Então professor, quando falamos vôlei ou voleibol, estamos falando de um mesmo esporte, como uma espécie de apelido, mas quando dizemos vôlei de praia, nos referimos a outro esporte (DC – AULA 06 - estudante JL23).

O futevôlei foi criado com a mistura de futebol e vôlei (DC – AULA 10 - estudante MD07).

A diferença é que no badminton utiliza-se a raquete. Já na peteca utiliza-se apenas as mãos (DC – AULA 12 - estudante JL13).

Praticamos e aprendemos o jogo palma da mão que deu origem ao tênis (DC – AULA 16 - estudante JL01).

Que a realização dos 3 toques no vôlei é importante para elaborar melhor a jogada, tentando colocar a bola nos espaços vazios da quadra adversário ou mandar de uma forma que dificulte mais o retorno dela (DC – AULA 11 - estudante MD17).

Após, realizamos alguns apontamentos para a turma sobre problemas de comportamento que surgiram nas aulas, tais como: brigas, brincadeiras fora de hora, dificuldades de atender a solicitações simples (como sentar-se em círculo), conversas excessivas durante fala dos colegas e explicações do professor, etc:

Encerrei a aula utilizando a roda de conversa final para comentar como a indisciplina e a falta de respeito da maioria deles comigo e com os colegas interferem na aula e no aprendizado deles, iríamos desenvolver algumas atividades com as raquetes oficiais de tênis, mas não conseguimos chegar nessa parte da aula por conta da bagunça e falta de comprometimento dos estudantes (DC - MD, AULA 07).

Na roda de conversa final, elogiei o comportamento e desempenho da turma ao realizar as atividades propostas, mesmo com o atraso no início da aula por conta da chuva, conseguimos desenvolver grande parte do que estava planejado, graças ao bom comportamento deles. Tivemos apenas um problema entre dois alunos com ofensas verbais e gestuais, sendo assim, aproveitei o fato, para em roda de conversa, lembrar aos estudantes que precisamos ter respeito com os colegas, saber resolver os problemas sem ofender as pessoas, conversando entre os pares, ou se necessário avisar o professor, mas que nada justifica agressões (DC - MD, AULA 12).

Nesta aula tivemos um conflito entre duas alunas, a estudante JL5 ficou chateada e saiu do jogo, pois sua colega de equipe, estudante JL6 brigava de mais com ela por conta de suas dificuldades. Fui ao encontro da estudante JL5 e verifiquei o que estava acontecendo e então pedi para ela escolher uma outra quadra para jogar e retomar as atividades da aula. Sendo assim, aproveitei a roda de conversa final para falar sobre o fato e conversamos sobre a importância de termos paciência, ajudar os colegas com mais dificuldade, saber conversar e trabalhar em equipe (DC - JL, AULA 08).

Ginciene e Matthiesen (2018) num estudo sobre a utilização de estratégias para o ensino da dimensão atitudinal nas aulas de EF, também encontraram situações conflituosas como essas e reforçaram a importância dos professores aproveitarem esses problemas comportamentais, que são comuns e próprios da EF (respeito aos colegas de equipe, aos adversários, aos árbitros, aos espectadores, às regras; às atitudes diante da vitória e/ou da derrota, do preconceito com as diferenças dos menos habilidosos, de gênero, de biótipos, de raças, etc), para abordar os conteúdos também na dimensão atitudinal, de modo a desenvolver atitudes e valores positivos.

Darido (2012) complementa que é comum, nas aulas de EF, surgirem conflitos. Ressalta a importância de o professor intervir no momento oportuno (durante o fato ou no final da aula), identificando e repudiando as situações de violência e

desrespeito como agressões físicas ou verbais, apelidos pejorativos e discriminações em geral. Cabe a ele promover a reflexão e a discussão desses problemas com os estudantes, expressando opiniões, questionamentos e dúvidas. Mas destaca que essas intervenções, por vezes, não são simples. Mesmo que o professor seja bem-intencionado, existem outros fatores que influenciam o comportamento dos estudantes, como o ambiente familiar e social em que o estudante está inserido, a mídia e a dificuldade de encontrar procedimentos claramente estabelecidos para trabalhá-los, já que não temos tradição em ensinar valores de maneira explícita.

Outra estratégia utilizada tanto na roda de conversa inicial quanto final foram os momentos de decisões coletivas, nos quais os estudantes tiveram a oportunidade de escolher, em determinadas aulas, algumas modalidades esportivas que pertencessem à categoria de rede/quadra dividida:

[...] realizamos a votação no final da aula, para escolher a modalidade a ser jogada na próxima aula e a maioria dos estudantes, com 20 votos, escolheram o voleibol. Essa escolha vem de encontro com os dados obtidos no questionário diagnóstico, nos faz refletir que os estudantes normalmente escolhem aquilo que é mais popular e conhecido por eles (DC - MD, AULA 02).

Já quase terminando a aula, informei que a modalidade de rede e quadra dividida que iríamos realizar na próxima aula seria escolhida por eles de maneira democrática, então o que a maioria escolhesse iríamos realizar, a votação foi bem apertada, voleibol teve 10 votos, o tênis de mesa teve 8 votos, e o futmesa 5 votos, outros estudantes não quiseram votar [...] (DC - JL, AULA 02).

Conforme planejamos, a proposta da aula era que em cada uma das 5 quadras reduzidas seria desenvolvido uma modalidade de rede divisória, sendo 4 modalidades definidas por mim (voleibol, peteca, badminton e tênis) e uma quadra realizamos a votação na roda de conversa inicial para verificar qual seria a modalidade que a turma iria jogar, com 12 votos, ganhou o fute-tênis [...] (DC - JL, AULA 04).

Nas primeiras aulas em que utilizamos essa estratégia, alguns estudantes não participaram das votações; outros, por sua escolha não ter vencido, se revoltaram, reclamando do processo. Sendo assim, aproveitamos a ocasião para debater sobre a importância de participarmos das decisões democráticas e respeitar seus resultados, alertando os estudantes que, se não se envolvessem, também não teriam o direito de reivindicar. Percebemos que, nas aulas seguintes, houve o envolvimento e a participação de todos os estudantes, bem como conseguiram aceitar os resultados mesmo não lhe sendo favoráveis. Isso colaborou para um processo de ensino-

aprendizagem que considere o estudante mais participativo, colaborador e democrático.

4.1.3.2 Utilização dos vídeos e o uso da tecnologia em sala de aula

Após as rodas de conversa iniciais em sala de aula, seguíamos à parte principal da aula, dando sequência no conteúdo/tema, a partir de alguns vídeos curtos. A DRC de Mato Grosso (2018, p. 160), ao tratar sobre as aulas de EF realizadas em sala de aula, explica que “o professor pode passar conteúdos no quadro, mas isso toma muito tempo. Assim, uma estratégia interessante é a leitura de pequenos textos ou a exibição de vídeos curtos sobre as práticas corporais em estudo e a posterior discussão.”

Figura 7: Exibição de vídeos



Fonte: Acervo do autor (2022)

Utilizamos diferentes estratégias com esses vídeos, ora apresentávamos o vídeo todo para depois conversamos com os estudantes sobre os principais pontos tratados, ora parávamos os vídeos a cada parte importante para explicar com mais detalhes determinados assuntos, verificar o que compreenderam e abríamos espaço para os estudantes tirarem dúvidas:

Ao passar o vídeo, fiz algumas pausas para explicar melhor algumas regras e informações das modalidades de vôlei sentado e vôlei de praia, gostei bastante da participação dos estudantes, fazendo perguntas e tirando suas dúvidas (DC - MD, AULA 10).

Tanto o vídeo da história como das regras, os alunos prestaram bastante atenção e participaram bem das conversas sobre os vídeos, destaco a reação deles quando passamos o vídeo com os lances incríveis do esporte, ficaram

impressionados com os grandes *rallies* e a força que os atletas batiam na peteca (DC - JL, AULA 09).

Apresentei o vídeo sobre a história do tênis e depois solicitei para os estudantes comentarem o que haviam compreendido, relembrando os fatos mais marcantes apresentados no vídeo. Depois apresentei o vídeo que mostrava como se joga o "Jeu de Paume", que deu origem ao tênis (DC - JL, AULA 13).

Darido (2012, p. 114) relata que “vídeos e/ou filmes, documentários, reportagens especiais são recursos importantes no ensino da Educação Física, desde que permitam estabelecer relações com os temas que estão sendo abordados em aula”. Nos trechos acima do diário de campo, é possível perceber que selecionamos alguns vídeos com o objetivo de promover conhecimentos relacionados a: origem e história dos esportes de rede/quadra dividida, as principais regras, grandes lances e *rallies* emocionantes de alguns jogos oficiais, história de vida de alguns dos principais atletas brasileiros e do mundo, como esses esportes são adaptados e praticados por pessoas com deficiência, etc.

Figura 8: Pesquisas em sala de aula com celulares conectados à internet



Fonte: Acervo do autor (2022)

Além da exibição desses vídeos com essas temáticas e as discussões geradas a partir deles, também promovemos um momento de pesquisa em sala de aula. Separamos os estudantes em grupos, e cada grupo precisou pesquisar temáticas sobre o badminton, utilizando seus próprios celulares conectados à internet da escola. Essas temáticas foram entregues aos estudantes por meio de questões sobre: a evolução desse esporte no Brasil (medalhas conquistadas em competições internacionais, nome dos atletas que se destacaram, história de vida do principal atleta brasileiro na atualidade), equipamentos esportivos necessários (valor médio, as possibilidades de jogar de maneiras mais simples e menos onerosas), a prática desse esporte por pessoas com deficiências (as adaptações nas regras e para quais deficiências foram adaptados). Destinamos um tempo para os estudantes pesquisarem e, posteriormente, os grupos apresentaram as respostas para todos os demais colegas da sala. A partir dessas apresentações, ampliávamos e discutíamos os assuntos com todos os estudantes.

Cada dia se fala mais sobre o uso das tecnologias a favor da educação. Não temos dúvidas do seu potencial, pois são ferramentas atrativas para os estudantes e podem auxiliar muito o professor no processo de ensino e aprendizagem para o rompimento de aulas meramente expositivas. Vários documentos normativos citam a importância da tecnologia no ambiente educacional, dentre os quais destacamos:

Na BNCC, em suas Competências Gerais da Educação Básica (nº 4 e 5) e nas Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental (nº 3 e 6) o documento apresenta o desafio de utilizarmos a comunicação para compartilhar informações, experiências e emoções, com as mais diversas linguagens, incluindo as digitais, bem como trata da importância de contextualizar as atividades que utilizam tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais.

A DRC de Mato Grosso (2018, p. 232) descreve como “fundamental que o estudante visualize as tecnologias digitais como meio para se comunicar, acessar e disseminar as informações para produzir conhecimentos e resolver problemas, levando-o ao protagonismo na vida pessoal e coletiva”.

A Política Educacional da Secretaria de Educação de Cuiabá, Escola Cuiabana (2020, p. 268) cita que “diante de uma ‘geração digital’, palavras como

mediação, interação, aprendizagem em redes, aprendizagem colaborativa, ambientes virtuais e multiletramentos devem fazer parte do vocabulário dos educadores”.

No entanto, é preciso que as secretarias de educação ofereçam ainda mais condições para a utilização da tecnologia como uma ferramenta educacional nas escolas. Os avanços estão acontecendo, porém de maneira muito tímida e vagarosa. Para se ter uma ideia, em uma das escolas onde desenvolvemos o estudo não havia internet disponível para realizar a atividade de pesquisa usando o celular dos estudantes. Nesse caso, adaptamos a atividade planejada, solicitando uma pesquisa para casa.

Outro exemplo é que, para a utilização de um equipamento básico como projetor multimídia, foi necessário fazer reserva com muita antecedência e ainda contar com a colaboração dos colegas professores que, por ser um estudo de mestrado, renunciaram a sua reserva do equipamento para nos ajudar. Além disso, os vídeos que utilizamos nas aulas, preferimos baixar e salvá-los no computador, porque não é muito confiável contar com a internet disponível na escola para os professores.

Infelizmente, essas dificuldades para a utilização de meios tecnológicos não é um caso isolado, pois ainda existem escolas públicas no Brasil todo onde falta o básico em infraestrutura, e estão longe de existirem equipamentos e condições tecnológicas ideais. Devemos aproveitar esse período pós-pandêmico, em que a educação tanto precisou e sentiu falta de tecnologia, para cobrar das autoridades uma escola mais tecnológica, com formação aos professores, com equipamentos e conexão suficientes para garantir a todos os estudantes esse ensino com e a partir das linguagens tecnológicas.

Concluimos que todas essas estratégias planejadas e desenvolvidas para ampliar os conhecimentos dos estudantes para além dos saberes procedimentais (rodas de conversas, conhecimento prévio, pesquisas para casa, utilização de vídeos e outros meios tecnológicos) foram importantes e auxiliaram muito para que o professor pesquisador conseguisse garantir que o ensino da CCM seja mais significativo, de modo a despertar conhecimentos aos estudantes para além do saber fazer. Essa conclusão pode ser chancelada a partir de algumas respostas dos estudantes no questionário de saída, ao relatarem sobre o que aprenderam durante nossas aulas além de jogar/praticar os esportes:

Aprendi coisas novas, regras novas, conheci a história do voleibol [...] (QS³ - estudante JL02).

Aprendi a contagem de pontos, regras e curiosidades como a origem (QS - estudante MD04).

Aprendemos sobre os tamanhos das quadras, como esses jogos foram criados e aprimorados ao passar do tempo (QS - estudante MD26).

Também aprendi que nem sempre por uma pessoa ter uma deficiência física, ela é impedida de praticar algo (QS - estudante JL19).

O respeito as regras e aos colegas são fatores muito importantes em qualquer esporte (QS - estudante JL13).

A ser mais honesto, e também a tratar os outros melhor, não inventar desculpas para não participar das aulas (QS - estudante MD20).

[...] educação física não é chegar e falar 'hoje vamos jogar bola'. O senhor fez diferente, ensinou coisas que mal sabíamos que existia (QS - estudante MD29).

Chama atenção o último relato, do estudante MD29, principalmente no trecho “Educação Física não é só chegar e falar vamos jogar bola”. Nota-se que alguns estudantes já compreendem, ou conseguiram compreender a partir da nossa intervenção, que a EFE enquanto um componente curricular deve ir além do ensinar a jogar.

Darido e Rangel (2005, p. 67) descrevem que “[...] os alunos são bastantes resistentes a propostas que incluam uma discussão mais sistematizada sobre a dimensão conceitual e atitudinal nas aulas [...]” e atribuem essa dificuldade principalmente pela tradição de aulas de EFE se resumirem, muitas vezes, ao saber fazer. Pressupomos um longo caminho para conseguir superar essa perspectiva histórica de ensino da CCM, mas entendemos que avançamos bastante no ressignificar e ampliar o olhar dos estudantes sobre os conteúdos a serem aprendidos nas aulas de EF.

4.2 Potencialidades e dificuldades dos jogos reduzidos no processo de ensino dos esportes de rede/quadra dividida

Quando se pensa na categoria de esportes de rede/quadra dividida, o primeiro esporte de que grande parte dos estudantes se lembra é o voleibol, um dos mais praticados e mais conhecidos no Brasil. Por meio do questionário diagnóstico

³ Os depoimentos dos estudantes retirados do questionário de saída, serão identificados com a abreviatura “QS”.

deste estudo, verificamos que o voleibol foi o esporte de rede/quadra dividida que os estudantes de ambas as turmas mais conhecem e que mais gostariam de praticar. Porém, é importante perceber que talvez outros esportes dessa categoria não são citados por eles por falta de conhecimento, mas nós, professores de EF, temos o dever de diversificar nossas aulas, na tentativa de aumentar o leque de práticas da CCM dos estudantes, aumentando assim as chances de possíveis identificações com essas práticas além das tradicionais.

Desse modo, foi pensando nessa premissa de diversificação dos conteúdos, em nosso caso, com o conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, que desenvolvemos estratégias para ensinar nas aulas de EF esportes não tradicionais como tênis, badminton, peteca, futevôlei, fute-tênis, beach tennis, etc. Todas essas modalidades são oficialmente realizadas individualmente ou em duplas e, dessa forma, nos perguntamos como seria possível oferecer essa categoria de esporte de rede/quadra dividida nas aulas de EF numa abordagem pedagógica apropriada para o ambiente escolar, de modo a manter as características de uma aula contagiante, animada e que inclua todos os estudantes de uma turma ao mesmo tempo, como uma verdadeira aula de EF deve ser.

Pensando nessa problemática, apresentaremos agora como se deu esse processo de ensino da categoria de esportes de rede e quadra dividida, utilizando a estratégia dos JRs. Evidenciaremos os problemas que surgiram durante as aulas, as soluções encontradas e a participação e opinião dos estudantes sobre a aprendizagem desses esportes utilizando tal estratégia.

Organizamos esse subcapítulo em 4 tópicos: no primeiro, “Relação entre os jogos reduzidos e os materiais pedagógicos”, foi o momento em que apresentamos os caminhos que trilhamos para transpor a necessidade de uma quantidade maior de materiais pedagógicos que a implementação dos JRs exige, envolvendo os estudantes em algumas adaptações e na construção de materiais alternativos. Buscamos parcerias e doações com a comunidade externa e também cobramos e ganhamos a confiança dos gestores escolares para um maior investimento em material pedagógico.

No segundo tópico, “Ambientação e gerenciamento dos espaços e tempos pedagógicos nos jogos e quadras reduzidas”, mostramos algumas maneiras utilizadas para que os estudantes, aos poucos, fossem se adaptando com as quadras e JRs.

Compartilharemos os caminhos que encontramos para proporcionar tempos e ambientes pedagógicos que contribuíssem para aulas mais dinâmicas e agradáveis para todos, tendo em vista as especificidades dos jogos e quadras reduzidas.

No terceiro tópico, abordamos “Os saberes corporais e jogos reduzidos no ensino dos esportes de rede/quadra dividida”. Apresentamos como se deu o processo de ensino e as experiências dos aspectos técnicos e táticos específicos de cada modalidade (saber fazer) por meio dos JRs, sem desconsiderar os aspectos, socioeducativo e o histórico-cultural.

E no quarto e último tópico, “Considerações dos estudantes sobre aprender os esportes de rede/quadra dividida a partir dos jogos reduzidos” trouxemos a opinião dos estudantes sobre a experiência de aprenderem e vivenciarem vários esportes da categoria de rede e quadra dividida a partir dos JRs.

4.2.1 Relação entre os jogos reduzidos e os materiais pedagógicos

Ao decidir ensinar os esportes a partir da estratégia de JRs, precisamos saber que haverá a necessidade de mais materiais pedagógicos, principalmente bolas, tendo em vista que existirão vários grupos jogando ao mesmo tempo. Para os esportes da categoria de rede/quadra dividida, não é diferente, pois, além das bolas, ainda é necessário pensar nas redes e como fixá-las. Como se não bastasse, a intenção de ensinar esportes não tradicionais nas aulas de EF, principalmente os que necessitam da utilização de raquetes, como tênis, badminton e beach tennis, aumenta ainda mais o desafio.

Pensando na realidade de muitas escolas públicas brasileiras, que infelizmente ainda possuem grandes dificuldades de ter o básico para o ensino, realidade essa que parece se agravar ainda mais ao se tratar do componente curricular de EF, entendemos que muitos professores podem encontrar aqui as primeiras dificuldades no desenvolvimento de JRs nas aulas de EF.

Sendo assim, apresentaremos os caminhos que trilhamos ou que podem ser possibilidades para superar essas dificuldades, como por exemplo, conquistar a confiança da gestão escolar para a aquisição e os investimentos em materiais pedagógicos para a escola, a busca de parcerias com a comunidade vizinha e externa à escola e adaptações ou confecção de materiais alternativos junto com os estudantes.

Entre as possibilidades para divisão da quadra em espaços reduzidos que citamos anteriormente, optamos pela sugerida por González, Darido e Oliveira (2017), que divide uma quadra de dimensões padrões e oficiais em 5 quadras reduzidas. Entendemos ser essa a que mais poderia nos auxiliar quando a intenção é envolver, senão todos, pelo menos a maioria dos estudantes de uma turma ao mesmo tempo em JRs para as modalidades de rede/quadra dividida.

O primeiro desafio foi preparar a estrutura para fixar as redes. Existem diversas possibilidades, das mais simples e baratas às mais sofisticadas e onerosas. A estrutura que utilizamos em todas as aulas práticas da nossa unidade didática em ambas as escolas (figura 9) valeu-se de uma base feita com rodas e pneus de carros preenchidos com concreto, onde fixamos as hastes/postes de metal para amarrar as redes. Essa estrutura foi baseada e adaptada daquela utilizada pelo PSVK, do qual o professor pesquisador foi estagiário e, posteriormente, professor.⁴

Figura 9: Estrutura utilizada para fixar as redes



Fonte: Acervo do autor (2022)

⁴ Em nosso produto educacional, além de mostrar passo a passo como confeccionar a estrutura utilizada nessa pesquisa, também apresentamos mais 5 possibilidades de estruturas para fixar as redes, incluindo uma previsão orçamentária para cada uma dessas possibilidades.

Na escola José Leite (parte superior da figura 9), utilizamos redes de voleibol já desgastadas pelo uso e cortamos ao meio. Já na escola Maria Dimpina (parte inferior da figura 9), utilizamos redes confeccionadas especificamente para quadras reduzidas, doadas pelo PSVK quando realizaram a reposição das suas por outras mais novas. As rodas e os pneus utilizados na estrutura adaptada foram adquiridos gratuitamente em um ferro velho próximo a uma das escolas, e o restante do material, como mão de obra do serralheiro e materiais (soldas e os postes/hastes) foram pagos com recursos das escolas onde o professor pesquisador é lotado.

Também conseguimos recursos de cada uma dessas escolas para a aquisição de pelo menos 5 bolas de voleibol (uma para cada quadra reduzida) e para comprar as raquetes e as petecas de badminton. Para que pudéssemos jogar badminton em duplas, nas 5 quadras reduzidas, foi necessário adquirir 20 raquetes.

No que se refere às raquetes de tênis, um equipamento ainda mais caro que as raquetes de badminton, conseguimos oportunizar que os estudantes realizassem algumas partes das aulas utilizando raquetes oficiais. Essas raquetes pertencem ao professor pesquisador e foram adquiridas a partir de uma campanha que ele realizou em 2012 ao visitar várias academias de tênis em Cuiabá e Várzea Grande, conversando com os responsáveis e fixando nos murais dessas academias um comunicado solicitando doação de raquetes usadas⁵. A ideia da campanha surgiu com o conhecimento do professor pesquisador sobre ser rotineiro que os praticantes de tênis trocassem de raquete após um desgaste natural ao longo dos anos, ou mesmo quando percebem que migraram de um nível de habilidade para outro mais avançado. Além das raquetes, conseguimos também a doação de redes e muitas bolinhas oficiais.

Oportunizamos a prática dessas modalidades com materiais oficiais, mas também consideramos importante realizar oficinas com confecção de materiais alternativos. É relevante criar um ambiente que proporcione aos estudantes a reflexão, a criação de soluções e alternativas para praticarem as diversas manifestações da

⁵ Para compreender melhor como essa campanha foi realizada, recomendamos a leitura do artigo "A possibilidade de práticas esportivas não tradicionais: Tênis nas aulas de Educação Física", publicado em 2014, na Coleção Pesquisas em Educação Física, v.13, n.3, suplemento. Disponível em: <https://fontouraeditora.com.br/periodico/article/1648>

CCM mesmo que não tenham condições de comprar materiais oficiais. Darido (2012) destaca que estratégias de construção e utilização de materiais alternativos durante as aulas estimulam os estudantes a praticarem em casa o que foi aprendido na escola, abrindo um leque de novas formas de lazer e práticas.

Existem várias maneiras para confecção de raquetes alternativas, e optamos por confeccionar uma raquete utilizando papelão, cola e elástico (figura 10). Sendo assim, na aula antecedente à confecção dessa raquete alternativa, em roda de conversa final, explicamos que iríamos confeccionar raquetes alternativas e que, para a próxima aula, eles precisariam trazer uma quantidade específica de papelões. Além disso, também seriam necessários elásticos e cola, porém esses materiais foram conseguidos com a equipe gestora das unidades escolares.

Figura 10: Confecção de raquetes palmares



Fonte: Acervo do autor (2022)

No início da aula em que realizamos a confecção das raquetes, em roda de conversa, verificamos quem havia lembrado de trazer os papelões e tivemos situações bem diferentes. Em uma das turmas, os estudantes compraram a ideia, e a maioria levou o material solicitado. Já na outra poucos trouxeram:

[...] apenas 3 alunos trouxeram, eu imaginava que nem todos os estudantes trariam o material solicitado, mas jamais preveria que apenas 3 trariam algo tão simples de conseguir, papelão. Mesmo assim, eu estava prevenido e levei vários pedaços de papelão prontos para serem recortados. Mas serviu de lição, acredito que sempre quando formos realizar atividades assim, que solicite algum material, seja importante antecipar em mais aulas a coleta dos mesmos, pois muitos estudantes acabam esquecendo, outra estratégia seria pedir para cada estudante trazer uma quantidade maior do que seria necessário, assim um pode emprestar para outro que não trouxe (DC - MD, AULA 06).

[...] destaco a atitude do estudante 22, que trouxe muitos pedaços de papelão, ele tem se destacado muito nas aulas, muito comprometido, está sempre pronto para ajudar e gosta de participar das discussões. Aproveitei a ocasião e estendi o elogio para toda turma em relação a participação e compromisso da maioria dos estudantes (DC - JL, AULA 14).

Figura 11: Experimentação das raquetes palmares no tênis



Fonte: Acervo do autor (2022)

De maneira geral, verificamos na prática que as raquetes palmares confeccionadas pelos estudantes substituíram muito bem as raquetes oficiais, permitindo a vivência e o aprendizado do tênis. Na roda de conversa final da última aula prática dessa modalidade, questionamos os estudantes sobre qual das raquetes

(oficial ou palmar) eles gostaram mais de jogar. Isso, na expectativa, é claro, de a maioria manifestar o gosto pelas raquetes oficiais, porém, muitos disseram que as duas foram legais. Entre algumas justificativas, essa foi bem relevante para nós:

[...] a raquete palmar era mais fácil de jogar do que a raquete oficial (DC – AULA 10 - estudante MD24).

A partir da conversa com a turma, em especial com essa justificativa, foi possível a reflexão por parte do professor pesquisador, aliado também as suas observações durante as aulas de tênis, de que as raquetes palmares, além de serem uma ótima alternativa quando não há as raquetes oficiais, principalmente quando se utilizam os JRs que naturalmente necessitam uma quantidade maior de materiais, tais raquetes também podem ser um excelente material pedagógico para facilitar o ensino-aprendizagem na iniciação dessa modalidade, tendo em vista que a raquete palmar não tem cabo. Nesse sentido, a área de contato com a bola fica mais próxima da mão e do corpo do praticante, o que, conseqüentemente, facilita a rebatida da bola.

Inclusive, as raquetes oficiais para crianças têm dimensões proporcionais a sua estatura e possuem um cabo bem menor que as oficiais para adultos. Essas alterações nas raquetes infantis servem para facilitar o aprendizado e contribuem para um melhor desempenho motor, considerando que um dos membros do seu corpo ao segurar uma raquete já estará mais comprido que o normal, bem como pode causar uma estranheza ainda maior para crianças que nunca praticaram esportes que utilizam raquetes.

Quanto às redes, tanto nas aulas com tênis como também nas aulas de badminton, utilizamos redes de voleibol mesmo. Primeiro porque não tínhamos as redes de badminton e depois porque foi outra oportunidade de mostrar aos estudantes que não é necessário ter todos os equipamentos oficiais para qualquer prática da CCM⁶. Em todas as aulas de badminton, utilizamos a rede de voleibol. Já nas aulas de tênis, como recebemos doação de redes oficiais, cortamos do tamanho das quadras reduzidas e as utilizamos em algumas aulas. Nas aulas das quais utilizamos a rede de voleibol para jogar tênis e badminton, foi necessário conversar com os

⁶ Em nosso produto educacional, também apresentamos algumas possibilidades de adaptações para redes nas quadras reduzidas.

estudantes sobre estarem atentos para o fato de que, caso a bola ou a peteca passassem por dentro da rede, seria considerado ponto do adversário.

Sobre as adaptações para as aulas com badminton, em uma das aulas em sala de aula, os estudantes foram divididos em grupos para pesquisarem algumas temáticas sobre o badminton, utilizando seus próprios celulares conectados à internet da escola, como já relatamos anteriormente. Numa dessas temáticas, um dos grupos precisou pesquisar sobre os equipamentos para a prática do badminton (o valor médio, as possibilidades de jogar de maneiras mais simples e menos onerosas). Nessa ocasião, os estudantes do grupo relataram ter encontrado raquetes com valores bem elevados, algumas com valores acima de R\$ 1.000,00, mas também encontraram kits com duas raquetes e três petecas com valor médio de R\$ 50,00. Essa dinâmica ampliou o debate com toda a turma, principalmente com a participação desse estudante:

Quando estudamos sobre a origem do badminton, mostrou no vídeo uma foto de como as raquetes de badminton eram antigamente, de madeira, e parecia uma colher de pau, então podemos utilizar uma concha de cozinha como raquete (DC – AULA 10 - estudante JL17).

Aproveitamos esse comentário e comunicamos que, na próxima aula, iríamos iniciar a prática do badminton jogando com materiais alternativos e que cada um deles deveria trazer algo que pudesse substituir as raquetes oficiais. Questionamos então aos estudantes o que eles poderiam trazer além de uma colher de pau. Nesse momento, começaram a citar vários objetos: frigideira, tampa de pote de plástico, tábua de frios, peneira, capinha de celular, raquete de matar mosquitos, etc.

González e Bracht (2012) argumentam que a reprodução das práticas corporais da forma como são realizadas em ambientes fora da escola, ou seja, de forma oficial não é um objetivo da EF. Na verdade, o que se pretende é proporcionar que os estudantes sejam capazes de compreendê-las e recriá-las, sendo o professor um incentivador para que os estudantes criem adaptações ou invenções que sejam viáveis para uma maior apropriação e utilização dessas práticas.

Nesse sentido, além de todos esses objetos trazidos pelos estudantes como alternativas de raquetes de badminton, destacamos a adaptação/invenção do estudante JL22 (destaque da figura 12). Ele confeccionou em sua casa e trouxe para

aula uma raquete reaproveitando um cabo de raquete de matar mosquito e papelão. Alguns estudantes que não trouxeram nada usaram a imaginação e improvisaram suas raquetes com chinelo, caderno, livro e pasta de plástico.

Figura 12: Experimentação das raquetes alternativas de badminton



Fonte: Acervo do autor (2022)

Também oportunizamos a prática do badminton utilizando as raquetes palmares que tínhamos confeccionado para as aulas de tênis. Elas serviram muito bem e podem ser mais uma alternativa para substituir raquetes oficiais de badminton, inclusive podem também ser uma alternativa viável de raquete de tênis de mesa, porém não a testamos.

Ainda no que se refere à raquete para o badminton, existem outras muitas opções. González, Darido e Oliveira (2017) sugerem confeccionar com cabide de roupa flexível e meia calça. Ao planejar as aulas de nossa unidade didática, pensamos em fazer uma oficina de raquete alternativa de badminton a partir dessa sugestão,

porém, ao fazer alguns testes, constatamos que sua vida útil é bem curta, em pouco tempo de uso já estavam rasgadas. Além disso não conseguimos doações de meias calças usadas. Isso porque, talvez pelo calor elevado em Mato Grosso, poucas pessoas parecem ter o costume de usar esse tipo de meia. Caso optássemos por comprá-las, as mais baratas custam em torno de R\$10,00 a R\$15,00, quase metade do valor de uma raquete oficial das mais baratas. Dessa forma, considerando o custo/benefício, julgamos não ser uma boa alternativa.

Quanto à peteca para o badminton, também existem diversas alternativas de confeccioná-la, mas optamos por uma maneira rápida e fácil, contribuindo com meio ambiente por meio da reutilização de materiais que iriam para o lixo, uma vez que necessitaríamos apenas de uma tampinha de garrafa pet e uma sacola. Substituíram bem as petecas oficiais e podem ser utilizadas perfeitamente como uma alternativa e para os primeiros contatos com a modalidade.

Figura 13: Confeção e experimentação da peteca alternativa de badminton



Fonte: Acervo do autor (2022)

Na aula anterior à confecção dessas petecas alternativas, solicitamos que os estudantes trouxessem os materiais necessários, porém, com a experiência que

tivemos na aula da oficina de confecção das raquetes palmares, achamos mais prudente pedir o dobro de materiais, ou seja, duas tampinhas e duas sacolas para cada estudante. Conseguimos a melhora de uma das turmas no que diz respeito ao comprometimento dos estudantes em trazer esses materiais, mas ainda assim, não foram todos que trouxeram:

Iniciei a aula com a confecção das petecas de materiais alternativos, até que desta vez houve uma boa contribuição dos estudantes com relação aos materiais, mesmo assim, ainda não conseguimos despertar o compromisso com a maioria dos estudantes para com essas estratégias de trazerem coisas de casa, foi necessário usar alguns materiais que levamos por precaução (DC - MD, AULA 14).

No momento de confecção das petecas ocorreu tudo super bem, os estudantes levaram os materiais que solicitamos na aula anterior. Os cinco minutos finais da aula, saímos para o pátio da escola e os estudantes testaram suas petecas alternativas (DC - JL, AULA 10).

Autorizamos que os estudantes pudessem levar para casa todos os materiais confeccionados por eles logo após sua utilização na aula. Apenas as raquetes palmares foram entregues a eles somente na nossa última aula, no mesmo dia em que realizamos o questionário diagnóstico. Dessa maneira, caso quisessem, os estudantes poderiam praticar/brincar com seus familiares e amigos, oportunizando e incentivando novas e diferentes práticas da CCM como uma opção de lazer para outras pessoas externas à comunidade escolar.

Essas foram algumas alternativas que encontramos para superar possíveis dificuldades e limitações encontradas em relação aos materiais pedagógicos ao decidir realizar o ensino dessas três modalidades esportivas aprofundadas com os estudantes na categoria de esportes de rede e quadra dividida.

Agora se o interesse do professor não é aprofundar especificamente uma ou mais modalidades de rede/quadra dividida, objetivando apenas introduzir esse conteúdo utilizando os JRs e não possui muitos equipamentos oficiais e/ou não quer utilizar as oficinas com materiais alternativos, pode-se utilizar a proposta de Greco (2013), que também apresentamos em nosso marco teórico. O autor sugere dividir uma quadra oficial em várias quadras menores, porém com uma modalidade diferente em cada quadra, como uma espécie de estações.

Nessas mesmas condições (sem muitos materiais oficiais e sem querer desenvolver a confecção de materiais alternativos com os estudantes), mas agora desejando oportunizar que os estudantes tenham mais tempo com essa categoria de

esportes, seguindo ainda a sugestão de Greco (2013) com diferentes modalidades em cada quadra reduzida, pode-se definir equipes/grupos fixos em todas as aulas, o que, no modelo de ensino *Sport Education*, é chamado de filiação e, a cada aula, os grupos/equipes vivenciam/jogam uma modalidade diferente.

Utilizamos a estratégia de Greco (2013) como referência para a segunda e para as duas últimas aulas práticas de nossa unidade didática. Na segunda aula (figura 14), nosso objetivo foi oportunizar a prática inicial de algumas modalidades da categoria de esportes de rede e quadra dividida (as que iríamos aprofundar com os estudantes e outras que eles apenas iriam experimentar). Dessa forma, cada dupla ou trio iniciou em uma quadra reduzida/modalidade e, a cada cinco minutos, trocavam de quadra. Orientamos que esse rodízio acontecesse no sentido anti-horário.

Figura 14: Várias modalidades de rede/quadra dividida na mesma aula



Fonte: Acervo do autor (2022)

Ainda em relação a essa estratégia de Greco (2013), mas nos referindo agora às duas últimas aulas práticas de nossa unidade didática, na penúltima aula, a utilizamos para que os estudantes vivenciassem algumas modalidades paralímpicas. E na última aula, para realizar um festival com várias modalidades de rede e quadra dividida, como uma espécie de culminância sobre o que os estudantes aprenderam durante a intervenção desta pesquisa. Ambas serão apresentadas detalhadamente mais adiante.

Mais uma vez, queremos deixar registrada nossa consciência sobre as condições estruturais e financeiras de muitas escolas em nosso país, principalmente as públicas, sem muitos recursos para investir em materiais pedagógicos, ainda mais quando se refere a materiais para as aulas de EF. Mostramos algumas alternativas que utilizamos para superar possíveis dificuldades ao desenvolver a estratégia dos JRs no que se refere aos materiais necessários, como parcerias e doações com a comunidade externa à escola e a confecção e/ou adaptação de materiais junto com os estudantes. Porém, consideramos ser importante também cobrar das secretarias de educação e da gestão escolar equipamentos, materiais pedagógicos e melhores condições de trabalho.

Esses investimentos podem depender da vontade e do esforço da gestão escolar, mas é necessário também que o professor mostre aos gestores escolares o valor e a significância de suas aulas, desenvolvendo um bom trabalho. Sabemos que, em alguns casos, isso se torna mais complicado, principalmente quando os professores não são efetivos. Esses, normalmente, ficam pouco tempo numa determinada escola, às vezes menos de um ano, não tendo tempo suficiente para ganhar confiança dos gestores e cobrar materiais adequados e em quantidade mínima para suas aulas.

Nessa perspectiva, uma das razões da falta de investimento de materiais didáticos e infraestrutura para a EF pode ter relação com a histórica e tradicional maneira que esse componente curricular foi (e talvez ainda seja) desenvolvido, por exemplo, com o famoso “rola bola” ou “rachão”, com aulas exclusivamente esportivistas, pautadas no “quarteto fantástico” (futebol, voleibol, handebol e basquetebol) ou em situação pior ainda, só a “dupla dinâmica” (futebol e voleibol). Nessas condições, os gestores escolares podem pensar que uma ou duas bolas de cada uma dessas modalidades são suficientes para o professor trabalhar o ano letivo todo.

Não bastasse isso, a desonestidade, a falta de ética e de zelo pelos materiais por parte de alguns professores também podem influenciar essa problemática da falta de materiais pedagógicos para a EF. Portanto, precisamos zelar pelo pouco material que temos, incentivar e conversar com nossos estudantes sobre a importância de cuidarem dos materiais que utilizamos nas aulas. Num cenário ainda

pior, alguns professores agem de má-fé e acabam eles mesmos furtando materiais da escola, levando-os e utilizando-os em outros espaços nos quais trabalham.

Todas essas situações podem inibir a gestão da escola no que se refere a investimentos em materiais para as aulas de EF. Durante nossa trajetória como professor, temos procurado mostrar aos estudantes a importância de cuidar dos materiais que utilizamos nas aulas, explicando que se chutamos uma bola que não é própria para isso, corremos o risco de estragá-la ou reduzir sua vida útil. Temos conversado com eles também sobre a questão do furto desses materiais, explicando que, se alguém furta uma bola ou qualquer outro material da escola, está prejudicando a si mesmo e a todos os seus colegas. Alertamos que, se eles estiverem fora de aula e encontrarem algum material da escola, que entreguem à coordenação, à direção ou a algum professor da escola.

Além disso, após o término de cada aula, sempre confirmamos se não está faltando nenhum material, por vezes atribuindo essa responsabilidade para algum estudante, escolhendo cada dia um, como uma espécie de auxiliar do professor., Darido e Rangel (2005) afirmam que estratégias como essas contribuem e auxiliam no desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos estudantes.

Outra estratégia que temos utilizado é, ao término do ano letivo, entregar uma relação quantificando todos os materiais disponíveis para as aulas de EF, com suas características de conservação. Aproveitamos a ocasião para entregar uma outra relação com os materiais que serão necessários adquirir para o ano seguinte, apresentando-os inclusive em ordem de prioridade, com sugestão de algumas marcas ou modelos que possuem um melhor custo-benefício/durabilidade e então, no final do ano letivo, repetimos o processo.

Com algumas dessas ações, temos conseguido estender a vida útil dos materiais mais populares e comuns utilizados nas aulas de EF. Assim, ganhamos mais confiança da equipe gestora e do conselho escolar para investir em materiais que são mais caros e/ou que não são tão comuns nos ambientes escolares, o que facilita o caminho para diversificar ainda mais os conteúdos e oferecer uma EF de mais qualidade. Encerramos com a citação de Darido (2012, p. 99) que nos faz refletir sobre importância da diversificação nas aulas de EF:

A diversificação favorece a inclusão e autonomia dos alunos, dois aspectos fundamentais para a Educação Física na escola. A inclusão é facilitada, pois

na medida em que há diversificação de atividades práticas há mais chance de identificação do aluno com alguma atividade.

4.2.2 Ambientação e gerenciamento dos espaços e tempos pedagógicos nos jogos e quadras reduzidas

Neste tópico, apresentaremos algumas maneiras utilizadas para que os estudantes aos poucos fossem se adaptando às quadras e aos JRs, tendo em vista que todos (ou quase todos) estavam pela primeira vez jogando em quadras reduzidas.

Nesse sentido, mostraremos como se deu o envolvimento dos estudantes na demarcação, montagem e desmontagem das quadras reduzidas; a importância de conversar com os estudantes sobre o zelo com os diversos materiais disponíveis; o cuidado para não se machucarem, nem atrapalharem os jogos de seus colegas; quais estratégias utilizamos para montar as equipes e distribuí-las nos espaços de jogo; e como oportunizamos que os estudantes enfrentassem diferentes equipes e também vivenciassem diferentes esportes numa mesma aula.

Na primeira aula em que os estudantes tiveram o contato com os JRs, optamos por envolvê-los na montagem das quadras reduzidas, assim como sugerem Sadi (2010) e González, Darido e Oliveira (2017), fazendo com que os estudantes participassem do processo de organização e arrumação dos espaços de jogos, além de contribuir com um melhor aproveitamento do tempo de aula, tendo em vista que se pode gastar muito tempo na preparação desses múltiplos espaços/quadras reduzidas.

Para esse momento, dividimos a turma em 5 grupos, cada um deles ficou responsável em preparar uma quadra. Iniciamos com as marcações das linhas das quadras, optamos pela utilização da fita crepe, um material que permitiu utilizarmos as quadras reduzidas durante todo um bimestre, sem precisar refazer as marcações da quadra todas as aulas. Na escola José Leite, foi necessário marcar todas as linhas das quadras reduzidas, tendo em vista que a pintura e, conseqüentemente, as linhas demarcatórias das modalidades oficiais, que poderiam ser utilizadas como base das quadras reduzidas, já estavam bem gastas e com difícil visualização. Já na escola Maria Dimpina, só foi necessário acrescentar algumas linhas.

Esse processo de montagem das quadras reduzidas envolvendo os estudantes foi muito interessante, pois, após apresentar um mapa de como montar as quadras e algumas orientações, de maneira muito rápida e organizada, em pouco tempo, estávamos com todas as quadras prontas.

Figura 15: Estudantes montando as quadras reduzidas



Fonte: Acervo do autor (2022)

De acordo com Sadi (2010, p. 102), “o professor deve ensinar aos alunos como montar e desmontar as marcações das quadras reduzidas, especialmente quando se utilizarem cones ou equipamentos facilmente móveis”. Porém, não utilizamos cones e, após uma situação vivenciada, compreendemos que a estrutura que utilizamos para fixar as redes poderia causar alguns acidentes se manipulada pelos estudantes:

[...] para colocar as bases das hastes das redes nos locais adequados, um material que possui concreto dentro e bem pesado, penso que seja melhor o próprio professor fazer, vi que uma das rodas quase caiu em cima do pé de uma aluna. Sendo assim, penso que seja melhor nas próximas aulas eu mesmo realizar a montagem das quadras reduzidas, chegando 15 minutos mais cedo é tempo suficiente para essa montagem, assim evita que os estudantes se machuquem e também oportuniza que aproveitem mais o tempo de aula efetivamente (DC - MD, AULA 04).

A partir desse fato ocorrido na primeira vez que envolvemos os estudantes na montagem das quadras reduzidas, compreendemos que essa estrutura base é pesada e difícil de ser manipulada por crianças e adolescentes. Sendo assim, nas demais aulas, para evitar acidentes, preferimos permitir que os estudantes apenas auxiliassem na desmontagem das quadras reduzidas, retirando, dobrando e ajudando a guardar todos os materiais, com exceção da estrutura base que sustenta os postes/redes.

Conforme já explicamos em outros momentos deste capítulo de discussão dos resultados, ainda nessa primeira aula prática, após a montagem das quadras, os estudantes jogaram nessas quadras reduzidas a modalidade da categoria de rede e quadra dividida que haviam escolhido de maneira democrática na aula anterior. Ambas as turmas escolheram o voleibol.

Porém, antes de iniciar os jogos, nesse primeiro contato que os estudantes tiveram com os materiais oficiais das modalidades que iriam jogar, conversamos com eles sobre a importância de zelar pelos materiais, explicando que não são todas as escolas que possuem materiais em abundância; mostramos como exemplo as várias bolas de voleibol que utilizamos naquela aula (5 bolas). Explicamos ainda a dificuldade que muitas vezes enfrentamos para as escolas adquirirem materiais de qualidade e em quantidade adequada para as aulas de EF.

Figura 16: Jogando modalidades escolhida pela turma - futevôlei e fute-tênis



Fonte: Acervo do autor (2022)

Na aula seguinte, em que oportunizamos aos estudantes jogarem outras modalidades da categoria de rede e quadra dividida, uma modalidade diferente em cada quadra reduzida, retornamos ao assunto e destacamos que as raquetes e as petecas de badminton são frágeis. Relatamos como foi feita a aquisição daquelas raquetes de tênis (campanha de doação de raquetes usadas), na tentativa de reforçar

e relembrar a importância de ajudarem a zelar por estes materiais, principalmente das modalidades esportivas que não são tradicionais nas aulas de Educação Física. Nessa aula, além do voleibol, os estudantes jogaram peteca, badminton, tênis e uma modalidade que os deixamos escolherem de forma democrática. Na turma da escola Maria Dimpina, a maioria escolheu o futevôlei e, na turma da escola José Leite, foi escolhido o Fute-tênis (figura 16).

Como na escola Jose Leite havia uma mesa de tênis de mesa, e essa modalidade era a segunda mais desejada pelos estudantes do 8º ano D, só perdia para o voleibol (percebemos isso no questionário diagnóstico e quando fizemos o momento de escolha da modalidade de forma democrática na primeira aula prática), decidimos acrescentar uma sexta quadra, colocando uma mesa dessa modalidade num espaço que tínhamos atrás de um dos gols (destaque na figura 17), jogando então 6 modalidades diferentes numa mesma aula.

Figura 17: Inclusão do tênis de mesa entre as quadras reduzidas



Fonte: Acervo do autor (2022)

Foi o momento de experimentarem algumas das muitas modalidades dessa categoria. Pedimos para tentarem jogar entrando em acordos, jogando a partir do conhecimento prévio que tinham, sem muita preocupação com as regras oficiais, como uma introdução prática do conteúdo que iriam aprender a jogar durante todo o bimestre, para que, nas próximas aulas, pudssemos nos aprofundar especificamente nas três modalidades que foram escolhidas a partir do questionário diagnóstico.

Nessas duas aulas práticas iniciais, nas quais se deu o primeiro contato da maioria dos estudantes com as quadras e JRs, seguimos as orientações de Sadi (2010), reforçando com eles a importância de respeitar as áreas de jogo, não

atravessar e entrar na área de jogo dos demais colegas. Também falamos sobre os cuidados com a integridade física deles, principalmente nas aulas da modalidade de tênis, recomendando que não aplicassem tanta força ao rebater a bolinha, considerando que a quadra é reduzida e para evitar de alguém se machucar, além de que contribuiria também no sentido de reduzir a necessidade de parar constantemente o jogo para buscar a bola em espaços distantes.

Aos poucos, a maioria dos estudantes foram se adaptando e compreendendo a importância de seguir essas instruções, e as aulas foram acontecendo de maneira bem tranquila e eficiente. Porém, ainda assim, em algumas aulas, foi necessário reforçar e chamar a atenção da turma, lembrando certos combinados e criando outros:

[...] precisei reforçar sobre o respeito com colegas da nossa equipe, da equipe adversária e ainda aos colegas que estavam nas demais quadras, pois quando a bola das outras quadras interferiram sua quadra, alguns alunos chutavam a bola para mais longe ainda, sendo assim, orientei que quando qualquer bola de outras quadras entrasse ou atrapalhasse sua quadra, quando possível, que colocassem a bola em cima da roda (base que sustenta a rede) ou entregasse a bola na mão do colega que está à procura da bola, sem jogar ou chutá-la (DC - MD, AULA 11).

Além de oportunizar que os estudantes jogassem várias modalidades de rede e quadra dividida numa mesma aula, a estratégia que utilizamos de rodízio das equipes, ou seja, as trocas das equipes de uma quadra para a outra, também permitiu que os estudantes jogassem contra várias equipes diferentes. Nas primeiras trocas, percebemos um pouco de dificuldade nesse processo, mas com o passar do tempo eles conseguiram executar melhor:

Houve algumas confusões na hora de trocar de quadra, então pedi para todos retornarem a suas quadras de origem, e fiz o deslocamento de uma equipe por vez para a quadra seguinte, depois aos poucos eles foram compreendendo e conseguindo fazer as trocas de quadra sem grandes dificuldades, assim que eu apitava, se deslocavam para a próxima quadra (DC - JL, AULA 03).

A DRC de Mato Grosso (2018, p. 163) indica esse tipo de estratégia e, nomeando-a de trabalho por estações, explica que “em cada uma das estações os estudantes têm que realizar uma tarefa ou exercício diferente e ao aviso do professor os grupos trocam de estação”. No entanto, é importante estar atento e controlar bem o tempo que as equipes/grupos vão ficar em cada estação e tentar oportunizar que

passem por todas elas. Em uma das aulas que utilizamos essa estratégia, cometemos esse equívoco:

No festival cada jogo tinha duração de 5 minutos, ainda assim, não houve tempo para todas as equipes (duplas) jogarem todas as modalidades disponíveis, principalmente as duplas que passaram pelas quadras (estações) que estavam nas extremidades, pois ao chegar nas quadras das extremidades acabava-se jogando dois jogos seguidos da mesma modalidade. Para todas as duplas passarem por todas as modalidades, seria necessário fazer no mínimo 7 rodadas, e só conseguimos fazer 5 (DC - JL, AULA 19).

No que concerne à separação das equipes, existem várias estratégias, porém nos JRs podemos ter alguns problemas, tendo em vista que são muitas equipes para organizar, principalmente quando a proposta da aula são esportes de rede/quadra dividida, que normalmente se joga em duplas ou trios. Sendo assim, se esse momento não for bem conduzido e organizado pelo professor, pode ocupar muito tempo da aula. Nesse sentido, na tentativa de acelerar esse processo de organização dos estudantes, lembrávamos que as equipes que conseguissem se organizar primeiro teriam algumas vantagens e maiores opções de escolher: a quadra ou modalidade que queiram iniciar jogando, contra quem preferiam começar jogando e até mesmo a escolha dos materiais:

[...] pedi para os próprios estudantes escolherem as pessoas com que queiram jogar, formando equipes de 3 pessoas, os trios que se organizassem primeiro era para se posicionar de frente para mim, em fila, e de acordo com a ordem na fila, teriam o direito de escolher qual miniquadra queriam começar jogando (DC - MD, AULA 03).

Para a escolha inicial de qual modalidade/quadra os estudantes queriam começar jogando, pedi que ao definirem suas duplas/equipes, que fizessem uma fila na minha frente. Os que se organizaram primeiro e estavam nas primeiras posições foram os primeiros a escolherem as quadras/modalidades. Em compensação os que estavam mais atrás, em algumas ocasiões, acabavam conseguindo escolher contra quem iriam jogar (DC - JL, AULA 04).

Tínhamos ao todo 28 alunos, 20 raquetes oficiais e 12 raquetes de madeira, cada aluno ficaria com uma raquete, então pedi para fazerem uma fila, na intenção de distribuir as raquetes, e alertei que os primeiros que entrassem na fila, teriam direito de ficar com as raquetes oficiais e os últimos ficariam com as raquetes de madeira, isso para tentar incentivar e acelerar a organização dos estudantes (DC - MD, AULA 08).

Uma outra possibilidade para que não haja muita demora na montagem das equipes, porém não utilizamos neste estudo, é a estratégia de uma das

características do SE, a afiliação, que agrupa os estudantes em equipes fixas durante uma sequência de aulas ou como esse modelo de ensino chama, por uma temporada.

Darido (2012) cita que, quando o professor oferece aos estudantes possibilidades de escolhas dos times, definição de agrupamentos e distribuição nos espaços de jogo, estimula-se o desenvolvimento da autonomia. Porém, é importante estar atento para que os menos habilidosos ou os que possuem maior dificuldade de relacionamento com a turma não sejam excluídos (MATO GROSSO, 2018). Em situações como essas, procurávamos oportunizar que os últimos escolhessem a equipe que quisessem jogar, valorizando quem ficou no final:

Nesta aula pedi para os estudantes fazerem duplas, tínhamos 25 alunos, sendo assim, ficamos com 12 duplas e uma aluna ficou sozinha, deixei ela então escolher qualquer uma das duplas e assim formar um trio, dando a "excluída" o poder de jogar com quem ela quisesse (DC - JL, AULA 04).

Além disso, em situações como essa, podemos reforçar aos estudantes que na escola não é necessário jogar seguindo todas as regras oficiais das modalidades esportivas. Podemos fazer adaptações no número de jogadores, deixando equipes com inferioridade ou superioridade numérica em relação a outras, é possível utilizar bolas de tamanhos diferentes das oficiais, ou não usar algumas regras para deixar o jogo mais fácil ou difícil, etc.

Nossa intenção neste tópico foi compartilhar os caminhos que encontramos e julgamos importantes para proporcionar tempos e ambientes pedagógicos que pudessem contribuir para aulas mais dinâmicas e agradáveis para todos, considerando as especificidades dos jogos e quadras reduzidas, principalmente na tentativa de envolver todos os estudantes nas atividades propostas.

4.2.3 Os saberes corporais e jogos reduzidos no ensino dos esportes de rede/quadra dividida

Na introdução desta dissertação, apresentamos um pequeno levantamento de trabalhos publicados sobre a utilização dos JRs no ensino do conteúdo de esportes. Entre as pesquisas que tratavam desse tema, percebemos que a maior parte envolveu a modalidade de futebol ou futsal. Quando olhamos para pesquisas que utilizam os JRs no ambiente escolar, numa perspectiva de ensino dos esportes para além do treinamento esportivo, identificamos uma redução considerável nos trabalhos

publicados. Esmiuçando ainda mais, não encontramos nessas pesquisas discussões dos JRs a partir de aulas de EFE, considerando uma turma completa e o ensino de esportes como conteúdo desse componente curricular.

Sendo assim, neste tópico, vamos mostrar como se deu o processo de ensino e as experiências dos aspectos técnicos e táticos específicos de cada modalidade (saber fazer) com a utilização dos JRs nas aulas de EF. O que se buscou foi um ambiente que despertasse ainda mais o interesse dos estudantes em querer aprender novas práticas da CCM de maneiras diferentes, tentando ensinar e favorecer a prática dos esportes sem exclusões, com menos ou sem ociosidade. Era preciso considerar, ainda, os aspectos socioeducativos e histórico-culturais com seus muitos sentidos e significados que cada estudante pode dar àquele movimento ou prática.

Relembramos que as aulas práticas na quadra subdividiram-se em 3 momentos: primeiros movimentos, primeiros jogos e jogos finais. Nos primeiros movimentos, realizamos brincadeiras e jogos mais simples, abarcados na ludicidade e que, ao mesmo tempo, pudessem trazer elementos introdutórios sobre o tema principal da aula/modalidade e atividades que oportunizassem aos estudantes se familiarizarem com os materiais oficiais, principalmente as raquetes de badminton e tênis.

Figura 18: Jogo volençol



Fonte: Acervo do autor (2022)

No voleibol, por exemplo, realizamos o jogo do volençol e oportunizamos que os estudantes vivenciassem como esse esporte foi praticado no passado, quando ainda se chamava mintonette. Para isso, após conhecerem como esse esporte surgiu e quais as primeiras regras criadas, orientamos que elegessem algumas dessas

regras, considerando aquelas que pudessem, de acordo com a concepção deles, deixar o jogo de voleibol mais fácil de ser jogado.

Durante esses jogos mais simples, que mais pareciam brincadeiras para os estudantes, foram surgindo questionamentos e dúvidas de algumas equipes na tentativa de melhorarem seu desempenho. Procurávamos não dar a resposta de imediato para os estudantes, devolvendo com perguntas e deixando que eles mesmos pudessem perceber e encontrar as melhores soluções. Assim, já estávamos desenvolvendo situações táticas, como por exemplo, a preocupação de se posicionarem da melhor maneira dentro do espaço de jogo (destaque na figura 18):

No jogo volençol, percebemos a preocupação de algumas equipes em ocuparem os espaços da quadra de uma forma consciente e organizada, uma das equipes perguntou para mim como seria melhor posicionar as duas duplas dentro da quadra, perguntei o que eles achavam que seria melhor, e um deles respondeu que seria melhor cada dupla ficar próximo das linhas laterais, disse então para eles experimentarem desta forma e ver se daria certo, mas caso não desse certo, perguntei qual seria uma outra possibilidade e eles disseram que poderia ser uma dupla no fundo da quadra e outra próximo da rede (DC - MD, AULA 12).

Entendemos que intervenções como essa vão ao encontro do desenvolvimento do ensino do esporte a partir das NTPE. Portanto, com perguntas, o professor estimula o pensamento crítico dos estudantes para que encontrem possibilidades de resolverem os problemas que vão surgindo durante os jogos. Bolonhini e Paes (2009, p. 4), comentando sobre a utilização dos JRs na perspectiva das NTPE, citam que “é no processo de diálogo e reflexão sobre o jogo que os alunos analisam seu desempenho e elaboram estratégias para os próximos jogos”.

Em relação ao tênis, também após estudarem o jogo que deu origem a esse esporte, “*jeu de paume*” (jogo da palma da mão), eles puderam experimentá-lo. Para isso, realizamos algumas adaptações e, ao invés de jogar rebatendo a bola na parede, como se jogava originalmente, jogaram utilizando a rede, como se fosse um ping-pong. A primeira rodada jogou-se usando apenas as mãos (sem raquete) com a contagem de pontos (de 1 a 4), forma comum que a maioria dos esportes somam os pontos. Depois jogaram utilizando as raquetes que eles haviam confeccionado (raquetes palmares), acrescentando a contagem de pontos oficial do tênis (15, 30, 40, game).

Figura 19: Jogo da palma da mão



Fonte: Acervo do autor (2022)

Na tentativa de envolver todos os estudantes da turma ao mesmo tempo, realizamos esses jogos introdutórios organizando a quantidade de pessoas por equipe e quadra reduzida de diversas maneiras, como nos exemplos a seguir:

Os estudantes realizaram a vivência do mintonette, jogando 3x3, utilizando 4 quadras, porém como estávamos com 25 alunos, uma equipe ficou com uma pessoa a mais, 4x3 (DC - JL, AULA 07).

Na atividade do vôlei, utilizamos apenas 3 quadras, pois o ideal era jogar em dupla ou em quarteto, sendo assim, montamos equipes de 4 pessoas, cada dois alunos ficavam com um pedaço de TNT, segurando-o pelas suas extremidades. Porém como estávamos em número ímpar, 25 alunos, uma equipe ficou 5 pessoas, uma dupla e um trio, onde um segurava duas pontas do TNT e os outros dois, cada um segurou uma ponta do TNT (DC - JL, AULA 07).

Para jogar o jogo de paume e experimentar as raquetes palmares, tínhamos 31 alunos, jogamos 3x3 em cada quadra e uma quadra ficou com 4x3 (DC - MD, AULA 07).

Durante os primeiros movimentos com o tênis e o badminton, realizamos algumas atividades que ajudaram os estudantes a se familiarizarem ou adaptarem-se com as raquetes e os implementos. Sadi (2016) recomenda que, para a iniciação de jogos e esportes que utilizem raquetes, deve-se partir primeiro da manipulação individual do implemento seguindo depois para jogos 1x1 e 2x2.

Assim, antes de rebaterem as bolinhas/petecas oficiais, na tentativa de facilitar essa experiência, oferecemos outros materiais, mais macios, leves e maiores, como bexigas, bolinha de papel, etc. Para que todos os estudantes pudessem fazer essa manipulação individual ao mesmo tempo, eles revezavam entre a utilização de raquetes oficiais, de madeira e/ou as raquetes confeccionadas por eles próprios

(raquetes palmares), bem como entre as petecas oficiais e as confeccionadas por eles.

Figura 20: Atividades de manipulação individual no tênis e no badminton



Fonte: Acervo do autor (2022)

No segundo momento das aulas práticas, que chamamos de primeiros jogos, evidenciávamos situações mais próximas da realidade das modalidades, caminhando de maneira gradativa e gradual em relação ao nível de dificuldade dos JRs. Para Bolonhini e Paes (2009, p. 9), “Os jogos reduzidos podem ser planejados a partir de diferentes referenciais, podem se aproximar do jogo formal em relação à tática ou estratégia, ou em relação às técnicas e habilidades”.

Realizamos, nessa etapa, jogos 1x1 e 2x2, inicialmente sem e depois com a utilização da rede. Em alguns momentos, ainda nessas formações de jogos, realizamos desafios para desenvolver ao mesmo tempo a competição e a cooperação, como por exemplo, solicitando que os estudantes trocassem a maior quantidade de passes em sequência, verificando depois qual dupla (1x1) ou quarteto (2x2) alcançou melhores desempenhos.

Figura 21: Aumento gradativo na dificuldade dos JRs (1x1, 2x2, 3x3 e 4x4)



Fonte: Acervo do autor (2022)

Em jogos como esse, além de estimular a busca da superação de seus próprios limites e auxiliar seus colegas nesse processo, aproveitamos para dialogar com os estudantes sobre a importância de serem honestos, de não terem vergonha caso não consigam um desempenho excelente. Destacamos que cada pessoa tem um tempo para aprender e se desenvolver, também falamos sobre não haver necessidade de mentir para se engrandecer ou por vergonha de um desempenho não muito bom. Essa estratégia também auxiliou em momentos que os estudantes não estavam se comportando como esperávamos:

Percebi que na primeira atividade prática da aula, muitos estudantes não estavam desenvolvendo com seriedade, tinha muita bagunça e discussão por conta de pontos, por essa razão na atividade seguinte, lancei um desafio, dizendo que o objetivo do jogo não era ganhar do adversário, mas sim, trocar a maior quantidade de bolas COM o adversário, a partir de então percebi que melhoraram e focaram mais na atividade (DC - MD, AULA 07).

Quando fomos para os jogos utilizando a rede, expliquei que o objetivo era manter a bola em jogo o máximo de tempo possível, trocando bolas com o adversário e não jogando contra, após um período realizando essa atividade, lancei o desafio, solicitando que começassem a contar quantas trocas de bola

conseguiram realizar ao máximo, a partir daí o clima mudou, ficaram bem empolgados e animados com o jogo (DC - JL, AULA 15).

Essa estratégia é chamada por González e Bracht (2012) de desafios motores. Já a DRC de Mato Grosso (2018, p. 163) nomeia essa estratégia de pedagogia do desafio e acrescenta que “os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental gostam muito das atividades cooperativas ou competitivas, de serem desafiados a fazerem coisas novas e mais difíceis. Esta característica pode tornar as aulas mais atrativas.”

Nessa etapa da aula dos primeiros jogos, também realizamos jogos 3x3 e 4x4, porém estes foram mais utilizados na modalidade de voleibol, criando jogos por exemplo que pudessem auxiliar na compreensão de como e em que momento realizar o rodízio, que ajudassem a realizar e entender a importância dos três toques a que a equipe tem direito antes de passar a bola para a quadra do adversário, etc:

Iniciamos o jogo que era obrigatório fazer os 3 toques para passar a bola para a equipe adversária e compreender como se realiza o rodízio, percebi que poucos estudantes (quadras) estavam conseguindo colocar em prática os 3 toques na bola, mesmo sabendo que se marcassem o ponto contra a equipe adversária realizando os 3 toques, teriam a pontuação triplicada. Então mudei a atividade, dizendo que agora era obrigatório segurar a bola, para facilitar a realização dos 3 toques entre a equipe, aí sim, fluiu melhor a atividade (DC - MD, AULA 11).

Quanto às modalidades de badminton e tênis, sabemos que oficialmente essas modalidades são jogadas apenas de maneira individual ou em dupla. Porém, em alguns momentos, tentamos realizar jogos 3x3 e até 4x4, tendo em vista nossa intenção em proporcionar que todos os estudantes jogassem ao mesmo tempo, na tentativa de não deixar ninguém fora dos jogos. No entanto, fomos percebendo que jogar essas modalidades que utilizam raquetes em quadras reduzidas com equipes acima de duas pessoas não era muito favorável:

Jogar as modalidades de badminton e tênis em trio exige consequentemente mais materiais (raquetes) o que pode dificultar um pouco a aplicabilidade dessas modalidades, também fica um pouco apertado a distribuição de três pessoas numa quadra reduzida utilizando raquetes, pois por conta dos movimentos que se realiza para golpear a bola/peteca, exige um espaço maior entre as pessoas da equipe, principalmente no tênis. Acredito que a melhor estratégia em ambas as modalidades seja jogar em dupla mesmo e os demais estudantes serem envolvidos em outras funções, como árbitros, placar, e auxiliar na busca da bola quando esta sair do espaço de jogo (DC - MD, AULA 04).

Um dos alunos me procurou durante a aula, quando ele estava na quadra de badminton adaptado (com um braço só), e disse que tinha muita gente,

sugerindo tirar pelo menos uma pessoa, pois com 4 pessoas ficava muito apertado. Quando planejei essa aula também fiquei com essa preocupação, mas quis experimentar com 4 pessoas na tentativa de colocar todos para jogar ao mesmo tempo, mas realmente não ficou bom, limitava de mais os movimentos e dificultava bater na peteca, algumas vezes acontecia de bater uma raquete na outra (DC - JL, AULA 16).

Recordemos que o ensino dos esportes a partir das NTPE não nega atividades que desenvolvam fundamentos e capacidades físicas, o que se critica é a prevalência desses em relação ao tempo de aula ou treino, não considerando o ensino contextualizado pelo próprio ambiente de jogo. Sadi (2016, p. 28) diz que “a técnica embora secundária, é um conhecimento que não pode ser descartado” e sugere uma dosagem de acordo com alguns níveis de complexidade tática em que a turma se encontra. Essa complexidade pode variar do nível 1 (com 80% da aula pautada no jogo, 10% na técnica e 10% em tarefas físicas) até chegar ao nível 4 (garantindo o jogo em ao menos 50% aproximadamente da aula/treino como ferramenta de ensino, 25% na técnica e 25% em tarefas físicas).

Figura 22: Desenvolvimento de atividades com foco nos fundamentos



Fonte: Acervo do autor (2022)

Por isso, nessa etapa da aula dos primeiros jogos, realizamos também algumas atividades que pudessem estimular o refinamento de alguns fundamentos das modalidades ensinadas. Ainda assim, procuramos desenvolvê-los a partir dos JRs. Logo, distribuímos os estudantes nas quadras reduzidas, o que evitou grandes filas de espera para realizar as atividades e mantivemos o contexto de jogos, criando uma relação de aproximação entre a técnica e a tática.

Em um dos jogos realizados nessa etapa da aula, por exemplo, com o objetivo de favorecer o aprendizado do saque do tênis, primeiro relembramos aos estudantes que, nessa modalidade, existem duas tentativas para sacar. Em seguida, dividimos todos os estudantes nas 5 quadras reduzidas, colocando uma equipe para cada lado, em cada uma das quadras reduzidas e explicamos que deveriam realizar saques de trás da linha de fundo e, se acertassem na primeira tentativa, a equipe ganharia dois pontos; se acertassem na segunda tentativa, ganharia um ponto. Imediatamente o estudante JL15 perguntou se, no jogo oficial, a pontuação ao acertar o saque era dessa forma.

Mesmo destacando em várias aulas sobre as possibilidades de mudanças das regras ao jogar os esportes no ambiente escolar, percebemos que as modificações em alguns jogos podem confundir os estudantes e, em JRs, não é diferente. Sendo assim, percebemos a importância de o professor relembrar sempre que essas modificações são alterações pedagógicas criadas para facilitar o aprendizado, ter maior participação de todos os colegas da turma, motivá-los e etc.

Por fim, na última etapa da aula, o jogo final, oportunizávamos que os estudantes jogassem com os materiais oficiais e de acordo com as regras oficiais de cada modalidade. Em alguns jogos finais, fazíamos também pequenas modificações em relação às regras oficiais, na tentativa de remeter sobre o que haviam aprendido durante a referida aula. Enquanto jogavam, o professor pesquisador passava de quadra em quadra, observando, auxiliando se necessário e esclarecendo dúvidas que surgiam durante o jogo.

Também em alguns desses jogos finais, principalmente no caso do tênis e do badminton, procuramos fazer com que os jogos finais fossem realizados com a quantidade oficial de jogadores, principalmente 2x2, para garantir que mais estudantes estivessem jogando ao mesmo tempo. Já em relação ao voleibol, os jogos

foram realizados em equipes de 3x3, 4x4, 3x4, dependendo da quantidade de estudantes em cada aula:

Para o jogo final (voleibol), tínhamos ao todo 28 alunos, utilizamos apenas 4 quadras, sendo que duas quadras os estudantes jogavam 4x4 e em outras duas quadras eles jogavam 3x3 (DC - MD, AULA 11).

No jogo final da aula (badminton) pedi para os estudantes escolherem suas duplas e organizar uma fila na minha frente, as 10 primeiras duplas que se organizassem na fila, seriam as primeiras a jogarem, as demais duplas escolheriam uma quadra para ficar de próximo. Expliquei que as duplas que ficassem de próximo deveriam realizar a marcação do placar, auxiliar nas decisões e pontos duvidosos, até ser a vez de entrarem para jogar (DC - MD, AULA 14).

Realizamos os jogos finais (tênis) em duplas, com 24 alunos, ao todo tivemos 12 duplas, distribuindo-as nas 5 quadras reduzidas, ficaram de fora 2 duplas, os jogos eram de 7 pontos, e assim que acabasse o jogo de uma das quadras, uma das duplas que estavam de próximo entraria para jogar no lugar da equipe que havia perdido, porém, caso uma equipe vencesse duas partidas seguidas, esta deveria sair ao invés da equipe que perdeu, cedendo lugar para a dupla que estivesse de próximo (DC - JL, AULA 16).

Nesses trechos do diário de campo, tentamos ilustrar algumas das possibilidades de formações dos JRs que utilizamos para envolver todos os estudantes ao mesmo tempo na etapa da aula dos jogos finais. Senão com todos jogando, por vezes desempenhando outros papéis que também são importantes para o desenvolvimento dos jogos esportivos, de modo a induzir responsabilidades e envolvê-los no processo de organização e de cuidado com os JRs.

Sadi (2016, p. 60) considera que, ao incluir os estudantes em diversos papéis durante as aulas de EF, eles “desenvolvem competências adicionais e aumentam sua motivação como espectadores do esporte.” Darido (2012, p. 56) complementa ao dizer que “é importante ressaltar também que a Educação Física, na escola, deve incluir tanto quanto possível todos os alunos nos conteúdos que propõem, adotando para isto estratégias adequadas.”

Um dos nossos objetivos ao longo da unidade didática, conforme já relatamos, foi a inclusão e o envolvimento de todos os estudantes em todas as atividades. No entanto, fomos percebendo que nem sempre a inclusão de todos os estudantes ao mesmo tempo no que diz respeito ao jogar era positiva para o desenvolvimento da aprendizagem esportiva. Nesse sentido, começamos a compreender que, quando Darido (2012) cita incluir todos os alunos, refere-se a um processo bem mais amplo de aprendizagem.

Figura 23: Etapa da aula dos jogos finais



Fonte: Acervo do autor (2022)

Também destacamos o cuidado em criar nesses jogos um ambiente que não privilegie os mais habilidosos e, que consequentemente, causasse desmotivação e traumas aos estudantes que apresentassem maiores dificuldades. Além de tentar envolver todos os estudantes durante as aulas, também nos preocupamos com a equidade no acesso ao conhecimento da CCM. Sendo assim, após uma equipe vencer duas partidas seguidas, ela necessariamente precisava ceder lugar para as equipes que estavam aguardando a vez de jogar.

Darido (2012, p. 93) explica que “desenvolver um ensino inclusivo pode ajudar a superar o histórico da Educação Física que, em muitos momentos, pautou-se por classificar os indivíduos em aptos e inaptos, excluindo os últimos das práticas esportivas”. Neste estudo, além da preocupação de incluir todos os estudantes no sentido de não excluir ninguém por conta de seu nível de habilidade, e também na tentativa de envolver todos ao mesmo tempo nas atividades propostas, procuramos oferecer aos estudantes a vivência dos esportes paralímpicos.

Durantes as aulas que aconteceram dentro da sala de aula, em cada um dos três esportes que aprofundamos nessa unidade didática (voleibol, badminton e tênis), os estudantes puderam ver vídeos de atletas deficientes jogando essas modalidades. Os discentes puderam conhecer as principais adaptações e as regras desses esportes paralímpicos e debatemos como seria possível vivenciar essas modalidades na escola, na tentativa de colocar-se no lugar das pessoas deficientes, de modo a sentir um pouco das dificuldades que talvez essas pessoas passam e compreender que, mesmo com limitações físicas, todos podem e têm o direito de praticar esportes ou qualquer outra atividade da CCM. Vejamos algumas das adaptações sugeridas pelos estudantes na aula em que falamos sobre o badminton paralímpico:

Uma cadeira com rodinhas, como essa que tem na nossa sala para os professores sentarem (DC – AULA 10 - estudante JL14).

Amarrar ou fixar um dos braços atrás das costas (DC – AULA 10 - estudante JL25).

Colocar um dos braços para dentro da manga da camiseta (DC – AULA 10 - estudante JL06).

Jogarmos de joelho ou então deixar a rede mais alta para vivenciarmos como anões (DC – AULA 10 - estudante JL14).

Sendo assim, a partir de algumas dessas sugestões, realizamos na penúltima aula prática da nossa unidade didática a vivência dessas modalidades paralímpicas, também utilizando os JRs, e novamente adaptando a proposta de Greco (2013). Dividimos os estudantes em equipes, que iniciaram em uma quadra reduzida/modalidade e, a cada cinco minutos, trocavam de quadra, de modo a oportunizar, em uma mesma aula, a experimentação dos três esportes ensinados nessa unidade didática, mas agora no seu formato paralímpico.

Ao todo, montamos 4 quadras reduzidas: em uma quadra jogaram o vôlei sentado, para facilitar o jogo, utilizamos apenas metade da quadra reduzida e também uma bola maior e mais leve; na outra quadra, tínhamos o tênis em cadeira de rodas, na falta das cadeiras de rodas, adaptamos com cadeiras comuns e também cadeiras com rodinhas; e, nas duas últimas quadras, praticaram o badminton, em uma quadra jogaram a categoria do esporte paralímpico para pessoas com deficiência nos membros superiores, colocando os braços para dentro da manga da camiseta ou para

trás das costas; e na outra quadra experimentaram a categoria do badminton para pessoas com deficiência nos membros inferiores, colocando em uma das pernas caneleiras de 1 ou 2kg. Essas caneleiras foram emprestadas da academia de um amigo do professor pesquisador.

Figura 24: Jogos reduzidos paralímpicos (adaptados)



Fonte: Acervo do autor (2022)

A partir dos JRs com a temática paralímpica, os estudantes foram encontrando dificuldades de realizar movimentos e fundamentos específicos de cada modalidade, precisando pensar e experimentar soluções para resolver esses problemas. No badminton para pessoas com deficiência nos membros superiores, observamos, por exemplo, que:

[...] para realizar o saque surgiram diferentes soluções: a dupla (estudantes JL 04 e 24) um lançava a peteca para o alto e o outro tentava golpear a peteca. Outra dupla (estudantes JL 19 e 25), quem ia sacar, segurava a asa da peteca com a boca e ao abrir a boca, a peteca caía e tentava-se realizar o saque. Outra alternativa elaborada por uma dupla (estudantes JL 5 e 28) foi colocar a peteca sobre a cabeça da raquete (cordas), lançando-a para cima

com a ajuda da raquete e golpeá-la. A alternativa mais comum que as duplas utilizavam, era segurar a peteca e a raquete com a mesma mão, lançar a peteca para cima e tentava golpeá-la (DC - JL, AULA 18).

O documento de orientação da SME, Escola Cuiabana (CUIABÁ, 2020, p. 178), ao falar sobre a educação inclusiva, destaca que se devem criar ambientes de aprendizagem que ajudem os estudantes a olhar para as pessoas com deficiência, considerando “como uma pessoa com possibilidades e potencialidades, compreendendo a sua singularidade e considerando sua história de vida, suas necessidades, como se relaciona com seus pares, com os objetos e com seu conhecimento”. Nesse sentido, além dos diálogos criados nas aulas teóricas, conseguimos, com esses JRs adaptados, promover também experiências práticas que despertassem nos estudantes um olhar diferente ao diferente. Isso contribui com a desconstrução de rótulos de incompletude ou de defeito que a sociedade muitas vezes atribui às pessoas com deficiência.

Por fim, como uma espécie de culminância sobre o que aprenderam durante toda a unidade didática, na última aula prática com os JRs, realizamos um festival no qual os estudantes puderam jogar novamente várias modalidades de rede/quadra dividida, as três que estudaram e praticaram com mais profundidade (voleibol, badminton e tênis) e algumas outras modalidades, as quais a turma pôde escolher de maneira democrática.

Ao todo no festival, foram ofertadas 6 quadras/modalidades (voleibol, tênis, badminton, beach tennis, tênis de mesa e fute-tênis, esta última escolhida pela turma). Tínhamos um total de 25 estudantes, em cada quadra colocamos 4 estudantes, dois em cada equipe, sendo assim, todos jogaram ao mesmo tempo. Somente o estudante JL21 não participou pois neste dia ele apresentou um atestado médico que solicitava para ele não participar das aulas de Educação Física por alguns dias, sendo assim pedi então para ele me ajudar, olhando se as equipes estavam conseguindo jogar sem confusão e discussões (DC - JL, AULA 19).

[...] neste dia do festival faltaram muitos alunos, tínhamos 23 no total, e 5 quadras/modalidades (voleibol, tênis, badminton, beach tennis e futevôlei, esta última escolhida pela turma). Preferimos fazer 10 duplas e um trio. Sempre tínhamos 10 equipes jogando e uma ficava de fora, aguardando o término da rodada, quando encerrava o tempo que determinamos para cada jogo eu apitava e eles rodavam, sendo que a equipe que estava de fora entrava para jogar (DC - MD, AULA 17).

Percebe-se que, nessa última aula, novamente adaptamos a proposta de Greco (2013), dividindo os estudantes em equipes (duplas ou trios) e, a cada cinco minutos, trocavam de quadra, para que assim pudessem passar por todas as

modalidades. Os próprios estudantes organizaram suas equipes, porém, dessa vez, solicitamos que procurassem criar equipes equilibradas em relação à habilidade e que cada equipe tivesse ao menos um menino e uma menina, pois iríamos realizar uma competição para ver qual equipe conseguiria uma maior pontuação.

Cada equipe recebeu um cartão controle (apêndice N) e, ao término de cada jogo, antes de seguirem para a próxima quadra/modalidade, as equipes precisavam entregar seus cartões controle aos seus adversários, para que estes realizassem a marcação dos pontos da partida encerrada. Após a marcação dos pontos, devolviam-se os cartões controles e seguiam para a próxima partida em outra quadra e jogando outra modalidade. Estabelecemos as pontuações da seguinte forma: 3 pontos para a equipe vitoriosa; empate, ambas equipes ganhavam 2 pontos; 1 ponto para a equipe derrotada.

Figura 25: Festival com várias modalidades de rede/quadra dividida



Fonte: Acervo do autor (2022)

Nessa última aula da nossa unidade didática, conseguimos perceber a evolução dos estudantes no conhecimento das regras e nos saberes corporais de cada modalidade. Além dos conhecimentos conceituais e procedimentais, conseguimos perceber evolução também em relação aos conhecimentos atitudinais:

Esta turma tinha um histórico de muitos problemas de provocações e ofensas ao final das atividades competitivas. Por isso, finalizei a aula elogiando a turma sobre a melhora que tiveram nesse aspecto, parece que aprenderam que na Educação Física não é apenas aprender a jogar e conhecer as regras das modalidades esportivas, penso que conseguiram compreender a importância de terem respeito, honestidade, fair-play, enfim, saber ganhar e saber perder (DC - JL, AULA 19).

Desta vez eles conseguiram se organizarem muito rápidos, ao todo conseguimos realizar os 8 jogos que estavam previsto, fiquei até impressionado como a aula rendeu hoje, nas primeiras aulas eles demoravam muito para se organizar, sem falar as confusões que aconteciam por coisas simples (DC - MD, AULA 17).

Durante o festival, pouquíssimas vezes houve necessidade de intervirmos para resolver dúvidas ou discussões, já que os próprios estudantes paravam o jogo, na maioria das vezes, e conseguiam resolver os problemas de maneira conjunta, entre as equipes. Não houve discussão em relação aos resultados de cada jogo. Além disso, foi muito interessante perceber a forma como eles se respeitaram, com muita tranquilidade e honestidade realizaram a dinâmica de marcar as pontuações ao término de cada jogo no cartão de pontuação da equipe adversária.

Descrevemos até aqui nossa experimentação com os JRs nas aulas práticas das modalidades de rede/quadra dividida que nos propusemos ensinar, apresentando inicialmente alguns elementos de como utilizamos os JRs em cada uma das três partes das aulas (primeiros movimentos, primeiros jogos e jogos finais); mostramos como oferecemos a vivência das modalidades paralímpicas dessa categoria de esportes e, por último, como organizamos o festival que encerrou nossa unidade didática.

A partir desses 3 grandes temas, preocupamo-nos em vários momentos em expor a maneira como organizamos as equipes, a distribuição dessas nas quadras reduzidas e a nossa percepção sobre a composição de JRs com a formação de 1x1 até 4x4 nos diferentes esportes ensinados, principalmente na tentativa de, mais uma vez, envolver todos os estudantes ao mesmo tempo nos diversos jogos e atividades.

Percebemos que os JRs são uma possibilidade viável e que favorecem, no ambiente escolar, o ensino dos esportes, principalmente na iniciação e naqueles esportes que são oficialmente jogados de maneira individual ou em dupla, contribuindo para uma EF menos “aguardativa”. Da mesma maneira que Clemente e colaboradores (2014), percebemos que os JRs também se revelam como uma prática inclusiva, mas, para isso, é necessário que utilizemos outras estratégias que contribuam para um ensino dos esportes que dê com condições equitativas para todos os estudantes.

Assim como no estudo realizado por Dias (2020), percebemos que os JRs contribuem para uma participação mais efetiva e significativa de todos os estudantes durante as aulas, principalmente em relação aos menos habilidosos. Isso porque proporcionam que, em quase todas as aulas, todos os estudantes joguem ao mesmo tempo, bem como aqueles com mais dificuldades motoras sintam-se mais confiantes e menos envergonhados, já que não são tão observados e criticados pelos demais colegas da turma, principalmente os mais habilidosos.

Corroborando os resultados do estudo de Giusti e colaboradores (2017), evidenciamos a viabilidade da utilização de metodologias de ensino que valorizam o aprendizado do esporte por meio do jogo e pela compreensão da tática em aulas de EF. Porém, nessa tentativa de romper com o ensino baseado quase sempre pelos fundamentos e gestos técnicos, sentimos, em alguns momentos, dificuldades e um pouco de insegurança no planejar e no desenvolver das aulas que focavam nos saberes corporais para o ensino do esporte a partir das NTPE.

Sadi (2016) lembra que as metodologias de ensino norteadas pelas NTPE foram desenvolvidas em outros continentes e importadas para o Brasil por volta dos anos de 1990, sendo um conhecimento ainda recente para os brasileiros e que necessita de maior aprofundamento, adaptação e possibilidades de aplicação. Nesse sentido, reforçamos a importância deste estudo, mas também se faz necessário que as instituições de ensino superior ofereçam uma formação inicial que dê condições para que os futuros professores de EF sintam-se mais seguros e preparados para ensinar a partir das novas tendências, bem como aconteçam formações continuadas para que os professores já formados conheçam e/ou se apropriem efetivamente dessas novas maneiras de ensinar o esporte.

4.2.4 Considerações dos estudantes sobre aprender os esportes de rede/quadra dividida por meio dos jogos reduzidos

Para elaborar e planejar a unidade didática desta pesquisa, consultamos os estudantes como o objetivo de verificar quais eram suas experiências e expectativas sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida. Agora neste último tópico da discussão dos resultados, nossa intenção é apresentar as considerações dos estudantes sobre a experiência de aprenderem e vivenciarem essa categoria de esportes, de forma a compreender o impacto na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião desses discente sobre a utilização dos JRs como estratégia de ensino nas aulas de EF.

Nessa perspectiva, em nosso último encontro, aplicamos o questionário de saída, contendo 15 perguntas, uma fechada e todas as demais questões abertas. Não iremos trazer os resultados de todas essas questões, apenas daquelas que julgamos mais importantes para o objetivo que nos propusemos a apresentar neste tópico.

Para facilitar a visualização dos dados entre as questões que trouxemos para discussão, utilizaremos novamente alguns gráficos, que permitirão analisá-los a partir de duas vertentes: juntando ambas as turmas; observando a especificidade de cada turma. Porém, para não ficar muito extenso e confuso, optamos por discutir os resultados neste momento apenas a partir da junção das duas turmas, ficando a critério do leitor observar as especificidades de cada turma.

Inicialmente, questionamos aos estudantes se eles gostaram de participar das aulas de EF em que ensinamos o conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, e todos os 59 estudantes disseram ter gostado. Lembremos que, no questionário diagnóstico, dois estudantes haviam dito não gostar das aulas de EF e, nesse sentido, entendemos que essa unidade didática contribuiu para que os dois estudantes tenham, a partir de agora, uma visão diferente sobre a EF. Ao observar suas respostas, parecem ter mudado de opinião, pois conseguiram aprender o conteúdo ou ainda porque as aulas foram divertidas e trouxeram práticas diferentes das tradicionais:

Sim, gostei muito porque consegui me desenvolver em alguns esportes (QS - estudante JL06).

Sim, foi divertido aprender a jogar novos tipos de esportes (QS - estudante MD26).

Quando analisamos as respostas considerando os 100% de estudantes que disseram ter gostado das aulas, percebemos três justificativas principais, o acesso a esportes novos e diferentes; ser divertido/legal; e acreditarem que conseguiram aprender, conhecer e/ou jogar melhor esses esportes:

Sim, achei bem divertido, aprendi sobre as regras dos esportes e tive vários aprendizados (QS - estudante JL27).

Sim, porque eu aprendi a jogar e me diverti (QS - estudante MD04).

Com certeza gostei, primeiramente porque aprendi coisas novas, regras dos jogos que eu não conhecia, aprendi a jogar, também aprendi a respeitar os adversários e etc (QS - estudante JL26).

Sim. Gostei muito porque a gente teve várias oportunidades de conhecer vários esportes que fez agente a se importar mais com as atividades (QS - estudante JL05).

Sim, porque aprendemos vários tipos de esportes diferentes, que não é muito comum, gostei muito de aprender mais sobre esses esportes (QS - estudante MD01).

Sim, porque aprendemos esportes que quase ninguém tinha praticado antes. Eu gostei tanto das coisas que aprendi! (QS - estudante MD18).

Sim, por ser diferente. Não sabia que tinha esses esportes. Gostei porque eu olhava pro lado e via meus colegas jogar, não tem explicação! (QS - estudante MD25).

Sim, porque foi uma experiencia diferente, pois nunca havia praticado em quadras reduzidas (QS - estudante MD24).

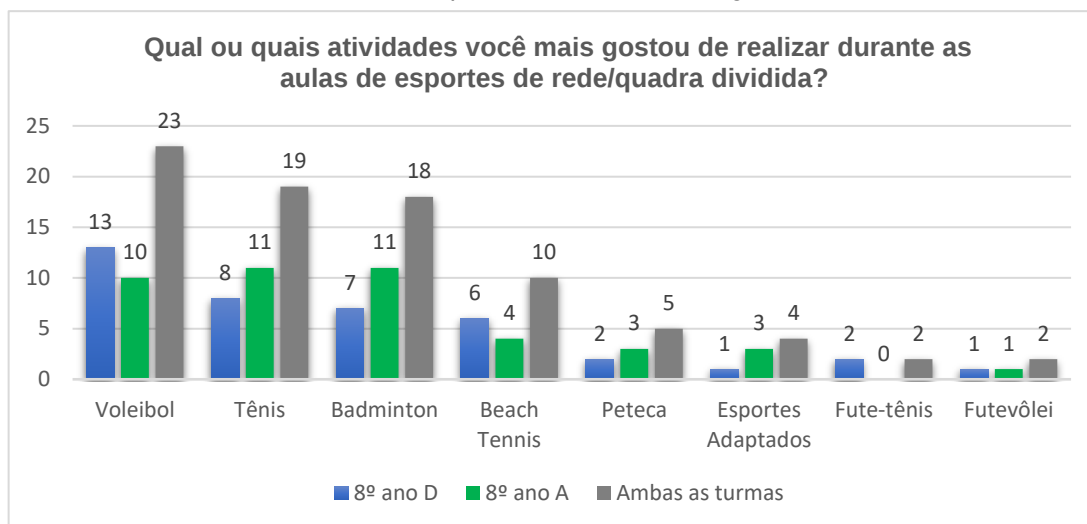
Sim, porque aprendi esportes que não conhecia e nem sabia jogar, e com as quadras reduzidas foi mais fácil de aprender (QS - estudante MD28).

A partir desses depoimentos, podemos considerar que os estudantes gostam e se sentem motivados para as aulas de EF quando aprendem esportes que nunca tiveram a oportunidade de vivenciar. O último estudante considera que ficou mais fácil aprender com os JRs, mas discutiremos esse aspecto mais adiante. Verificamos também que até mesmo estudantes que inicialmente afirmaram não gostar das aulas de EF, ao final, mudaram de opinião. Esses resultados corroboram Silva, S. (2020) que, ao sistematizar conteúdos esportivos não convencionais (badminton, rugby e nado artístico), percebeu motivação e maior participação dos estudantes.

Em seguida, perguntamos qual ou quais atividades os estudantes mais gostaram de realizar. Optamos pela palavra *atividades*, pois não necessariamente a pergunta se referia a alguma modalidade esportiva, porém quase todos os estudantes

responderam indicando modalidades esportivas. Analisando o gráfico que contém as atividades mais citadas a partir da junção das duas turmas, o voleibol foi considerado a atividade da qual eles mais gostaram.

Gráfico 20 – Atividades que os estudantes mais gostaram de realizar



Fonte: Elaborado pelo autor

Esse resultado já era previsto, tendo em vista que, no questionário diagnóstico, o voleibol foi o esporte que eles mais desejavam aprender/praticar. Porém, foi muito interessante perceber que os outros dois esportes que escolhemos para ensinar nessa unidade didática, o tênis e o badminton, esportes pelos quais os estudantes não tinham muito interesse, ficaram agora respectivamente em segundo e terceiro lugar e muito próximos do voleibol em quantidade de citações.

Destacamos, ainda, a modalidade beach tennis que ficou em quarto lugar, e que os estudantes tiveram contato apenas duas vezes, na aula de campo e no festival. Podemos supor que o apontamento dessa modalidade entre as que os estudantes mais gostaram seja reflexo do destaque que ultimamente o beach tennis está tendo nas mídias, considerada como “modalidade da moda”. Também acreditamos que seja consequência do quão agradáveis e significativas essas duas atividades foram para os estudantes, principalmente a aula de campo e, por essa razão, deixamos para trazer somente agora, neste tópico, a explicação de como aconteceu essa atividade.

O objetivo da aula de campo foi oportunizar aos estudantes conhecer e praticar o tênis em quadras oficiais; conhecer e vivenciar esportes criados a partir das variações dos esportes estudados, especificamente nesta ocasião o beach tennis;

além de visitar um espaço de lazer privado, saber como funciona seu acesso e debater porque as pessoas procuram espaços assim para praticar exercício físico. A aula de campo foi realizada no Círculo Militar de Cuiabá, um clube aberto apenas para usuários associados, sendo eles militares ou civis. Porém, após explicarmos com detalhes a intenção da visita aos dirigentes do clube, conseguimos autorização para realizar o agendamento e ter o acesso de nossos estudantes ao local.

Figura 26: Aula de campo



Fonte: Acervo do autor (2022)

Ao chegar ao clube, mostramos todas as instalações esportivas do local e, em seguida, dividimos os estudantes em dois grupos, um grupo ficou na quadra de tênis e o outro grupo na quadra de beach tennis, onde tiveram uma aula acompanhados de professores especialistas dessas modalidades que dão aula no clube e aceitaram de forma voluntária nos receber. Após 45 minutos de atividades, fizemos uma pausa para o lanche e, depois, retornarmos às atividades, contudo, invertendo os grupos de ambiente.

Recordamos que, no questionário diagnóstico, identificamos que faltam momentos assim no dia a dia dos estudantes, já que poucos deles indicaram ter a oportunidade de praticar alguma atividade esportiva ou social quando não estão na escola, principalmente atividades regulares, mesmo que seja como lazer.

Foi possível perceber que, além de práticas não tradicionais, a realização de atividades fora do ambiente escolar é muito significativa e motivante para os estudantes. Pudemos atestar essa motivação por meio do comportamento dos estudantes durante a aula de campo e a partir desses trechos do diário de campo, onde foram registrados alguns depoimentos e atitudes dos estudantes que refletem o quanto essa atividade da aula de campo foi importante para eles:

Quando chegamos na escola, após descer do ônibus, duas alunas me procuraram antes de ir embora e agradeceram a aula, dizendo que foi tudo muito bom (DC - MD, AULA 15).

Na roda de conversa final que realizamos no clube muitos manifestaram o quanto foi bom essa aula de campo. Dentro do ônibus, quando estávamos retornando para a escola a estudante JL12 disse "bem que poderíamos retornar no tempo, para ir ao clube novamente". Assim que chegamos na escola, antes de irem embora outros alunos me procuraram e agradeceram pela aula e perguntaram quando seria a próxima (DC - JL, AULA 17).

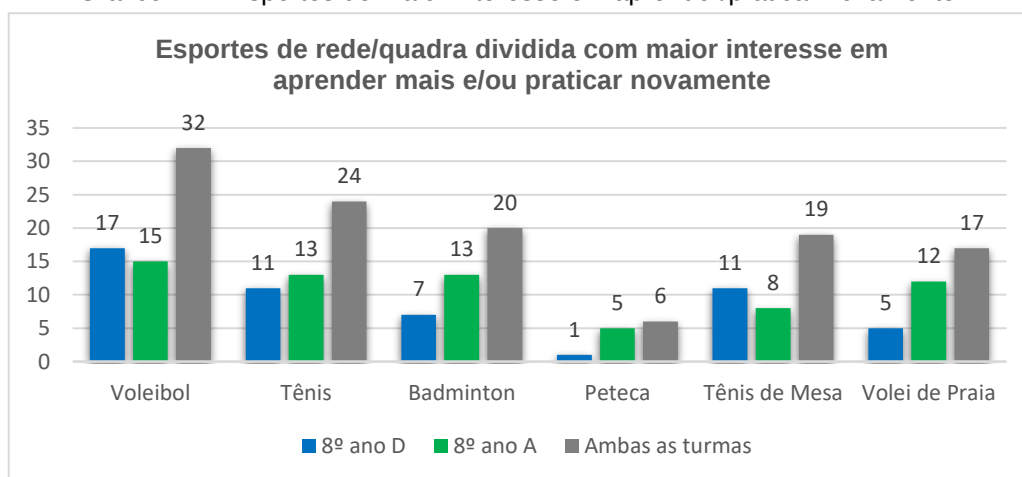
Darido (2012) sugere que, para motivar os estudantes, devemos enquanto professores, o tanto quanto possível, diversificar nossas aulas em relação aos conteúdos, materiais oficiais e alternativos, e o espaço de realização das aulas, evitando práticas repetitivas que acabam motivando apenas os mais habilidosos. Entre as possibilidades de atividades fora do prédio escolar, a autora cita que “é possível utilizar os espaços vizinhos à escola, praças e parques públicos e, dependendo do contexto geográfico, praias, rios ou montanhas, para o desenvolvimento das atividades cotidianas e também de atividades complementares” (DARIDO, 2012, p. 99).

Após abrirmos esse parêntese, retornamos ao questionário de saída, com os dados da reaplicação de uma pergunta que fizemos no questionário diagnóstico, em que solicitamos para os estudantes, em uma ordem de prioridade, enumerar de 1 a 6 alguns esportes de rede/quadra dividida (peteca, vôlei de praia, voleibol, tênis de mesa, tênis e badminton), porém agora considerando a vontade de aprender mais sobre esses esportes e/ou praticá-los novamente.

Analizamos essa questão da mesma maneira que fizemos com o questionário diagnóstico, ou seja, para os esportes que os estudantes tinham maior interesse em aprender mais e/ou praticar novamente, realizamos a soma da quantidade de vezes dos esportes assinalados com os números 1 e 2. E para identificar o esporte que os estudantes menos desejavam aprender e/ou praticar novamente, somamos as indicações dos esportes que foram assinalados com os números 5 e 6.

Sendo assim, no gráfico 21, percebemos que os três esportes que escolhemos em nossa unidade didática, para os quais destinamos mais tempo de ensinar (voleibol, tênis e badminton), nessa ordem de prioridade, são os esportes que os estudantes gostariam de aprender mais e/ou praticar novamente. Quando comparamos com os resultados do questionário diagnóstico, o voleibol se manteve em primeiro lugar como esporte prioritário; o tênis migrou de terceiro lugar para segundo, e o badminton, que era o esporte de menor interesse (último lugar), agora ficou em terceiro entre os esportes prioritários.

Gráfico 21 – Esportes de maior interesse em aprender/praticar novamente

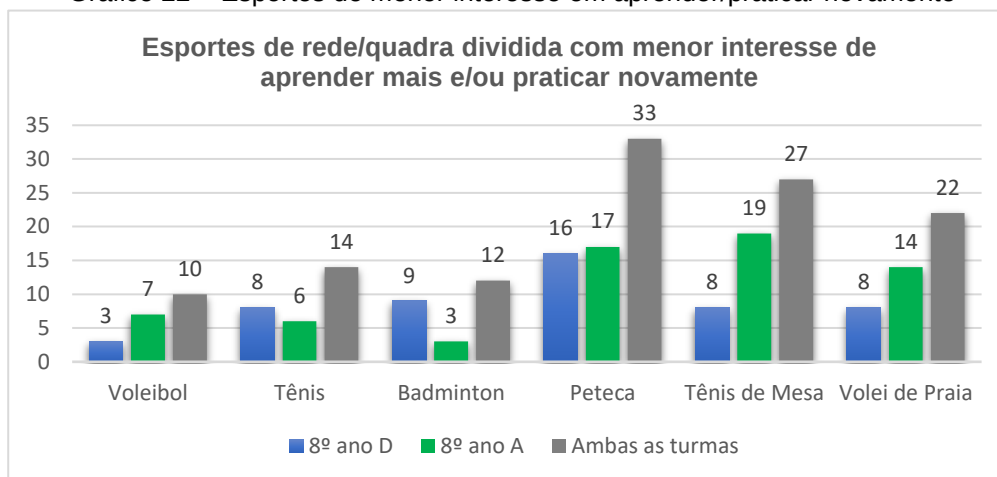


Fonte: Elaborado pelo autor

Inversamente proporcional, no gráfico 22, conseguimos identificar que as modalidades de peteca, tênis de mesa e vôlei de praia, nessa ordem de prioridade, são as modalidades que os estudantes possuem menor interesse em aprender e/ou praticar novamente. Relembramos que essas modalidades citadas foram praticadas em apenas algumas aulas, sem o objetivo de ensinar, ou em alguns casos, nem mesmo foram possíveis praticá-las, considerando as escolhas feita pelo professor

pesquisador e estudantes, bem como as condições estruturais e de equipamentos de cada escola.

Gráfico 22 – Esportes de menor interesse em aprender/praticar novamente



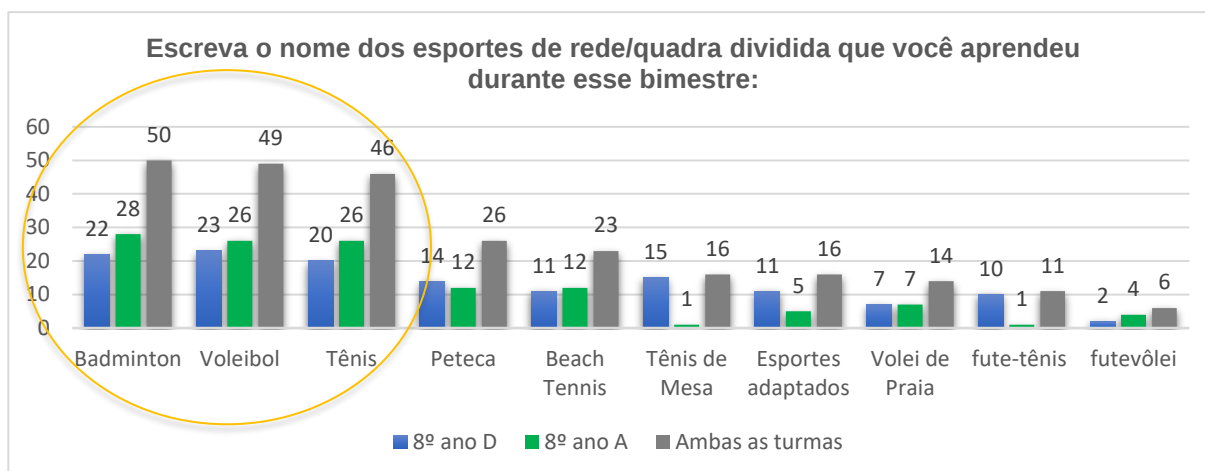
Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda no gráfico 22, podemos perceber que mais uma vez o badminton se destaca, pois, no questionário diagnóstico, ele teve 45 citações, sendo considerada a modalidade que os estudantes menos tinham interesse de aprender e/ou praticar e, agora, no questionário de saída, teve apenas 12 citações, quase equiparando-se ao voleibol, esporte que teve menos citações, com apenas 10 menções.

Outro fato que se soma e demonstra o quanto foi marcante para os estudantes aprender e/ou praticar a modalidade de badminton, pode ser percebido quando, em uma outra pergunta do questionário de saída, pedimos para eles escreverem o nome dos esportes de rede/quadra dividida que aprenderam durante o bimestre. Nessa perspectiva, o badminton aparece no gráfico 23 como o esporte mais lembrado. Dos 59 estudantes que participaram do estudo, ele foi citado por 50 deles, ficando na frente do voleibol que era o mais desejado a ser aprendido/praticado.

Observando ainda o gráfico 23, percebemos mais uma vez que as três modalidades que disponibilizamos mais tempo para ensinar foram as mais lembradas pelos estudantes. Assim, confirma-se que os estudantes gostaram de aprender e/ou praticar os esportes que nos propusemos a ensinar durante essa unidade didática. Além disso, podemos considerar que eles estão abertos e gostaram de aprender/praticar diferentes manifestações da CCM, afinal, só é possível gostar daquilo que se tem a oportunidade de conhecer.

Gráfico 23 – Esportes mais lembrados pelos estudantes



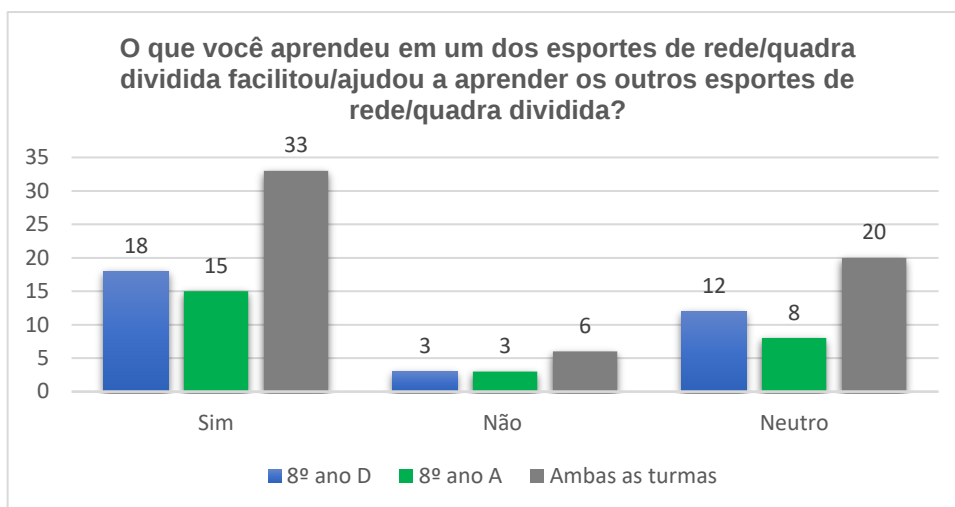
Fonte: Elaborado pelo autor

Por isso, enquanto professores, é importante buscarmos maneiras que oportunizem o ensino diversificado em todos os conteúdos da EFE. E a partir de tudo que discutimos até aqui, podemos afirmar que os JRs demonstram ser uma boa estratégia pedagógica no sentido de favorecer a diversificação das práticas corporais em aulas de EF. Isso pelo menos no que diz respeito à categoria de esportes de rede/quadra dividida, além de envolver todos os estudantes e motivá-los a participarem ativamente das aulas.

Conforme já mencionamos, utilizamos nessa unidade didática a estratégia de ensinar esportes pertencentes a uma mesma categoria, ancorados na perspectiva das NTPE e na BNCC (2018), considerando a lógica interna e suas semelhanças táticas. Autores como Sadi, Costa e Sacco (2008); González e Bracht (2012) e González, Darido e Oliveira (2017) afirmam que o ensino dos esportes a partir dessa estratégia pode facilitar a transferência de aprendizagem de uma modalidade para outra.

Portanto, para descobrir a percepção dos estudantes em relação a esse aspecto da transferência de aprendizagem, perguntamos se eles consideram que o que aprenderam em um dos esportes facilitou a aprender e/ou jogar os demais esportes de rede/quadra dividida. Observando o gráfico 24, percebemos que mais da metade dos estudantes, mais especificamente 56% deles, acreditam que o que aprenderam em um dos esportes de rede/quadra dividida facilitou/ajudou a aprender os demais esportes da mesma categoria.

Gráfico 24 – Percepção sobre aprender a partir da semelhança dos esportes



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao justificarem suas respostas, eles consideram como aspectos facilitadores a semelhança dos esportes estudados/praticados em relação a: maioria das regras; forma de colocar a bola em jogo (saque); posicionamento em quadra. Também consideraram que a utilização da raquete de um esporte, facilitou quando foram usar a raquete em outros esportes:

A hora de sacar no tênis me facilitou muito para sacar nos demais esportes (QS - estudante MD01).

Sim, porque a maioria dos jogos de rede são iguais, então você aprende ou pratica os outros esportes com mais facilidade (QS - estudante MD18).

Sim, aprendi o badminton, que não é muito diferente do tênis, ou seja, se você tem facilidade de jogar um, você consegue jogar o outro facilmente (QS - estudante JL07).

Sim, o que eu aprendi nas regras do tênis facilitou muito para jogar os outros, por exemplo fute-tênis, tênis sentado, e até o tênis de mesa (QS - estudante JL22).

O tênis de mesa me ajudou muito com o badminton por conta dos dois usarem raquetes (QS - estudante JL11).

Apenas 10% dos estudantes responderam que o aprendizado de um esporte não auxiliou em nada em relação aos demais esportes de rede/quadra dividida. Destes, somente um estudante justificou sua resposta, considerando que a semelhança entre os esportes fez com que ele se confundisse:

Não, pois alguns eram semelhantes em regras, outros eram mais diferentes em regras. Daí eu confundi com outros esportes de regras semelhantes (QS - estudante JL21).

Consideramos como neutras as justificativas de 34% dos estudantes, pois não conseguimos classificar suas respostas entre “sim” ou “não”, já que, analisando-as, percebemos que não responderam sobre o que foi perguntado. Dessa maneira, entendemos que esse percentual de estudantes não conseguiu compreender muito bem o enunciado da questão, como podemos observar em algumas respostas:

Voleibol, porque me ajudou a movimentar mais (QS - estudante MD16).

Assim, eu não pratico esporte nenhum, nem tinha vontade, porém agora eu tenho vontade de fazer tênis (QS - estudante MD27).

Eu não sei explicar, mas eu aprendi (QS - estudante JL06).

Peteca, consegui ter mais coordenação motora (QS - estudante JL17).

Mesmo com a identificação da dificuldade de um grupo de estudantes em compreender essa questão, considerando as respostas da maioria dos estudantes ao citarem que o que aprenderam em um dos esportes de rede/quadra dividida facilitou/ajudou a aprender/jogar outros esportes da mesma categoria, entendemos que, neste estudo, o ensino conduzido a partir de uma categoria de esporte facilitou que ocorresse a transferência de aprendizagem de um esporte para o outro.

Além disso, após a experiência do professor pesquisador em ensinar a partir da categoria de rede/quadra dividida, corroboramos González, Darido e Oliveira (2017), quando afirmam que o ensino das modalidades dentro do mesmo tipo de esporte. Além de propiciar ao aprendiz a transferência de aprendizagem, também pode dar mais segurança ao professor na hora de ensinar, pois com este acontece a transferência de conhecimento didático.

Para verificar a opinião dos estudantes especificamente sobre a utilização dos JRs nas aulas de EF, perguntamos se eles gostaram de ter aprendido e praticado os esportes de rede/quadra dividida nas quadras reduzidas.

A maioria dos estudantes (71%) respondeu ter gostado e, entre as principais justificativas apontadas por eles, podemos destacar: oportuniza a participação de todos os estudantes ao mesmo tempo; fica mais fácil de jogar para quem está aprendendo (simplifica o jogo e não necessita aplicar tanta força na bola); oportuniza mais contato com a bola; deixa o jogo mais divertido e animando. Vejamos algumas dessas justificativas na íntegra:

Sim, porque quando reduzimos as quadras mais gente pode jogar e podemos praticar mais esportes (QS - estudante MD12).

Sim, porque ficou mais fácil para a gente aprender os jogos (QS - estudante JL05).

Sim, como a quadra era menor dava para conseguir pegar melhor na bola (QS - estudante MD26).

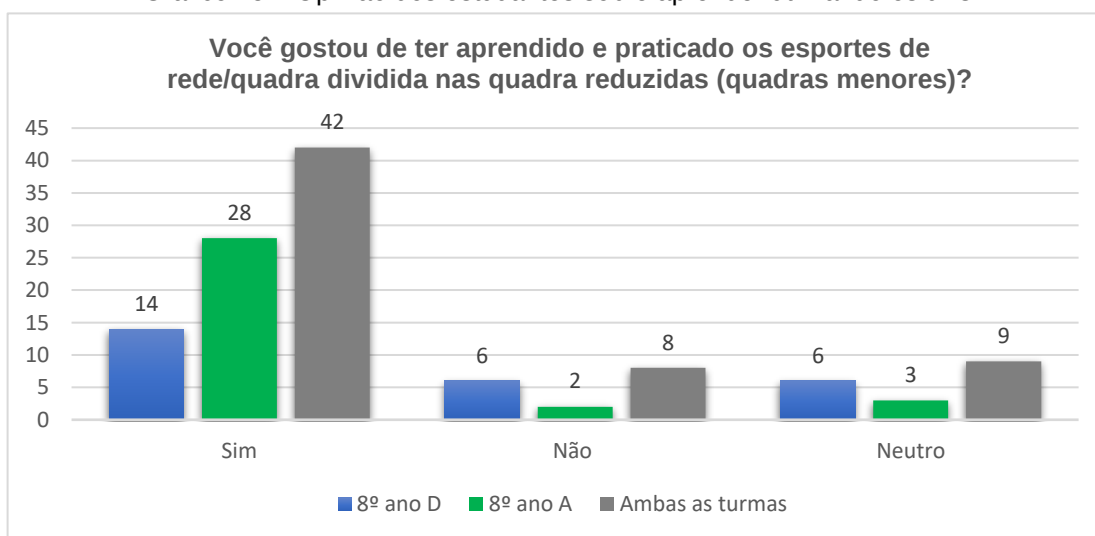
Sim, pois tem gente que não tem muita força, aí facilita o desenvolvimento do esporte (QS - estudante JL10).

Sim, pelo fato de todos conseguirem jogar e por ter mais adrenalina, pelo fato das quadras serem reduzidas (QS - estudante JL24).

Sim, foi muito divertido e todos conseguiram jogar (QS - estudante MD30).

Nesses relatos, observamos que a maioria dos estudantes compreende quais são os aspectos positivos em utilizar os JRs para o ensino dos esportes nas aulas de EF. Seus apontamentos corroboram com as indicações dos autores que estudam os JRs, como por exemplo, Araújo (2014), quando cita que entre os pontos positivos dos JRs podemos considerar a oportunidade de maiores situações de contato com a bola/implemento, o que, conseqüentemente, deixa os jogos mais motivadores e interessantes para os jogadores, já que há mais participação e importância nas ações e situações de jogo.

Gráfico 25 – Opinião dos estudantes sobre aprender utilizando os JRs



Fonte: Elaborado pelo autor

Os estudantes que disseram não ter gostado da experiência de aprender e jogar nas quadras reduzidas – foram 14%, entre os principais motivos estão: desejo de querer bater na bola com mais força (as quadras reduzidas exigem um maior

controle na hora de aplicar a força na bola/peteca e percebemos que, para alguns estudantes, essa situação era um pouco difícil, a bola/peteca ia muitas vezes para fora, deixando o jogo um pouco desmotivante); vontade de realizar maiores deslocamentos e movimentarem mais (em nossa percepção, nesse grupo estão os estudantes com mais habilidade motora, que sentem o desejo de serem mais desafiados); e forte desejo de praticar em espaços de tamanho oficiais. É o que podemos observar nesses trechos:

Não, porque tem que arremessar a bola muito devagar, e tem gente que não sabe fazer isso (QS - estudante JL14).

Não, eu não gostei porque tinha pouco movimento que se podia fazer (QS - estudante JL21).

Porque não dá nem de correr direito, não dá de ver a bola muita das vezes (QS - estudante MD10).

Não, achei complicado. Ter a quadra no tamanho "normal" é melhor (QS - estudante JL19).

Não, porque não tem muito espaço para jogar (QS - estudante MD18).

Em uma das escolas onde realizamos o estudo, estava programado para o final do bimestre um torneio interclasses de voleibol. O professor pesquisador se recorda de que, certas vezes, alguns estudantes lhe cobravam para terem aulas de voleibol na quadra com as dimensões oficiais. Por isso, entendemos que o anseio por parte de alguns estudantes em se preparar para o evento pode ter influenciado a responder de forma negativa a essa questão.

Considerando ainda as justificativas de alguns estudantes que gostariam de aplicar mais força ao bater na bola, entendemos que outro fator que pode ter contribuído para que os estudantes dissessem não ter gostado de aprender/jogar por meio dos JRs esteja relacionado com a influência da mídia, bem como dos vídeos que passamos em algumas aulas com a exibição de grandes lances e *rallies*, estes podem ter aflorado em alguns estudantes um desejo de jogar como os profissionais que eles viram nesses vídeos em diversos meios de comunicação.

De qualquer maneira, a partir da análise das respostas dos estudantes neste questionário de saída, e também considerando tudo o que foi observado pelo professor pesquisador durante a aplicação da unidade didática, consideramos que, ao proporcionar o ensino utilizando a estratégia dos JRs, é importante oportunizar

também aos estudantes a prática dessas modalidades em quadras com dimensões oficiais, antes e/ou após a vivência nas quadras reduzidas.

Oferecemos a prática em quadras com dimensões oficiais apenas na aula de campo, que, conforme já mencionamos, era um dos objetivos dessa aula a experimentação do tênis em quadras de dimensões oficiais, contudo, não o fizemos com os demais esportes ensinados em nossa unidade didática. Talvez para a modalidade de badminton não haja essa necessidade, tendo em vista que os tamanhos das quadras reduzidas que utilizamos não difere tanto das quadras oficiais. Já para o voleibol e talvez outras modalidades, percebemos que é importante essa experimentação, pois assim os estudantes conseguirão identificar e compreender melhor a diferença de aprender/jogar em ambos os espaços, ou seja, em quadras oficiais e reduzidas.

Os outros 15% restantes, que consideramos como neutros, referem-se aos estudantes que se abstiveram em dar um posicionamento direto, ou seja, não se manifestaram de maneira positiva ou negativa em relação à utilização dos JRs, usaram termos como: “achei interessante”, “um pouco só”, “não muito”, “mais ou menos”, “sim e não”. Observando as justificativas em que os estudantes explicaram mais detalhadamente, podemos perceber que alguns até citaram ter gostado, porém ainda assim preferiam jogar em quadras de tamanhos oficiais. Além disso, com esse grupo de estudantes, começamos a identificar que a prática que eles menos gostaram de aprender/jogar em espaços reduzidos e/ou que pode ter contribuído para essa opinião, foi o tênis. É o que podemos perceber a partir dessa sequência de respostas:

Foi massa, mas é muito melhor em quadras maiores, mais espaço, é muito melhor, pois em quadras reduzidas a bola sai muito para fora (QS - estudante JL26).

Mais ou menos, porque em determinado esporte é ruim jogar em quadra reduzida (QS - estudante MD17).

Sim, mas foi um pouco difícil por conta da quadra pequena, principalmente o tênis (QS - estudante MD29).

Sim e não, em certos jogos como vôlei e badminton sim, foi bom pois ficou mais simples o ato de aprender. Já em jogos como tênis, foi ruim, pois o espaço era um fator essencial para o jogo (QS - estudante JL13).

Na pergunta seguinte, pedimos que os estudantes elencassem os pontos positivos e negativos de aprender/jogar a partir dos JRs. Assim, tanto os que gostaram quanto os que não gostaram dessa estratégia utilizada nas aulas de EF precisariam

pensar em vantagens e desvantagens em aprender/jogar com essa estratégia de ensino. A partir dessa pergunta, conseguimos perceber melhor alguns fatores que contribuíram para a menção dessas dificuldades com o tênis nas quadras reduzidas.

As vezes acabam jogando as bolas muito longe, e também tem um pouco de perigo, pois pode acabar acertando alguém (QS - estudante JL10).

Que alguns esportes pela quadra estar reduzida ele fica mais difícil de pegar (QS - estudante MD28).

As vezes a bola vai muito longe, isso dificulta muito (QS - estudante JL24).

Com o espaço menor, as vezes pode ocorrer falhas, como por exemplo no tênis, as vezes a bolinha vai muito rápido e não conseguimos rebater (QS - estudante MD06).

Sendo assim, entre as dificuldades elencadas pelos estudantes em relação a aprender/jogar a modalidade de tênis por meio dos jogos reduzidos, identificamos três fatores:

a) medo de se machucar – “levar uma bolada” – por isso, ao oportunizar a prática do tênis em aulas de EFE, principalmente a partir dos jogos reduzidos, quando uma quadra fica muito próxima da outra, o professor deve sempre recordar aos estudantes sobre a importância da segurança estar em primeiro lugar. É preciso recomendar que não apliquem muita força ao bater na bola, principalmente se estiver utilizando raquetes oficiais, que fornecem ainda mais força e velocidade à bola.

b) saída da bola para fora dos espaços de jogo – normalmente as quadras de escolas são cercadas por telas, algumas nem isso possuem e, mesmo com essas telas, as bolas de tênis passam facilmente pelos seus vãos, indo muitas vezes para bem longe dos espaços de jogo, sem falar quando não se perdem entre o mato alto que também é realidade ao redor de muitas quadras de escolas públicas. Tudo isso causa dificuldades e perda de tempo efetivo de jogo/aula e, conseqüentemente, desmotivam os estudantes.

c) a dificuldade de rebater a bola – essa dificuldade pode ser pelo fato de a bola oficial de tênis ser pequena e rápida, um tipo de bola bem diferente dos esportes tradicionais e com a qual normalmente os estudantes não estão acostumados. Podemos considerar ainda o fato de a raquete causar estranheza e algumas dificuldades de controle de bola, principalmente para aqueles estudantes que nunca praticaram esportes de raquetes.

Conforme já mencionamos, utilizamos em nossa unidade didática bolas de tênis oficial usadas, que foram descartadas por pessoas que praticam cotidianamente o esporte. Essas bolas não são tão pressurizadas como as novas, porém, ainda assim, são muito rápidas e, dependendo da forma com que forem rebatidas, podem causar lesões, principalmente se baterem em partes mais sensíveis do corpo.

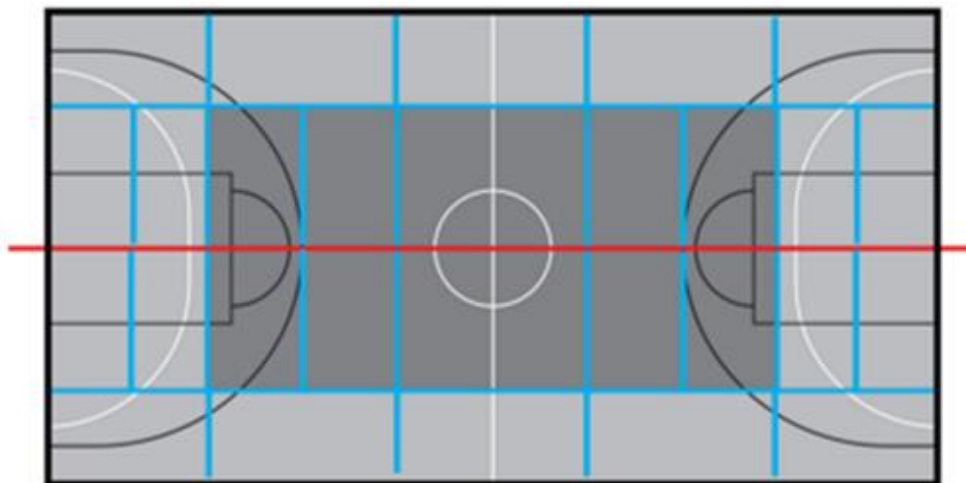
Por isso, para tentar reduzir os pontos negativos que esse grupo de estudantes manifestou após a experiência dos JRs com a modalidade tênis, pensamos que uma alternativa seja a utilização de bolas de beach tennis, ou caso seja possível, aquisição de bolinhas específicas para crianças ou iniciantes (bolas soft). Elas são despressurizadas e podem ser constituídas de materiais como espuma, plástico ou feltro, normalmente são maiores, mais macias e mais lentas, em relação às bolas oficiais de tênis, o que ajuda o aprendiz a ter mais tempo para reagir, maior controle ao rebater e menos receio de se machucar.

Também para tentar proporcionar mais *rallies* durante os jogos reduzidos de tênis e contribuir para que a bola saia menos dos espaços de jogo, pode-se aumentar as dimensões da quadra reduzida de tênis. Contudo, entendemos que esse aumento deve ser gradativo, iniciando o ensino/prática a partir da dimensão de quadra reduzida, proposta de González, Darido e Oliveira (2017), dimensão usada nesta pesquisa e, após algumas aulas e com a evolução dos estudantes, pode-se aumentar a quadra.

Para aumentar a quadra reduzida de tênis, sugerimos a proposta que criamos e está em nosso produto educacional. Conforme é possível observar na figura 27, utiliza-se a linha lateral da quadra oficial de futsal/basquete/handebol como referência para a linha de fundo da quadra reduzida de tênis.

Inicialmente pensamos em realizar essa adaptação em nosso estudo, no entanto, como tivemos poucas aulas para cada modalidade, optamos por não progredir para essa dimensão de quadras reduzidas. Porém, caso tenha mais tempo para aprofundar a modalidade, consideramos uma variação interessante e que se aproxima ainda mais dos jogos oficiais de tênis. Já utilizamos esse formato de quadra em algumas aulas que não fizeram parte deste estudo e podemos afirmar que funciona muito bem, principalmente com turmas dos anos finais do ensino fundamental.

Figura 27: Quadra reduzida adaptada para o ensino do tênis avançado



Fonte: Adaptação do professor pesquisador a partir do desenho de Ronaldo Braga Magalhães (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017)

Procuramos, neste último tópico desta dissertação, dar voz aos estudantes, avaliando todo o processo de ensino, também a partir de suas considerações sobre tudo que aprenderam e vivenciaram nessa unidade didática. Ficou evidente que estudantes gostam de aprender novos e diferentes esportes, percebemos que eles compreenderam, valorizaram e sentem-se motivados a aprender e participar das aulas, principalmente quando são conduzidos por caminhos diferentes, como a aula de campo e a estratégia de ensino a partir dos JRs.

A partir de seus relatos, identificamos situações exitosas, notamos outras que talvez poderiam ser realizadas de maneiras diferentes, porém todas as considerações postas pelos estudantes, positivas ou negativas, conduziram-nos a pensar e discutir ajustes que podem ser realizados na maneira que propusemos neste trabalho ou podem ser repensados, redesenhados de acordo com a realidade de cada escola, de cada professor.

Temos a convicção de que é impossível agradar todos os estudantes, mas os achados nesta investigação, a partir da opinião dos estudantes, apontam que estamos no caminho correto. Mesmo que conseguíssemos fazer a diferença em apenas um estudante, creio que já teria valido a pena, principalmente quando conseguimos atingir aqueles que se sentem excluídos e desmotivados para participar das aulas de EF, como foi o caso dessa estudante que tinha muita resistência de participar das aulas por não se achar competente e habilidosa. Além disso, percebemos que muitos de seus colegas de turma faziam chacotas e a excluía e,

na roda de conversa final da última aula prática deste estudo, recebemos esse depoimento dela:

Professor, tipo, até agora eu acho que um dos melhores professores de Educação Física foi você, porque eu nunca tinha ido para nenhum lugar fora da escola para praticar alguma modalidade, e tipo, a maioria dos professores só escolhem vôlei e futebol, mas você não, você se concentrou em algumas modalidades que não são tão conhecidas, mas que mesmo assim são legais de ser praticadas (DC - AULA 17 - estudante MD20).

São depoimentos como esse que nos fazem acreditar que conseguimos despertar nos estudantes a importância da EFE, no sentido de mostrar os muitos caminhos e possibilidades de práticas da CCM, pelo menos no que diz respeito aos esportes da categoria de rede/quadra dividida. Fica a esperança de que esse aprendizado seja apenas a ponta do iceberg e que nossos estudantes se sintam motivados e instigados a conhecer, aprofundar e praticar um leque de novas e diferentes práticas da CCM.

Ansiamos que ao menos uma dessas tantas possibilidades aprendidas na EFE possa ser escolhida por eles para fazer parte de seu cotidiano ao longo de muitos anos, como uma atividade de lazer, de vida saudável, de atleta, etc. Quem sabe ainda, que alguns desses estudantes possam, talvez como professores de EF, ensinar esportes além do quarteto fantástico, ensinar práticas da CCM além das tradicionais, dando sequência ao ciclo que o professor pesquisador deste estudo vem procurando fazer desde que, há aproximadamente 25 anos, teve a oportunidade de conhecer o tênis em suas aulas de EF no ensino fundamental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar, foi o objetivo deste estudo. Concluímos que a proposta de ensino implementada se revela uma alternativa viável no ambiente escolar, por favorecer o ensino dos esportes da categoria de rede/quadra dividida, principalmente em sua fase de iniciação.

Por meio dos jogos reduzidos, conseguimos neste estudo, ensinar e/ou oportunizar a prática de inúmeros esportes da categoria de rede/quadra dividida, principalmente aqueles que oficialmente são jogados de maneira individual ou em dupla (tênis, tênis de mesa, badminton, peteca, futevôlei, fute-tênis, beach tennis, etc), garantindo que todos os estudantes jogassem ao mesmo tempo, ou que pelo menos, estivessem envolvidos e participando ativamente da aula, o que contribui para uma EF menos ociosa e “aguardativa”.

Embreñados pelas NTPE, sem negar atividades que desenvolvam fundamentos e capacidades físicas, percebemos que os jogos reduzidos auxiliaram no rompimento da pedagogia tradicional e tecnicista fundamentada na fragmentação técnica e, por isso, conseguimos favorecer a reflexão de ações táticas. Oportunizamos aos estudantes mais participação e importância nas ações e situações de jogo, como mais tempo de jogo e maiores situações de contato com a bola/implemento, o que deixou os jogos e as aulas mais motivantes e interessantes para eles.

Porém, é importante destacar que apenas os jogos reduzidos não garantem o prazer e a motivação dos estudantes nas aulas de EF. É preciso que o professor utilize, junto com os jogos reduzidos, outras estratégias que proporcionem aulas inclusivas, equitativas e divertidas.

Nesse sentido, buscamos realizar jogos abarcados na ludicidade e em elementos históricos, como por exemplo o volençol, o mintonette e o jogo da palma da mão. Realizamos desafios motores que desenvolvessem ao mesmo tempo a competição e a cooperação. Oportunizamos diferentes maneiras de escolher as equipes e distribuí-las nos espaços de jogo. Criamos ambientes democráticos permitindo que, por vezes, os estudantes escolhessem algumas modalidades. Procuramos dar condições para que os menos habilidosos tivessem as mesmas oportunidades e o mesmo tempo para aprender e jogar que os mais habilidosos.

Portanto, despertamos o olhar para o respeito às diferenças, principalmente durante o conhecimento e a experimentação de algumas modalidades paralímpicas.

Visamos o ensino além dos conhecimentos corporais, utilizamos rodas de conversas que valorizam o diálogo, o conhecimento prévio, a democracia, o respeito a opiniões divergentes, o respeito a desempenhos de aprendizagem diferentes, o respeito aos colegas de equipe, adversários, árbitros, às regras e discutimos as atitudes diante da vitória e/ou da derrota. Abrimos espaço para os estudantes exporem suas opiniões, bem como relatarem aspectos e atitudes positivas e/ou negativas das aulas. Além disso, incluímos nas aulas o uso das tecnologias, como vídeos e pesquisas na internet, estimulamos a autonomia do conhecimento, incentivando pesquisas realizadas em casa, sempre na tentativa de promover conhecimentos conceituais e atitudinais, que favorecessem o estudante a ser sujeito ativo, crítico e responsável durante o processo de aprendizagem.

Entendemos que a maior dificuldade que se pode encontrar no ambiente escolar para utilizar a estratégia dos jogos reduzidos está relacionada às condições estruturais e financeiras, principalmente quando se trata de escolas públicas. Por isso, discutimos e apresentamos os caminhos que trilhamos para transpor a necessidade de uma quantidade maior de materiais com essa possibilidade pedagógica. Nesse sentido, procuramos envolver os estudantes em algumas adaptações e confecções de materiais alternativos, bem como alertá-los sobre a importância de ajudarem a zelar pelos materiais e de todo o patrimônio escolar. Nessa perspectiva, buscamos parcerias com a comunidade externa à escola por meio de doações, empréstimos ou até mesmo venda de materiais a preços mais acessíveis.

Também para superar essa dificuldade, abordamos a importância de sermos profissionais éticos e cumprir com honestidade, responsabilidade e qualidade nossa missão de ensinar. Condutas assim nos dão maior credibilidade para cobrar das secretarias de educação e da gestão escolar equipamentos, materiais pedagógicos e melhores condições de trabalho. Sendo assim, também apresentamos algumas estratégias que utilizamos enquanto professor, para estender a vida útil dos materiais que já possuímos e ganhar confiança da equipe gestora para investir em materiais que são mais caros e/ou que não são tão comuns nos ambientes escolares, os quais podem facilitar o caminho para diversificar ainda mais os conteúdos e oferecer uma EF de mais qualidade.

Outra dificuldade identificada durante a experimentação dos jogos reduzidos, e que entendemos que possa atingir muitos outros professores, é a insegurança que tivemos ao planejar e desenvolver as aulas relacionadas aos saberes corporais, considerando o ensino do esporte a partir da valorização do jogo e pela compreensão da tática. Discutimos que metodologias de ensino norteadas pelas NTPE são recentes no Brasil. Sendo assim, é fundamental que as instituições de ensino superior repensem seus currículos, no sentido de oferecer uma formação inicial que dê condições para que os futuros professores de EF sintam-se mais seguros e preparados para ensinar a partir das novas tendências.

As secretarias de educação também precisam investir em formações continuadas, principalmente no que tange às formações específicas de cada componente curricular. Nos últimos anos, pelo menos na Seduc-MT e na SME (Cuiabá), temos percebido que as formações continuadas são muito generalistas, não contribuem diretamente para mudanças efetivas na área específica de atuação dos professores. Por isso, a partir da experiência que tivemos neste estudo, deixamos como indicação de tema para formações na área da EF os modelos contemporâneos de ensino. Assim, os professores já formados poderão conhecer e se apropriar efetivamente dessas novas maneiras de ensinar o esporte, as quais a literatura vem apontando como as mais eficientes e adequadas para o ambiente escolar.

Apesar dessas dificuldades, consideramos que os jogos reduzidos demonstram ser uma excelente estratégia por favorecer a diversificação das práticas corporais nas aulas de EF, pelo menos no que diz respeito à categoria de esportes de rede/quadra dividida. Ficou evidente, ainda, que estudantes gostam de aprender novos e diferentes esportes, percebemos que eles compreenderam, valorizaram e sentem-se motivados a aprender e participar das aulas, principalmente quando são conduzidos por caminhos novos e adequados.

Por fim, esperamos que este estudo e sua temática possam ser ainda mais ampliados, servindo de gatilho para mais debates e reflexões, que inspirem nossos colegas professores a experimentar, transformar e recriar essa estratégia dos JRs com mais esportes dessa categoria, outras categorias de esportes e até mesmo com outros conteúdos. Tudo isso de forma a contribuir com uma aprendizagem da CCM cada vez mais significativa aos estudantes e diversificada, na perspectiva de uma EFE mais valorizada pelos diferentes membros da comunidade escolar e da sociedade.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ARAÚJO, S. N. O Ensino do Handebol por meio de Jogos Reduzidos (Jogo Possível). In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 2014, Matinhos. **Anais [...]**. Matinhos: Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), 2014. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/7csbce/2014/paper/view/5895/3140>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BARROSO, A. L. R. **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física Escolar**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2020. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BELLI, T. et. al. Pedagogia do esporte e tênis de mesa: novas perspectivas para o ensino-treino do efeito na iniciação esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/41678>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BETTI, M. Esporte telespetáculo e mídias: implicações para a qualidade da vida. In MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Orgs.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 1991.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. A Proposta Pedagógica do Teaching Games For Understanding: reflexões sobre a iniciação esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i2.5694. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/5694>. Acesso em: 2 abr. 2022.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

BRASIL. **Censo Escolar 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso em: 21 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: https://ib.rc.unesp.br/Home/Instituicao/DivisaoTecnicaAcademica/secaotecnicaacademicasta/resolucao_510.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** / Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, P. E. O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, p. 55-75, out./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/29643/23448>. Acesso em: 5 jun. 2021.

CLEMENTE, F. M. et al. Jogos Reduzidos no Handebol: efeitos na percepção subjetiva de esforço. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 53-64, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/5341>. Acesso em: 26 abr. 2022.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CUIABÁ. **Escola Cuiabana**: cultura, tempos de vida, direitos de aprendizagem e inclusão. Organizadoras: Edilene de Souza Machado e Mabel Strobel Moreira da Silva. 2ª edição. Cuiabá-MT: Editora Gráfica Print, 2020. Disponível em: [https://educacao.tce.mt.gov.br/downloads/47/16143/Ebook_ESCOLA_CUIABANA_2019_\(5\).pdf](https://educacao.tce.mt.gov.br/downloads/47/16143/Ebook_ESCOLA_CUIABANA_2019_(5).pdf). Acesso em: 18 jun. 2022.

CUIABÁ. **Portal da Transparência**. Disponível em: <http://transparencia.cuiaba.mt.gov.br/portaltransparencia/transparencia/#!/servicos/educacao>. Acesso em: 25 nov. 2022.

DARIDO, S. C. **Caderno de formação**: formação de professores didática dos conteúdos. Universidade Estadual Paulista. Pro-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v.6. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41556/1/Caderno_blc2_vol6.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola**: Questões e Reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C; GONZÁLEZ, F. J; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar**. São Paulo: AVA Moodle

Unesp [Edutec], 2020. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/course/view.php?id=2839§ion=6>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola**: implicações para prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. **Para ensinar educação física**: Possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papirus, 2007.

DEL-MASSO, M. C. S.; SANTOS, M. P.; COTTA, M. A. C. **Instrumentos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/course/view.php?id=2860>. Acesso em: 26 jun. 2021.

DIAS, E. R. **O ensino e a aprendizagem do Handebol na Educação Física Escolar**: o entendimento da lógica do jogo a partir da implementação de minijogos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192871/dias_er_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 30 out. 2021.

ESCOLA JOSE LEITE DE MORAES. **Projeto Político Pedagógico**. Várzea Grande, MT, 2022.

ESCOLA PROFESSORA MARIA DIMPINA LOBO DUARTE. **Projeto Político Pedagógico**. Cuiabá, MT, 2022. Disponível em: https://educacao.tce.mt.gov.br/47/64/assunto/listaPublicacao/id_assunto/194/id_assunto_item/578. Acesso em: 25 nov. 2022.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2021.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte e educação física: uma proposta considerando as modalidades coletivas. In GALATTI, L. R. et al (Orgs.). **Múltiplos Cenários da prática esportiva**: pedagogia do esporte. Campinas, SP: Unicamp, v. 2, p. 151-172, 2017.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21088/13665>. Acesso em: 26 abr. 2022.

GERHARDI, T. E. et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GINCIENE, G.; MATTHIESEN, S. Q. Estratégias para o ensino dos valores em aulas de educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, jan./mar. 2008. DOI: 10.5216/rpp.v21i1.44055. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/44055/pdf>. Acesso em: 6 out. 2022.

GIUSTI, J. G. M. et al. O ensino do esporte através do jogo: análise, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, jul./set. 2017. DOI 10.5216/rpp.v20i3.40709. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/40709>. Acesso em: 17 dez. 2022.

GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, M. B. Diálogos sobre o ensino dos esportes na educação física escolar: uma pesquisa-ação na formação continuada. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 172-188, setembro/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p172>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. Disponível em: <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:1243>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5169>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GONZÁLEZ, F. J. et al. Sentidos e significados do ensino do esporte na educação física escolar: descolamentos históricos e proposições contemporâneas. In: MARINHO, A; NASCIMENTO, J. V; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Legados do esporte brasileiro**. 1. ed. Florianópolis: EDUESC, v. 5, p. 121-162, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128033/Legados-do-Esporte-Brasileiro-2014.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre; Penso, 2012.

GRECO, P. J. Capacidade de jogo e aprendizagem tática nos modelos de ensino-aprendizagem incidental. In: JUAREZ, V. N.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. v. 4. Disponível em: <https://unigra.com.br/arquivos/jogos-desportivos:-formacao-e-investigacao-.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. **Educação Física Escolar como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais**. São Paulo: AVA Moodle Unesp

[Edutec], 2020. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6 ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236- 246, abr./jun. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2177/2285>. Acesso em: 26 abr. 2022.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOPES, C. L. O esporte nos anos finais do ensino fundamental. In: MOREIRA, E. C. (Org.). **A educação física na rede municipal de ensino de Cuiabá: uma proposta de construção coletiva**. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

LUCCA, M. H. S. **TIC e Sport Education**: uma proposta pedagógica para o ensino dos saberes conceituais técnicos do handebol no ensino médio. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181388/lucca_mhs_me_rcla.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

MATO GROSSO. **Censo Escolar 2021**. Disponível em: <http://www3.seduc.mt.gov.br/web/seduc/-/8221360-censo-escolar>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**. Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

MESQUITA, I. Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. In: JUAREZ, V. N.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. v. 4. Disponível em: <https://unigra.com.br/arquivos/jogos-desportivos:-formacao-e-investigacao-.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2522/1445>. Acesso em: 26 set. 2022.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a organização curricular**. Londrina: Edue, 2010.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. A. Gestão do Processo Organizacional do Jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.13, n.1, p. 51-63, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/256>. Acesso em: 26 jun. 2021.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/2478/2477>. Acesso em: 18 mar. 2022.

RODRIGUES, L. H.; GALVÃO, Z. Novas formas de organização dos conteúdos. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação Física na Escola: implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SADI, R. S.; COSTA, J. C.; SACCO, B. T. Ensino de Esportes por meio de Jogos: desenvolvimentos e aplicações. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 17-26, jan./jul. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/1298/0>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SADI, R. S. **Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos**. São Paulo: Ícone, 2010.

SADI, R. S. **Pedagogia do esporte: explorando os caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas**. São Paulo: Ícone, 2016.

SANTANA, W. S. Pedagogia do esporte e a tarefa de ensinar além do esporte. In: GALATTI, L. R. et al (Orgs.). **Múltiplos Cenários da prática esportiva: pedagogia do esporte**. Campinas, SP: Unicamp, v. 2, p. 41-63, 2017.

SCAGLIA, A. J. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**. Revista de Educação Física. Unesp, v.13, n.1, p. 51-63. 2007.

SCAGLIA, A. J. et al. O Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo de organizacional sistêmico. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 227–249, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.37893. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37893>. Acesso em: 5 mai. 2022.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. A contribuição da Pedagogia do Esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Legados do esporte brasileiro**. 1. ed. Florianópolis: EDUESC, v. 5, p. 45–86, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128033/Legados-do-Esporte-Brasileiro-2014.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e na aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: JUAREZ, V. N.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. v. 4. Disponível em: <https://unigra.com.br/arquivos/jogos-desportivos:-formacao-e-investigacao-.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SILVA, C. L. Q. **O Sport Education na Educação Física escolar: unidade didática para o ensino do handebol**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Cuiabá, 2020. Disponível em: <https://cms.ufmt.br/files/galleries/210/C1be256eebd7d87e874d5e2dd6af143e2383d0e51.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

SILVA, S. M. **Esportes não convencionais na escola: uma proposta de sistematização para os anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Rio Claro, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193637/silva_sm_me_rcla.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 24 out. 2021.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional: tradução Ernani Rosa** – Porto Alegre: Artimed, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Cuiabá-MT, 15 de março de 2022

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

À Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte

A/C Taciane Garcez Mauricio

Diretora da Unidade Educacional

Prezada Diretora,

O Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, sob a coordenação do Professor Doutor Evando Carlos Moreira, apresenta e solicita que o mestrando Bruno da Silva Pinto, realize a coleta de dados para o desenvolvimento do seu trabalho de mestrado na Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte da Rede de Ensino do município de Cuiabá.

O objetivo do estudo é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados utilizaremos como instrumentos de coleta de dados dois questionários abertos, um diagnóstico e outro de saída, qual os estudantes/participantes da pesquisa deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar. O questionário diagnóstico será aplicado 30 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

A partir desse instrumento diagnóstico será elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os jogos reduzidos. Essa unidade didática, será aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de Educação Física previstas no currículo escolar.

Ao término da unidade desta unidade didática, será aplicado o questionário de saída, para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmo sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotaremos neste estudo é o diário de campo, utilizando como técnica para a coleta de dados neste instrumento a observação participante, realizando anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo processo de execução da unidade didática, sobre o comportamento dos alunos, sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgar importante apontar, bem como, registros por meio de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

A importante cooperação de V.Sa., ao aceitá-lo, demonstra, sem dúvida alguma, sua participação nesse trabalho fundamental ao processo de formação profissional desse pesquisador e também dos integrantes dessa comunidade escolar. Sua identidade e da instituição da qual faz parte serão preservadas, pois os dados serão apresentados com a maior confiabilidade e fidedignidade possível, mantendo sempre em sigilo as informações pessoais dos participantes, conforme determina o rigor científico dos trabalhos acadêmicos.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada por meio do contato com o docente responsável pela orientação desta pesquisa, Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail anacarrilho12@yahoo.com.br, ou também com a pesquisador Bruno da Silva Pinto, pelo telefone 65 99959-0334 ou pelo email brunodrhsm@gmail.com. Agradecemos a colaboração e colocamo-nos a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Bruno da Silva Pinto
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
(PROEF) da UFMT

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Orientadora da pesquisa

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Cuiabá-MT, 15 de março de 2022

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

À Escola José Leite de Moraes
A/C Marcos Alves Fausto
Diretor da Unidade Educacional

Prezado Diretor,

O Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, sob a coordenação do Professor Doutor Evando Carlos Moreira, apresenta e solicita que o mestrando Bruno da Silva Pinto, realize a coleta de dados para o desenvolvimento do seu trabalho de mestrado na Escola José Leite de Moraes da Rede Estadual de Educação.

O objetivo do estudo é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados utilizaremos como instrumentos de coleta de dados dois questionários abertos, um diagnóstico e outro de saída, qual os estudantes/participantes da pesquisa deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar. O questionário diagnóstico será aplicado 30 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

A partir desse instrumento diagnóstico será elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os jogos reduzidos. Essa unidade didática, será aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de Educação Física previstas no currículo escolar.

Ao término da unidade desta unidade didática, será aplicado o questionário de saída, para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmo sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotaremos neste estudo é o diário de campo, utilizando como técnica para a coleta de dados neste instrumento a observação participante, realizando anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo

processo de execução da unidade didática, sobre o comportamento dos alunos, sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgar importante apontar, bem como, registros por meio de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

A importante cooperação de V.Sa., ao aceitá-lo, demonstra, sem dúvida alguma, sua participação nesse trabalho fundamental ao processo de formação profissional desse pesquisador e também dos integrantes dessa comunidade escolar. Sua identidade e da instituição da qual faz parte serão preservadas, pois os dados serão apresentados com a maior confiabilidade e fidedignidade possível, mantendo sempre em sigilo as informações pessoais dos participantes, conforme determina o rigor científico dos trabalhos acadêmicos.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada por meio do contato com o docente responsável pela orientação desta pesquisa, Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail anacarrilho12@yahoo.com.br, ou também com a pesquisador Bruno da Silva Pinto, pelo telefone 65 99959-0334 ou pelo email brunodrhsme@gmail.com. Agradecemos a colaboração e colocamo-nos a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Bruno da Silva Pinto
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
(PROEF) da UFMT

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Orientadora da pesquisa

APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilma. Sra. Professora Elijane Gonçalves Lopes

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, do mestrando Bruno da Silva Pinto, sob orientação Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, a ser realizada na Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte da Rede Municipal de Educação, tendo como objetivo analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados utilizaremos como instrumentos de coleta de dados dois questionários abertos, um diagnóstico e outro de saída, qual os estudantes/participantes da pesquisa deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar. O questionário diagnóstico será aplicado 30 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

A partir desse instrumento diagnóstico será elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os jogos reduzidos. Essa unidade didática, será aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de Educação Física previstas no currículo escolar.

Ao término da unidade desta unidade didática, será aplicado o questionário de saída, para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmos sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotaremos neste estudo é o diário de campo, utilizando como técnica para a coleta de dados neste instrumento a observação participante, realizando anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo processo de execução da unidade didática, sobre o comportamento dos alunos, sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgar importante apontar, bem como, registros por meio de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo cumprindo as determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP, tendo a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da

pesquisa. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho da Secretaria Municipal de Educação, por meio desta coordenadoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Cuiabá-MT, 15 de março de 2022

Bruno da Silva Pinto
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da
UFMT

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Orientadora da pesquisa

() Concordamos com a solicitação

() Não concordamos com a solicitação

Elijane Gonçalves Lopes
Coordenadora Técnica de Ensino

APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilma. Sra. Maria Denize Souza Carvalho

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, do mestrando Bruno da Silva Pinto, sob orientação Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, a ser realizada na Escola José Leite de Moraes da Rede Estadual de Educação, tendo como objetivo analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados utilizaremos como instrumentos de coleta de dados dois questionários abertos, um diagnóstico e outro de saída, qual os estudantes/participantes da pesquisa deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar. O questionário diagnóstico será aplicado 30 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

A partir desse instrumento diagnóstico será elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os jogos reduzidos. Essa unidade didática, será aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de Educação Física previstas no currículo escolar.

Ao término da unidade desta unidade didática, será aplicado o questionário de saída, para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmo sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotaremos neste estudo é o diário de campo, utilizando como técnica para a coleta de dados neste instrumento a observação participante, realizando anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo processo de execução da unidade didática, sobre o comportamento dos alunos, sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgar importante apontar, bem como, registros por meio de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo cumprindo as determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP, tendo a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da

pesquisa. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho da Secretaria Estadual de Educação, por meio da Diretoria Regional de Ensino de Várzea Grande, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessário.

Cuiabá-MT, 15 de março de 2022

Bruno da Silva Pinto
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da
UFMT

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Orientadora da pesquisa

() Concordamos com a solicitação

() Não concordamos com a solicitação

Maria Denize Souza Carvalho
Diretora Regional de Educação

APÊNDICE E – SOLICITAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Ilma. Sra. **Taciane Garcez Mauricio**

Diretora da Unidade Educacional

Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa, bem como a coleta de dados no período de abril a julho de 2022, relacionada a pesquisa intitulada: ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”, do mestrando Bruno da Silva Pinto, sob orientação Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, a ser realizada na Escola Cívico Militar Professora Maria Dimpina Lobo Duarte, tendo como objetivo analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados utilizaremos como instrumentos de coleta de dados dois questionários abertos, um diagnóstico e outro de saída, qual os estudantes/participantes da pesquisa deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar. O questionário diagnóstico será aplicado 30 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

A partir desse instrumento diagnóstico será elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os jogos reduzidos. Essa unidade didática, será aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de Educação Física previstas no currículo escolar.

Ao término da unidade desta unidade didática, será aplicado o questionário de saída, para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmo sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotaremos neste estudo é o diário de campo, utilizando como técnica para a coleta de dados neste instrumento a observação participante, realizando anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo processo de execução da unidade didática, sobre o comportamento dos alunos, sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgar importante apontar, bem como, registros por meio de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo cumprindo as determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP, tendo a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho dessa instituição, por meio desta direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Cuiabá-MT, 15 de março de 2022

Bruno da Silva Pinto
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da
UFMT

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Orientadora da pesquisa

() Concordamos com a solicitação

() Não concordamos com a solicitação

Taciane Garcez Mauricio
Diretora da Unidade Educacional

APÊNDICE F – SOLICITAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Ilmo. Sr. **Marcos Alves Fausto**
Diretor da Unidade Educacional
Escola José Leite de Moraes

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa, bem como a coleta de dados no período de abril a julho de 2022, relacionada a pesquisa intitulada: ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”, do mestrando Bruno da Silva Pinto, sob orientação Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, a ser realizada na Escola José Leite de Moraes, tendo como objetivo analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar.

Nos procedimentos metodológicos para a coleta de dados utilizaremos como instrumentos de coleta de dados dois questionários abertos, um diagnóstico e outro de saída, qual os estudantes/participantes da pesquisa deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar. O questionário diagnóstico será aplicado 30 dias antes do início da aplicação da unidade didática (aulas de intervenção), com o objetivo de verificar a compreensão, as experiências e as expectativas que os estudantes possuem sobre o conteúdo esportes de rede/quadra dividida.

A partir desse instrumento diagnóstico será elaborado um plano de intervenção construindo uma unidade didática para o ensino do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, utilizando como estratégia metodológica os jogos reduzidos. Essa unidade didática, será aplicada ao longo de um bimestre, durante as aulas do componente curricular de Educação Física previstas no currículo escolar.

Ao término da unidade desta unidade didática, será aplicado o questionário de saída, para compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmo sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.

Outro instrumento para a coleta de dados que adotaremos neste estudo é o diário de campo, utilizando como técnica para a coleta de dados neste instrumento a observação participante, realizando anotações referentes aos fatos ocorridos em aula durante todo processo de execução da unidade didática, sobre o comportamento dos alunos, sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que o professor pesquisador julgar importante apontar, bem como, registros por meio de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo cumprindo as determinações éticas da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP, tendo a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho dessa instituição, por meio desta direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

Cuiabá-MT, 15 de março de 2022

Bruno da Silva Pinto
Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da
UFMT

Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Orientadora da pesquisa

() Concordamos com a solicitação

() Não concordamos com a solicitação

Marcos Alves Fausto
Diretor da Unidade Educacional

APÊNDICE G - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO – TALE – (Para preenchimento do estudante)

Cuiabá - MT, 11 de abril de 2022.

Prezado aluno (a), você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. Seus pais ou responsáveis, já concordaram com sua participação e agora queremos ter seu consentimento, a pesquisa será conduzida pelo pesquisador, Bruno da Silva Pinto, professor de Educação Física, docente efetivo da Rede Municipal de Educação de Cuiabá e acadêmico do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

O objetivo da pesquisa é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar. A direção da escola está ciente e permitiu a realização da pesquisa, que será realizada nas dependências da própria unidade de ensino onde você está matriculado (a), no horário normal das aulas de Educação Física.

Os procedimentos realizados no estudo serão os seguintes: Você deverá entregar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, assinado por você, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assinado pelo seu responsável. Assim, você participará deste estudo, realizando as aulas de Educação Física durante todo o segundo bimestre que irão tratar do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, você também deverá responder dois questionários, o questionário diagnóstico (no início da pesquisa), um questionário de saída (no final da pesquisa).

Como benefício, esta pesquisa poderá tornar as aulas de Educação Física ainda mais atrativas e dinâmicas, e facilitar a forma de aprender sobre novos esportes, mas é possível ocorrer riscos, que são mínimos, próprios do cotidiano das aulas de Educação Física, como quedas, lesões ou outras ocorrências, se você se machucar, o professor realizará os primeiros socorros e seguirá o protocolo habitual da escola (ligará para os responsáveis e encaminhará ao pronto atendimento, se assim for necessário). Para amenizar os riscos, o professor pesquisador solicitará a utilização de calçados e vestimentas adequadas para participar das aulas práticas e também fará as devidas orientações de como utilizar de maneira correta os equipamentos esportivos.

É possível que você se sinta constrangido ou inseguro por não conseguir responder algumas das perguntas dos questionários, podendo então deixá-las sem responder. É possível considerar também, que você se sinta desconfortável ou tímido, pois o professor pesquisador irá realizar anotações sobre fatos ocorridos nas aulas, além de fazer alguns registros por meio de fotos, vídeos e gravação de áudio de algumas partes das aulas, nesses momentos, caso você sinta-se desconfortável ou tímido, poderá pedir para não participar da atividade, ou solicitar que sua imagem ou voz não seja registrada. Por fim, ainda estamos convivendo com uma pandemia, Covid-19, sendo assim, não se pode descartar a possibilidade de contágio dessa doença, por isso, seguiremos todos os protocolos

sanitários em vigor para minimizar os riscos de contágio.

Caso haja despesas adicionais decorrentes da pesquisa, assim como eventuais danos relacionados a sua participação, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador.

Sua participação é voluntária e ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Será garantido o direito de não participar da pesquisa ou retirar sua participação em qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos ou publicações científicas, de uma maneira não identifique você.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores, professora orientadora Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail anacarrilho12@yahoo.com.br, com o professor pesquisador Bruno da Silva Pinto, pelo telefone 65 99959-0334 ou pelo e-mail brunodrhsm@gmail.com ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, CEP/Humanidades/UFMT, pelo telefone 65 3615-8935 ou pelo e-mail: cephumanas@ufmt.br ou cephumanas@gmail.com.

Sendo assim, solicitamos a sua autorização. Caso aceite, preencha e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma ficará com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos.

Agradecemos desde já sua atenção!

Pesquisador responsável: Bruno da Silva Pinto

ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, aceito em participar da pesquisa “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. Autorizo o uso de minha imagem e voz, sem finalidade comercial, para ser utilizada em benefício da pesquisa. Entendi as coisas ruins e coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. O professor pesquisador explicou sobre a pesquisa para mim e tirou minhas dúvidas. Li e entendi este termo de assentimento e concordo em participar da pesquisa.

Data: ____/____/____

Assinatura do estudante: _____

Observação: assine seu nome também na primeira página.

APÊNDICE H - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO – TALE - (Para preenchimento do estudante)

Cuiabá - MT, 11 de abril de 2022.

Prezado aluno (a), você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. Seus pais ou responsáveis, já concordaram com sua participação e agora queremos ter seu consentimento, a pesquisa será conduzida pelo pesquisador, Bruno da Silva Pinto, professor de Educação Física, docente efetivo da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, acadêmico do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

O objetivo da pesquisa é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar. A direção da escola está ciente e permitiu a realização da pesquisa, que será realizada nas dependências da própria unidade de ensino onde você está matriculado (a), no horário normal das aulas de Educação Física.

Os procedimentos realizados no estudo serão os seguintes: Você deverá entregar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, assinado por você, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assinado pelo seu responsável. Assim, você participará deste estudo, realizando as aulas de Educação Física durante todo o terceiro bimestre que irão tratar do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, você também deverá responder dois questionários, o questionário diagnóstico (no início da pesquisa), um questionário de saída (no final da pesquisa).

Como benefício, esta pesquisa poderá tornar as aulas de Educação Física ainda mais atrativas e dinâmicas, e facilitar a forma de aprender sobre novos esportes, mas é possível ocorrer riscos, que são mínimos, próprios do cotidiano das aulas de Educação Física, como quedas, lesões ou outras ocorrências, se você se machucar, o professor realizará os primeiros socorros e seguirá o protocolo habitual da escola (ligará para os responsáveis e encaminhará ao pronto atendimento, se assim for necessário). Para amenizar os riscos, o professor pesquisador solicitará a utilização de calçados e vestimentas adequadas para participar das aulas práticas e também fará as devidas orientações de como utilizar de maneira correta os equipamentos esportivos.

É possível que você se sinta constrangido ou inseguro por não conseguir responder algumas das perguntas dos questionários, podendo então deixá-las sem responder. É possível considerar também, que você se sinta desconfortável ou tímido, pois o professor pesquisador irá realizar anotações sobre fatos ocorridos nas aulas, além de fazer alguns registros por meio de fotos, vídeos e gravação de áudio de algumas partes das aulas, nesses momentos, caso você sinta-se desconfortável ou tímido, poderá pedir para não participar da atividade, ou solicitar que sua imagem ou voz não seja registrada. Por fim, ainda estamos convivendo com uma pandemia, Covid-19, sendo assim, não se pode descartar a possibilidade de contágio dessa doença, por isso, seguiremos todos os protocolos

sanitários em vigor para minimizar os riscos de contágio.

Caso haja despesas adicionais decorrentes da pesquisa, assim como eventuais danos relacionados a sua participação, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador. Sua participação é voluntária e ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Será garantido o direito de não participar da pesquisa ou retirar sua participação em qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos ou publicações científicas, de uma maneira não identifique você.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores, professora orientadora Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail anacarrilho12@yahoo.com.br, com o professor pesquisador Bruno da Silva Pinto, pelo telefone 65 99959-0334 ou pelo e-mail brunodrhsm@gmail.com ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, CEP/Humanidades/UFMT, pelo telefone 65 3615-8935 ou pelo e-mail: cephumanas@ufmt.br ou cephumanas@gmail.com.

Sendo assim, solicitamos a sua autorização. Caso aceite, preencha e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma ficará com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos.

Agradecemos desde já sua atenção!

Pesquisador responsável: Bruno da Silva Pinto

ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, aceito em participar da pesquisa “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. Autorizo o uso de minha imagem e voz, sem finalidade comercial, para ser utilizada em benefício da pesquisa. Entendi as coisas ruins e coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. O professor pesquisador explicou sobre a pesquisa para mim e tirou minhas dúvidas. Li e entendi este termo de assentimento e concordo em participar da pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do estudante: _____

Observação: assine seu nome também na primeira página.

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO – TCLE (Para preenchimento do responsável pelo estudante)

Cuiabá - MT, 11 de abril de 2022.

Estamos convidando seu filho (a) para participar da pesquisa “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. A pesquisa será conduzida pelo pesquisador, Bruno da Silva Pinto, professor de Educação Física, docente efetivo da Rede Municipal de Educação de Cuiabá e acadêmico do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

O objetivo da pesquisa é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar. A direção da escola está ciente e permitiu a realização da pesquisa, que será realizada nas dependências da própria unidade de ensino onde seu filho (a) encontra-se matriculado (a), no horário normal das aulas de Educação Física.

Os procedimentos realizados no estudo serão os seguintes: o estudante deverá entregar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, assinado por ele, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assinado por você, responsável pelo estudante. Assim, seu filho participará deste estudo, realizando as aulas de Educação Física durante todo o segundo bimestre que irão tratar do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, também deverá responder dois questionários, o questionário diagnóstico (no início da pesquisa), um questionário de saída (no final da pesquisa).

Como benefício, esta pesquisa poderá tornar as aulas de Educação Física ainda mais atrativas e dinâmicas, e facilitar a forma de aprender sobre novos esportes, mas é possível ocorrer riscos, que são mínimos, próprios do cotidiano das aulas de Educação Física, como quedas, lesões ou outras ocorrências. Caso o estudante se machuque, o professor realizará os primeiros socorros e seguirá o protocolo habitual da escola (ligará para os responsáveis e encaminhará ao pronto atendimento, se assim for necessário). Para amenizar os riscos, o professor pesquisador solicitará a utilização de calçados e vestimentas adequadas para participar das aulas práticas e também fará as devidas orientações de como utilizar de maneira correta os equipamentos esportivos.

É possível que o estudante se sinta constrangido ou inseguro por não conseguir responder algumas das perguntas dos questionários, podendo então deixá-las sem responder. É possível considerar também, que o estudante se sinta desconfortável ou tímido, pois o professor pesquisador irá realizar anotações sobre fatos ocorridos nas aulas, além de fazer alguns registros por meio de fotos, vídeos e gravação de áudio de algumas partes das aulas, nesses momentos, caso o estudante sinta-se desconfortável ou tímido poderá pedir para não participar da atividade, ou solicitar que sua imagem ou voz não seja registrada.

Por fim, ainda estamos convivendo com uma pandemia, Covid-19, sendo assim, não se pode descartar a possibilidade de contágio dessa doença, por isso, seguiremos os protocolos sanitários em vigor para minimizar os riscos de contágio, com a obrigatoriedade do uso de máscara, e higienização com álcool 70% das mãos e dos objetos utilizados nas aulas.

Conforme artigo 9º e 19º da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, caso haja despesas diretamente decorrentes da participação do estudante na pesquisa, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador, existindo ainda o direito do participante em buscar indenização, nos termos da lei, por danos decorrentes da pesquisa. A participação do estudante é voluntária, e não resultará em nenhum tipo de remuneração financeira ou custos para você, será garantido o direito de recusar-se a participar da pesquisa ou retirar seu consentimento em qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Será mantido o sigilo sobre as informações e garantida a privacidade. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos ou publicações

científicas, sem que permitam a identificação do estudante.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores, professora orientadora Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail anacarrilho12@yahoo.com.br, com o professor pesquisador Bruno da Silva Pinto, pelo telefone 65 99959-0334 ou pelo e-mail brunodrhsm@gmail.com.

Esta pesquisa foi submetida ao sistema CEP/CONEP gerando o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 55217022.0.0000.5690, sendo assim, qualquer dúvida ou denúncia sobre os aspectos éticos deste estudo, o participante poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais, CEP/Humanidades/UFMT (coordenado pela Profa. Dra. Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro) por telefone 65 3615-8935, por e-mail: cephumanidades.propeq@ufmt.br, ou presencialmente no endereço: Avenida Fernando Correia da Costa, nº 2367, bairro Boa Esperança, CEP 78060-900, Cuiabá-MT, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, andar térreo, sala 102, com horário de funcionamento das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Sendo assim, solicitamos a sua autorização. Caso aceite, preencha esse documento que foi emitido em duas vias, uma via ficará com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos, garantindo livre acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Além de preencher todos os dados, você e o pesquisador, deverão assinar na última página deste documento e as demais páginas deverão ser rubricadas.

Agradecemos desde já sua atenção!

Pesquisador responsável: Bruno da Silva Pinto

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG ou CPF _____, abaixo assinado, concordo que o
estudante _____ participe do
estudo “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as
possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. Autorizo também
o uso de sua imagem e voz, desde que sejam apenas para fins da pesquisa e não tenha finalidade
comercial. Ciente de que fui informado (a) sobre a pesquisa e seus procedimentos e, todos os dados a
seu respeito não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.
Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento. Li e entendi este termo de
consentimento e concordo em liberar meu filho a participar da pesquisa.

Data: ____/____/____

Assinatura do responsável pelo estudante: _____

Observação: rubrique à página anterior

APÊNDICE J - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO – TCLE (Para preenchimento do responsável pelo estudante)

Cuiabá - MT, 11 de abril de 2022.

Estamos convidando seu filho (a) para participar da pesquisa “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. A pesquisa será conduzida pelo pesquisador, Bruno da Silva Pinto, professor de Educação Física, docente efetivo da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, acadêmico do Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

O objetivo da pesquisa é analisar a prática docente do professor com o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, a partir da experimentação dos jogos reduzidos como uma possibilidade pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar. A direção da escola está ciente e permitiu a realização da pesquisa, que será realizada nas dependências da própria unidade de ensino onde seu filho (a) encontra-se matriculado (a), no horário normal das aulas de Educação Física.

Os procedimentos realizados no estudo serão os seguintes: o estudante deverá entregar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, assinado por ele, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assinado por você, responsável pelo estudante. Assim, seu filho participará deste estudo, realizando as aulas de Educação Física durante todo o terceiro bimestre que irão tratar do conteúdo de esportes de rede/quadra dividida, também deverá responder dois questionários, o questionário diagnóstico (no início da pesquisa), um questionário de saída (no final da pesquisa).

Como benefício, esta pesquisa poderá tornar as aulas de Educação Física ainda mais atrativas e dinâmicas, e facilitar a forma de aprender sobre novos esportes, mas é possível ocorrer riscos, que são mínimos, próprios do cotidiano das aulas de Educação Física, como quedas, lesões ou outras ocorrências. Caso o estudante se machuque, o professor realizará os primeiros socorros e seguirá o protocolo habitual da escola (ligará para os responsáveis e encaminhará ao pronto atendimento, se assim for necessário). Para amenizar os riscos, o professor pesquisador solicitará a utilização de calçados e vestimentas adequadas para participar das aulas práticas e também fará as devidas orientações de como utilizar de maneira correta os equipamentos esportivos.

É possível que o estudante se sinta constrangido ou inseguro por não conseguir responder algumas das perguntas dos questionários, podendo então deixá-las sem responder. É possível considerar também, que o estudante se sinta desconfortável ou tímido, pois o professor pesquisador irá realizar anotações sobre fatos ocorridos nas aulas, além de fazer alguns registros por meio de fotos, vídeos e gravação de áudio de algumas partes das aulas, nesses momentos, caso o estudante sinta-se desconfortável ou tímido poderá pedir para não participar da atividade, ou solicitar que sua imagem ou voz não seja registrada. Por fim, ainda estamos convivendo com uma pandemia, Covid-19, sendo assim, não se pode descartar a possibilidade de contágio dessa doença, por isso, seguiremos os protocolos sanitários em vigor para minimizar os riscos de contágio, com a obrigatoriedade do uso de máscara, e higienização com álcool 70% das mãos e dos objetos utilizados nas aulas.

Conforme artigo 9º e 19º da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, caso haja despesas diretamente decorrentes da participação do estudante na pesquisa, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador, existindo ainda o direito do participante em buscar indenização, nos termos da lei, por danos decorrentes da pesquisa. A participação do estudante é voluntária, e não resultará em nenhum tipo de remuneração financeira ou custos para você, será garantido o direito de recusar-se a participar da pesquisa ou retirar seu consentimento em qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. Será mantido o sigilo sobre as informações e garantida a privacidade. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos ou publicações científicas, sem que permitam a identificação do estudante.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores, professora orientadora Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, pelo telefone 65 99998-8133 ou pelo e-mail anacarrilho12@yahoo.com.br, com o professor pesquisador Bruno da Silva Pinto, pelo telefone 65 99959-0334 ou pelo e-mail brunodrhsm@gmail.com.

Esta pesquisa foi submetida ao sistema CEP/CONEP gerando o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 55217022.0.0000.5690, sendo assim, qualquer dúvida ou denúncia sobre os aspectos éticos deste estudo, o participante poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais, CEP/Humanidades/UFMT (coordenado pela Profa. Dra. Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro) por telefone 65 3615-8935, por e-mail: cephumanidades.propeq@ufmt.br, ou presencialmente no endereço: Avenida Fernando Correia da Costa, nº 2367, bairro Boa Esperança, CEP 78060-900, Cuiabá-MT, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, andar térreo, sala 102, com horário de funcionamento das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.

Sendo assim, solicitamos a sua autorização. Caso aceite, preencha esse documento que foi emitido em duas vias, uma via ficará com você e a outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos, garantindo livre acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Além de preencher todos os dados, você e o pesquisador, deverão assinar na última página deste documento e as demais páginas deverão ser rubricadas.

Agradecemos desde já sua atenção!

Pesquisador responsável: Bruno da Silva Pinto

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG ou CPF _____, abaixo assinado, concordo que o
estudante _____ participe do
estudo “ESPORTES DE REDE/QUADRA DIVIDIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as
possibilidades pedagógicas por meio dos jogos reduzidos no Ensino Fundamental”. Autorizo também
o uso de sua imagem e voz, desde que sejam apenas para fins da pesquisa e não tenha finalidade
comercial. Ciente de que fui informado (a) sobre a pesquisa e seus procedimentos e, todos os dados a
seu respeito não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.
Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento. Li e entendi este termo de
consentimento e concordo em liberar meu filho a participar da pesquisa.

Data: ____/____/____

Assinatura do responsável pelo estudante: _____

Observação: rubrique à página anterior

APÊNDICE K – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Identificação e Dados Pessoais:

Escola: _____

Nome: _____

Idade: _____ Ano/Turma: _____ Gênero: () Feminino () Masculino

Parte I: Experiências, preferências e expectativas de aprendizagem

1 - Você gosta de participar das aulas de Educação Física? Por quê?

2 - O que mais gosta de fazer nas aulas de Educação Física?

3 - O que você aprende nas aulas de Educação Física?

4 - O que você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?

5 – Você tem um esporte preferido? Se sim, qual? E por que tem preferência por esse esporte?

6 – Você pratica algum esporte fora da aula de Educação Física? Se sim, qual? E onde você pratica?

7 – Qual ou quais esporte (s) você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?

Parte II - Identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os esportes de rede/quadra dividida.

8 - Você conhece alguns desses esportes? Se sim, marque os que você conhece.

- () voleibol
- () vôlei de praia
- () tênis
- () tênis de mesa
- () badminton
- () peteca

9. O que esses esportes (voleibol, vôlei de praia, tênis, tênis de mesa, badminton, peteca) tem em comum?

10. Numa ordem de prioridade, enumere de 1 a 6, os esportes abaixo, de acordo com sua vontade em aprendê-los e/ou praticá-los nas aulas de Educação Física, sendo 1 para o que você mais gostaria de aprender e/ou praticar e 6 para o que você menos gostaria de aprender e/ou praticar:

- () voleibol
- () vôlei de praia
- () tênis
- () tênis de mesa
- () badminton
- () peteca

11 - Quais desses esportes você já praticou?

Você já praticou voleibol: sim () não ()

Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais?

Você já praticou vôlei de praia: sim () não ()

Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais?

Você já praticou tênis: sim () não ()

Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais?

Você já praticou tênis de mesa: sim () não ()

Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais?

Você já praticou badminton: sim () não ()

Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais?

Você já praticou peteca: sim () não ()

Se respondeu SIM ou NÃO, você conhece alguma regra dessa modalidade? Quais?

APÊNDICE L – QUESTIONÁRIO DE SAÍDA

Identificação e Dados Pessoais:

Escola: _____

Nome: _____

Idade: _____ Ano/Turma: _____ Gênero: () Feminino () Masculino

1 - Você gostou de participar das aulas de Educação Física em que aprendemos e praticamos o conteúdo de esportes de rede/quadra dividida? Explique por quê?

2 – Qual ou quais atividade(s) que você MAIS gostou de realizar durante as aulas de esportes de rede/quadra dividida? Explique por quê.

3 – Qual ou quais atividade(s) você NÃO gostou de realizar durante as aulas de esportes de rede/quadra dividida? Explique por quê.

4 – Após a experiência de ter aprendido sobre os esportes de rede/quadra dividida, responda o que esses esportes possuem em comum?

5 – Escreva o nome dos esportes de rede/quadra dividida que você aprendeu durante este bimestre?

6 – Após ter aprendido sobre vários esportes de rede/quadra dividida, numa ordem de prioridade, enumere de 1 a 6 os esportes abaixo, de acordo com sua vontade de aprender e/ou praticá-los NOVAMENTE. Sendo 1 para o que você mais gostaria de aprender e/ou praticar novamente e 6 para o que você menos gostaria de aprender e/ou praticar novamente:

- () voleibol
- () vôlei de praia
- () tênis
- () tênis de mesa
- () badminton
- () peteca

7 – O que você aprendeu em um dos esportes de rede/quadra dividida facilitou/ajudou à aprender e praticar os outros esportes de rede/quadra dividida? Explique.

8 – Escreva tudo que você aprendeu sobre o voleibol:

9 – Escreva tudo que você aprendeu sobre o badminton:

10 – Escreva tudo que você aprendeu sobre o tênis:

11 – Você gostou de ter aprendido e praticado os esportes de rede/quadra dividida nas quadras reduzidas (quadras menores)? Explique.

12 – Quais os pontos POSITIVOS de aprender e praticar os esportes de rede/quadra dividida em quadras reduzidas (quadras menores)?

13 – Quais os pontos NEGATIVOS de aprender e praticar os esportes de rede/quadra dividida em quadras reduzidas (quadras menores)?

14 - Além de aprender a jogar alguns esportes de rede/quadra dividida, e conhecer suas principais regras, o que mais você aprendeu durante este bimestre nas aulas de Educação Física?

15 – Você acredita que APENAS os alunos mais habilidosos devam participar das aulas de Educação Física? Explique.

APÊNDICE M - ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES – DIÁRIO DE CAMPO

Unidade Educacional:			
Aula nº:	Data:	Local da aula:	Nº de estudantes:
Tema da aula:			
Objetivos:			
Recursos e Materiais:			
Procedimentos metodológicos (Relação entre as atividades propostas/apropriação dos saberes):			
Avaliação da aula pelos alunos (avanços e dificuldades - reclamações e elogios – atitudes e comportamentos):			
Observações do pesquisador (principais problemas - avanços percebidos – reflexões – sentimentos):			

[illegible]

APÊNDICE N – CONTROLE DE JOGO DO FESTIVAL ESPORTIVO

   FESTIVAL DE MODALIDADES DE REDE E QUADRA DIVIDIDA Nomes do trio: _____ / _____ / _____ 1º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 2º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 3º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 4º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 5º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 6º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 7º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 8º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos TOTAL DE PONTOS _____ Pontuação: Vitória = 3 pontos Empate = 2 pontos Derrota = 1 ponto	   FESTIVAL DE MODALIDADES DE REDE E QUADRA DIVIDIDA Nomes do trio: _____ / _____ / _____ 1º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 2º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 3º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 4º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 5º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 6º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 7º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 8º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos TOTAL DE PONTOS _____ Pontuação: Vitória = 3 pontos Empate = 2 pontos Derrota = 1 ponto
  E.E. JOSÉ LEITE DE MORAES 45 anos no coração do Cristo Rei FESTIVAL DE MODALIDADES DE REDE E QUADRA DIVIDIDA Nome da dupla: _____ e _____ 1º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 2º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 3º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 4º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 5º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 6º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 7º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 8º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos TOTAL DE PONTOS _____ Pontuação: Vitória = 3 pontos Empate = 2 pontos Derrota = 1 ponto	  E.E. JOSÉ LEITE DE MORAES 45 anos no coração do Cristo Rei FESTIVAL DE MODALIDADES DE REDE E QUADRA DIVIDIDA Nome da dupla: _____ e _____ 1º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 2º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 3º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 4º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 5º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 6º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 7º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos 8º jogo: ☐ Vitória / ☐ Derrota / ☐ Empate = ____ Pontos TOTAL DE PONTOS _____ Pontuação: Vitória = 3 pontos Empate = 2 pontos Derrota = 1 ponto

APÊNDICE O – PLANOS DE AULAS DA UNIDADE DIDÁTICA

1º ENCONTRO – Aula 1 e 2

OBJETIVO
- Manifestar o conhecimento prévio, as experiências, as preferências e as expectativas sobre a Educação Física e de algumas modalidades do conteúdo esportes de rede/quadra dividida. - Apresentar o que compreendem sobre os conteúdos da Educação Física. - Conhecer alguns exemplos de esportes de rede e quadra dividida e suas características.
CONTEÚDO
- Questionário Diagnóstico. - Unidades temáticas (conteúdos) da Educação Física. - Esportes de Rede e quadra dividida.
HABILIDADES
(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência; - Apresentação do questionário com orientações para seu preenchimento e esclarecimento aos estudantes que o questionário será uma das avaliações da disciplina de Educação Física com o intuito de compreender quais os conhecimentos prévios, as experiências, as preferências e as expectativas que os estudantes possuem sobre a Educação Física e sobre o que iremos estudar e vivenciar durante o bimestre. - Esclarecer aos estudantes que por meio das respostas deles, irei planejar as aulas deste bimestre, considerando suas experiências e expectativas sobre os esportes de rede e quadra dividida, portanto, suas respostas contribuirão diretamente no planejamento das aulas. DESENVOLVIMENTO: - Entregarei os questionários diagnósticos que estarão impressos em folha de papel A4, qual os estudantes deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar, dentro da sala de aula, tendo disponível o tempo restante da 1ª aula. - Na 2ª aula, expor aos estudantes que a Educação Física é organizada em 6 conteúdos, perguntando a eles quais são esses conteúdos, de acordo com a participação deles, será descrito no quadro branco o nome desses 6 conteúdos e quais modalidades/atividades fazem parte desses conteúdos. - Explicar que dentre esses 6 conteúdos, neste bimestre iremos estudar o conteúdo de esportes, porém, os esportes podem ser divididos em 7 categorias (Marca, Precisão, Técnico-combinatório, Rede/quadra dividida ou parede de rebote, Campo e taco, Invasão ou territorial e de Combate) de acordo com algumas características em comum. Para ilustrar melhor quais esportes pertencem a cada categoria, será apresentado esse vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=tRUDUdfH_X0 (3'17") A seguir, explicarei que neste bimestre, iremos estudar a categoria de esportes de rede e quadra dividida, dizer que alguns dos esportes dessa categoria foram citados no questionário diagnóstico que eles responderam na aula anterior. Perguntar aos estudantes se eles se lembram quais esportes podem pertencem a esta categoria? Para compreender um pouco mais sobre essa a categoria de esportes de rede e quadra dividida, e conhecer melhor alguns esportes dessa categoria será apresentado este vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=hzG731g7NKL (8'01") Para finalizar, será apresentado um outro vídeo com algumas modalidades de rede e quadra dividida diferentes das tradicionais e que foram criadas/adaptadas no Brasil: https://www.youtube.com/watch?v=ZTGhaugldjg (3'52")

RODA DE CONVERSA FINAL:

Perguntar aos estudantes:

- Sobre qual categoria de esportes foi perguntado a vocês no questionário diagnóstico?
- Quais são os esportes dessa categoria “esportes de rede e quadra dividida” citados no questionário diagnóstico?
- O que esses esportes possuem em comum?
- Além dos esportes citados no questionário diagnóstico, vocês conhecem algum outro esporte/modalidade que também podem pertencer à essa categoria de “esportes de rede e quadra dividida”? (não foi citado nos vídeos por exemplo o fute-tênis / beach tennis / futevôlei/ futmesa)

Na próxima aula então, iremos jogar e experimentar uma dessas modalidades esportivas que se encaixam na categoria de “esportes de rede e quadra dividida”. Solicitar aos estudantes que de forma democrática escolham um dos esportes de rede e quadra dividida para praticar na próxima aula.

RECURSOS

Sala de aula, quadro branco, canetas para quadro branco e papel A4, projetor, notebook, caixa de som.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**. Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá**: Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

2º ENCONTRO – Aula 3 e 4**OBJETIVOS**

- Conhecer e experimentar alguns esportes de rede e quadra dividida.
- Compreender como montar e desmontar a estrutura das quadras reduzidas.

CONTEÚDOS

- Montagem das quadras reduzidas com os esportes de rede e quadra dividida.
- Esportes de Rede e quadra dividida.

HABILIDADES

(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.

(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

PROCEDIMENTOS DE ENSINO**RODA DE CONVERSA INICIAL:**

- Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência;
- Explicar a proposta a ser desenvolvida durante o bimestre com a unidade didática de Esportes de rede e quadra dividida utilizando como estratégia de ensino os jogos reduzidos.
- Apresentar aos estudantes um mapa com a proposta de juntos montarmos 5 pequenas quadras da modalidade esportiva escolhida por eles, dentro de uma quadra com dimensões padrão de uma escola.
- Informar que após a montagem das quadras jogaremos a modalidade escolhida de forma democrática na aula anterior.

DESENVOLVIMENTO 1:

Será mostrado para os estudantes todos os materiais disponíveis que temos para a construção e montagem das quadras (fitas crepe, hastes para fixar as redes, bases para fixar as hastes, redes); Expor como esses materiais foram adquiridos, ressaltando a importância de ajudarem a conservá-los;

Definir com os estudantes a melhor sequência para a montagem da quadra para os seguintes passos: - Realizar a marcação das dimensões da quadra com a fita adesiva; - Colocar as bases das hastes nos locais corretos; - Fixar as hastes nas bases; - Colocar as redes nas hastes;

Para que todos os estudantes se envolvam no processo de montagem e ao mesmo tempo seja uma experiência organizada, será sugerido que dividamos os estudantes em 5 grupos e que cada grupo seja responsável por montar e desmontar uma das quadras reduzidas em todas as aulas (mostrar o mapa para os estudantes). O professor junto com um grupo mostrará como realizar a montagem de uma das quadras, e posteriormente os demais grupos realizarão a montagem de suas quadras.

Após a montagem das miniquadras, dividiremos os estudantes em duplas ou trios, em cada miniquadra haverá duas duplas/trios jogando entre si, caso não tenha quadra para todos, quem ficar de fora, deverá aguardar para entrar posteriormente, a cada 3 minutos, ao sinal do professor, as duplas/trios deverão mudar de quadra no sentido anti-horário, e os que estavam de fora, deverão entrar.

Os estudantes deverão jogar sem se preocuparem com as regras oficiais da modalidade esportiva escolhida, jogando de acordo com as suas experiências, com o que conhecem ou já viram da modalidade seja pessoalmente ou pela televisão. Podem ainda construir regras em comum acordo com seus colegas de equipe e com seus oponentes.

RODA DE CONVERSA FINAL 1:

Após realizar o jogo, fazer os seguintes questionamentos aos estudantes:

- O que vocês acharam de montarmos juntos as miniquadras?
- Quais as vantagens de utilizarmos em nossas aulas essas quadras reduzidas?
- Como foi jogar nas miniquadras? Alguém já tinha jogado nesse sistema de quadras reduzidas?

DESENVOLVIMENTO 2:

Apresentar aos estudantes um mapa com a proposta de juntos reorganizarmos as 5 quadras reduzidas. Em cada quadra será desenvolvida uma modalidade diferente (quadra 1: voleibol; quadra 2: badminton; quadra 3: peteca; quadra 4: tênis; quadra 5: modalidade que será escolhida pelos estudantes de maneira democrática. Essa escolha deverá ser baseada nos esportes de rede que eles conhecem e também nos que foram apresentados a eles na última aula teórica: fute-tênis / futevôlei / beach tennis / tênis de mesa / vôlei sentado / zbol / soverbol – vôlei com cones pequenos e bola de borracha / mirimbol - vôlei com raquete e bolinha de ping-pong / Manbol)

Após a remontagem das miniquadras, dividiremos os estudantes em duplas ou trios, em cada miniquadra haverá duas duplas/trios jogando entre si, caso não tenha quadra para todos, quem ficar de fora, deverá aguardar para entrar posteriormente, e enquanto aguardam, se dividiram nas quadras realizando o papel de árbitros, marcação de placar e ganchos, a cada 3 minutos, ao sinal do professor, as duplas/trios deverão mudar de quadra no sentido anti-horário, e os que estavam de fora, deverão entrar.

Os estudantes deverão jogar sem se preocuparem com as regras oficiais das modalidades, jogando de acordo com as suas experiências, com o que conhecem ou já viram das modalidades seja pessoalmente ou pela televisão, ou se não conhecerem nada sobre, podem explorar os materiais ou o espaço disponível para juntos pensarem e criarem alguma forma de jogar. Podem ainda construir regras em comum acordo com seus colegas de equipe e com seus oponentes.

RODA DE CONVERSA FINAL 2:

Após realizar o jogo, fazer os seguintes questionamentos aos estudantes:

- O que vocês acharam de praticar/jogar várias modalidades ao mesmo tempo numa aula?
- Fora o voleibol, que é a modalidade mais tradicional e conhecida, alguém já havia jogado alguma dessas modalidades? Quais foram as dificuldades?
- Será que na escola é necessário jogarmos dentro das regras estabelecidas oficialmente? Tamanho de quadra? Altura da rede? Materiais oficiais? Expor, por exemplo que todas as redes são de voleibol, mas que podemos utilizar de forma adaptável para as outras modalidades.

Finalizar dizendo que a partir da próxima aula, iremos estudar e nos aprofundar especificamente em algumas modalidades das que vivenciamos hoje, conhecendo suas regras, sua história e como se joga. Sendo assim, na próxima aula iremos aprender sobre uma modalidade esportiva que um dia já se chamou MINTONETTE, pedir para os estudantes pesquisarem qual o nome atual desse esporte, e quais as regras básicas para jogar atualmente.
RECURSOS
Quadra, fita crepe grossa, estrutura completa das miniquadras, 1 peteca tradicional, 1 peteca de badminton, 4 raquetes de badminton, 4 raquetes de tênis, 1 bola de voleibol, 1 bola de tênis, 1 bola de futebol e alguns outros materiais que poderão ser usados na quadra 5, de acordo com a opção que os estudantes escolherem.
BIBLIOGRAFIA
GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). Práticas Corporais e a organização do conhecimento: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf . Acesso em: 26 jun. 2021.
MATO GROSSO. Documento de Referência Curricular para Mato Grosso. Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.
CUIABÁ. Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá: Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

3º ENCONTRO – Aula 5 e 6

OBJETIVOS
- Aprender as principais regras do esporte de rede e quadra dividida, voleibol. - Conhecer a história da modalidade e como ela vem se desenvolvendo no Brasil. - Compreender as principais diferenças entre o voleibol do vôlei de praia. - Aprender sobre o voleibol sentado, uma modalidade paralímpica.
CONTEÚDOS
- História do esporte de rede e quadra dividida: voleibol. - Regras básicas do voleibol. - Voleibol x Vôlei de Praia. - Voleibol sentado.
HABILIDADES
(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.
(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência. - Perguntar se eles realizaram a pesquisa solicitada sobre o nome MINTONETTE? - Qual o nome atual do esporte que antes se chamava MINTONETTE? - Quais são as principais regras que eles conhecem do voleibol? - Mesmo os estudantes que não pesquisaram, o que sabem sobre esse esporte?
DESENVOLVIMENTO 1: Após a conversa inicial, será apresentado um vídeo para ilustrar um pouco da história do voleibol, após esse vídeo, será aberto espaço aos estudantes para tirar dúvidas e conversarmos sobre as curiosidades do conteúdo apresentado: https://www.youtube.com/watch?v=UUvj6_Yxbu8 (6'07")

Depois será apresentado um vídeo com as principais regras da modalidade, a cada regra explicada no vídeo, o mesmo será pausado, para verificar se os estudantes compreenderam aquilo que foi explicado, sempre abrindo espaço para dúvidas: <https://www.youtube.com/watch?v=b8Ze8MMbj04> (6'03") Nesse vídeo, além das regras, no final é apresentado alguns *rallies* emocionantes da modalidade.

RODA DE CONVERSA FINAL 1:

Após a apresentação dos vídeos, perguntar aos estudantes:

- Existe diferença entre voleibol e vôlei?
- O que é vantagem na pontuação do voleibol? Explicar que essa mudança na regra contribuiu para o voleibol ser mais transmitido na TV (regras x mídia).
- Será que o voleibol é um esporte apenas de mulheres? Será que existe algum esporte que só homens ou só mulheres podem participar?

DESENVOLVIMENTO 2:

Apresentar esse vídeo contando um pouco sobre a história do Vôlei de Praia e principais diferenças entre com o voleibol: https://www.youtube.com/watch?v=02xI_aC_AMM (4'43")

Investigar com os estudantes o que eles sabem sobre os esportes adaptados e/ou esportes para pessoas com deficiência. Além disso verificar o conhecimento prévio deles especificamente sobre o voleibol sentado. Quais as adaptações são realizadas no voleibol para as pessoas com deficiência poderem jogar? Após essa conversa apresentar os seguintes vídeos sobre o tema:

<https://www.youtube.com/watch?v=7ZIFbJeMU1I> (6'49") – História, regras e apresentação básica do voleibol Sentado – usar até o minuto 2:00

<https://www.youtube.com/watch?v=wuVZ1ab-XQ0> (2'57") – Maior atleta de voleibol do mundo – Irã

<https://www.youtube.com/watch?v=YCUcbgk61M8> (3'36") – Disputa de medalha de bronze do Brasil na Olimpíada de 2016 e também a disputa do ouro com outras seleções.

RODA DE CONVERSA FINAL 2:

Após a apresentação dos vídeos, perguntar aos estudantes:

- Conseguem perceber que muitos esportes foram criados se baseando em outros esportes?
- Além do voleibol que originou o Vôlei de Praia e do Sitzball que originou o voleibol sentado, pedir para os estudantes citarem outros esportes que foram criados também nessa lógica?
- Será que é possível jogarmos o voleibol sentado aqui na escola e vivenciar um pouco das dificuldades que as pessoas deficientes encontram diariamente?

Finalizar dizendo que na próxima aula vamos começar a vivenciar na prática o voleibol, começando com a prática do MINTONETTE, sendo assim, será apresentado um quadro aos estudantes com as principais regras de quando o esporte foi criado, e juntos iremos escolher quais utilizaremos para vivenciar um pouco como o voleibol era jogado antes. Para essa escolha, será sugerido que os estudantes escolham algumas das regras que podem facilitar na hora de realizar o jogo.

RECURSOS

Sala de aula, quadro branco, canetas para quadro branco, projetor, notebook, caixa de som.

BIBLIOGRAFIA

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento:** Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso.** Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá:** Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

DARIDO, S. C. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: DEL-MASSO, M. C. S.; ALBUQUERQUE, D. I. P. (Orgs.). **Desafios da Educação Física Escolar:** Temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

4º ENCONTRO – Aula 7 e 8

OBJETIVOS
- Compreender qual o melhor momento usar o toque ou a manchete. - Realizar os 3 toques no jogo. - Colocar a bola em jogo por meio do saque. - Entender como se realiza o rodízio no jogo.
CONTEÚDOS
Voleibol: - Toque. - Manchete. - Saque por baixo. - Rodízio dos jogadores no jogo.
HABILIDADES
(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.
(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência; - Relembrar as regras do mintonette que na aula passada escolhemos em consenso para vivenciarmos um pouco como o voleibol era jogado na sua origem, destacar que as regras que escolhemos, foram regras que facilitasse a jogar voleibol.
DESENVOLVIMENTO
PRIMEIROS MOVIMENTOS: Distribuir equipes de 3v3 ou 4v4 nas quadras reduzidas e realizar o jogo do mintonette utilizando as regras combinadas e dê preferência utilizando uma bola mais leve e maior que a bola tradicional de voleibol (bolas de borracha), que se remeta à 1ª bola de voleibol (câmera da bola de basquete).

Estando em cada quadra reduzida equipes de 3v3 ou 4v4 jogarão o vôlei, forma-se 2 duplas de cada lado da quadra, cada dupla com uma toalha ou um pedaço de tecido, pode ser TNT, deverão jogar vôlei, porém sem utilizar as mãos, para receber a bola da equipe adversária e também para lançá-la para o lado da quadra adversária só pode utilizar o “lençol”. O saque também é realizado com o “lençol” e pode ser realizado de dentro da quadra.

PRIMEIROS JOGOS:

- Jogo 4v4 em que as equipes precisam utilizar três contatos antes de enviar a bola para a quadra adversária, não haverá saque, o jogo inicia com um jogador (dentro da quadra, em sua posição) lançando a bola para o alto e executando um toque de dedos para o outro lado. Esse passe deverá ser de fácil recepção. Caso a equipe tenha dificuldade de realizar os três toques direto, pode ser permitido segurar a bola, na posição de realização do toque. (solicitar para os estudantes tentarem executar o rodízio dos jogadores de acordo com a regra)

Em trios ou quartetos, uma bola em cada quadra, COM a utilização da rede:

- 3v3 ou 4v4 – todos os membros de cada equipe devem ficar no fundo da sua mini quadra, sendo equipe A de um lado da quadra e equipe B do outro lado, o estudante da equipe A saca e o da equipe B já dentro da quadra tenta recepcionar a bola sacada realizando um toque ou uma manchete para cima e depois tenta segurar a bola; Este da equipe B que recebeu e segurou a bola sacada pela equipe A vai realizar o mesmo processo, sacando para o próximo da fila da equipe A, que também deverá tentar recepcionar a bola sacada realizando um toque ou uma manchete para cima e depois tenta segurar a bola. Cada saque que cair direto na quadra, sem a bola ser recepcionada de toque pela equipe adversária será marcado um ponto para a equipe que sacou. Nenhuma das equipes marcam ponto se a equipe que sacar jogar a bola para fora.

(Após um tempo realizando o jogo, perguntar aos estudantes como eles acreditam ser o movimento correto do toque, da manchete e do saque, e a partir dessa conversa explicar aos estudantes como as mãos se encaixam uma na outra para realizar a manchete, lembrar que a bola deve tocar no antebraço e não na mão. Explicar aos estudantes que para fazer o toque, as duas mãos devem estar próximas uma da outra, e que são os dedos que devem encostar na bola, destacar ainda que as mãos devem estar acima da cabeça no momento de tocar na bola)

JOGO FINAL:

- 3v3 ou 4v4 – Jogo normal, não é obrigatório realizar os 3 toques para passar a bola para a equipe adversária, porém toda vez que uma equipe passar a bola para outro lado da quadra realizando os 3 toques e conseguir marcar ponto, serão somados no placar 3 pontos. Se passar a bola para o outro lado da quadra realizando 1 ou 2 toques e fizer ponto, será contabilizado apenas 1 ponto. Será permitido saque ‘por baixo’ não sendo necessário sacar de trás da linha de fundo, pode sacar de dentro da quadra.

- 3v3 ou 4v4 – Jogo normal, não é obrigatório realizar os 3 toques para passar a bola para a equipe adversária, com a utilização do saque de trás da linha de fundo, e colocando em prática a regra do rodízio dos jogadores. Quem atingir primeiro 10 pontos vence a partida, lembrar aos estudantes sobre a regra da diferença obrigatória de dois pontos de vantagem para encerrar o set ou a partida.

RODA DE CONVERSA FINAL:

- O que vocês aprenderam hoje?
- Conseguiram realizar o saque?
- Compreenderam em quais situações realizamos o toque e em quais utilizamos a manchete?
- Entenderam em que momento a equipe deve realizar o rodízio na quadra?
- Por que é importante passar a bola nos espaços vazios da quadra adversária?

Finalizar a aula dizendo que na próxima aula iremos começar a aprender sobre o badminton, solicitar para eles realizarem uma pesquisa sobre essa modalidade esportiva, como sua história e suas regras, para que juntos possamos aprender sobre esse esporte, apresentar como sugestão, assistirem vídeos no Youtube sobre o assunto. Pedir ainda para os estudantes trazerem uma sacola de supermercado e tampinhas de garrafa pet para construirmos uma peteca de badminton com materiais alternativos.

RECURSOS
Quadra, estrutura completa das miniquadras, 5 bolas de voleibol, TNT, giz ou fita crepe.
BIBLIOGRAFIA
GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). Práticas Corporais e a organização do conhecimento: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf . Acesso em: 26 jun. 2021.
MATO GROSSO. Documento de Referência Curricular para Mato Grosso. Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.
CUIABÁ. Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá: Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.
DARIDO, S. C. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: DEL-MASSO, M. C. S.; ALBUQUERQUE, D. I. P. (Orgs.). Desafios da Educação Física Escolar: Temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf . Acesso em: 24 abr. 2022.

5º ENCONTRO – Aula 9 e 10

OBJETIVOS
- Aprender as principais regras do esporte de rede e quadra dividida, badminton. - Conhecer a história da modalidade e como ela vem se desenvolvendo no Brasil. - Conhecer o badminton paralímpico. - Aprender a construir uma peteca com materiais alternativos.
CONTEÚDOS
- História do esporte de rede e quadra dividida: badminton. - Regras básicas do badminton. - Badminton paralímpico. - Construção de petecas com materiais alternativos.
HABILIDADES
(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.
(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.
(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência; - Perguntar se antes do questionário diagnóstico, nossa primeira aula efetivamente, quem já tinha ouvido falar desse esporte? - Verificar com os estudantes se eles realizaram a pesquisa sobre a história e as regras do badminton, e a partir de seus conhecimentos prévios sobre a modalidade, realizar uma conversa sobre o assunto.
DESENVOLVIMENTO 1:

1ª atividade:

Após a conversa inicial, será apresentado um vídeo para ilustrar um pouco da história do badminton, após esse vídeo, será aberto espaço aos estudantes para tirar dúvidas e conversarmos sobre as curiosidades do conteúdo apresentado:

<https://www.youtube.com/watch?v=SfGmLGvWY1A&t=364s> (6'40") – História do badminton

Depois será apresentado um vídeo com as principais regras da modalidade, a cada regra explicada no vídeo, o mesmo será pausado, para verificar se os estudantes compreenderam aquilo que foi explicado, sempre abrindo espaço para dúvidas:

<https://www.youtube.com/watch?v=4isMFU62VUg> (11'06") – Regras de badminton

Apresentar um vídeo que reuni grandes *rallies* e lances incríveis da modalidade:

https://www.youtube.com/watch?v=lbsU6uR_GnA (6'17")

2ª atividade:

A turma será dividida em 6 grupos com o número igual de pessoas, e por meio de um sorteio será distribuídos alguns assuntos sobre o badminton para os estudantes pesquisarem, sendo que cada dois grupos ficarão responsáveis por pesquisar o mesmo tema.

Os grupos terão 10 minutos para realizar a pesquisa, que será feita dentro da sala de aula, utilizando seus celulares conectados à internet da escola. Tudo que encontrarem de importante deverão anotar, para depois apresentar aos colegas.

Ao apresentarem os grupos que possuem o mesmo tema deverão um complementar o outro, no sentido de confirmar a informação que encontraram ou acrescentar outras informações que um dos grupos não encontraram.

Os 3 temas com suas perguntas chaves são:

1º tema - Brasil no badminton: Quantas medalhas o Brasil já conquistou em competições internacionais? Qual o nome desses atletas? E qual medalha eles ganharam (ouro, prata, bronze)?

2º tema – Equipamentos esportivos: Qual o valor médio dos equipamentos necessários para se jogar badminton (raquete, rede, peteca)?

3º tema – O esporte e as pessoas com deficiência: Pessoas com deficiência podem jogar badminton? No badminton é possível jogar pessoas com quais deficiências?

RODA DE CONVERSA 1:

Durante as apresentações dos estudantes, fazer alguns questionamentos para reflexão e aprofundamento sobre o conteúdo:

- Conseguiram identificar qual a origem do brasileiro Ygor Coelho?
- Diante dos valores pesquisados, é possível praticarmos esse esporte se quiséssemos? Ele é acessível?
- Como poderíamos vivenciar as dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência ao jogar badminton? Que adaptações podemos fazer para jogar e experimentar essas dificuldades?

Finalizar a roda de conversa mostrando esse vídeo para ilustrar como o esporte se adaptou para que as pessoas com algumas deficiências possam jogá-lo:

<https://www.youtube.com/watch?v=sw5KsaOutk0> (3'34")

3ª atividade:

Construção das petecas para o badminton, que utilizaremos para as atividades práticas a serem desenvolvidas na próxima aula. Após concluir a construção dos materiais, iremos para o pátio da escola para testá-los.

RODA DE CONVERSA 2:

Fazer os seguintes questionamentos aos estudantes:

- O que vocês acharam de construir as petecas com materiais alternativos?
- É possível utilizarmos esses materiais para jogarmos na escola e fora dela com nossos amigos e familiares?

Finalizar dizendo que na próxima aula, iremos jogar badminton com algumas regras oficiais e também aprender alguns técnicas e táticas para jogar melhor esse esporte. Por isso, informar que as petecas que eles confeccionaram ficarão guardadas na escola para utilizarmos nas próximas aulas. Além disso, solicitar para os estudantes trazerem para a próxima aula diferentes materiais que sejam possíveis utilizarmos como raquete (para rebater a peteca), para explorarmos diferentes materiais que não uma raquete oficial, como pá de lixo, tábua de cortar, frigideira, prato de plástico, prato de vaso de plantas, etc.
RECURSOS
Sala de aula, quadro branco, canetas para quadro branco, projetor, notebook, caixa de som, materiais para confeccionar as petecas (levar alguns materiais para os estudantes que esquecerem de levar seus próprios materiais)
BIBLIOGRAFIA
GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). Práticas Corporais e a organização do conhecimento: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo . 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf . Acesso em: 26 jun. 2021.
MATO GROSSO. Documento de Referência Curricular para Mato Grosso . Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.
CUIABÁ. Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá: Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano , 2020.
https://www.youtube.com/watch?v=pwPmweXXdc0 - Como construir uma peteca alternativa de badminton
http://www.badminton.org.br/historiadobadminton
http://www.badminton.org.br/regras

6º ENCONTRO – Aula 11 e 12

OBJETIVOS
- Dominar e controlar a peteca. - Manter a peteca em jogo. - Realizar o jogo iniciando com o saque.
CONTEÚDOS
Badminton: - Adaptação com a raquete (empunhadura). - Domínio da peteca. - Saque.
HABILIDADES
(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.
(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência;

- Orientar os grupos na montagem das quadras reduzidas, além da montagem, será necessário fazer as marcações específicas da quadra de badminton, acrescentando as linhas da área de saque (mostrar o mapa para os estudantes responsáveis).
- Solicitar aos alunos que relembrem as principais regras para se jogar o badminton.
- Perguntar aos estudantes se é importante neste momento seguir rigidamente todas as regras da modalidade? É possível adaptar ou criarmos algumas regras?
- Lembrar que não temos as redes oficiais de badminton, mas que é possível utilizar as redes de vôlei. Informar ainda que faremos algumas atividades práticas utilizando petecas que eles construíram e também com os materiais oficiais.

DESENVOLVIMENTO

PRIMEIROS MOVIMENTOS:

Jogo 3x3 utilizando os materiais que os alunos trouxeram como raquetes alternativas e também as petecas que eles confeccionaram na aula anterior.

Se tiver materiais para todos, cada estudante com uma raquete e uma peteca, caso não tenha materiais para todos, estando em duplas, ambos se revezam na execução das atividades propostas entre os materiais alternativos e os oficiais:

- Ensinar como pegar na raquete (empunhadura): Dinâmica do cumprimentar, estando os estudantes um de frente para o outro, cada um segurando uma raquete pela cabeça, com a mão não dominante, entrega-se a raquete para o colega, e este deverá fazer a pegada no cabo com a mão dominante, como se estivesse cumprimentando seu colega.

Em duplas SEM a utilização da rede - Adaptação com a raquete e controle do objeto (bexiga, bolinha de papel e peteca) - Explicar que para bater nos objetos com a raquete, se utiliza o movimento do punho e não com o braço:

- Rebater individualmente uma bexiga se deslocando pelo espaço determinado;
- Rebater individualmente uma bola de jornal/folha de caderno se deslocando pelo espaço determinado;
- Rebater individualmente uma peteca se deslocando pelo espaço determinado, depois com a dupla.

PRIMEIROS JOGOS:

- 1v1 – trocar rebatidas utilizando a rede, iniciando com o saque, sem a necessidade de realizar o saque cruzado, como o objetivo de manter a peteca em jogo o maior tempo possível.
- 2v2 - trocar rebatidas utilizando a rede, iniciando com o saque, porém fazendo o saque na diagonal, como o objetivo de manter a peteca em jogo o maior tempo possível (a cada vez que a peteca cair no chão após um *rally*, muda-se o sacador).
- Formar grupos com a mesma quantidade de estudantes pelas quadras reduzidas disponíveis e depois colocar diferentes alvos do outro lado da quadra. Os alunos devem fazer o saque, segurando a peteca embaixo da linha da cintura e golpear a peteca para o outro lado tentando acertar algum dos alvos. A quadra/grupo que acertar mais alvos ganha o jogo.

JOGOS FINAIS:

- 2v2 - Jogo com dois games de 7 pontos, agora com o objetivo de fazer pontos, utilizando as regras básicas, porém sem a necessidade de realizar o saque cruzado. Não utilizar a regra de fazer dois pontos de vantagem para encerrar o set ou a partida.
- 2v2 - Jogo com dois games de 7 pontos, agora com o objetivo de fazer pontos, utilizando as regras básicas sem nenhuma modificação, incluindo o saque cruzado. Lembrar aos estudantes sobre a regra da diferença obrigatória de dois pontos de vantagem para encerrar o set ou a partida.

RODA DE CONVERSA FINAL:

- O que vocês aprenderam hoje?
- Qual a diferença entre o jogo de peteca e o de badminton?
- Como foi realizar o saque?
- Tiveram alguma dificuldade?

Finalizar a aula dizendo que na próxima aula iremos começar a aprender sobre o tênis, solicitar para eles realizarem uma pesquisa sobre essa modalidade esportiva, como sua história e suas regras, variações da modalidade, os atletas brasileiros que mais se destacaram no tênis. Apresentar como sugestão, assistirem vídeos no Youtube sobre o assunto. Pedir para os estudantes também trazerem papelão ou capa dura de cadernos velhos, para juntos construirmos raquetes com materiais alternativos.

RECURSOS

Quadra, estrutura completa das miniquadras, raquetes e petecas, folhas de caderno ou jornal, bexiga.

BIBLIOGRAFIA

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento**: Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**. Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá**: Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=c_t-s_SNxvA – Ensino do badminton na escola

<https://www.youtube.com/watch?v=c69APHCG4dw> – Aprenda a Ensinar: Badminton – Transforma Rio 2016

7º ENCONTRO – Aula 13 e 14

OBJETIVOS

- Aprender as principais regras do esporte de rede e quadra dividida, tênis.
- Conhecer a história da modalidade e como ela vem se desenvolvendo no Brasil.
- Conhecer os principais atletas da história do tênis no Brasil e suas dificuldades na carreira.
- Compreender o esporte adaptado para as pessoas com deficiência.
- Aprender a construir uma raquete com materiais alternativos.

CONTEÚDOS

- História do esporte de rede e quadra dividida: tênis.
- Regras básicas do tênis.
- Os maiores brasileiros no tênis.
- Tênis adaptado a pessoas com deficiência.
- Construção de raquetes com materiais alternativos.

HABILIDADES

(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.

(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.

PROCEDIMENTOS DE ENSINO

RODA DE CONVERSA INICIAL:

- Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência.
- Perguntar se eles realizaram a pesquisa solicitada sobre a modalidade esportiva tênis: Quem realizou, o que conseguiram descobrir de interessante sobre a história desse esporte? Quais as principais regras? Quem não realizou a pesquisa, o que eles têm de conhecimento prévio sobre o esporte “tênis”?

DESENVOLVIMENTO 1:

Após a conversa inicial, será apresentado um vídeo para ilustrar um pouco a história do tênis, após esse vídeo, será aberto espaço aos estudantes para tirar dúvidas e conversarmos sobre as curiosidades do conteúdo apresentado:

<https://www.youtube.com/watch?v=qFRhtYqaKHS> (9'08") - História do tênis

(usar este vídeo apenas até o minuto 5:30)

Apresentar esse vídeo que demonstra o "Jeu de Paume", jogo que deu origem ao tênis: Não é necessário apresentar o vídeo todo: <https://www.youtube.com/watch?v=t6WUwUUHIPs> (3'41")

Depois será apresentado um vídeo com as principais regras da modalidade, a cada regra explicada no vídeo, o mesmo será pausado, para verificar se os estudantes compreenderam aquilo que foi explicado, sempre abrindo espaço para dúvidas:

<https://www.youtube.com/watch?v=4iGJn8t5zHg> (6'36") – Regras do tênis em desenho

RODA DE CONVERSA FINAL 1:

Qual o nome do jogo que deu origem ao esporte tênis que conhecemos hoje?

Quais são as regras principais para jogarmos esse esporte?

Alguém costuma assistir jogos de tênis na televisão?

Por que será que o tênis não é transmitido em canais de televisão abertos?

Apresentar um vídeo que reuni grandes *rallies* e lances incríveis da modalidade com os maiores atletas da atualidade no esporte, também nesse vídeo é possível apresentar os 3 tipos de piso que existe para se jogar a modalidade:

<https://www.youtube.com/watch?v=7WBsev5E56I> (8'07")

(usar este vídeo no máximo até o minuto 7:26)

DESENVOLVIMENTO 2:

1ª atividade:

Construção de raquetes palmar, que utilizaremos para as atividades práticas a serem desenvolvidas na próxima aula.

RODA DE CONVERSA FINAL 2:

Abrir debate sobre o status do tênis ser considerado um esporte de elite, perguntar aos estudantes o que eles pensam sobre isso, o tênis realmente é um esporte muito caro para se praticar? Se compararmos os equipamentos que se utiliza no tênis com equipamentos que se utilizam em outros esportes a diferença é tão grande assim? Será que só podemos jogar tênis em quadras oficiais? Apresentar meu exemplo de relação com a modalidade, como comecei a jogar e como e onde jogo hoje.

Finalizar dizendo que na próxima aula, iremos jogar tênis com algumas regras oficiais e também aprender alguns técnicas e táticas para jogar melhor esse esporte. Informar que as raquetes que eles construíram ficarão guardadas na escola para utilizarmos nas próximas aulas, porém no final do bimestre devolverei para eles levarem para suas casas e jogarem com quem quiserem.

RECURSOS

Sala de aula, quadro branco, canetas para quadro branco, projetor, notebook, caixa de som, materiais para confeccionar as raquetes (levar alguns materiais para os estudantes que esquecerem de levar seus próprios materiais).

BIBLIOGRAFIA

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento:** Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso.** Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá:** Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

8º ENCONTRO – Aula 15 e 16

OBJETIVOS
- Dominar a bolinha. - Empunhar da raquete e controlar da bola com a raquete. - Manter a bolinha em jogo. - Realizar o jogo iniciando com o saque (por baixo). - Diferenciar os tipos de golpes (forhand e backhand).
CONTEÚDOS
Tênis: - Adaptação com a raquete (empunhadura). - Controle da bolinha com a raquete. - Saque (por baixo e por cima). - Tipos de golpes (forhand e backhand).
HABILIDADES
(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.
(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência. - Mostrar aos estudantes que temos a rede oficial de tênis, mas se não tivéssemos poderíamos adaptar com as redes de voleibol. - Relembrar com os estudantes as principais regras para se jogar o tênis, principalmente a pontuação. - Perguntar aos estudantes se eles se recordam de qual jogo se originou o tênis? Dizer então que iniciaremos a aula, experimentando o “Jeu de Paume”.
DESENVOLVIMENTO
PRIMEIROS MOVIMENTOS: Jeu de Paume: rebatendo a bola na quadra de mini tênis utilizando apenas as mãos (sem a contagem oficial do tênis, apenas com a contagem dos pontos de 1 a 4). Em grupos de 3 estudantes em cada uma das quadras, dois formarão uma dupla e o terceiro, ficará no fundo e fora da quadra para buscar a bola quando necessário, eles jogarão um game (4 pontos sem a necessidade de abrir dois pontos para fechar o game), acabando o game, quem está na função de buscar a bola, escolhe uma pessoa para jogar com ele (todos devem passar pela função de buscar a bola). Após todos jogarem passarem pela função de jogadores e de “gandulas” faremos o mesmo jogo, porém agora com a utilização da raquete que os alunos construíram na aula anterior, só que agora, iremos utilizar a pontuação oficial do tênis (15, 30, 40, game) com a necessidade de abrir dos pontos para fechar o game. Relembrar sobre como se realiza a pontuação no tênis.
Adaptação com a raquete e controle da bolinha - Em duplas SEM a utilização da rede, cada dupla com uma raquete e uma bolinha (um estudante faz por 30s o exercício e depois troca):

- Segurando a raquete, o estudante deverá equilibrar a bolinha na cabeça da raquete (cordas);
- Com a raquete, rebater a bolinha no chão várias vezes, mantendo o controle da mesma;
- Com a raquete, rebater a bolinha para cima várias vezes, mantendo o controle da mesma;
- Idem ao anterior, porém tentando as vezes fazer a bolinha bater no aro da raquete;
- Com a bolinha no chão, ao lado do pé, flexionar a cabeça da raquete, empurrando a bolinha para junto do pé e tentar jogar ela para cima, e continuar rebatendo a bolinha para cima várias vezes;

PRIMEIROS JOGOS: em duplas com a utilização da rede:

- 1v1 – trocar rebatidas, sem a utilização do saque, deixando a bola dar uma pingada no chão antes de cada rebatida, com o objetivo de manter a bola em jogo o maior tempo possível.

Explicar aos estudantes o que é um forhand e um backhand – Forhand: movimento feito com a palma da mão voltada para a bola (direita para os destros e esquerda para os canhotos); Backhand: movimento feito com as costas da mão voltadas para a bola (esquerda para o destro e direita para o canhoto). Normalmente é utilizada com uma ou duas mãos:

- 1v1 – utilizando apenas o forhand (palma da mão): trocar rebatidas utilizando a rede, sem a utilização do saque, deixando a bola dar uma pingada no chão antes de cada rebatida, com o objetivo de manter a bola em jogo o maior tempo possível;
- idem ao exercício anterior, porém agora utilizando apenas o backhand (costas da mão);

- 3v3 - cada equipe deve ficar em uma diagonal no fundo da sua mini quadra, sendo equipe A de um lado da quadra e equipe B do outro lado, o estudante da equipe A saca e o da equipe B segura a bola com a mão; B saca e A segura com a mão e assim por diante. Cada saque certo a equipe marca ponto, a equipe que acertar mais saques ganha o jogo. Quem sacar terá duas chances: Se acertar no primeiro saque ganha 2 pontos. Se acertar no segundo saque, marca apenas 1 ponto.

JOGOS FINAIS:

- 2v2 - Jogo iniciando com o saque, os estudantes deverão jogar 4 games, sendo que cada game um deverá sacar, como nas regras oficiais do tênis, utilizando a pontuação oficial, sem a necessidade de dois pontos de vantagem para fechar o game. Os estudantes que não estiverem jogando, deverão se revezar em marcar os pontos e buscar as bolinhas e entrando depois para jogar também.

RODA DE CONVERSA FINAL:

- O que vocês aprenderam hoje?
- Qual a diferença entre o movimento do forhand e do backhand?
- Como foi realizar o saque? Tiveram alguma dificuldade?
- Qual a diferença do saque do badminton e do saque do tênis? (só um saca durante todo o game)
- Conseguiram realizar o jogo, utilizando a pontuação oficial do tênis?

Finalizar a aula dizendo que na próxima aula iremos conhecer um clube que oferece a prática de várias modalidades esportivas, entre elas, algumas das que aprendemos durante esta unidade didática como a peteca, voleibol, tênis, e uma variação do tênis, o beach tennis, iremos conhecer os espaços oficiais para se jogar essas modalidades e vivenciar algumas delas com professores que cotidianamente ensinam essas modalidades.

RECURSOS

Quadra, estrutura completa das miniquadras, redes, raquetes e bolinhas de tênis, raquetes alternativas confeccionadas pelos alunos.

BIBLIOGRAFIA

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento:** Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso.** Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá:** Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=YNYSH-gMTsk> – Aprenda a Ensinar: tênis – Transforma Rio 2016

9º ENCONTRO – Aula 17

OBJETIVOS
- Conhecer e vivenciar jogos em espaços oficiais de algumas das modalidades estudadas. - Colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante o bimestre. - Conhecer e vivenciar esportes criados a partir de variações dos esportes estudados (beach tennis)
CONTEÚDOS
Tênis. Beach tennis.
HABILIDADES
(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.
(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e recolhimento da autorização para a aula de campo que será realizada em um ambiente diferente do prédio escolar. - Conversar com os estudantes sobre a importância do comportamento dentro do ônibus que realizará o transporte, bem como não faltar com o respeito com as pessoas que estarão do lado de fora do ônibus e também com os sócios, funcionários do clube e professores voluntários que irão realizar as atividades conosco.
DESENVOLVIMENTO: Dividiremos os estudantes em dois grupos, um grupo irá desenvolver as atividades na quadra de tênis e o outro grupo na quadra de beach tennis. Após uma hora de atividades, faremos uma pausa para um lanche e depois retornaremos as atividades nas quadras, porém trocando os grupos de ambiente.
RODA DE CONVERSA FINAL: - O que vocês acharam da aula de hoje? - Como foi jogar e praticar o esporte num ambiente oficial? - Lembram dos tipos de piso que existem para jogar tênis? Qual o tipo de piso que vocês tiveram a oportunidade de jogar aqui? - Alguém ficou com vontade de praticar mais algum desses esportes? - Qual a diferença das regras entre o tênis de campo e o beach tennis? Finalizar a aula dizendo que na próxima aula iremos fazer um festival de jogos reduzidos, assim como jogamos na primeira aula prática, porém agora, vocês terão a oportunidade de jogar aplicando as regras das modalidades que vocês conheceram.
RECURSOS
Ônibus, quadras e materiais disponibilizados pelo clube, raquetes e bolinhas de tênis e beach tennis.
BIBLIOGRAFIA

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento:** Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso.** Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá:** Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

10º ENCONTRO – Aula 18 e 19

OBJETIVOS
- Experimentar e praticar as modalidades esportivas com adaptações as pessoas com deficiência. - Refletir sobre o esporte adaptado e paralímpico e as dificuldades que os atletas e não atletas deficientes enfrentam. - Relembrar e jogar algumas das modalidades estudadas durante o bimestre. - Colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante o bimestre.
CONTEÚDOS
Tênis (variações: beach tennis, tênis de mesa e fute-tênis); Badminton e badminton adaptado-paralímpico; Voleibol (variações: vôlei de praia e vôlei sentado)
HABILIDADES
(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas. (EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência. - Informar que na primeira aula iremos praticar as modalidades de rede e quadra dividida que estudamos, porém com as adaptações, vivenciando os esportes paralímpicos, ou seja, com adaptações para as pessoas com deficiência e na segunda aula iremos fazer o festival com as modalidades de maneira tradicional. DESENVOLVIMENTO 1: Esporte Paralímpico - Solicitar para eles se separem em trios ou quartetos (preferencialmente sendo equipes mistas, ou seja, com meninos e meninas) e jogarão as modalidades com as seguintes adaptações: Voleibol: Sentados com o glúteo no chão (usar uma bola maior e mais leve para facilitar o jogo); Badminton: em pé, porém com um dos braços para dentro da manga da camiseta; Badminton: em pé, porém com uma das pernas, com um peso preso na sua canela (caneleiras de 1 ou 2kg); Tênis: Sentados em cadeiras, como se estivessem em cadeiras de rodas. Os estudantes deverão jogar de acordo com as regras oficiais das modalidades paralímpicas aprendidas ao longo do bimestre, para tal, relembrar como os estudantes algumas das regras principais de cada modalidade adaptada.

A cada 5 minutos, ao sinal do professor, os trios/quartetos deverão mudar de quadra no sentido anti-horário, e se tiver alguma equipe de fora, esta(s) deverá(ao) entrar para jogar.

RODA DE CONVERSA FINAL 1:

- Como foi jogar essas modalidades adaptadas?
- Vocês conhecem alguma pessoa com deficiência? Convivem diariamente com alguma pessoa com deficiência?
- Quais as dificuldades que as pessoas com deficiência encontram no cotidiano deles fora do esporte?
- Será que nós contribuímos e auxiliamos a reduzir essas dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência?

DESENVOLVIMENTO 2:

Festival – Inicialmente relembrar com os estudantes todas as modalidades que estudamos, que fazem parte dessa categoria de esportes de rede e quadra dividida.

Informar então que faremos um festival, onde teremos disponível 5 quadras + uma mesa de ping-pong: voleibol em dupla – alusivo ao vôlei de praia, beach tennis, tênis, badminton e a última quadra será escolhida de forma democrática pelos estudantes qual modalidade preferem (peteca, fute-tênis, futevôlei, ou qualquer outra modalidade de rede ou quadra dividida).

Solicitar agora para os estudantes se separem em duplas, jogando agora as modalidades de maneira tradicional, de acordo com o que aprenderam durante as nossas aulas. Obrigatoriamente a dupla deverá ser formada com um menino e uma menina.

Explicar que ao término de cada jogo (3 minutos), as duplas entregarão para os oponentes seu cartão controle de marcação de pontos, marcando assim a pontuação daquela partida e deverão mudar de quadra no sentido anti-horário. Com a vitória a equipe ganha 3 pontos, se terminar empatado, ambas equipes ganham 2 pontos e a equipe que perder ganha 1 ponto. (reforçar aqui a importância de serem honestos, e conseguirem realizar acordos nas dúvidas do jogo, pois não termos árbitros)

Após todos jogarem contra todos ou ao término do tempo de aula, fazer a somatória dos pontos, para ver qual dupla teve mais vitórias.

RODA DE CONVERSA FINAL 2:

- Conseguiram lembrar as principais regras para jogar as modalidades?
- Como foi jogar esses esportes de maneira mista (um menino e uma menina)?
- Conseguiram se respeitar, sendo honestos nas decisões duvidosas de pontos e também na hora de marcar na ficha de pontuação de seus oponentes?
- Gostaram de jogar com as quadras reduzidas? Quais as vantagens e desvantagens de jogarmos em quadras reduzidas?

Finalizar dizendo que na próxima aula será nosso último encontro, e que eles irão responder o questionário de saída, para compreender o que eles aprenderam sobre os esportes de rede e quadra dividida, e também conhecer melhor qual a opinião deles sobre a utilização das quadras reduzidas nas aulas de educação física.

RECURSOS

Quadra, fita crepe grossa, estrutura completa das miniquadras, 2 petecas de badminton, 16 raquetes de badminton, 8 raquetes de tênis, 4 raquetes de madeira, 2 bolas de voleibol, 1 bola de leite grande, 2 bolas de tênis, 8 cadeiras, 8 caneleiras de 1 ou 2kg, 15 a 18 cartões controle de pontuação (um para cada duplas).

BIBLIOGRAFIA

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Práticas Corporais e a organização do conhecimento:** Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. v. 2. 532 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**. Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.

CUIABÁ. **Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá**: Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.

11º ENCONTRO – Aula 20

OBJETIVOS
- Manifestar a compreensão da unidade didática sobre os esportes de rede/quadra dividida. - Descrever e opinar sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física.
CONTEÚDOS
- Questionário de saída. - Esportes de Rede e quadra dividida.
HABILIDADES
(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.
PROCEDIMENTOS DE ENSINO
RODA DE CONVERSA INICIAL: - Acolhimento aos estudantes e realização do registro de frequência. - Apresentação do questionário de saída com orientações para seu preenchimento e esclarecimento aos estudantes que o questionário será a avaliação final da disciplina de Educação Física deste bimestre, com o intuito de compreender o impacto da unidade didática na aprendizagem dos estudantes, bem como verificar a opinião dos mesmos sobre a utilização dos jogos reduzidos nas aulas de Educação Física. - Relembrar a eles a importância de responderem todas as questões da melhor maneira possível, sem preguiça, não só para conseguirem bons conceitos no bimestre, mas também para contribuírem efetivamente com minha pesquisa. DESENVOLVIMENTO: Entregarei os questionários de saída que estarão impressos em folha de papel A4, qual os estudantes deverão responder de forma presencial, no próprio ambiente escolar, dentro da sala de aula, tendo disponível o tempo restante de uma aula. RODA DE CONVERSA FINAL: Agradecer a todos os estudantes pelo empenho e participação deles durante o bimestre, dizer que assim que o estudo estiver finalizado irei apresentar os resultados para os estudantes participantes e também aos seus pais/responsáveis. Abrir espaço para os estudantes que quiserem falar.
RECURSOS
Sala de aula, quadro branco, canetas para quadro branco e papel A4.
BIBLIOGRAFIA
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 26 jun. 2021.
MATO GROSSO. Documento de Referência Curricular para Mato Grosso . Ensino Fundamental Anos Finais, 2018.
CUIABÁ. Referenciais Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Cuiabá : Ensino Fundamental: Adolescência – 7º ao 9º Ano, 2020.